

*“Estes longos dias de verão em Nantucket
farão qualquer leitor suspirar por um
prato de ostras e um copo de vinho branco
gelado. Um livro delicioso!”*

BOOKLIST



ESTA NOITE, FALA-ME DE AMOR

PORQUE ESTA NOITE
PODE SER A ÚLTIMA...

ELIN HILDERBRAND

ASA



Ficha Técnica

Título original: THE MATCHMAKER

Autor: Tiago Rebelo

Traduzido do inglês por: Salvador Guerra

ISBN: 9789892330938

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2014, Elin Hilderbrand

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Ao meu Norte, ao meu Sul, ao meu Leste e ao meu Oeste:

Rebecca Bartlett

Deborah Briggs

Wendy Hudson

Wendy Rouillard

E à eterna agulha da bússola:

Elizabeth Almodobar

PARTE 1

DABNEY

Dabney não podia acreditar. Pestanejou duas vezes, pensando que já não tinha os olhos de uma criança nem de uma jovem, pensando que não andava a sentir-se bem ultimamente, e seria aquilo *fruto da sua imaginação*? Vinte e sete anos depois? Assunto: *Olá*.

Dabney Kimball Beech, que exercera o cargo de diretora da Câmara de Comércio da Ilha de Nantucket durante vinte e dois anos, encontrava-se no seu escritório, no segundo andar, com vista para a histórica e empedrada Main Street. Era uma manhã de sexta-feira de finais de abril, a manhã do Fim de Semana do Narciso, o segundo fim de semana mais importante do ano de Dabney, e a previsão meteorológica apontava para um tempo maravilhoso de primavera. Estavam dezasseis graus, um dia ensolarado e previam-se dezoito graus e muito sol tanto no sábado como no domingo.

Dabney tinha acabado de verificar o boletim meteorológico pela quinta vez naquele dia, a milionésima vez naquela semana (no ano anterior, o Fim de Semana do Narciso fora arruinado por uma tempestade de neve tardia), quando o *e-mail* de Clendenin Hughes apareceu na sua caixa de correio.

Assunto: *Olá*.

– Oh, meu Deus – exclamou.

Dabney nunca praguejava e raramente usava o nome do Senhor em vão (graças à administração de pimenta-caiena na língua aos dez anos de idade, pela sua avó devotamente católica, por ter dito a palavra *caramba*). Que o tivesse feito agora foi o suficiente para chamar a atenção de Nina Mobley, assistente de Dabney havia dezoito dos últimos vinte e dois anos.

– O que foi? O que se passa? – perguntou Nina.

– Nada – respondeu Dabney rapidamente. Nina Mobley era a sua melhor amiga, mas Dabney nunca lhe poderia dizer que um *e-mail* de Clendenin Hughes acabara de aparecer no seu ecrã.

Mordeu uma das pérolas, como era seu hábito quando estava profundamente concentrada, e quase a roeu por completo. Estava consciente de que milhões de pessoas em todo o mundo recebiam *e-mails* naquele momento, uma boa percentagem deles provavelmente perturbadores, uma percentagem menor, mas ainda substancial, provavelmente chocante. Mas perguntou-se se alguém algures no planeta recebera um *e-mail* tão perturbador e chocante quanto aquele.

Olhou para o ecrã, pestanejou, apertou a pérola entre os dentes. Era granulosa, o que atestava a sua autenticidade. *Olá. Olá?* Nem uma palavra durante vinte e sete anos – e agora isto. Um *e-mail* no trabalho. *Olá*. Quando Clen partira para a Tailândia, não houvera qualquer *e-mail*. Como conseguira ele o endereço eletrónico dela? Dabney riu-se. Ele era um jornalista galardoado com o Prémio Pulitzer; encontrar o seu endereço de *e-mail* não teria sido um grande desafio.

Olá.

O dedo de Dabney bateu levemente no rato, uma provocação. Abriria o *e-mail* ? O que diria? O que poderia dizer após vinte e sete anos de silêncio?

Olá.

Não conseguiu abrir o *e-mail*. Ela, que nunca fumara e raramente bebia bebidas fortes, queria um cigarro e uma dose de *bourbon*. A única coisa que a teria surpreendido mais do que aquilo teria sido um *e-mail* da sua mãe.

A sua mãe morrera.

Olá.

Dabney sentiu-se como se estivesse a ser eletrocutada até à medula óssea.

Nina estava instalada à frente do seu próprio computador, a morder a sua cruz de ouro, um mau hábito que tinha percorrido, por osmose, a distância de quatro metros entre as suas secretárias.

– Dabney, a sério, o que se passa? – insistiu Nina.

Dabney deixou cair as pérolas da boca; bateram-lhe no peito como se fossem feitas de chumbo. Há várias semanas que não se sentia bem, talvez há um mês, e agora o seu corpo estava realmente a entrar em parafuso. O *e-mail* de Clendenin Hughes.

Dabney forçou-se a sorrir para Nina.

– O tempo neste fim de semana vai estar perfeito! – disse. – Vamos ter «sol garantido».

– Depois do ano passado, merecemos – disse Nina.

– Vou dar um saltinho à *drugstore* para ir buscar um *frappé*. Queres alguma coisa? – perguntou Dabney.

Nina franziu as sobrancelhas.

– *Frappé*? – Olhou para o calendário de parede, uma oferta anual da Nantucket Auto Body. – Estás outra vez naquela altura do mês?

Dabney desejou não ser tão previsível, mas a previsibilidade era a sua marca pessoal. Tomava um *frappé* apenas uma vez por mês, na véspera de o seu período aparecer, e ainda faltavam dez dias.

– Hoje apetece-me um, não sei porquê – disse. – Queres alguma coisa?

– Não, obrigada – disse Nina. Deu a Dabney mais um momento de atenção. – Estás bem?

Dabney engoliu em seco.

– Estou ótima – respondeu.

Lá fora, o ambiente era festivo. Após quatro meses de inverno rigoroso, a primavera chegara a Nantucket. Main Street estava repleta de pessoas vestidas de amarelo. Dabney viu os Levinson (Casal n.º 28), que ela apresentara um ao outro dez anos antes. Larry era na altura um viúvo com gémeos em Yale e Stanford; Marguerite, diretora num colégio interno feminino de prestígio que nunca se casara. Larry usava uma camisola de caxemira amarela e umas calças de veludo verdes, e Marguerite estava com um *blazer* em popelina amarela; segurava a trela do *golden retriever*, *Uncle Frank*. Dabney adorava cães, especialmente *Uncle Frank*, e Larry e Marguerite eram um dos «seus casais», casados apenas porque ela os havia apresentado um ao outro. Dabney sabia que devia parar e falar-lhes; devia acariciar *Uncle Frank* debaixo do focinho até ele cantar para ela. Mas não conseguia fingir agora. Atravessou a rua para a *drugstore* de Nantucket, mas não entrou. Percorreu Main Street, passando pelo estacionamento da A&P, até Straight Wharf. No final do cais, olhou para o porto. Viu Jack Copper a trabalhar no seu barco de pesca; dentro de algumas semanas, o verão chegaria em toda a sua extravagante glória. Jack acenou e Dabney, obviamente, acenou de volta. Conhecia toda a gente na ilha, mas não havia ninguém no mundo a quem ela pudesse contar sobre o *e-mail*. Cibia a Dabney lidar com aquilo sozinha.

Olá.

Dabney podia ver o *ferry*, baixo na água, contornando Brant Point. Dentro de uma hora, o escritório da Câmara de Comércio seria inundado de visitantes, e Dabney deixara Nina sozinha. Além disso, deixara o escritório sem «assinar» o «registo de saída», que era a única coisa que Vaughan Oglethorpe, presidente do conselho de administração da Câmara, absolutamente exigia. Dabney precisava de voltar para trás imediatamente e regressar ao escritório para fazer o trabalho que havia executado na perfeição nas duas últimas décadas.

Assunto: *Olá.*

Três horas mais tarde, abriu o *e-mail*. Não planeara abri-lo de todo, mas o desejo de o fazer avolumou-se até que se tornou fisicamente doloroso. As costas e a parte inferior do abdómen de Dabney doíam-lhe; ter conhecimento daquele *e-mail* estava a dilacerá-la.

Querida Dabney,

Queria dizer-te que vou voltar a Nantucket por um período de tempo indefinido. Sofri uma perda muito séria há cerca de seis meses e estou a recuperar lentamente. Além disso, é a época das monções, e o meu entusiasmo para escrever sobre esta parte do mundo tem diminuído. Entreguei ao Times o meu aviso prévio. Nunca me foi atribuído o lugar em Singapura. Estive muito perto disso há vários anos, mas – como sempre – aborreci a pessoa errada, simplesmente por dizer aquilo que pensava. Singapura continuará a ser um sonho adiado. (Suspiro grande.) Decidi que o melhor é voltar para casa.

Tenho respeitado a tua antiga ordem de «nunca mais entres em contacto comigo». Passou mais de um quarto de século, Cupe. Espero que o «nunca» tenha um prazo de validade e que me perdoes este e-mail. Não queria aparecer na ilha sem te avisar, e não quero que fiques a saber das notícias por qualquer outra pessoa. Vou estar a tomar conta da casa de Trevor e Anna Jones, no número 436 de Polpis Road, e instalar-me-ei na pequena casa de hóspedes deles.

Receio falar demasiado e não dizer o suficiente. Em primeiro lugar, quero que saibas como lamento a forma como as coisas acabaram. Não tinha de ser dessa maneira, mas categorizei o problema há muito tempo como uma SITUAÇÃO IMPOSSÍVEL: eu não podia ficar e tu não podias ir. Não se passou um dia – a sério, Cupe, nem uma hora – em que eu não tenha pensado em ti. Quando parti, levei uma parte de ti comigo, e acarinhei-a durante todos estes anos. Não sou a mesma pessoa que conheceste, física, mental e emocionalmente. Mas, claro, permaneço o mesmo.

Gostaria muito de te ver, embora perceba que isso seja esperar demasiado.

Escrevo isto durante a minha escala no aeroporto de Los Angeles. Se tudo correr bem, devo estar de volta a Nantucket amanhã de manhã.

Polpis Road, n.º 436, pequena casa de hóspedes nas traseiras.

Sempre teu,

Clen

Dabney leu o *e-mail* de novo, para se certificar de que o seu cérebro perturbado tinha compreendido.

Amanhã de manhã.

Casal n.º 1: Phil e Ginger (nome de solteira O’Brien) Bruschelli, casados há vinte e nove anos

Ginger: Seria presunçoso da minha parte dizer que sou a melhor amiga da Dabney, porque já em 1981, o primeiro ano do liceu, a Dabney era a rapariga mais popular da escola. Quando digo «popular», pode pensar-se que ela era loira, ou chefe de claque, ou que morava numa grande casa em Centre Street. Não, não, não – ela tinha cabelo castanho e liso cortado à tigela, e usava sempre, sempre, uma bandolete. Tinha olhos grandes e castanhos, algumas sardas e um sorriso luminoso como o nascer do sol. Media cerca de um metro e sessenta e tinha um corpo pequeno e bonito, mas nunca o mostrava. Usava ou camisolas de malha de seda e *kilts* ou um par de velhas *Levi’s* e uma camisa de homem de tamanho grande. Tinha essa camisa em quatro cores: branco, azul, rosa e pêssego. Calçava sempre mocassins, e usava sempre um colar e brincos de pérola. A Dabney era assim.

A Dabney Kimball era a rapariga mais popular da escola, porque se mostrava genuinamente amável com todos. Era amável com o Jeffrey Jackson, que tinha uma mancha cor de vinho no rosto; era amável com o Henry Granger, que começou a usar sapatos envernizados e uma pasta na segunda classe. Ela incluía toda a gente no planeamento de eventos como o desfile do fim das aulas e as Delícias de Dezembro. Cresceu como filha única e foi criada pelo pai, o tenente Kimball, que era polícia. A mãe dela era... bem, ninguém sabia exatamente o que acontecera à mãe dela. Circulavam algumas histórias diferentes, como é normal com os boatos, mas tudo o que se sabia com certeza era que a Dabney já não tinha mãe, o que nos fazia gostar ainda mais dela.

A Dabney também era mais inteligente do que toda a gente no Liceu de Nantucket, à exceção do Clendenin Hughes, que era o que o nosso professor de Inglês, Mr. Kane, chamava um «génio de cem anos». A Dabney era, provavelmente, um génio de noventa e nove.

No nono ano, a Dabney e eu éramos caloiras no comité do anuário. O comité consistia principalmente em finalistas – era, na verdade, inteiramente composto por finalistas, com exceção de nós as duas. A Dabney sentia que, apesar do nosso estatuto humilde, os caloiros deviam estar representados tal com os outros três anos, e que ninguém iria olhar por nós, a não ser nós mesmos. Assim, nesse inverno, a Dabney e eu passámos muito tempo juntas. Íamos às reuniões do anuário todas as terças e quintas-feiras depois das aulas e, quando acabavam, íamos assistir aos treinos da equipa masculina de basquetebol.

Eu tinha uma paixoneta enorme e assolapada pelo Phil Bruschelli. O Phil estava no décimo ano e, nos jogos, ficava principalmente no banco. Se a equipa tivesse uma vantagem de mais de vinte pontos, o Phil jogava por alguns minutos. De uma das vezes em que tal aconteceu, agarrei o braço da Dabney, cheia de entusiasmo.

Nunca me vou esquecer da expressão no rosto dela. Foi aquilo a que agora vou chamar reconhecimento divertido. Disse-me: «Tu gostas dele. Gostas do Phil.»

«Não, não gosto», disse eu. Porque, ainda que a Dabney e eu fôssemos praticamente melhores amigas, a minha paixão pelo Phil não era um segredo que eu estivesse disposta a partilhar.

«Sim», insistiu ela. «Gostas, sim. Dá para ver. Estás toda... corada.»

«Claro que estou corada», respondi. «Está um calor imenso aqui e eu sou irlandesa.»

«Não é o teu rosto, tonta», disse a Dabney. «A tua, sei lá, a tua aura é cor-de-rosa.»

«A minha aura?», perguntei. «Cor-de-rosa?»

Depois do jogo, a Dabney insistiu que eu esperasse com ela no corredor do lado de fora do balneário dos rapazes. O pai ia buscá-la, disse ela.

«Porque não vais a pé?», perguntei. A Dabney vivia do outro lado da rua da escola.

«Espera comigo», disse a Dabney. E então afastou-me o cabelo dos ombros e virou o colarinho do meu polo. Estava tão perto de mim que eu lhe podia contar as sardas.

«Porque é que não tens namorado? És tão bonita e toda a gente gosta de ti», disse eu.

«Eu tenho namorado. Só que ele ainda não sabe disso», respondeu-me.

Quis perguntar-lhe a quem se estava a referir, mas, naquele instante o Phil Bruschelli saiu do balneário, no seu glorioso metro e oitenta. O cabelo escuro ainda estava húmido do duche e ele envergava um casaco forrado a pelo de carneiro castanho-escuro. Eu quase desmaiei, ele era tão giro.

A Dabney meteu-se no caminho dele.

«Olá, Phil.»

O Phil parou.

«Olá, Dabney.»

«Foi bom teres jogado um pouco hoje. Deves estar empolgado por ter sido na equipa principal», disse Dabney.

Ele encolheu os ombros.

«Sim, pois. O treinador diz que tenho um longo caminho a percorrer. É esperar até ao próximo ano.»

A Dabney puxou-me para perto dela.

«Conheces a Ginger, certo, Phil? A Ginger O'Brien? Estamos a fazer o anuário juntas.»

O Phil sorriu-me. A minha visão ficou turva. Oscilei. *Sorri!*, pensei. *Sorri-lhe!* Mas parecia que em vez disso ia chorar.

«Tu ajudas na igreja, certo? És acólita?»

Senti o rosto ao arder de constrangimento. Corada, de facto. Acenei com a cabeça, em seguida, fiz um ruído como um pardal a chilrear. Quem queria ser reconhecida como acólita? E, no entanto, eu era acólita, já desde os dez anos. Não era exactamente um segredo.

«A minha mãe obriga-me a ir à missa uma vez por mês, e eu vejo-te lá sempre que vou», disse o Phil.

«Não me surpreende que tenhas reparado na Ginger», disse a Dabney. «Ela é linda.» Com isto, pôs o braço à volta do meu pescoço e beijou-me no rosto escaldante. «Até breve, tenho de ir! O meu pai chegou!»

Dirigiu-se à porta que dava para o estacionamento das traseiras, mas o pai não estava lá à espera. O tenente Kimball guiava um carro-patrolha, e eu teria reparado nele. Não havia carros à espera. A Dabney voltava para casa, abandonando-me no momento em que eu precisava que ela me apoiasse. Decidi que nunca lhe perdoaria.

Mas, então, o Phil perguntou se eu gostava de basquetebol e eu disse-lhe que sim, e ele perguntou se eu queria ir vê-lo jogar na equipa secundária na tarde seguinte, e eu disse que sim. O Phil disse que jogaria muito mais tempo nesse jogo, e eu disse: «OK, ótimo.» E ele disse: «Bem, vemo-nos amanhã, não me esqueças!» E eu senti-me como se um bando de pássaros se tivesse assustado e levantado voo no meu peito.

O Phil e eu estamos casados há vinte e nove anos e temos quatro lindos filhos, o mais novo dos quais joga na posição de atacante na Villanova University.

Cor-de-rosa, de facto.

Dabney deixou o escritório da Câmara de Comércio às quatro e meia, como de costume. Todos os preparativos para o Fim de Semana do Narciso estavam finalizados; poderia ter organizado tudo a dormir, graças a Deus, porque a sua tarde tinha sido consumida com a releitura do *e-mail* de Clen e, depois, a obcecação com isso.

Sofri uma perda muito séria há cerca de seis meses e estou a recuperar lentamente.

Que tipo de perda?, interrogou-se Dabney. Teria ele perdido um bom amigo, uma amante? Dabney perdera o pai devido a um ataque cardíaco na década anterior e o seu adorado labrador cor de chocolate, *Henry*, morrera com dezassete anos, pouco antes do Natal. Mas nenhuma dessas perdas se comparava à perda de Clendenin.

Não se passou um dia – a sério, Cupe, nem uma hora – em que eu não tenha pensado em ti.

Ela mentiria se dissesse que também não tinha pensado nele. O amor da sua vida, o seu par perfeito, aquele que lhe estava destinado. O pai da sua filha. Como fora doloroso cortar o contacto. Mas, anos e anos depois, Dabney ficou chocada com a sabedoria e maturidade da sua decisão.

A única maneira de eu sobreviver é com uma rutura. Por favor, respeita a minha vontade e deixa-me, e a esta criança, em paz. Por favor, Clendenin Tabor Hughes, faz-me o favor de nunca mais entrares em contacto comigo.

Ele ficara tão, tão zangado. Telefonara a Dabney a meio da noite e, pela linha telefónica cheia de estática e a funcionar ao retardador, haviam gritado um com o outro pela primeira vez na sua relação, atropelando muitas vezes as palavras até que Clen terminara a chamada, dizendo: *Todos nós fazemos escolhas*, e bateu com o telefone. Mas ele deixara-a fazer as coisas à maneira dela. Não voltara a contactá-la.

SITUAÇÃO IMPOSSÍVEL: eu não podia ficar e tu não podias ir.

Era uma descrição bastante precisa.

Apesar disso, Dabney tinha pensado que Clendenin talvez aparecesse no hospital quando ela dera à

luz. Pensou que poderia materializar-se na nave da igreja, na tarde em que se casou com Box e, tal como nos filmes, interromper o sacerdote no momento crítico. Pensou que ele poderia assistir ao primeiro recital de piano de Agnes, ou mostrar-se na festa do quadragésimo aniversário de Dabney, no Museu dos Baleeiros. Julgara que Clen poderia voltar para a ilha, quando Helen, a mãe dele, morreu, mas Helen Hughes tinha sido cremada e não houvera serviço religioso.

Dabney sempre tinha pensado que ele poderia voltar.

Se tudo correr bem, devo estar de volta a Nantucket amanhã de manhã.

Dabney voltou para casa do trabalho, a pé, desejando que fosse meio da semana para poder ter a casa só para si, tempo e espaço para pensar. O marido de Dabney, John Boxmiller Beech – Box, para os amigos – lecionava Economia em Harvard e passava quatro noites por semana em Cambridge. Box era catorze anos mais velho do que Dabney, tinha agora sessenta e dois, e o seu cabelo ficava completamente branco. Era um académico brilhante, espirituoso em jantares, que havia alimentado o intelecto de Dabney e a salvara de um milhão de maneiras. Acima de tudo, salvara-a das memórias de Clendenin Hughes, décadas antes. Box adotara Agnes quando a menina tinha apenas três anos. Mostrara-se estranho com ela nos primeiros tempos – nunca quisera ter filhos –, mas, à medida que Agnes foi crescendo, Box gostava de lhe ensinar a jogar xadrez e perguntar-lhe sobre as capitais europeias. Preparou-a para ir para Harvard e ficou desapontado quando ela escolheu Dartmouth, mas fora o único que conduziu para Hanover, onde ficava a universidade, às vezes durante tempestades de neve ferozes, porque Dabney não deixava a ilha a não ser que a sua vida dependesse disso.

Amanhã de manhã. Era sexta-feira, o que significava que Box estaria em casa, em Charter Street. Acompanharia Dabney em todas as festividades do Fim de Semana do Narciso, embora fosse mais lento agora, depois da cirurgia ao joelho, e tivesse dificuldade em recordar o nome de qualquer pessoa que não conhecesse há vinte anos. Box estaria a trabalhar e, portanto, distraído, mas se Dabney batesse à porta do seu escritório, ele pousaria a caneta, baixaria o volume de Mozart e ouviria Dabney proferir as palavras que ele certamente temia ouvir há mais de vinte anos.

Recebi um e-mail do Clendenin Hughes. Ele vai voltar para Nantucket por um período indefinido de tempo. Chega amanhã de manhã.

O que diria Box? Dabney não conseguia imaginar. Fora honesta com ele desde o dia em que o conhecera, mas decidiu, enquanto caminhava para casa, que não lhe iria contar sobre Clen. Refez a história de modo que tivesse apagado o *e-mail* sem o ler, e depois limpado a pasta do lixo, o que significava que o *e-mail* tinha desaparecido, e era como se nunca sequer tivesse existido.

Casal n.º 8: Albert Maku e Corinne Dubois, casados há vinte e dois anos

Albert: A Dabney Kimball foi a primeira pessoa que eu conheci em Harvard. Estava sentada nos degraus laterais de Grays Hall, a chorar baba e ranho. Todos os outros caloiros carregavam as malas e os baús por Harvard Yard com os seus pais bem-parecidos e bem-vestidos, e irmãos e irmãs indisciplinados a reboque. Vi pessoas abraçarem-se e gritarem – feliz reencontro! –, tinham estado no acampamento Wyonegonic juntas, haviam sido ferozes rivais no *lacrosse*, uma por Gilman, outra por Calvert Hall, haviam velejado juntas de Newport até às Bermudas, tinham esquiado em Gstaad – aquilo tornava-se cada vez mais absurdo, e eu não suportava ouvir mais um segundo sem me sentir terrivelmente deslocado. Tinha vindo de Plettenberg Bay, na África do Sul, o meu pai guiava um camião, a minha mãe era chefe do serviço de limpeza num hotel turístico, as minhas propinas em Harvard eram pagas por uma bolsa de estudos da Igreja

Unida de Cristo. Eu não pertencia a Grays Hall, na Universidade de Harvard, em Cambridge, nos Estados Unidos. Saí pela porta lateral, com a intenção de fugir para a estação de comboios, rumar ao aeroporto de Logan e de volta à Cidade do Cabo.

Mas então vi a Dabney a chorar e pensei: *Vê só, Albert, há alguém em Harvard que parece tão infeliz como tu*. Sentei-me no degrau quente e ofereci-lhe um lenço. A minha mãe mandara-me para o outro lado do mundo, para a universidade mais prestigiada do planeta, armado com pouco mais de uma dúzia de lenços brancos engomados.

O primeiro lenço branco valeu-me a minha primeira amiga. A Dabney aceitou-o sem cerimónia e assoou o nariz. Não pareceu surpreendida com a minha presença, apesar do facto de eu medir dois metros, pesar setenta e cinco quilos e ter a pele da mesma cor negra-arroxeadada das ameixas que o vendedor de frutas vendia em Harvard Square.

Quando acabou de assoar o nariz, dobrou o lenço num quadrado perfeito e húmido, e colocou-o sobre o joelho coberto pelas calças do macacão.

«Vou lavá-lo antes de to devolver», disse ela. «Sou a Dabney Kimball.»

«Albert», disse eu. «Albert Maku, de Plettenberg Bay, África do Sul.» E então, como um floreio, acrescentei: «*Ngiyajabula ukukwazi*», que significa «Muito prazer em conhecer-te», em zulu.

Ela começou a chorar novamente. Julguei que talvez o zulu a tivesse assustado e disse para mim próprio para nunca mais usar essa tática quando me apresentasse a alguém na América.

«O que se passa?», perguntei. «Sentes-te só? Estás com medo?»

Ela olhou para mim e assentiu com a cabeça.

«Sim, eu também», respondi.

Mais tarde, caminhámos até ao Mr. Bartley's Burger Cottage. Era um lugar famoso pelos hambúrgueres e mencionado no manual do caloiro. Pedimos hambúrgueres com cebola, molho de chili e queijo, pickles e ovos estrelados, e ainda batatas fritas com molho de carne, e, enquanto comia, pensei satisfeito que aquilo era a verdadeira comida americana, e adorei.

A Dabney Kimball tinha nascido e sido criada na ilha de Nantucket, que ficava a noventa e cinco quilómetros de distância por terra e outros cinquenta por mar. Disse-me que era a quinta geração da sua família a nascer na ilha, e eu percebi que, para um americano, aquilo era um feito. O tetravô dela tinha viajado para Nantucket ainda recém-formado de Harvard.

A Dabney não gostava de sair da ilha, por causa de alguma coisa que tinha acontecido quando ela era criança, disse.

«Oh, a sério? O quê?», perguntei.

Pensei que ela tivesse sido assaltada, ou sofrido um acidente de viação, mas ela apertou os lábios e eu percebi que provavelmente tinha ultrapassado os limites da nossa novíssima amizade com a pergunta.

«Não há nenhuma universidade em Nantucket», disse ela. «Caso contrário, ter-me-ia matriculado lá.» Pegou nas últimas batatas fritas, cobertas de molho. «É uma fobia. Quando saio da ilha, entro em pânico. Só me sinto segura quando estou naquela ilha. É a minha casa.»

Eu disse-lhe que a minha casa era Plettenberg Bay, e que, até há dois dias, nunca tinha saído da África do Sul. Mas Plettenberg Bay não era uma ilha, e eu tinha viajado um pouco por todo o país com o coro do grupo de jovens da minha igreja – à Cidade do Cabo, Knysna, Stellenbosch e Franschhoek, a Joanesburgo e Pretória, a capital, e às belas praias de Durban. Comparado com a Dabney, senti-me mundano.

«Além disso», disse ela, «estou apaixonada por um rapaz chamado Clendenin Hughes. Ele vai para Yale, e eu tenho medo de o perder.»

Ah, foi aí que ela me fisgou. Naquela época, eu não sabia nada sobre o amor.

A Dabney e eu continuámos amigos durante os quatro anos em Harvard. Ela voltava para casa em Nantucket todos os fins de semana e durante as férias e, de cada vez que regressava, convidava-me para ir com ela. Eu imaginava Nantucket como um lugar de brancos, um lugar abastado, um lugar elitista e, apesar do facto de alguém tão bom como Dabney morar lá, senti que um rapaz africano dolorosamente magro e muito pobre, com a pele negra-arroxeadada e uma bolsa de estudos da igreja, não seria bem-vindo e sempre recusei os convites.

Mas, por fim, durante as férias da Páscoa do último ano, já aceite na Faculdade de Medicina, em Columbia, eu tinha os bolsos cheios de dinheiro do trabalho como moço de fretes no Charles Hotel, e a minha autoconfiança estava em alta, não só pelo meu futuro como médico e o bolso cheio de dinheiro, mas pela percepção de que me havia tornado uma espécie de americano (gostava de filmes com o ator Mickey Rourke, bebia a ocasional cerveja no Rathskeller), e aceitei o convite.

Na época, a Dabney conduzia um *Chevy Nova* de 1972, no qual me enfiei o melhor que pude para a viagem até Hyannis, onde apanháramos o *ferry* para Nantucket.

«Adivinha? A minha amiga Corinne Dubois também vem», disse a Dabney.

Eu não quis que a Dabney percebesse o meu desapontamento. Ansiava pela atenção dela; não gostei da ideia de ter de ficar calado enquanto a Dabney tagarelava com a amiga, a tal Corinne Dubois.

«Ela é fantástica, maravilhosa, bonita, inteligente, vais adorá-la», disse a Dabney. «Está prestes a formar-se no MIT com uma licenciatura em Astrofísica.»

Fomos buscar a Corinne Dubois à porta do Museu da Ciência, em Edward Land Boulevard. Tinha cabelo ruivo encaracolado. Usava

brincos de prata compridos, uma saia longa à camponesa e óculos escuros redondos. Reparei nestas coisas num instante, e não fiquei particularmente impressionado, exceto ao pensar que a Corinne Dubois não parecia uma pessoa prestes a formar-se no MIT com uma licenciatura em Astrofísica. Mas, quando entrou no carro, senti o perfume dela e algo se agitou em mim. Ela bateu a porta, pôs os óculos de sol no alto da cabeça e eu apresentei-me.

«Albert Maku», disse, oferecendo a mão.

Ela apertou-a poderosamente. «Corinne Dubois», disse. «Encantada em conhecer-te, Albert.»

Os olhos dela eram verdes e sorriam para mim. E, embora eu não soubesse o que era o amor, senti-o então.

A Dabney notou. Olhou para mim e disse: «Albert, estás corado.»

E eu pensei: *Como é que um homem com a pele negra-arroxeadada de uma ameixa parece corado?*

Mas sabia que ela tinha razão.

Dabney Kimball Beech descendia de uma longa linhagem de mulheres fortes, com uma exceção.

Dabney recebera o nome da sua tetravó, Dabney Margaret Wright, casada com Warren Wright, que tinha servido como comandante do navio baleeiro *Lexington* e tinha morrido durante a sua segunda viagem no mar. Dabney teve três filhos, o mais novo dos quais, David Warren Wright, casara com Alice Booker. Alice era *quaker*; os pais tinham sido abolicionistas na Pensilvânia, ajudando escravos fugitivos. Alice deu à luz duas meninas, e a mais velha, Winford Dabney Wright, casou com o único advogado de Nantucket, Richard Kimball. Winford era sufragista. Deu à luz um filho, Richard Kimball, Jr., alcunha Skip, que desistiu de Harvard e se casou escandalosamente com uma criada irlandesa chamada Agnes Bernadette Shea. Agnes Bernadette Shea era a adorada avó de Dabney. Agnes deu à luz David Wright Kimball, o pai de Dabney, que combateu com as primeiras tropas americanas no Vietname, em seguida voltou para casa e serviu como um dos quatro polícias de Nantucket. Casou-se com uma jovem residente de verão chamada Patricia Beale Benson.

Patty Benson, a mãe de Dabney, representava o elo fraco da genealogia. Abandonara Nantucket quando Dabney tinha oito anos e nunca mais voltara.

Quando Dabney descobriu que estava grávida (e, na verdade, se alguém quisesse falar sobre escândalo, não houvera maior escândalo no ano de 1988 do que Dabney Kimball engravidar solteira), desejou um menino. Ter uma filha depois de crescer sem mãe parecia-lhe um desafio para além das suas capacidades. Mas, quando lhe depositaram uma menina nos braços, o amor característico de todas as mães recentes tomou conta dela. Chamou à menina Agnes Bernadette, em honra da sua avozinha, e decidiu que a única maneira de amenizar a dor do abandono da sua própria mãe era fazer bem as coisas. Ela seria, acima de tudo, mãe, mãe sempre.

Ao aproximar-se do caminho de acesso a sua casa em Charter Street, viu o *Prius* de Agnes.

Agnes! O ânimo de Dabney disparou. Agnes tinha voltado para o Fim de Semana do Narciso! Fizera-lhe uma surpresa, o que significava, pensou Dabney, que tudo fora perdoado.

Não queria pensar no mal-entendido do Natal. Tinha sido o pior mal-entendido desde, bem... desde o único conflito real entre Dabney e a filha, quando Agnes tinha dezasseis anos e Dabney lhe contara quem era o seu verdadeiro pai. Comparado com esse furacão, a discussão do Natal tinha sido pequena.

Dabney entrou pela porta das traseiras.

– Agnes? – chamou.

Agnes estava na cozinha, a comer uma sanduíche ao balcão. Dabney achou-a magra. Os *jeans* ficavam-lhe largos nas ancas. E – ainda mais chocante – a filha tinha cortado o cabelo!

– Ohhh! – disse Dabney. Estendeu a mão e tocou na cabeça rapada de Agnes. Todo aquele cabelo liso, escuro e bonito, o cabelo que quase tinha chegado ao traseiro de Agnes fora cortado. Parecia um

rapaz.

– Eu sei – disse Agnes. – É tão diferente, sinto-me outra pessoa. Ontem de manhã ao espelho, nem me reconheci.

Dabney cerrou os lábios devido às cinquenta perguntas irritantes de mãe que ameaçavam escapar: *Quando foi que o cortaste? Porque o cortaste? Oh, querida, porquê?*

Agnes deu uma dentada na sanduíche de salada de frango e Dabney pensou: *Sim, come, come!* Julgou que aquele era o seu castigo por nunca ir visitar a filha a Nova Iorque, apesar de ter recebido pelo menos duas centenas de convites. A filha tinha voltado para casa parecendo um cruzamento entre Twiggy nas fotos da *Rolling Stone* de 1966 e um adolescente recém-libertado do reformatório.

Agnes engoliu em seco e disse:

– O CJ convenceu-me a fazê-lo.

CJ, claro.

Dabney abraçou a filha.

– Como está o CJ? – perguntou.

– Ótimo! – disse Agnes. – Está cá, veio comigo.

– Veio? – Dabney soou animada e feliz, até mesmo aos seus próprios ouvidos. – Onde é que ele está?

– Foi correr – informou Agnes.

– Ah, que bom! – disse Dabney. Para ela, o «ah, que bom» soava bem. Parecia *Oh, que bom para o CJ, lá fora a desfrutar deste tempo glorioso de primavera!* O que ela quis dizer foi *Oh, que bom, não tenho de lidar com ele agora.*

Inspirou fundo e renovou o seu voto de não ser crítica acerca de CJ. Charles Jacob Pippin tinha quarenta e quatro anos e Agnes vinte e seis; era apenas quatro anos mais novo do que Dabney. Mas, como Box tinha notado, Dabney não podia reclamar sobre a diferença de idades, porque Box era catorze anos mais velho do que ela e tal facto raramente, ou nunca, fora um problema. CJ divorciara-se de uma mulher chamada Annabelle, que – como ele gostava de dizer – agora vivia em Boca Raton, gastando imprudentemente o milhão de dólares por ano que CJ pagava em pensão de alimentos. CJ era agente desportivo em Nova Iorque; a sua lista de clientes incluía nove jogadores dos New York Giants e quatro Yankees preeminentes, assim como alguns tenistas e golfistas de topo. CJ conhecera Agnes em setembro passado, no encontro anual de beneficência para o Morningside Heights Boys & Girls Club, onde Agnes era diretora executiva. CJ passara um belo cheque ao clube, e depois dançara com Agnes no salão de baile do Waldorf toda a noite. Na segunda-feira seguinte, uma caixa contendo duas dúzias de bolas de basquetebol novas chegara ao clube, seguida na terça-feira por uma série de novos materiais para as aulas de arte. Na quarta-feira, Victor Cruz, jogador dos Giants, telefonou para o clube, para saber se poderia ir lá dar autógrafos às crianças; num primeiro momento, Agnes pensou que era uma brincadeira. Na quinta-feira, recebeu um enorme ramo de flores, com um convite para jantar com CJ no Nougatine, na sexta-feira.

Era uma corte tirada dos filmes, e Dabney não podia censurar Agnes por sucumbir. Que jovem de vinte e seis anos poderia resistir? CJ era inteligente, bem-sucedido e sofisticado, sabia falar sobre tudo, desde Frank Lloyd Wright à World Wrestling Federation. Desde o início do namoro, CJ tinha levado Agnes em viagens a Nashville, Las Vegas e Itália, onde percorreram a costa de Amalfi num *Ferrari* alugado.

Box, que não se deixava impressionar facilmente, achou que CJ era a melhor coisa desde a

invenção do pão fatiado. CJ jogava golfe, percebia de teoria económica, era republicano. Na cabeça de Box, era um dois-em-um: um namorado para Agnes, um amigo para ele.

A discussão no Natal começou quando Agnes perguntou à mãe se ela e CJ eram um casal perfeito.

O coração de Dabney tinha parado. A sua alcinha era «Cupe», de Cupido; era a casamenteira de Nantucket, com quarenta e dois casais no seu currículo, todos eles ainda juntos. Dabney sabia se um casal era uma combinação perfeita só de olhar para ele. Via um brilho rosado ou uma névoa verde-azeitona. No entanto, não gostava de revelar a sua opinião sobre casais que não juntara. Era inútil. As pessoas tomariam as suas próprias decisões independentemente das previsões de Dabney. O amor escaldante e apaixonado e, pior ainda, a luxúria eram inimigos da razão e do bom senso.

– Oh, querida, não faço ideia – respondeu Dabney.

– Mãe, por favor. Por favor, diz-me – pediu Agnes.

Dabney pensou em Agnes e CJ. Nesse Natal, CJ tinha oferecido a Agnes um par de sapatos Christian Louboutin, um *iPad* novo e uma pulseira de ouro da Cartier, que lhe colocou dramaticamente no pulso. Este último presente, em particular, ressaltou a natureza controladora de CJ. Gostava que Agnes tivesse cuidado com a linha, e gostava que ela se exercitasse pelo menos uma vez por dia, de preferência duas vezes. Desaprovava as amigas de Agnes; achava que eram «um perigo para a relação», porque saíam e iam a discotecas no Meatpacking District aos fins de semana. Agora, suspeitava Dabney, a maioria das amigas tinha desaparecido. Quando CJ e Agnes caminhavam juntos, ele puxava-a como se ela fosse uma criança recalcitrante.

CJ sempre fora encantador com Dabney, mas encantador de uma forma que raiava a insinuação. Gostava de fazer referência ao facto de ele e Dabney serem praticamente da mesma idade. Ambos haviam crescido na década de oitenta, a era da J. Geils Band e dos *Caça-Fantasmas*; ambos frequentavam o liceu quando o desastre da Union Carbide matou meio milhão de pessoas na Índia. Dabney não gostava que CJ tivesse mudado de nome após o divórcio; a sua primeira mulher, Annabelle, e todas as outras pessoas na vida dele costumavam tratá-lo por Charlie. Dabney ficou alarmada quando CJ disse que não gostava de cães («são muito sujos») e que nunca quisera ter filhos. Agnes adorava crianças; era por isso que trabalhara no Boys & Girls Club. Agora, Agnes começara a dizer que não se importava de não ter filhos. Dabney não sabia como explicar razoavelmente, mas sentia algo podre, talvez até mesmo sinistro, sob a fachada carismática de CJ.

Quando olhava para Agnes e CJ, Dabney via uma névoa, o verde-cinza das nuvens antes de uma tempestade. Normalmente, quando Dabney via um miasma tão mau, o casal separava-se imediatamente.

Não teve outra escolha a não ser dizer a verdade a Agnes. Acima de tudo, mãe, mãe sempre.

– Não – respondeu. – Vocês não foram feitos um para o outro.

Agnes fez a mala e foi embora naquela mesma tarde, um dia e meio mais cedo, ignorando a tradição habitual de sanduíches de carne e jogos de tabuleiro no dia a seguir ao Natal. Partiu sem levar nenhum dos seus presentes; Dabney tinha sido forçada a reuni-los e enviá-los para Nova Iorque.

Box ficara confuso ao sair do seu escritório.

– Espera aí... – disse ele. – O que aconteceu? Porque é que eles se foram embora?

Agnes partira sem se despedir de Box, e Dabney sabia que ela o tinha feito para não dar a Box a oportunidade de a convencer a ficar.

Suspirou.

– Eu disse à Agnes algo que ela não queria ouvir.

Box ergueu os óculos quadrados, de armação preta, colocando-os sobre o cabelo branco cor de neve. Era um homem talentoso e estimado, mas havia momentos em que Dabney desejava ser poupada aos sermões. Box tanto achava a sua faceta de casamenteira frívola e tonta, como abominavelmente intrometida na vida privada das outras pessoas.

– O quê? O que é que lhe disseste? – perguntou ele.

– Gostava que isso ficasse entre mim e ela – disse Dabney.

– Dabney. – Os olhos dele eram de um azul penetrante, límpidos e frios, exigentes.

– Ela perguntou-me se eu achava que ela e o CJ eram feitos um para o outro.

Box ergueu ligeiramente o queixo.

– Com certeza que não lhe disseste o que pensas?

Dabney não respondeu. Tinha os pés juntos e as mãos à frente do seu *kilt*. Era a aluna malcomportada à frente do diretor. Box era seu *marido*, recordou ela. Eles eram iguais.

O rosto de Box ficou vermelho.

– É claro que lhe deste a tua opinião. Caso contrário, ela não se teria retirado precipitadamente.

– Retirado precipitadamente – disse Dabney. Era um mau hábito dela repetir as expressões que Box usava e que ela achava estúpidas. Como «retirar-se apressadamente». O professor Beech estava a tentar soar não só a Harvard, mas britânico. As heroínas na literatura eduardiana «partiam precipitadamente». Agnes metera-se no seu *Prius* e partira sem ruído nem emissões tóxicas.

– Foi indelicado da parte deles não se despedirem – disse Box. – Esperava mais do CJ. Não ficamos hospedados em casa de alguém e depois vamos embora sem uma palavra.

– Estavas a trabalhar, querido – disse Dabney. – A porta fechada é muito intimidante, como eu já te disse centenas de vezes. Tenho a certeza de que não te queriam incomodar.

– Não me teriam *incomodado* – retorquiu Box. – Estava apenas a ler. E não há nada de intimidante numa porta fechada. Só tinham de bater.

– A culpa é minha – disse Dabney. O dia depois do Natal e o dia que lhe seguia estavam agora estragados.

Box respirou audivelmente. Queria dizer algo punitivo, talvez, mas, como o perfeito cavalheiro que era, absteve-se. Sabia que a partida de Agnes era castigo suficiente.

O tempo para o Fim de Semana do Narciso estaria perfeito, mas era só isso; tudo na vida de Dabney estava em desalinho e às avessas. A filha viera a casa, o que era bom, mas tinha trazido CJ, e isso era mau. E Clendenin Hughes chegaria a Nantucket na manhã seguinte. Dabney *não* se sentia bem – o seu estômago estava sensível, as costas doíam-lhe, sentia-se cansada. Não bastava o resto, provavelmente tinha a doença de Lyme!

Dabney lidou com aquela mescla de circunstâncias da mesma forma com que lidara com tudo nos seus quarenta e oito anos: usando de paciência. Começou por ligar para o consultório de Ted Field e marcar uma consulta para segunda-feira de manhã. Ted Field, o médico de eleição na ilha, era muito

popular e estava sempre cheio. Mas Dabney sabia que conseguiria uma consulta, porque décadas antes, no seu próprio casamento, Dabney apresentara a rececionista de Ted Field, Genevieve Lefebvre, ao marido, Brian (Casal n.º 17). Estavam casados havia vinte e um anos e tinham cinco filhas.

– O que se passa? – perguntou Genevieve. – Estás doente?

– Não me sinto muito bem – disse Dabney. – Talvez seja a doença de Lyme. Não sei. Talvez seja a idade.

– Oh, está calada. Pareces a mesma de quando tinhas dezassete anos – disse Genevieve. – O médico pode atender-te às nove.

Com isso feito, Dabney sentiu-se um pouco melhor. Talvez fosse a doença de Lyme. Talvez fosse apenas *stress*.

Cerrou os dentes e aguentou o resto do dia. Cumprimentou CJ calorosamente, em seguida mandou-o a ele e a Agnes ir buscar o tapete de narcisos e a coroa de flores que adornariam o *Impala* no Desfile de Carros Antigos, no dia seguinte. Ligou a Nina e pediu desculpa por se ter distraído e ter sido desnecessariamente brusca com ela.

(Quando Dabney regressara à Câmara de Comércio sem o *frappé* de morango da *drugstore*, Nina mostrara-se confusa. «Afinal, onde é que foste?»)

«Precisas de óculos, Nina», respondera Dabney.

Nina recuara como se Dabney lhe tivesse dado com um jornal no nariz, e Dabney sentira-se uma amiga irritada e terrível.)

Agora, Dabney disse: – Na verdade, não me ando a sentir bem. Acho que devo estar a chocar alguma coisa.

– Descansa esta noite, amiga – disse Nina. – Amanhã é dia de trabalho.

Dabney deu os toques finais ao piquenique para o dia seguinte, embora tivesse preparado a maior parte com antecedência. Fazia o mesmo piquenique todos os anos porque, tal como o Dia de Ação de Graças e o Natal, o Fim de Semana do Narciso era uma tradição. As sanduíches coloridas constituíam o destaque do seu cesto de piquenique – pão branco sem cêdea da *Pepperidge Farm*, com uma camada de salada de ovo (amarelo), uma camada de queijo-creme com cebolinho (verde) e uma camada de queijo-creme com cereja ao marrasquino (rosa). Agnes e Box gozavam com ela, tanto por fazer as sanduíches coloridas, como por as apreciar. Eram a essência da cozinha WASP¹, diziam. Porque não servir queijo fino em bolachinhas quadradas, já que estava com a mão na massa? Ou um prato de pickles de couve-flor? Dabney ignorava as provocações; a aversão deles simplesmente deixava mais sanduíches para ela comer, e para Peter Genevra, supervisor da companhia das águas, que se lhe juntava todos os anos para devorar uma meia dúzia.

Dabney também cozinhava um pernil glaceado com *bourbon*, que fatiava, fazia uma trança de pão de mel e caril, espargos escalfados com molho holandês e uma salada de *tortellini* com maionese de ervas aromáticas. Costumava servir tartes de limão da Nantucket Bake Shop. Comprava uma garrafa de champanhe *Taittinger* para si e para Agnes, um bom bordéus branco para Box e uma grade de *Stella Artois* para oferecer àqueles que paravam para a visitar.

Quando Dabney aparava as cêdeas ao pão da *Pepperidge Farm*, Box entrou na cozinha. O marido chegara naquela manhã, enquanto ela estava no trabalho; Dabney não o via desde as sete horas da

manhã de segunda-feira, quando o deixara no aeroporto, como acontecia todas as segundas-feiras.

– Olá, querida – disse ele e beijou-a castamente na bochecha. A sua saudação resumia o estado de coisas entre os dois. Agradáveis, civilizadas, sem sexo. Ele chamava-lhe «querida», ou ocasionalmente «meu amor». Durante o namoro e os primeiros anos de casamento, Dabney costumava ansiar pelas tardes de quinta-feira, porque naquela época Box saía de Harvard depois da sua última aula, que acabava às três, e costumava conseguir chegar à ilha por volta das cinco da tarde. Dabney ia ao encontro do seu avião ou barco e seguiam diretos para casa para fazer amor. Agora, Box ficava num dos apartamentos reservados ao corpo docente nas noites de quinta. Trabalhava até às sete ou oito horas e, em seguida, saía para jantar com os colegas. Tentara convencer Dabney a ir para Cambridge nas noites de quinta-feira. Havia tantos restaurantes novos, podiam assistir a palestras na Coop ou ir ouvir a Symphony. Mas Dabney sempre se recusara. Box sabia que pedir a Dabney para ir a Cambridge era como pedir-lhe que mergulhasse na Fossa das Marianas sem garrafa de oxigénio. Ela acreditava que simplesmente não sobreviveria.

Box cansou-se da recusa de Dabney em viajar, e ela começou a ficar zangada com ele por tentar estimulá-la a isso. *Eu nunca fingi ser outra pessoa!*, gritara-lhe ela alguns anos antes. Os gritos haviam sido assustadores para ambos – o casamento deles não era um casamento onde as emoções levassem a melhor – e a discussão morreu ali. Box ficava em Cambridge nas noites de quinta e Dabney ficava em Nantucket.

Agora, como de costume, Dabney perguntou:

– Como foi a tua semana?

– Boa – disse Box. – O meu editor turco telefonou. Vão publicar a nova edição.

– Oh, que bom – disse Dabney. Além de ter uma cátedra dotada de fundos, Box escrevera um manual de macroeconomia usado em mais de quatro centenas de universidades de todo o país. O livro fora traduzido em vinte e quatro línguas. Box atualizava a edição a cada três anos; o montante dos rendimentos que o livro gerava era astronómico. Box ganhava entre três e quatro milhões de dólares por ano com o manual; o seu salário de Harvard eram uns meros trezentos mil dólares. Como não tinham de se preocupar com dinheiro, ele pouco significava para Box e muito menos para Dabney. A casa em Charter Street fora preservada em todos os seus detalhes históricos, e tinham-na enchido lenta e cuidadosamente com antiguidades e peças de arte. Seria herdada por Agnes. Dabney era a orgulhosa proprietária de um *Chevy Impala* vermelho-tomate de 1966, com uma capota de vinil branco, que era uma espécie de sugadouro de dinheiro, mas ela adorava-o. Em Nantucket, Box conduzia um *Jeep Wrangler* maltratado e, no continente, um *Audi RS 4*. Nunca tiravam férias, por causa de Dabney, embora Box fosse a Londres durante duas semanas em junho, para lecionar na London School of Economics, e participasse numa conferência em novembro que mudava de local – San Diego, Amesterdão, Honolulu. Todos os anos doavam anonimamente cem mil dólares ao Morningside Heights Boys & Girls Club, onde Agnes trabalhava, e mais cem mil dólares ao Nantucket Cottage Hospital. E essa era a extensão dos seus gastos.

Dabney perguntou-se se Clendenin Hughes sabia que ela se casara com um economista famoso e conceituado. Presumiu que sim. Agora era possível descobrir qualquer coisa na Internet. Sentiria Clen ciúmes? Bem, Clen ganhara um Pulitzer; Dabney tinha descoberto isso ao ler as notas sobre os antigos alunos na *newsletter* do liceu. Sentiu uma onda de orgulho por ele, seguida de irritação. Pensou: *Por aquilo de que abriu mão, é bom que tenha ganho um Pulitzer!*

Queria parar de pensar em Clendenin Hughes.

– Como correu a *tua* semana? – perguntou Box. – Deves estar empolgada com o fim de semana. Podes relembrar-me o programa mais uma vez?

– Jantar hoje à noite no Clube Automobilístico – disse Dabney. – Fiz a reserva para dois, mas vamos ter de conseguir encaixar quatro, uma vez que a Agnes e o CJ estão cá. – Fez uma pausa, pensando em como Box e CJ lutariam pela conta. Isso era outra coisa acerca de CJ: tinha sempre de pagar tudo, caso contrário, tornava-se francamente mal-humorado. – Desfile ao meio-dia de amanhã e piquenique à uma.

– Desfalecer de exaustão às cinco – disse Box.

– Tenho uma consulta com o Ted Field na segunda-feira às nove horas da manhã – disse Dabney.

– A sério? – perguntou Box. – Estás doente?

Dabney olhou para os quadrados perfeitos de pão branco sobre a tábua de madeira. Aqueles quadrados eram a sua vida – ou como a sua vida tinha sido até o *e-mail* ter chegado naquela manhã. – Não me ando a sentir muito bem – confirmou. – Talvez seja a doença de Lyme.

– Foste mordida por uma carraça? – perguntou Box.

– Não que eu saiba – disse Dabney. A última vez que andara nas charnecas fora no outono anterior, com o cão, *Henry*. Pensar em *Henry* deixou Dabney à beira das lágrimas.

– Não costumas ficar doente – comentou Box. – Não me lembro sequer da última vez que tiveste uma constipação.

– Eu sei – disse Dabney. A voz dela estava cheia de lágrimas iminentes. Também não era habitual ficar dramática ou emotiva. Sabia que isso deixaria o marido pouco à vontade.

– Oferecia-me para ficar na segunda-feira – disse Box. – Mas...

– Não podes – disse Dabney. Às segundas-feiras, à uma, Box dava um seminário sobre James Tobin a doze estudantes de pós-graduação escolhidos a dedo; era a sua aula favorita.

– Acho que posso pedir à Miranda para me substituir – disse Box.

Ah, sim, Miranda. Trinta e cinco anos, um prodígio australiano da Economia. Miranda Gilbert, com óculos de bibliotecária atrevida e um sotaque encantador. Tinha sido assistente de ensino e pesquisa de Box durante os últimos quatro anos. Dabney sempre sentira um pouco de inveja de Miranda. Mas Box nunca esconderia um segredo de Dabney como ela estava a fazer agora. Deveria apenas dizer-lhe: Clendenin Hughes chega a Nantucket amanhã. E então? *Não* lhe dizer transformava-o num assunto maior do que era. Não lhe contar dava a impressão de que se sentia afetada pelo assunto.

Dabney sentia-se afetada pelo assunto.

– Como *está* a Miranda? – perguntou.

– A Miranda? – Box tirou uma cereja ao marrasquino do frasco e comeu-a, depois fez uma careta. – Está ótima. O Dr. Bartelby prepara-se para a pedir em casamento, acho eu.

O Dr. Bartelby, o namorado de Miranda, era médico internista no Mass General. O Dr. Bartelby (cujo nome próprio era Christian) e Miranda tinham vindo visitar os Beech em Nantucket nos últimos três verões.

– Ele *disse-lhe* que se estava a preparar para a pedir em casamento? Isso tira toda a piada à coisa.

– Não sei como funciona nos dias de hoje – disse Box. – Mas acredito que a Miranda está prestes a juntar-se às fileiras dos casados.

Uma onda de tonturas tomou conta de Dabney, obrigando-a a apoiar-se no balcão.

– Estás bem? – perguntou Box. Colocou uma mão na parte inferior das costas da mulher, mas até aquele toque leve doeu.

Tinha de fazer as sanduíches antes que o pão secasse. E os espargos precisavam de ser aparados e assados. Agnes e CJ regressariam em breve com os narcisos para o carro. Decorar o *Impala* na noite de sexta-feira era uma das suas atividades favoritas do fim de semana. Mas tudo o que Dabney conseguiu fazer foi cambalear pela cozinha até à biblioteca, onde se deixou cair no sofá. Box cobriu-a com uma manta de malha feita pela sua adorada avó, a primeira Agnes Bernadette. Dabney sentiu-se como se fosse morrer.

Paciência: os seus antepassados tinham sofrido muito mais, como Dabney sabia. A sua tetravó, Dabney Margaret Wright, tinha chegado a Nantucket de Beacon Hill, deixando para trás casa, móveis e a sociedade. Ela e os três filhos mudaram-se para uma casa em Lily Street enquanto Warren partiu para caçar baleias. Na sua primeira viagem esteve ausente dezoito meses, depois regressou a casa por seis meses e nunca voltou da segunda viagem. Dabney Wright fizera o melhor que pudera de uma situação trágica: juntara-se à congregação de Summer Street Church e travara amizade com outras mulheres a quem o mar deixara viúvas. Ela não se queixara, pelo menos não na imaginação de Dabney. Aguentara tudo com dignidade.

E Dabney também perseveraria. Depois de recuperar da sua indisposição, uniu as sanduíches e embrulhou-as em papel de cera. Assou os espargos. Agnes e CJ responsabilizaram-se pela decoração do *Impala*: uma coroa de narcisos na grelha e um tapete de narcisos a toda a largura da bagageira. Dabney tomou um duche e pôs o vestido Diane von Furstenberg azul-marinho e amarelo. Era um dos vestidos que Patty Benson tinha deixado pendurados no armário quando abandonou o marido e a filha. Dabney não atribuíra valor sentimental às coisas, ou pelo menos não neste caso. Usava muitas vezes os vestidos da mãe, porque gostava deles e lhe serviam.

Tentou fazer um esforço razoável durante o jantar no Clube Automobilístico, apesar de desejar estar na cama com uma tigela de sopa e um romance de Jane Austen. Em vez disso, pediu as habituais costeletas de borrego, e Box escolheu um excelente *syrah* australiano para acompanhar a refeição. Um gole do vinho deixou a cabeça de Dabney a andar à roda.

– Sabem, o Box lecionava em Harvard, quando eu estudava lá, mas nunca assisti a uma aula dele – disse ela.

Agnes olhou para a mãe. Pedira pastéis de caranguejo, mas não lhes tocara.

– Sim, mãe, nós sabemos.

CJ sorriu para Dabney. Vestia um *blazer* azul-marinho e uma camisa *Robert Graham* com um padrão elaborado. Antes de saírem de casa, Box admirara os sapatos *Gucci* de camurça cor de chocolate de CJ e dissera a Dabney: «Devias oferecer-me um par como aquele!» Dabney tinha de admitir que CJ se vestia bem, cheirava bem e tinha um belo cabelo ondulado grisalho, e dentes muito brancos e alinhados. Demasiado brancos, como se os mandasse branquear. Mas isso não era razão para não gostar do homem. CJ pedira as costeletas de borrego, medianamente passadas, tal como Dabney, e isso recordou a Dabney um episódio, no outono anterior, em que ele tinha pedido exatamente a mesma coisa que ela. Era como se estivesse a imitá-la, numa tentativa de ser considerado simpático.

– Se bem me lembro, estudou História da Arte, não foi? Escreveu a sua tese sobre Matisse? – perguntou CJ.

– Chamámos *Henry* ao nosso cão em homenagem ao pintor – disse Agnes, suavemente.

CJ, que não gostava de cães («são muito sujos»), não respondeu a isso.

– Devia ir ver a capela de Matisse em Nice – disse a Dabney.

Era improvável que Dabney alguma vez fosse a França, mas ela deu-lhe crédito por se esforçar.

– O meu quadro favorito é *La Danse* – disse Dabney. – Está no MOMA, mas eu nunca o vi.

– O diretor do MOMA é meu amigo. Se decidir que quer ir a Nova Iorque, eu marco qualquer coisa – disse CJ.

Dabney bebeu o seu vinho. Não tocou nas costeletas de borrego. Não tinha apetite absolutamente nenhum.

Imaginou Clendenin Hughes a entrar na sala de jantar do Clube Automobilístico, a atirar Dabney para cima do ombro e a levá-la dali. Em seguida, entregou-se a um momento de autocompaixão profunda. Tinha vivido uma existência calma e pacífica, feliz e produtiva, até àquela manhã.

Bebeu o vinho.

Entre o prato principal e a sobremesa, o champanhe chegou à mesa, e não apenas champanhe, mas uma garrafa de *Cristal*. Dabney ficou surpreendida. Tanto ela como Agnes gostavam de champanhe, mas Box ficava com dores de cabeça, e, apesar de ser tão rico, nunca gastaria trezentos dólares numa garrafa de *Cristal*.

Todos ficaram em silêncio, enquanto a empregada abria a garrafa e enchia quatro *flûtes*. Dabney estava confusa. Lançou à empregada, uma mulher de aparência grave numa casaca branca, um olhar suplicante, mas o rosto da mulher era tão implacável como o de um guarda no Palácio de Buckingham.

De repente, CJ pigarreou e levantou-se, erguendo o copo.

– A Agnes e eu temos um anúncio a fazer.

Oh, não, pensou Dabney. *Nãonãonãonãonãonãonãonão*.

Agnes sorriu timidamente e levantou a mão esquerda para que a mãe visse o diamante – um anel perfeito, cintilante, com lapidação da *Tiffany* e encastrado em platina. Dabney obrigou-se a arvorar uma expressão feliz e entusiasmada.

– A Agnes aceitou casar-se comigo – disse CJ.

Dabney soltou um grito de horror, que todos confundiram com deleite. Só era capaz de ver a névoa verde que emanava de Agnes e CJ, como uma radiação tóxica.

– Que maravilha! – disse.

Box levantou-se para abraçar Agnes e CJ, e Dabney, percebendo que se tratava de uma resposta apropriada, seguiu-lhe o exemplo. Segurou a mão da filha – a mesma mão que Agnes gravara numa placa de argila no jardim de infância, a mesma mão que Dabney apertara quando Agnes recebera os bons resultados nos exames de acesso à universidade – e admirou o anel.

– Que *lindo* anel! – disse. Aquilo, pelo menos, era verdade. CJ acertara em cheio no anel – simples, clássico, intemporal. A pedra era enorme. Dabney calculou que devia ser de três quilates, ou quase.

Mas a mórbida neblina verde que envolvia Agnes só poderia significar um futuro catastrófico – CJ trairia Agnes com uma das chefes de claque dos Giants, ou uma estagiária do seu escritório. Ou faria algo pior. Dabney não ia ficar à espera para descobrir. De alguma forma, descobriria uma maneira de salvar a filha.

Na manhã de sábado, Dabney sentiu-se ainda pior do que o habitual, graças ao muito *syrach*, à notícia cataclísmica do «noivado» e à chegada iminente de Clen. Apesar disso, vestiu a roupa para o Desfile do Narciso – camisa amarela, *jeans*, *blazer* azul-marinho, mocassins e o bonito chapéu de palha *Peter Beaton* com uma fita de gorgorão azul-marinho. Pegou na prancha de notas com mola, que listava as cento e vinte inscrições no Desfile de Carros Antigos. O sol brilhava, o ar estava realmente ameno; Dabney sentia calor com o *blazer* e considerou tirá-lo, mas sabia que teria frio quando se dirigisse para Sconset no *Impala* com a capota descida.

Main Street vibrava com a atmosfera festiva. Todos usavam amarelo e verde para comemorar os três milhões de narcisos que floresciam em Nantucket. Havia crianças com narcisos pintados nos rostos e narcisos enrolados à volta do guidador das bicicletas. Havia cães com coleiras de narciso. Cada pessoa parecia querer a atenção de Dabney. Nos últimos anos, ela havia lidado com esta situação com graça e desenvoltura. Adorava conhecer toda a gente e fazer com que todos a conhecessem. Costumava trocar piadas com o administrador da cidade e com o homem do lixo, o proprietário da livraria, a dona da loja de *lingerie*, Andrea Kapenash, mulher do chefe de polícia, Mr. Berber, o professor do quinto ano que tinha sido o preferido de Agnes, um certo residente de verão que ocupava a direção da Bolsa de Valores de Nova Iorque, e outro residente de verão, que apresentava o noticiário das seis, em Boston. Era uma amostra transversal da humanidade que tinha uma coisa em comum... todos eles adoravam a ilha de Nantucket. Mas, neste concurso, Dabney era a favorita indiscutível. Amava Nantucket como nunca ninguém a tinha amado. Sabia que a sua devoção era invulgar, possivelmente, até pouco saudável, mas, num dia como hoje, isso não importava. Hoje, ela estava entre pessoas com interesses semelhantes.

Conversou com todos os que cruzaram o seu caminho, mas sentiu-se como se estivesse a falar com voz de autómato, como a voz do atendedor de chamadas da Câmara de Comércio quando alguém ligava fora do horário de expediente. Sim, o tempo estava magnífico, não, não se lembrava de um dia tão agradável, não, não podia acreditar que outro ano se passara, sim, estava pronta para o verão, ela estava sempre pronta para o verão. Que bom vê-lo, dizia, mas as palavras soavam como moedas falsas. As pessoas perceberiam? Dabney desejava agarrar em alguém pelo braço – até o apresentador das notícias do canal 5 – e desabafar. *Não me sinto nada bem, há algo de errado comigo, o Clendenin Hughes regressa a Nantucket hoje, ele pode até estar aqui neste preciso momento, e o meu marido não sabe. A minha filha anunciou ontem à noite que está noiva de um homem que parece ser Jesus Cristo, mas só eu sei que ele é inadequado. E não há nada que eu possa fazer ou dizer. Aqui estou eu, a casamenteira de Nantucket, ostensivamente especialista em romances, e ainda assim a minha vida está a ruir. Nada é como deveria ser.*

Pode ajudar? Pode ajudar-me?

Esbarrou com Vaughan Oglethorpe, o presidente do conselho da Câmara de Comércio, seu *chefe*, que se destacava desagradavelmente na sua camisa preta, gravata preta e fato preto. Vaughan era o único agente funerário da ilha, e poderia lançar um manto escuro sobre o mais ensolarado dos dias. O cabelo dele estava mais branco do que quando Dabney o vira pela última vez, e o nariz mais adunco; começava a parecer-se com a ave nacional. Continuava tão alto e magro como sempre, mas mais curvado nos ombros; parecia Lurch d' *A Família Addams*, ou algum outro monstro benevolente. Perfeito para agente funerário.

– Dabney – disse ele. Também a voz lúgubre se adequava à sua profissão. Vaughan conhecia Dabney desde pequena, fora namorado da mãe de Dabney, Patty Benson, e gostava de ficar com o

crédito por todos os sucessos de Dabney no trabalho.

– Olá, Vaughan – saudou ela. – Que me diz deste tempo?

Vaughan coçou o queixo ossudo, com uma expressão sombria. Cheirava a formol; muitas vezes, quando estava muito perto dele, Dabney sustinha a respiração. Olhou para os seus sapatos.

– Que afluência – deixou ele escapar de repente. – Conseguiu mais uma vez, Dabney! Bom trabalho!

– Obrigada, chefe – disse Dabney.

– Não! – exclamou ele. – Ótimo trabalho!

Como de costume, Box conduziu o *Impala* no desfile e Dabney ocupou o lugar ao seu lado. Isso doía-lhe um pouco, como doía todos os anos. O *Impala* era seu; Box conduzia-o apenas uma vez por ano, naquele desfile. Porque não conduzia Dabney e Box ocupava o lugar ao lado? Afinal, este era o festival de Dabney. Mas Agnes e Nina Mobley e até Box pensavam que *ficaria* melhor se ele conduzisse. Dabney devia estar livre para acenar à multidão, como se se tratasse de realeza.

Tudo bem, disse Dabney. Tudo bem, como queiram.

Agnes e CJ sentaram-se na parte de trás, exalando a presunção dos que acabam de anunciar um noivado. Dabney queria fazer cara feia, mas não podia. Todos os olhos estavam postos nela. Tinha de sorrir. Tinha se de mostrar *radiante*. Pôs a mão em cima do chapéu de palha, para impedir que ele voasse.

*

Depois de estacionarem em Sconset, sob olmos gigantes exibindo a folhagem de primavera, Dabney serviu-se a si e a Agnes uma *flûte* de champanhe. Não era de procurar consolo no álcool, mas as circunstâncias foram-se acumulando contra ela tão rapidamente que não via alternativa. Bebeu um bom e longo trago de champanhe cujas bolhinhas lhe rebentaram na língua. A qualquer momento, iria relaxar.

Armou o piquenique sobre uma mesa desdobrável coberta com uma toalha de linho amarelo, usada apenas naquele dia do ano.

Apercebeu-se de que se tinha esquecido de ir buscar as tartes de limão à Nantucket Bake Shop.

– Oh, meu Deus! – exclamou. – Esqueci-me das tartes!

Box estava a abrir o bordéus branco. Encolheu os ombros. – Não tem importância – disse. – Nunca ninguém as come.

Dabney olhou para o marido. *Paciência*, pensou ela. Mas a emoção superou os genes resistentes de Dabney: os olhos encheram-se-lhe de lágrimas quentes. Afastou-se de Box, e de Agnes e CJ, que agora pareciam um monstro hediondo de duas cabeças, e de todos os outros que começavam a juntar-se na rua. Não podia deixar que ninguém a visse chorar por causa de umas tartes esquecidas. Sentia-se como Clarissa Dalloway, que decidiu que iria buscar as flores para o jantar sozinha. Aquele piquenique, com o pernil e os espargos, e as sanduíches que todos se sentiam confortáveis a *ridicularizar*, era o piquenique de Dabney. Era uma expressão do seu próprio ser, e, no entanto, ali estava John Boxmiller Beech, o economista brilhante e famoso, a dizer-lhe que não tinha importância. O que equivalia a dizer que ela, Dabney, não tinha importância.

Avançou cambaleante pela rua, desejando estar sozinha, desejando ser anónima, desejando – pela primeira vez em quarenta e oito anos – não estar presa naquela ilha onde cada pessoa pensava que a conhecia, mas onde, na realidade, ninguém a conhecia.

Oh, algo estava errado.

A visão de Dabney foi toldada pelas lágrimas, e por ter bebido champanhe com o estômago vazio. Sabia que deveria voltar para o carro e comer uma sanduíche. Havia uma grande multidão à volta do carro de 1948 forrado a madeira, que vencera o prémio de Melhor Carro três vezes na última década; este ano tinham adotado o tema d’*O Feiticeiro de Oz*. O chefe da polícia, Ed Kapenash, vestira-se de Espantalho.

Dabney não parou, não se virou, apenas continuou. Clarissa Dalloway tinha sobrevivido, mas alguém no seu jantar se suicidara. Era assim? E depois, claro, Virginia Woolf acabara com a sua vida. Entrara no rio Ouse com pedras nos bolsos.

Dabney sentiu-se instável. A mão tremia tanto que o champanhe se entornou sobre o punho da camisa *oxford*.

Viu-o à espera na esquina das ruas Main e Chapel. Montando uma bicicleta de dez velocidades, a mesma em que tinha ido a todo o lado em adolescente, porque não havia dinheiro para lhe comprar um carro. Ele costumava ir de bicicleta sempre que se encontrava com Dabney a sós. Costumavam encontrar-se no cemitério *quaker*, na antiga propriedade da NHA abandonada, chamada Greater Light, e no campo de futebol da escola. A sua canção na juventude tinha sido «Brown Eyed Girl», de Van Morrison, não só porque Dabney tinha olhos castanhos, mas por causa do verso sobre fazer amor na relva verde por trás do estádio. Esse verso tinha sido escrito para ela e Clen.

Soube que era ele, embora em nada se assemelhasse ao jovem de vinte e dois anos que ela tinha visto pela última vez em Steamship Wharf, em 1987. Estava maior – pesava mais trinta ou trinta e cinco quilos, pelo menos –, e tinha bigode e barba. Era um adulto, um homem.

Vestia uma *T-shirt* vermelha, *jeans* e um par de ténis *Chuck Taylor*. Vinte e sete anos depois e ele ainda usava *Chuck Taylor*? No liceu, tinha sido a única coisa em que gastara dinheiro. Possuía cinco pares.

Havia outra coisa que parecia diferente nele, algo estranho. Dabney demorou mais um segundo para perceber que Clen tinha apenas um braço. Pestanejou, pensando que era um efeito da luz, ou do champanhe. Mas o que via era real: o braço esquerdo era um toco. Havia a manga da *T-shirt* vermelha e nada por baixo.

Sofri uma perda muito séria há cerca de seis meses e estou a recuperar lentamente.

Ele perdera um braço.

A visão de Dabney turvou-se nos cantos, mas ainda via cor – o vermelho da *T-shirt* de Clen e o tom dos vales verdes e chá fraco nos seus olhos escoceses. *Eu não podia ficar e tu não podias ir.* Ela não conseguia falar. Nina Mobley estaria à sua procura, pois chegara a hora de avaliar os piqueniques. *Não importa, nunca ninguém as come.* Clen! Ela queria, pelo menos, dizer o nome dele, apenas o nome dele, mas até isso lhe parecia impossível. Uma outra força se apoderara dela; alguma coisa a prendia pela parte de trás do pescoço e a empurrava para baixo. *Espero que o «nunca» tenha um prazo de validade.* Ela queria ir embora sentada no guiador da bicicleta de Clen. A qualquer momento, iria relaxar. Ele estava ali. Era ele.

Não parou por causa dele. Seguiu em frente. Mesmo que conseguisse ter falado, o que lhe teria dito? Não estava preparada. Não se sentia bem. Ao virar da esquina, ao abrigo das sebes, tentou

respirar, mas descobriu que não podia. Ouviu o som de vidro a partir e percebeu que a *flûte* de champanhe caíra ao chão, estilhaçando-se. Havia vento nos seus ouvidos. Os joelhos cederam.

Escuridão.

Silêncio.

Casal n.º 30: Dr. Gary Donegal e Lance Farley, parceiros há dez anos

Dr. Donegal: Comecei a ver a Dabney em 1978, o meu primeiro ano em Nantucket. A Dabney foi, na verdade, a minha primeira paciente. Tinha doze anos; a mãe dela deixara a família havia quatro e o pai da Dabney, que era polícia, preocupou-se com o bem-estar emocional da filha quando esta entrou na adolescência. A Dabney recusava-se a sair da ilha; estava convencida de que morreria se deixasse Nantucket. Ou algo pior.

«Algo pior?», perguntei.

O agente Kimball explicou-me então que a última vez que a Dabney saíra de Nantucket fora em dezembro de 1974, quando a mãe, Patty Benson, a levou a Boston para ver *O Quebra-Nozes*. Tinham bilhetes para o espetáculo noturno de *ballet* e uma suíte no Park Plaza. A Patty, dissera o agente Kimball, era rica e estava habituada a fazer as coisas dessa forma. Também era mimada, egoísta e achava-se com direito a certos privilégios, acrescentara. Uma residente de verão, disse ele, como se isso explicasse os seus defeitos. Depois continuou a explicar-me que Patty Benson deixara o Park Plaza Hotel a meio da noite e nunca mais voltara.

«Nunca mais voltou?», perguntei.

«Nunca mais voltou», repetiu. Ele sabia que nada de mal sucedera à Patty, porque ela tinha deixado o número de telefone do agente Kimball na receção do hotel e uma gorjeta de vinte dólares para lhe ligarem e dizerem para ir a Boston buscar a filha.

Quando a Dabney acordou na suíte do Park Plaza, a Patty tinha desaparecido. O *concierge* enviou uma das empregadas para ficar com a Dabney até o pai chegar. A Dabney nunca mais viu ou teve notícias da mãe. Por fim, o agente Kimball contratou um detetive privado e descobriu que Patty Benson morava no Texas e trabalhava como assistente de voo no jato particular de um milionário do petróleo.

Percebi que tinha à minha frente uma tarefa difícil com a Dabney. A recusa em sair de Nantucket foi uma resposta natural a ter perdido a mãe, a ser deixada para trás num quarto de hotel como um saco de compras vazio, ou uma sanduíche meio comida.

A Dabney não se importava de falar sobre a mãe. A mãe tinha passado os verões da infância e adolescência numa mansão em Hoicks Hollow Road. A família Benson pertencia ao Sankaty Beach Club; a mãe costumava dizer que uma pele bronzeada era uma pele saudável. Gostava de filmes a preto e branco, com canções e dança, gostava de caudas de lagosta na véspera de Natal, e não se importava que o marido tivesse uma tatuagem de «Wharf Rat», dos Grateful Dead. A mãe lia à Dabney todas as noites antes de ela adormecer e em algumas noites dormia na cama da filha; prometeu que a Dabney poderia furar as orelhas no seu décimo segundo aniversário, mas os únicos brincos aceitáveis eram brincos de pérola.

A Dabney não quis falar sobre a viagem para irem ver *O Quebra-Nozes* ou ter acordado no hotel sozinha, ou sobre o facto de a mãe não a ter contactado durante dois, depois três e depois quatro anos.

Eu já tinha visto muitos casos de distúrbio obsessivo-compulsivo e agorafobia e paranoia, mas nunca tinha visto a combinação dos três que a Dabney apresentava. Talvez esteja a fazer as coisas soarem pior do que eram. Ela era uma criança excecional e, à medida que se transformou em adolescente, tornou-se ainda mais excecional. Era bonita, inteligente, perspicaz, lúcida, amável, graciosa, expressava-se muito bem e tinha piada. Mas, quando tocava a sair de Nantucket, tinha um ponto fraco. Não deixava a ilha, a menos que sua vida dependesse disso, dizia ela.

Encontrava-me com ela duas vezes por mês. Tentámos medicamentos ansiolíticos, nenhum dos quais se revelou muito eficaz, mas finalmente fizemos progressos suficientes e, quando foi aceite em Harvard, ela disse que iria.

Até eu fiquei surpreendido com isso.

«Eu disse-lhe que não saía da ilha a menos que a minha vida dependesse disso, e agora a minha vida depende disso. Devo ficar aqui e servir às mesas? Trabalhar como ama? Tenho de ir para a universidade, Dr. Donegal. Sou inteligente», disse ela.

Concordei plenamente: ela era inteligente. Eu tinha a certeza de que, quando chegasse a Harvard, iria perceber que não havia nada a temer. Mais ninguém iria desaparecer.

Isso acabou por não ser bem verdade. O namorado, Clendenin Hughes, foi para Yale e absorveu-se nos estudos e na sua vida lá. A Dabney viajou uma vez para New Haven para o visitar, e a viagem acabou mal. O agente Kimball trabalhava dois turnos seguidos nesse fim de semana e, portanto, eu fui encarregado de a ir buscar.

Foi na viagem de regresso de New Haven para o Cabo, oito anos após o início da terapia, que finalmente consegui que a Dabney falasse. Começou com as coisas que eu sabia: estava fatalmente apaixonada pelo Clendenin Hughes – «fatalmente» significava que ela tinha a certeza de que o amor a mataria, ou que o facto de ele não a amar da mesma maneira a mataria. Ele queria viajar e ver coisas, e ela não podia, ele não compreendia, e ela não conseguia explicar. New Haven tinha mudado o Clen, disse ela. Eu expliquei-lhe que ver novos lugares, por vezes, mudava uma pessoa, as novas experiências moldavam-nos, e a Dabney disse que gostava de quem era e

estava determinada a permanecer assim. Cambridge não a mudara, e eu sugeri que assim fora porque ela não tinha realmente deixado Cambridge entrar-lhe no coração. Ela não respondeu e, quando voltou a falar, disse-me que, na noite em que se fora embora, a mãe lhe dissera que se sentia terrivelmente infeliz com a sua vida. Já não estava apaixonada pelo pai da Dabney; deixara-se iludir, afirmara Patty, pela ideia romântica de um herói de guerra. Adorava Nantucket como refúgio de verão, mas viver lá durante todo o ano estragara aquele lugar para ela. Odiava-o agora com cada célula do seu corpo. Sentia-se como um coioote preso numa armadilha, dissera-lhe. Comería a própria perna para se libertar.

«Quando olhei para a minha mãe, ela estava sentada numa nuvem de fumo verde. Eu sabia que ela se ia embora, e também sabia que era melhor assim. O meu pai e eu éramos de Nantucket até ao tutano, e a minha mãe odiava-nos por isso», disse a Dabney.

Eu estava prestes a tranquilizar a Dabney, dizendo-lhe que a mãe não a odiava, mas que ela, Dabney, era num certo sentido a perna do coioote. Fora ela que a mãe sacrificara em nome da liberdade.

Mas, antes que eu pudesse pôr isto em palavras, a Dabney fez-me uma pergunta surpreendente.

«Dr. Donegal, o senhor alguma vez esteve apaixonado?»

A Dabney deixou de ser minha paciente depois de se formar na universidade, embora nunca tenha realmente desaparecido da minha vista. Ouvi falar sobre o êxodo do Clendenin para o Sudeste Asiático e sobre a gravidez da Dabney, e alguns anos mais tarde, soube do seu casamento com o economista de Harvard e, quando esbarrei com a Dabney, a filha e o tal economista numa manhã em que tomava o pequeno-almoço na Jared Coffin House, disse-lhe que estava feliz por ela. Então, alguns meses depois, a Dabney ligou-me. No início suspeitei de problemas conjugais, ou terapia do luto, porque o pai tinha acabado de morrer de ataque cardíaco, mas o que a Dabney disse foi: «Quero que o doutor conheça uma pessoa. Quando pode vir cá jantar?»

A pessoa que ela queria que eu conhecesse era um homem chamado Lance Farley, que tinha comprado recentemente uma loja de antiguidades na cidade e acabado de entrar para a Câmara de Comércio. Ficou claro, desde o momento em que apertei a mão do Lance Farley, o que a Dabney estava a fazer. Eu, obviamente, estava ao corrente da reputação dela como casamenteira, da sua suposta «intuição sobrenatural», no que tocava ao amor. Tinha ouvido falar nos seus muitos sucessos e como ela via uma aura rosada ou uma névoa verde. Lembrei-me da história da mãe na noite em que partiu. Mas, ainda assim, acreditava tanto nos dotes de casamenteira da Dabney como nas respostas de uma tábuia Ouija.

Mas, à medida que bebíamos *gin* tónico no quintal relvado e isolado dos Beech e depois de um jantar de espadarte grelhado, tomate de Bartlett Farm e tarte caseira de pêsego, e à medida que o Lance e eu descobríamos um gosto comum por Bach e pelos primeiros romances de Philip Roth, e pela costa do Norte de Marrocos, admiti para mim mesmo que, talvez mesmo depois de oito anos de espeleologia nos recessos ocultos do cérebro de uma pessoa, ainda havia coisas a serem descobertas. Talvez a Dabney tivesse uma intuição sobrenatural no que tocava a assuntos românticos.

Quem era eu para dizer que não tinha?

¹ WASP – sigla que designa *white, anglo-saxon and protestant*, branco, anglo-saxão e protestante. (*N. do T.*)

BOX

Dabney desmaiou na rua principal em Sconset. Box ainda não dera pela sua ausência; estivera muito ocupado a servir-se de um copo de Montrachet e a arranjar uma sanduíche de pernil. Nina Mobley tinha vindo à procura de Dabney; o concurso dos piqueniques estava prestes a ter início, e não poderiam começar sem Dabney. Box acenara casualmente para o caos ao seu redor.

– Tenho a certeza de que ela está algures por aqui.

Dabney era a mulher mais popular da ilha. Conhecia toda a gente e todos a conheciam. Provavelmente estaria a conversar com alguém sobre as janelas da casa em Fair Street, ou esbarrara com Peter Genevra, da companhia das águas, e fora oferecer-lhe sanduíches de *marshmallow* e ovos de Páscoa.

Mas, quinze minutos depois, Dabney ainda não tinha aparecido. Nina estava impaciente. Deveria começar o concurso sem ela?

– Sem a Dabney? – perguntou Box. – Isso é mesmo uma opção?

– Na verdade, não – admitiu Nina. – Eu preciso dela.

Box assentiu. Dabney e Nina eram as melhores amigas uma da outra, mas Dabney era a dominante do par. Era como se ela fosse Mary Tyler Moore e Nina, Rhoda. Como se fosse Lucy e Nina, a Ethel.

Instantes depois, o filho do chefe dos bombeiros aproximou-se – Box reconheceu o jovem, mas não conseguiu lembrar-se do seu nome – e disse a Box que Dabney desmaiara na rua e os socorristas estavam a tratar dela.

Foi ao abrir caminho através da multidão em Main Street que Box viu o homem na bicicleta.

O professor deu um passo hesitante; o joelho direito fora alvo de uma cirurgia no ano anterior e ainda não estava a cem por cento. Box odiou-se a si mesmo por olhar de novo, mas algo no homem lhe chamou a atenção. Um tipo grande, barbudo como um lenhador, apenas com um braço.

O homem ergueu o braço bom, não em saudação, pensou Box, mas em reconhecimento. *Estou aqui.*

Clendenin Hughes? Seria possível? Box era terrível com nomes, mas muito melhor com rostos. Pesquisara sobre Hughes várias vezes na Internet e chegou a ler alguns dos seus artigos, incluindo a série sobre a Birmânia que lhe valera o Pulitzer. Além disso, o homem parecia-se com Agnes. Era estranho. Era ele, Box tinha quase a certeza.

Teria Dabney visto Hughes, então? Fora por isso que desmaiara? O seu antigo amante. O pai de Agnes. Hughes tinha deixado Nantucket há mais de vinte e cinco anos. Vivera no estrangeiro, algures no Sudeste Asiático. Tanto quanto Box sabia, Clendenin Hughes era um homem que precisava de agitação política, de mulheres estrangeiras e tramas de espionagem para manter as engrenagens a funcionar.

Tanto quanto Box sabia, Hughes já não tinha qualquer ligação com a ilha.

E, no entanto, ali estava ele.

Clendenin virou a bicicleta – habilmente, considerando que tinha apenas um braço – e pedalou dali

para fora.

Um braço?

Box correu para a rotunda. Tinha sessenta e dois anos, estava muito para além do ponto na sua vida em que devia sentir-se ameaçado ou com ciúmes. Mas algo o roía por dentro. Apressou o passo, para ir cuidar de Dabney.

Levou a mulher para casa e meteu-a na cama com três aspirinas e um copo de água. O Fim de Semana do Narciso tinha levado a melhor este ano. Ela permitira que uma celebração pagã a afetasse.

Quando os seus olhos se fecharam, o marido pensou em perguntar-lhe sobre Clendenin Hughes. Mas não queria perturbá-la – ou perturbar-se a si mesmo – ainda mais.

*

Box conheceu Dabney vinte e quatro anos antes, no Sankaty Head Golf Club durante um encontro de antigos alunos de Harvard. O professor comparecera a pedido do departamento de desenvolvimento; eles gostavam que certos membros do corpo docente marcassem presença em tais encontros e saudassem os antigos alunos. Box tinha estado em Nantucket uma vez, no final dos anos setenta, quando ele e alguns amigos de Harvard tinham subido o estreito braço de areia de Coatue e acampado em tendas, na praia. Mal tinha ido à praia desde então.

O encontro no Sankaty consistia principalmente em capitães da indústria com bronzeados do campo de golfe e nas suas mulheres com cestos típicos de Nantucket em punho, bebendo *whisky* e comendo folhados de salsicha, mas de repente Box deu por si a conversar com uma jovem que se tinha formado em Radcliffe apenas quatro anos antes, uma jovem nascida e criada em Nantucket, chamada Dabney Kimball. Estudara História da Arte, mas a sua colega de quarto tinha estudado Economia, por isso Dabney sabia quem Box era. Pouco depois, ela ofereceu-se para o guiar numa visita à ilha no dia seguinte.

– Oh, não precisa de fazer isso – disse ele. Dabney usava uma fita de madraço no cabelo castanho e o seu rosto tinha um aspeto fresco e limpo. Box não se considerava uma pessoa perspicaz, mesmo naquela altura, mas foi capaz de discernir que, por baixo do aspeto simples e bonito de Dabney, havia um tesouro escondido.

– Oh, por favor. Seria uma grande honra. Adoro mostrar a ilha. Sou uma espécie de embaixadora – disse ela.

– Mas, certamente tem outros planos – observou Box. Ela era jovem o suficiente para passar o domingo a jogar *boccia* na praia, ou a velejar ao redor do porto, deitada na proa do barco do namorado.

– Tenho uma filha de dois anos – disse Dabney. – Mas a minha avó toma conta dela aos domingos, por isso estou livre o dia todo.

Uma criança de dois anos?, pensou Box. Se ela se formara quatro anos antes, devia ter vinte e seis. Se tivesse uma criança de dois anos, teria engravidado aos vinte e três. Muito poucas jovens de Radcliffe tinham filhos logo após a universidade. Agora todas iam para a Faculdade de Direito, a Faculdade de Gestão, ou de Medicina – ou, no caso de licenciadas em História da Arte, passavam anos a fazer pós-graduações em Florença ou em Viena. Box verificou a mão de Dabney à procura de

um anel, mas os dedos estavam nus. Ela não usava joias, à exceção de um colar de pérolas e brincos condizentes.

– Está bem – disse Box. Aceitou visitar a ilha, mesmo sem querer. – Obrigado. Gostaria muito.

Agnes ficou em casa com Dabney no domingo de manhã, enquanto Box e CJ foram jogar golfe no Miacomet. Quando Box chegou a casa, Agnes disse:

– Estou preocupada com ela, pai. E se eu tirasse esta semana e ficasse aqui?

– Sabes que a tua mãe não te vai deixar fazer isso – disse Box. – Ela não vai ficar em casa, e não quer que faças o mesmo. Pensa nos miúdos.

Agnes era diretora executiva do Boys & Girls Club em Morningside Heights, um emprego muito mal remunerado, mas que lhe dava uma enorme satisfação. Era um trabalho que, francamente, assustava Box e Dabney. A filha por vezes ficava no clube até às oito ou nove horas da noite com um punhado de crianças que não tinham ninguém em casa para lhes dar de comer ou as pôr na cama. Box passava a Agnes um cheque considerável todos os meses para pagar a renda do apartamento em Upper West Side e um carro para a levar a casa quando ela saía do clube depois de escurecer. Suspeitava, no entanto, que Agnes era demasiado modesta para usar o carro regularmente. Suspeitava que a filha apanhava o metro.

Enquanto jogavam golfe, CJ admitiu que o trabalho de Agnes também o inquietava, e disse que, depois de se casarem, ele ia incentivá-la a trabalhar para outra organização sem fins lucrativos, de preferência no centro da cidade. Box concordou que era uma boa ideia.

– Os miúdos não são mais importantes para mim do que a minha própria mãe – disse Agnes.

– A tua mãe vai ficar bem – tranquilizou-a Box.

– Tens a certeza?

– Sim – disse Box. – Ela tem uma consulta com o Dr. Field amanhã de manhã. Provavelmente é a doença de Lyme. Três semanas de antibióticos e vai ficar como nova.

– Está bem – disse Agnes. – O CJ tem uma negociação com clientes amanhã de manhã, por isso vamos embora esta noite.

– Eu cuido da tua mãe – disse Box. – Prometo.

No passeio pela ilha quase um quarto de século antes, Dabney levava Box a Quaise e Quidnet, a Madaket e Madequecham, Shimmo e Shawkemo no seu velho *Chevy Nova* de 1972. Não esperava que uma jovem como ela tivesse aquele carro; ela tinha ar de quem estaria mais confortável ao volante de um *Saab* descapotável ou de um *Volkswagen Jetta*, mas então Dabney explicou que tinha sido criada pelo pai – veterano do Vietname e polícia em Nantucket – e que ele a transformara numa entusiasta de carros. Esta expressão saída da boca saudável de Dabney fez Box atirar a cabeça para trás e rir. Mas Dabney falava a sério. Tinha comprado o *Chevy Nova* com seu próprio dinheiro e queria trocá-lo por um *Camaro*. O seu sonho era um dia ter um *Corvette Stingray* com a janela dividida com peças originais em azul-escuro. Era fanática da *Chevy*, disse ela.

Lamentou que o *Chevy Nova* não tivesse tração às quatro rodas, porque isso significava que ela não podia levá-lo para o seu lugar favorito na praia, Great Point.

– Não faz mal – dissera Box. Não lhe revelou que a visita já se tinha prolongado para além do

tempo e que ele tinha perdido o *ferry* que reservara para regressar ao continente.

– Vou levá-lo ao meu segundo lugar favorito. E podemos comer. Fiz almoço – disse ela.

O seu segundo lugar favorito era Polpis Harbor, onde estacionou num local com vista para a água cintilante e pontilhada de velas. Tirou uma cesta de vime da bagageira do carro. Tinha feito frango frito, salada de massa e tarte de morango. Entregou a Box uma salsaparrilha gelada, a coisa mais deliciosa que Box se lembrava de ter provado na vida.

Até àquele momento, Box tinha sido um solteirão convicto. Saíra com dezenas de mulheres, a maioria delas muito inteligente, algumas muito bonitas, e uma ou duas que eram ambas as coisas. Mas Box sempre imaginara o amor como uma nota musical, e até agora ninguém tinha atingido a nota certa. Mas a nota ressoou alto e bom som naquela tarde em Polpis Harbor com Dabney. Era um som doce e vibrante que quase o arrebatou. Ele, que nunca pensava nos sentimentos de ninguém, a não ser nos seus, queria conhecê-la melhor. Ela parecia no ponto ideal; ele gostava do seu nariz perfeito e sardento. Mas também sabia que devia proceder com cautela.

– Fale-me sobre a sua filha – pediu.

Na tarde de terça-feira, Box recebeu um telefonema de Ted Field.

– O teste da carraça deu negativo. Não é Lyme, nem babebiose, nem tularemia, graças a Deus. Os sintomas abrangem muita coisa e não são inconsistentes com uma doença transmitida por carraças, por isso vou prescrever-lhe um antibiótico, apenas por descargo de consciência.

– Está bem – disse Box. – Obrigado.

– O número de glóbulos brancos é elevado – disse o médico. – Ela talvez devesse ir a Boston para aprofundar isso.

– Conhece a minha mulher – disse Box. – Quais são as hipóteses de ela ir a Boston?

– Quase nulas. Eu sei porque eu próprio lho sugeri. Só não quero que nada mais grave nos passe ao lado.

– Acha que pode ser algo mais grave? – perguntou Box.

– É possível – disse Ted Field. – Ou pode ser tão simples como uma alergia ao trigo. O glúten é o novo bicho-papão.

Box desligou o telefone e olhou para o aparelho por um momento. Algo mais sério? Dabney nunca adoecia. No seu íntimo, Box acreditava que Dabney sofria de *stress*. Quem a visse trabalhar julgaria que ela dirigia uma empresa multinacional de dez mil milhões de dólares: era assim que Dabney encarava o trabalho. E depois havia o espectro do homem da bicicleta. Clendenin Hughes – ou talvez não. Talvez Box estivesse enganado.

Pegou no telefone para ligar a Dabney, na Câmara de Comércio. Não lhe ligava para o trabalho havia tanto tempo que se esquecera do número. Oh – 3543, claro. Durante muitos anos, tinha telefonado a Dabney todos os dias, para saber como estava, para perguntar sobre o tempo, para saber o resultado do jogo de hóquei em campo de Agnes, para lhe dizer que a amava. De igual forma, talvez se tivesse passado o mesmo número de anos desde que se tornara demasiado ocupado para ligar todos os dias. Tinha as aulas, os alunos, as horas de atendimento, assistentes de pós-graduação e reuniões de departamento para gerir, o seu livro para escrever e rever, artigos para criticar e

publicar, professores associados para aconselhar, mercados em ruínas na Europa para analisar e comentar (aparecia como convidado na CNBC duas ou três vezes por ano). Também recebia telefonemas do Departamento do Tesouro, o que, apesar de lisonjeiro, exigia a resolução de problemas complexos, intrincados e demorados. Queixava-se frequentemente de que precisava de mais quatro horas em cada dia. Em segredo, começou a ressentir-se de ter de viajar para Nantucket todos os fins de semana, por isso perguntara recentemente a Dabney o que ela achava de ele passar um fim de semana por mês imerso em trabalho em Cambridge.

– Oh. Acho que isso seria bom – dissera ela.

Respondera com serenidade, mas Box – embora não fosse dotado quando se tratava de ler mentes – percebeu que *não seria* bom. Ou talvez *viesses a ser* bom? Dabney era a mulher mais autossuficiente e independente que Box alguma vez conhecera e, ao longo dos anos, a sua união transformara-se num arranjo confortável. Eram como um diagrama de Venn. Ela vivia a sua vida e ele não interferia e vice-versa. O espaço onde as suas vidas se sobrepunham tinha diminuído cada vez mais ao longo dos anos. Ele partiu do princípio de que isso era normal, tal como o seu desejo sexual em declínio. O seu desejo sexual inexistente. Box considerara ir ao médico e arranjar uns comprimidos, mas parecia-lhe embaraçoso e indigno dele. Não que Dabney reclamasse. Box apercebeu-se de que ele e a mulher se tinham simplesmente acomodado no ninho confortável da meia-idade.

Nina Mobley atendeu ao primeiro toque.

– Câmara de Comércio de Nantucket.

– Olá, Nina, é o Box – disse ele. – A minha mulher está?

– Desculpe – disse Nina. – *Quem* fala?

– Fala o Box – disse ele, sentindo-se levemente irritado. Ainda que *não* telefonasse há séculos. – John Boxmiller Beech. O marido da Dabney.

– Box? – disse ela. – Está tudo bem?

– Nina – disse Box. – A minha mulher está, por favor?

Dabney veio ao telefone.

– Está tudo *bem*?

– Sim, sim – disse Box. – Recebi uma chamada do Ted Field, que me disse que passaste no teste da carraça, mas que te quer dar um antibiótico de qualquer maneira.

– Pois. Mas não vou tomá-lo. Sinto-me muito melhor.

– Se ele to receitou, é melhor tomá-lo – disse Box.

– Sinto-me muito melhor – repetiu Dabney. – Porque é que te ligou a ti? Eu é que sou a paciente. Não és meu pai. Ele não te devia ter ligado.

Box sentiu-se tentado a concordar com ela, a confidencialidade do paciente e essas coisas. Mas ele e Ted Field tinham remado juntos em Harvard há uma eternidade; eram amigos. Box perguntou-se se Ted lhe teria ligado porque realmente podia ser algo mais grave.

– Ele disse que o teu número de glóbulos brancos era elevado e que devias ir a Boston ver isso.

– Não vai acontecer – disse Dabney.

– Ou que pode ser uma alergia ao trigo. Talvez devesses parar de comer pão.

– Box – disse Dabney. – Eu sinto-me muito melhor.

Ele era casado com ela há vinte e quatro anos; sabia que ninguém lhe dizia o que fazer, mas não gostava de ser despachado.

– Não vais adivinhar quem eu vi no Desfile do Narciso quando fui à tua procura. Consegues

adivinhar?

– Quem? – perguntou Dabney.

– O Clendenin Hughes! – A alegria simulada na sua voz soou áspera até aos seus ouvidos. – Estava numa bicicleta!

Dabney riu sem soar nada divertida. Talvez pensasse que ele estava a brincar, ou talvez pensasse que estava a ser cruel.

– Tenho de ir, querido – disse Dabney. – Tenho trabalho a fazer.

Box passara um ano a cortejar Dabney antes de dormirem juntos. Ela mostrara-se entusiasmada durante a visita guiada pela ilha e o piquenique, mas, assim que ele a beijou, depois de dar a primeira dentada na tarte de morango, ela recuou.

– Desculpe, não era isto que queria? – perguntou ele.

Os olhos de Dabney encheram-se de lágrimas, o que a tornara ainda mais atraente, aqueles grandes olhos castanhos a brilhar.

– Gostava de querer – respondeu ela.

Na altura, ele não entendera o que aquilo significava. Box era economista: lidava com absolutos. Mas a resposta inescrutável de Dabney redobrou o seu ardor. Decidiu que faria o que fosse preciso para conquistar o coração de Dabney Kimball.

O que acabou por aprender foi que o coração de Dabney Kimball não estava lá. Fora saqueado por Clendenin Hughes, um rapaz que ela tinha amado desde a adolescência. Hughes era pai de Agnes, embora na altura em que soubera da existência da criança, Hughes já tivesse iniciado uma nova vida no estrangeiro. Hughes queria que Dabney fosse para a Tailândia, mas ela não podia, por causa dos limites da sua mente. Em vez disso, decidiu criar Agnes sem uma palavra ou dólar de Hughes. Dabney convenceu-se de que estaria melhor se nunca mais ouvisse falar de Clendenin Hughes. E não ouvira. Mas a questão era que Hughes tinha levado o coração terno e vivo de Dabney com ele.

Durante a maior parte daquele ano, Box passou os fins de semana em Nantucket, na Brass Lantern Inn. Pagava ao mês por um quarto com cama de casal com dossel e uma poltrona de *chintz*, onde corrigia os trabalhos dos alunos. Habitou-se ao cheiro das velas com aroma de canela e aos *scones* de *cheddar* servidos ao pequeno-almoço. A proprietária da pousada, Mrs. Annapale, descobriu que Box estava na ilha para cortejar Dabney Kimball. Mrs. Annapale conhecia Dabney desde pequena e acreditava que era uma causa perdida, não por causa de Clendenin Hughes, mas porque a mãe da jovem a tinha abandonado no quarto de um hotel de luxo quando ela tinha apenas oito anos.

«E, sabe», disse Mrs. Annapale, «as pessoas nunca ficam muito bem depois de passarem por uma coisa dessas.»

Box triunfou apenas por causa da sua persistência. Apareceu no frio de janeiro e no cinzento ventoso de março. Trouxe peónias e orquídeas em vasos para Dabney e ursos de peluche e livros de histórias para Agnes. Leu para a menina, apesar de não ter experiência com crianças. Ofereceu garrafas de *whisky single malt* ao agente Kimball e *cannoli* do North End de Boston à avó de Dabney, que depressa o autorizou a tratá-la por «avó» em vez de «Mrs. Kimball». Conquistara a filha, o pai, a avó, mas Dabney permanecia fora do seu alcance.

Depois, em junho, Box foi lecionar pela primeira vez na London School of Economics, e faltou a três fins de semana consecutivos em Nantucket. Quando finalmente voltou à Brass Lantern Inn,

encontrou Dabney à sua espera no quarto, sentada na cama de dossel.

– Pensei que nunca mais voltasses – disse ela.

Fizeram amor pela primeira vez nessa noite. Box sabia que passara muito tempo desde que Dabney estivera com um homem, e sabia que o único homem com que ela estivera fora Clendenin Hughes. Clendenin Hughes *era* sexo para Dabney e, por muito que quisesse fazê-la mudar de ideias com uma conquista rápida e irrepreensível, Box foi lento e cuidadoso. E ela não se coíbiu. Gritou de prazer e, depois, pediu-lhe para fazer tudo de novo na manhã seguinte.

Ele pediu-a em casamento a uma mesa de *scones* de *cheddar*.

Isso tinha sido vinte e cinco anos antes. John Boxmiller Beech era economista, especializado em modelos macroeconómicos, na oferta e na procura. Era o primeiro a admitir que não sabia nada sobre os mistérios do coração humano.

Nina Mobley, casada sete anos, divorciada há sete

Eu sou a prova negativa. Sou aquela que a Dabney tentou avisar. Mas dei-lhe ouvidos?

Estava a trabalhar na Câmara de Comércio como assistente da Dabney havia dois anos, quando comecei a namorar com o George Mobley. Tinha vivido em Nantucket toda a minha vida e conhecia o George desde sempre. Ele era cinco anos mais velho do que eu, mas a irmã dele apenas um, e o pai era um apanhador de marisco que também geria o mercado de peixe mais popular da ilha, do qual a minha mãe era cliente fiel. (Como todos os bons católicos, comíamos bacalhau cozido todas as sextas-feiras.) Eu conhecia os Mobley, toda a gente conhecia os Mobley, mas nunca pensei no George. Sabia que ele tinha ido para a Plymouth State, e estudara Estatística, mas depois foi para Islamorada, trabalhar num barco de pesca. Acabara como pescador, tal como o pai, mas de um tipo muito mais glamouroso – espadartes, peixe-vela, peixes que se penduravam na parede.

Então o pai do George morreu de uma forma espetacularmente trágica – foi atirado para fora da proa do barco durante uma tempestade, ficou com uma perna presa nos cabos e afogou-se. O George voltou à ilha para o funeral, a que eu assisti com a minha mãe, e foi na receção posterior que comecei a falar com ele. Decorria o gélido mês de janeiro, mas o George tinha um belo bronzeado do seu ano de pesca em águas azuis. Era uma espécie de celebridade, enquanto enlutado. Senti-me honrada por o George ter vindo falar comigo.

Nunca pedi a opinião da Dabney acerca do George Mobley, e ela não ma deu. O George passava pelo escritório nas tardes de sexta-feira e levava-me ao Clube dos Pescadores para tomarmos aperitivos. Voltara para Nantucket para cuidar da mãe e da irmã. A Dabney era sempre simpática, dizendo: «Vocês os dois ficam tão giro! Divirtam-se!»

Mas, quando o George me pediu em casamento, a Dabney mordeu as pérolas durante um longo momento, em vez de saltar para me felicitar. E eu pensei: *Ora bolas, eu sei o que isto significa.*

A Dabney passou os seis meses seguintes dando-me a entender que devia cancelar o casamento. Mas eu estava apaixonada. Disse à Dabney que não me importava com a névoa verde. Não era possível dissuadir-me de me casar com o George.

Na igreja metodista, a Dabney, que era minha dama de honor, disse enquanto me arranjava a bainha do vestido: «Nina, minha querida, vou dizer-te isto agora, enquanto ainda posso. Não acho que o George seja homem para ti. Acho que deves sair pela porta dos fundos. Na verdade, eu acompanho-te. Podemos ir ao Murray's comprar uma garrafa de rum e embebedarmo-nos. Podemos ir dançar ao Chicken Box.»

Olhei para a Dabney e ri nervosamente. Sabia que ela estava certa, e não era por a Dabney ter sido abençoada com um sexto sentido, mas porque o sentia no meu íntimo.

«Bem, agora é tarde de mais», disse eu.

O George e eu comprámos uma casa em Hooper Farm Road. No espaço de sete anos, tive cinco filhos: dois rapazes, depois uma menina e, a seguir, dois meninos gémeos. A mãe e a irmã solteira do George moravam na mesma rua, por isso pude continuar a trabalhar na Câmara de Comércio. Tinha de trabalhar – precisávamos do dinheiro e eu precisava do tempo fora de casa para manter a sanidade mental.

As coisas eram uma loucura, mas eu sentia-me muito feliz e desejosa de provar que a Dabney se enganara. A neblina verde tinha sido

uma ilusão, causada pelo preconceito da Dabney.

Mas depois as coisas correram mal com as nossas finanças. Após uma pequena investigação, descobri que o George era cliente habitual no Mohegan Sun e Foxwoods, tinha um corretor de apostas em Las Vegas e derreteria todas as nossas economias e as poupanças para a universidade dos nossos filhos. Tinha contraído um empréstimo hipotecando a nossa casa e, depois de falhar três pagamentos, o banco tirou-no-la. O George, eu e os miúdos fomos obrigados a ir morar com a mãe e a irmã dele. Durou catorze meses. Depois, arranjei um alojamento e deixei o George.

«Tinhas razão», disse eu à Dabney. «Nunca me devia ter casado com ele.»

«Tens os teus filhos», disse a Dabney.

Escondi o rosto entre as mãos.

Era inacreditável para mim que eu pudesse conhecer alguém toda a minha vida, viver com ele durante nove anos, dormir ao lado dele na mesma cama todas as noites, dar à luz os seus cinco filhos, segurar-lhe na mão durante a oração do Senhor na missa, abraçá-lo quando o nosso filho mais velho bateu a sua primeira base no basebol, acreditar em cada palavra que saía daquela boca, incluindo os motivos inventados para as viagens todos os domingos, e ainda assim não o conhecer. A única coisa que ser casada com o George Mobley me ensinou foi que as outras pessoas são um mistério. E as pessoas que mentem e guardam segredos são sempre quem menos se espera.

DABNEY

Aguentou três dias sem ceder.

Box voltou para Harvard para o final do semestre: tinha exames, cerimónias de formatura e, depois, as reuniões de turma, incluindo a quadragésima reunião da sua.

Dabney mentiu a Ted Field, a Box e a Nina, dizendo-lhes que se sentia melhor. Não se sentia melhor. Sentia-se pior. Estava exausta, não tinha apetite e sentia dores na barriga – pontadas dolorosas, bem como uma dor geral. Mas não era algo que os antibióticos pudessem curar. Fora o regresso de Clen que a contaminara.

Dabney não conseguia parar de pensar nele: Clen calçando *Chuck Taylors* como um adolescente, Clen a andar de bicicleta como um adolescente, Clen só com um braço. *Sofri uma perda muito séria...*

Dabney amara Clendenin Hughes desde os seus catorze anos, quando ele disse ao professor de Inglês, Mr. Kane, que Flannery O'Connor escrevia como uma mulher zangada e solitária. Dabney podia imaginar Clen de *jeans* e camisa de flanela, com os *Chuck Taylors* surrados, o cabelo muito comprido, as borbulhas inflamadas na testa, abanando constantemente o joelho para cima e para baixo, porque o seu corpo produzia energia que não podia ser contida. Ele estava na ilha há apenas algumas semanas na altura do seu duelo com Mr. Kane. O professor perguntara a Clen: *E como é que sabes a que soa uma mulher zangada e solitária?* E Clen respondera: *Vivo com uma.* O resto da turma rira, mas a sua resposta parecera a Dabney dolorosamente honesta. Então, e ali, ela decidiu que lhe pertencia.

Dabney era casamenteira desde o nono ano, mas o que ninguém sabia era que ela e Clen constituíam o primeiro par que ela havia juntado. No dia em que ele falou na aula de Inglês de Mr. Kane, o campo de visão de Dabney tornou-se rosado. Julgou que se passava algo de errado, possivelmente, uma enxaqueca, mas, com o decorrer dos dias, percebeu que o cor-de-rosa aparecia apenas quando se encontrava na presença de Clen e, por isso, tornou-se claro que cor-de-rosa significava que se tinha apaixonado louca e irremediavelmente. A segunda vez que viu essa cor foi à volta de Ginger O'Brien, quando esta observou Phil Bruschelli a jogar basquetebol no ginásio da escola. Ginger e Phil eram casados há vinte e nove anos. Todos os casais que Dabney juntara haviam

sido banhados por um rosa delicioso e todos permaneciam juntos – quarenta e duas uniões perfeitas.

Como podia ela ter-se enganado em relação a Clen?

Será que a magia não se aplicava a si?

Tinha começado bem. Dabney tentara ser amiga de Clen; iniciou conversas, primeiro sobre livros e, mais tarde, sobre coisas mais pessoais. Em dezembro daquele ano, um nevão inesperado caiu em Nantucket, e Dabney convidou Clen para ir andar de trenó. Ele beijou-a no topo da colina em Dead Horse Valley, e pronto. Estiveram juntos nove anos antes de Clen partir para a Tailândia – durante todo o liceu e quatro anos separados pela distância, enquanto Dabney frequentava Harvard e Clen, Yale, e depois novamente juntos em Nantucket por um ano, ambos a viver com os respetivos pais, Dabney a gerir uma loja de *T-shirts* da cidade, Clen a escrever para o *Nantucket Standard*.

Esse último ano foi difícil. Dabney sentia-se finalmente segura e satisfeita, em casa e em paz na sua ilha, mas Clen estava inquieto e irritado, ainda o rapaz cuja energia não podia ser contida.

Imaginara Dabney que o seu relacionamento duraria? Não fora capaz de imaginar a alternativa.

Mas não durou, não, de todo. Clen partira para a Tailândia, e seguiram-se vinte e sete anos de silêncio. E, no entanto, algo *tinha* durado, porque Dabney não conseguia parar de pensar nele. Era um absurdo! Estava furiosa consigo mesma. Mais ninguém a podia controlar. Ela não iria ter com Clen hoje, nem amanhã. Não iria ter com ele nunca. Mas ele sabia certamente onde ela morava. Toda a gente em Nantucket sabia que Dabney Kimball Beech vivia em Charter Street, na zona histórica. Ele podia procurá-la na lista telefónica; o seu nome estava claramente indicado. Além disso, Clen podia entrar na Câmara de Comércio sempre que quisesse.

Foi por esta razão, ou assim disse a si mesma, que Dabney saiu do trabalho na terceira tarde e conduziu até Polpis Road. Veria Clen, diria «olá» e «adeus», e sairia. Se se encontrasse com ele na rua, seria estranho, mas pelo menos o contacto inicial ficaria arrumado de uma vez por todas.

No entanto, ao aproximar-se da caixa de correio marcado com o número 432, carregou no acelerador em vez de travar e continuou a toda a velocidade. Passou por Sesachacha Pond, pelo campo do Sankaty Head Golf, pelo meio da aldeia de Sconset, até regressar a Milestone Road em direção a oeste. A capota do *Impala* estava descida e Dabney uivou para o céu aberto. Era como se tivesse vencido algum tipo de jogo ou competição. Clendenin Hughes queria vê-la! Mas ela não iria!

Naquela noite, andou às voltas na cama, sabendo que Clendenin Hughes estava na ilha, na sua própria cama. Sabia que ele estava a pensar nela.

Levantou-se várias vezes para olhar pela janela e verificar se ele estava parado na rua em frente à sua casa. Ele nunca tinha visto o seu *Impala*. Desde que partira, Dabney tinha tido três carros; ainda conduzia o *Chevy Nova*.

Passaram-se tantos anos. Dabney soubera pelos jornais, quando ele ganhara o Pulitzer, que Clen nunca se casara nem tivera outros filhos.

Pensou em tomar um comprimido para dormir. Box tinha alguns no armário de remédios, que sobraram da cirurgia ao joelho, mas Dabney permaneceu de olhos arregalados na cama. Estava demasiado impaciente para ler – nem Jane Austen a acalmaria – e não tinha apetite. Sentiu a escuridão aveludada das quatro horas da manhã mudar para o canto dos pássaros das cinco e transformar-se na primeira luz perlada das seis. Dabney desceu as escadas e fez café. Vestiu-se para uma caminhada – calças de ioga cinzentas e uma *T-shirt* carmim brasonada com um H branco. (Box mantinha-a equipada como uma esposa da universidade, embora ela tivesse ido ao *campus* apenas duas vezes desde que se formara.) Pôs uma fita no cabelo, bebeu o café em pé e atou os ténis. Saiu

para as ruas de Nantucket uma hora mais cedo do que o normal, o que não costumava fazer, mas isso apenas provava que ela não se sentia como habitualmente.

Chegou a casa às sete e quinze, cheia de energia. Comeu uma torrada de pão integral com compota de mirtilo e metade de uma banana. No dia seguinte comeria a outra metade da banana com flocos de trigo. Estava tudo bem, normal.

Foi só no duche que começou a chorar. O peso da noite em branco e o enorme fardo da situação abateram-se sobre ela. Saiu do banho, vestiu umas calças de ioga e uma *T-shirt*, e, com o cabelo ainda molhado, entrou no carro.

Ele estava sentado no alpendre da casa de campo, numa cadeira de baloiço, a fumar um cigarro, com uma arma no colo, como uma personagem de um *western* de John Wayne. A barba dava-lhe uma aparência de eremita ou de assassino em série.

Quando Dabney saiu do carro, não pareceu minimamente surpreso. Deitou o cigarro num frasco de água a seus pés, que se apagou com um silvo.

– Olá, Cupe – disse ele.

Olá, Cupe.

A voz dele. Dabney não tinha pensado no impacto que a voz dele teria em si. Receou chorar, e então percebeu que o choro era uma reação demasiado leve. Ia fazer outra coisa. Ia derreter, ou transformar-se numa estátua de sal, ou entrar em combustão espontânea. O que acontece a alguém que é colocado numa situação como esta? Box podia tentar transformar aquilo numa fórmula: se começasse com a quantidade de amor que Dabney sentira por Clen, depois pegasse no seu derivado e dividisse por vinte e sete anos, acabaria certamente apenas com uma pequena decimal de um por cento. Dabney não devia sentir nada, ou praticamente nada. Devia ser capaz de dizer *Olá, Beast* – porque na sua vida há muito tempo, tinham sido os seus nomes carinhosos privados, Cupe e Beast – e apertar a mão de Clen ou dar-lhe um abraço carinhoso por causa do seu braço e dizer *Então, como estás?*

Dabney fechou os olhos: rosa. Rosa era normalmente um motivo de comemoração. Mas não hoje.

Clen desceu os degraus do alpendre e parou diante dela, e Dabney foi transportada pelo tom dos vales verdes e do chá fraco nos seus olhos escoceses. Ele estava mais velho e maior, e inclinado para um lado, mas o som da sua voz e a beleza dos seus olhos ameaçavam fazer Dabney ceder. O amor deles tinha sido um castelo, o castelo fora reduzido a escombros, e Dabney limpava o entulho a pouco e pouco durante mais de um quarto de século, até ter a certeza de que não havia mais nada senão uma clareira estéril dentro de si.

Porquê então esta onda de sentimento, um fluxo de desejo de pura prata fundida, e um brilho dourado e cintilante do que ela temia ser amor? Havia passado tantos anos desde que sentira um amor como aquele – um amor que ela tinha conhecido apenas com Clendenin, um amor que abandonara, mas a que aspirara secretamente, rezando para que voltasse –, que mal o reconheceu.

Amor.

Não conseguia falar. Era exatamente como tinha sido quando o vira em Sconset, na bicicleta. Não conseguia respirar. Iria desmaiar outra vez? *Não* se sentia bem. O regresso de Clendenin Hughes

estava a matá-la.

– Vieste – disse ele.

A voz dele.

Ela cedeu. Soluços, lágrimas, Dabney sentiu-se em carne viva, exposta e humana. Antes de o *e-mail* chegar à caixa de entrada (assunto: *Olá*), havia meses desde que Dabney tinha chorado. Quando o cão, *Henry*, morrera. E antes disso tinham-se passado anos – lágrimas de alegria, a formatura de Agnes na escola secundária, depois na universidade.

– Ainda és tão bonita – disse Clen. – Exatamente como eu imaginava. Estás como quando ficaste no cais enquanto o meu *ferry* se afastava.

– Para com isso! – gritou Dabney. Ficou chocada com o volume e o tom da sua voz, chocada com o facto de a voz ter sequer funcionado. Mas, realmente, como se *atrevia* ele a começar por evocar o pior dia da sua vida! Ele estava na amurada do *Steamship* num dia de setembro de um azul ofuscante. Acenou a Dabney, gritando *Amo-te, Cupe! Amo-te!* Dabney fora incapaz de gritar ou acenar de volta. Ficara como um poste, muda de tristeza, medo e pesar – e raiva de si mesma, pela sua fraqueza e pelas falhas da sua mente. *Não podia ir com ele*. Sentia-se como talvez a primeira Dabney – Dabney Margaret Wright – se sentiu quando estava quase no mesmo local e viu o marido, Warren, partir no navio baleeiro *Lexington*.

Dabney Margaret Wright nunca mais voltaria a ver o marido.

Dabney Kimball tinha visto a névoa rosa com Clendenin durante tantos anos que se convencera de que os dois acabariam juntos. Mas vê-lo desaparecer em direção ao horizonte abalou a sua confiança. Pensou: *Nunca mais vou ver o Clendenin Hughes*.

No entanto, ali estava ele.

Clen esboçou um gesto para a abraçar. Ela bateu-lhe, esmurrou-o no peito – tendo cuidado com o seu braço amputado; era estranho como Dabney receava algo que não estava lá, mas Clen alcançou-a com o seu único braço forte, puxando-a para perto. Ela podia sentir o cheiro dele, ele sentiu o mesmo, e ainda era o mesmo sacana implacável. Não *desistiria* até que o mundo visse as coisas à sua maneira.

– Larga-me! – ordenou Dabney.

– Não – disse ele. – Não te vou largar. Esperei muito tempo por este momento. Não desejei nada mais nesta vida a não ser abraçar-te novamente.

– Para! – disse Dabney.

– Tem calma – disse Clen. – Podes ir embora e nunca mais voltar, mas, por favor, dá-me um momento para te abraçar e dar um beijo.

Dabney sucumbiu. Abraçou-o com força e inalou o cheiro dele e sentiu uma onda de desejo tão forte que ficou tonta e cambaleou. Sentiu a boca de Clen no risco do seu cabelo, e o calor que lhe provocava era insuportável. Ergueu o rosto para ele e, no momento a seguir, beijaram-se. Um beijo louco, imprudente, um beijo como nunca acontecera a Dabney – mas isso não era bem verdade. Aqueles beijos aconteceram apenas com Clendenin quando eram adolescentes, quando a maravilha de beijar tinha entrado pela primeira vez nas suas vidas. As suas bocas, lábios, línguas procuravam-se, famintas, sôfregas. Era esse tipo de beijo, tão velho que era novo outra vez, e com o beijo veio um desejo tão intenso que doía. Ele ficou instantaneamente duro contra a sua perna. Dabney recordou o sexo com Clen, como fora desesperado e espantoso, como parecera que a Terra se inclinava, como ela uivara com os primeiros orgasmos trémulos do seu corpo jovem, e como ele lhe tinha colocado a

mão na boca para ela morder e sufocar os gritos. Depois ele mostrava-lhe as marcas dos dentes e os dois subiam para as bicicletas e iam para a *drugstore* beber *frappés* de morango, Clen sorrindo como um tolo, Dabney docemente dorida e sensível contra o selim.

Tantas coisas que ela não se permitira recordar.

Afastou-se e ouviu um som de sucção, como um selo de vácuo a ser quebrado. O sol escondeu-se atrás das nuvens.

– Não posso – disse.

– Podes – disse ele. Estava com falta de ar. – Acabaste de o fazer.

– Isso foi... não sei o que foi.

Ele soltou uma gargalhada meio rouca. *Beast* [2](#). Ela pusera-lhe a alcunha de *Beast* por causa do seu tamanho e do cabelo escuro rebelde, dos ruídos, e da ferocidade que surgia nele quando se irritava. Quando ainda se andavam a conhecer, ele lembrava-lhe uma personagem de um conto de fadas – não exatamente um animal, mas também não exatamente humano. Chegara a Nantucket ferido da sua vida anterior, em Attleboro. O pai alcoólico bebera até à morte na mesa da cozinha. Clen era rebelde e estranho, e a pessoa mais inteligente que Dabney alguma vez tinha conhecido.

– Sou casada – disse.

– Eu não me importo – respondeu ele.

Não, claro que não se importava. Contrariava as convenções e a autoridade e *as regras* desde que Dabney o conhecia. Ela partiu do princípio de que isso ainda era assim. Ele concluíra o liceu com distinção e fora eleito orador da turma, mas escapou por pouco de ser expulso ao perder a paciência com o professor de História, Mr. Druby, devido aos pontos de vista de Malcolm X. Clen dissera palavrões na sua indignação e tinha chamado ignorante [3](#) a Mr. Druby (que Dabney pensara que soava ao nome de uma espécie de dinossauro), e fora apenas a ira subsequente da mãe de Clen, Helen Hughes (pois toda a gente, incluindo o diretor, tinha medo de Helen Hughes), que salvara Clen.

– Não quero saber se tu não te importas – disse Dabney. – Eu importo-me. O Box é um bom homem.

– O economista – escarneceu Clen.

– Sim.

Ele estudava-a. Dabney não conseguia sustentar o seu olhar; era demasiado perigoso. O tom dos vales verdes escoceses e chá fraco, os olhos mais hipnotizantes que ela tinha visto. Dabney sabia disso porque também eram os olhos de Agnes.

Oh, meu Deus, Agnes.

– Tenho de ir – disse Dabney.

– Entra – pediu ele. – Vem ver onde moro.

– Não – disse ela.

– Vem só ver – disse ele. – Depois podes ir embora. É uma melhoria em relação à barraca atrás do Lobster Trap.

A barraca onde Clen morara com a mãe, que era empregada de mesa no restaurante. Dabney perdera a virgindade naquela barraca, na época de Natal do décimo primeiro ano, enquanto Helen Hughes fora fazer compras fora da ilha.

Não concordou exatamente, mas deu por si a seguir Clen subindo os degraus até ao alpendre da casa.

– Para que é essa arma? – perguntou.

– É uma pressão de ar – disse ele. – Tenho estado a afugentar os corvos, com uma mão.

No interior, a casa era como um grande quarto de hotel de cinco estrelas, decorado com o tema de uma praia rústica. Cama grande com lençóis *Frette*, mármore de ónix cor de mel na casa de banho. Havia uma cozinha bem equipada e uma mesa de pinho comprida na qual um computador zumbia. Blocos de notas, canetas e jornais estavam espalhados, com uma meia dúzia de chávenas de café usadas. Havia também um copo alto contendo uma escassa quantidade do que Dabney sabia ser *bourbon*.

Ele disse-lhe que a casa de hóspedes e a casa principal pertenciam a uma família rica de Washington que passava em Nantucket apenas as três primeiras semanas de agosto, e depois regressava durante uma semana no feriado de Ação de Graças, altura em que Joe Biden era um convidado habitual para o jantar. A casa principal tinha seis quartos, disse Clen, uma cozinha *gourmet* e piscina. A família permitia que Clen vivesse sem pagar renda porque ele tinha ganho um Pulitzer e porque havia concordado em fazer as tarefas simples de manutenção, com que podia lidar fisicamente, durante os onze meses de pousio da grande casa. Isso basicamente significava que Clen tinha de garantir que a casa não ardia nem era assaltada. Ele tinha de se certificar de que o termóstato permanecia nos dezoito graus, para que a canalização não congelasse.

– Quero que voltes amanhã – disse ele. – Vou fazer almoço.

– Não posso voltar – disse ela.

– Podes, sim.

– Sou *casada*, Clen.

– Eu vi o teu marido, o professor, na rua em Sconset, sabes? Devia andar à tua procura.

– Sim – disse Dabney. – Eu desmaiei.

– Desmaiaste? – perguntou Clen. – Por minha causa?

– Bem, ver-te não ajudou.

– Mas vieste aqui hoje, para me ver. E, se vieste hoje, podes vir amanhã.

– Não, não posso.

– Porquê?

– Porque sim – respondeu ela.

– Porque sim, porquê?

– Podes parar? – disse ela.

– Não. Não vou parar. Voltei para Nantucket por ti. Porque não parei de te amar por um segundo.

Era a sua vez de soltar uma gargalhada rouca, mas soou como o derradeiro balido de um cordeiro prestes a ser abatido. – Não acredito em ti.

– Tive outra mulher – disse Clen. – Chamava-se Mi Linh, vietnamita, bonita.

Dabney sobressaltou-se.

– A nossa relação durou cinco anos – continuou ele. – Vivemos juntos em Hanói. No Ano Novo chinês, comprei-lhe um colar de pérolas. Ela usava as pérolas quando íamos jantar ao Hotel Metropole. Ficavam-lhe muito bem, mas eu pedi-lhe que as tirasse. Pedi-lhe para nunca mais as usar. – Tossiu, e até a sua tosse era familiar. Clen começara a fumar no dia em que chegara a New Haven. Dabney odiou-se por se agarrar a todos esses pormenores. – Ela atirou-as ao lago Hoan Kiem. Uma oferenda à tartaruga.

– Que amável – disse Dabney.

– Fiquei contente por ver as pérolas desaparecer – disse ele. – As pérolas eram tu. A Mi Linh não

eras tu e nunca seria. Terminámos algumas semanas mais tarde.

Dabney deixou as últimas palavras daquela história flutuar no ar.

– Porquê agora? – perguntou.

Ele tossiu e respirou fundo.

– O meu braço.

Ela assentiu com a cabeça.

– O que aconteceu?

– Se voltares amanhã, conto-te – disse Clen.

Ela abriu a boca para dizer *Não vou voltar amanhã*, mas não viu muito sentido em continuar a guerra verbal com ele. Virou-se para ir embora.

– Vou fazer-te engolir as palavras que disseste – avisou ele.

– Que palavras? – perguntou ela.

Um momento de silêncio. Dabney cometeu o erro de encontrar o olhar de Clen. As suas pernas ficaram fracas. Mas não. *Paciência*.

– Tu sabes que palavras são – disse ele.

E então, de repente, ela lembrou-se.

– Adeus, Clen – disse.

Dabney ligou para casa de Nina e pediu-lhe para ir ao escritório imediatamente, ainda que fossem apenas oito e meia. Do outro lado da rua, a carrinha dos jornais estava a descarregar no Hub, mas, fora isso, Main Street permanecia em silêncio.

Nina subiu as escadas pesadamente, e depois empoleirou-se na beira da sua secretária, com a expressão de alguém prestes a saltar de um prédio.

– Vais despedir-me? – perguntou.

– O quê? – disse Dabney. – Não. Credo, não. Porque pensas isso?

– Em dezoito anos, nunca me pediste para vir cedo – disse Nina.

Era verdade. Se houvesse necessidade de ir trabalhar cedo, Dabney teria sido a única a fazê-lo.

– Não te vou despedir, Nina – tranquilizou-a Dabney. – Eu nunca te despediria.

Nina aceitou o copo de café que Dabney trouxera da *drugstore*. Levantou a tampa de plástico branco e soprou. Normalmente, Dabney também lhe levava um copo com gelo, mas hoje estava tão nervosa que se tinha esquecido. Não ocorrera a Dabney que Nina também pudesse estar nervosa.

– Então o que é? – perguntou Nina. Olhou de soslaio para Dabney, como se a resposta estivesse escrita em letras pequenas na testa da amiga.

Dabney começou a andar pelo pequeno escritório. Conhecia cada centímetro de cor: a parede com as brochuras de cada um dos membros da Câmara, as pilhas enormes de guias da Câmara, as fotografias de Ram Pasture, do pôr do sol e do farol de Great Point, tiradas por Abigail Pease, o tapete oriental puído que Dabney havia resgatado da casa do pai em Prospect Street, as duas secretárias que haviam sido aproveitadas da esquadra da cidade. Ela e Nina referiam-se-lhes como as suas mesas *Dragnet* [4](#). Dabney trabalhava na velha secretária do pai; lembrava-se de se sentar nela quando era criança enquanto o pai tratava da papelada de condutores alcoolizados ou brincava com Shannon, a bonita loira que trabalhava na central de despacho. O escritório da Câmara era a sua casa, mas não lhe oferecia qualquer conforto agora.

– Nós trabalhamos juntas há tanto tempo que provavelmente achas que sabes tudo sobre mim – disse Dabney.

– Quase tudo – disse Nina.

– Quase tudo – repetiu Dabney. – No entanto, tenho a certeza de que o que te vou contar te vai chocar. – Dabney bebeu um gole de café. Diana, na *drugstore*, fazia-lhe o café perfeito – com leite, seis cubos de açúcar, duas pitadas de canela – todas as manhãs. Mas, hoje, o café também não lhe oferecia qualquer conforto.

– O quê? – perguntou Nina. – O que é que me vai chocar?

Iria Dabney realmente dizer-lhe? Aprendera a letra de «American Pie» com uma empregada de quarto irlandesa chamada May, no Park Plaza Hotel décadas antes. Cantar acalmava-lhe sempre os nervos. *Bye bye, Miss American Pie*.

– O Clendenin Hughes voltou para a ilha – disse Dabney.

Nina entornou café na parte da frente da blusa. Dabney previra aquilo. Entregou a Nina um maço de guardanapos.

– E há mais – continuou Dabney. – Fui vê-lo esta manhã. Ou seja, há muito pouco tempo.

– Oh, meu Deus, caramba, caramba, caramba – disse Nina. Demorou longos segundos a processar aquilo; Dabney observou Nina a ultrapassar o choque. – Bem... – Pausa. – A sério... – Pausa. – É claro que foste vê-lo. – Pausa. – Como poderias não o fazer?

Dabney e Nina não eram amigas quando Dabney e Clen se separaram, mas não era possível trabalhar-se com alguém durante dezoito anos e não lhe revelar todos os segredos do nosso coração.

– E tu... – disse Nina.

Drove my Chevy to the levee but the levee was dry.

– Beijei-o – sussurrou Dabney.

– Beijaste? – disse Nina. Respirou fundo usando a técnica de Lamaze, que normalmente reservava para conversas telefónicas com o ex-marido, George. – Uau. Uauuauau. Isto é uma grande notícia. É enorme. Lembras-te quando, há cinco ou seis anos, eu te perguntei...

– Claro que me lembro – interrompeu Dabney.

Se o Clendenin Hughes alguma vez regressasse a Nantucket, perguntara Nina, *o que farias?*

E Dabney respondera *Até faria o pino*.

– E agora? – perguntou Nina.

– Ele pediu-me para ir lá amanhã – respondeu Dabney. – Disse que me fazia o almoço.

– O mais provável é ele querer comer-te ao almoço – disse Nina.

– Nina!

– Acho que deves ir – disse Nina. – Não é como se estivéssemos a falar de um empregado giro da pensão. Estamos a falar do Clendenin Hughes. O teu primeiro e verdadeiro amor.

O meu único amor verdadeiro, pensou Dabney. Em seguida, odiou-se.

– Não posso fazer isso – disse. – Não o vou fazer.

– Detesto dizer-te isto, Dabney – respondeu Nina. – Mas não és a primeira pessoa na história do mundo a pensar em ter um caso. Eu quase tive.

– Não tiveste nada! – exclamou Dabney.

– Com o Jack Copper – disse Nina. – Estava no Anglers' Club uma noite, quando o George estava fora, a jogar, ainda que eu não soubesse na altura. O Jack e eu estávamos a conversar e a beber, e a beber e a conversar, e então eu disse que tinha de ir embora e ele disse que me ia acompanhar ao

carro. Deu-me um beijo de boas-noites no estacionamento e... poderíamos ter ido mais longe. Ele queria e eu também. Mas parei.

Dabney soltou um suspiro.

– Porque és uma pessoa boa e fiel.

– Sempre me arrependi – disse Nina.

– A sério? – perguntou Dabney.

– Sim – confirmou Nina. – Às vezes arrependemo-nos das coisas que fazemos, mas estão feitas e pronto. Lamentar o que não fazemos é mais difícil, porque ficam por aí... a assombrar-te. Os «e ses».

Dabney considerou aquilo por um momento. Era verdade: Clendenin Hughes assombrara-a todos aqueles anos. Não ter ido para Banguetocoque assombrava-a. O que-poderia-ter-sido assombrava-a.

– Tenho de te confessar que estou aliviada – disse Nina.

– Aliviada?

– Pensei realmente que me ias demitir. Ou dar-me uma notícia terrível, como estares a morrer.

O meu único amor verdadeiro. Dabney sentia que estava a morrer. As suas entranhas estavam num nó angustiante. Pegou nas pérolas e começou a mordê-las. Em seguida, o telefone do escritório tocou e Dabney e Nina sentaram-se às secretárias para o expediente normal do dia.

Antes de atender o telefone, Dabney disse:

– Não vais dizer uma palavra acerca disto, certo?

– Essa pergunta ofende-me – respondeu Nina.

No dia seguinte, às 11h30, Dabney recebeu um *e-mail* de Clendenin Hughes. Assunto: *Vens para o almoço?*

Dabney abriu o *e-mail*, mas não havia mais nada para ler. Apagou-o e, em seguida, limpou a pasta do lixo.

Na segunda-feira seguinte, viu a bicicleta de Clendenin em Main Street. Estava apoiada contra uma árvore mesmo na linha de visão de Dabney. Se Clen soubesse como a sua secretária estava posicionada no escritório, teria percebido que ela não podia olhar pela janela sem ver a bicicleta.

Dabney levantou-se e esticou-se.

– Importas-te que abra a janela? – perguntou a Nina.

– Está à vontade – disse Nina.

Abriu a janela de guilhotina e espreitou lá para fora para ver melhor. Era a bicicleta de Clen? Uma bicicleta prateada de dez velocidades com uma fita velha a soltar-se do guiador curvo. Uma relíquia. Definitivamente, era a bicicleta de Clen.

– Está um ar agradável – disse Nina.

– Hã? – disse Dabney.

Ele deixara-a ali de propósito, concluiu. Para a provocar.

Dabney voltou a sentar-se à secretária. Levara uma bela sanduíche de *bacon*, tomate e alface em pão português torrado para o almoço, usando os primeiros tomates de estufa da Bartlett Farm. Mas

não conseguiu comer nada. Ainda se sentia mal. Na manhã seguinte, decidiu, começaria a tomar o antibiótico que o Dr. Field lhe receitara.

- Vou tratar de alguns recados – disse.
- Recados? – perguntou Nina.
- Vou acender uma vela na igreja – disse Dabney.

Nina olhou para ela.

- O quê?
- Pelo aniversário do meu pai.
- O aniversário do teu pai foi na semana passada – observou Nina.

– Eu sei – disse Dabney. – E esqueci-me de acender uma vela. E preciso de umas linhas da retrosaria.

- Linhas? – perguntou Nina.
- A minha mala perdeu um botão – disse Dabney.
- Tu não sabes pregar botões – respondeu Nina. – Trá-lo que eu prego-o.

Dabney assinou o livro de registo, escrevendo «recados».

- Volto já – disse.

Quando saiu para a rua, Dabney foi direita à bicicleta de Clen. Ele nem sequer se tinha preocupado em pôr-lhe um cadeado; ainda vivia na Nantucket de 1987. Qualquer pessoa podia roubá-la. Dabney pensou subir para a bicicleta e levá-la.

Então percebeu quão difícil seria pôr um cadeado na bicicleta apenas com um braço e sentiu-se mal.

Olhou ao redor. Onde estava ele? Estacionara em frente à *drugstore*. Estaria no balcão dos almoços, a tomar um *frappé* de morango? Ela enfiou a cabeça pela porta.

Diana, uma deslumbrante mulher das Caraíbas, com a cabeça envolta num lenço rosa-choque, viu Dabney e acenou.

- Olá, minha senhora!

O rosa quente chamou a atenção de Dabney. Rosa rosa rosa. Mas Clen não estava ali. Dabney sentiu uma pontada de decepção.

- Olá, querida, adeus, querida, estou com pressa! – disse Dabney, acenando.

- Uma mulher ocupada! – disse Diana.

Dabney apressou-se a descer a rua até ao Hub. Clen e os seus jornais; é claro, *é claro* que ele estava no Hub. Ajeitou a fita do cabelo. O dia *estava* agradável, e ela temia estar suada. Só o passeio pela rua a deixara um pouco tonta e sem fôlego. Amanhã, os antibióticos.

Entrou no Hub, um dos seus lugares favoritos na cidade, com o cheiro a papel de jornal e rebuçados avulso. Cartões, revistas, falsos cestos de Nantucket, baldes de conchas e estrelas-do-mar, enfeites de Natal, caramelos de água salgada.

Nem sinal de Clen.

Saiu do Hub e parou na esquina. Onde estaria ele? Ela tinha sido tão forte, tinha apagado o *e-mail*, não tinha regressado a Polpis Road, não tinha cedido à tentação, mas bastara vislumbrar a bicicleta para ir no seu encalço.

E o que faria quando o encontrasse? O que diria?

Diria: *Quero que vás embora. Não há nenhuma razão para estares aqui. Disseste que voltaste por minha causa, mas a tua simples presença nesta ilha está a deixar-me... doente. Doente, Clen. Não aguento isto. Desculpa, eu percebo que vivemos num país livre, mas tens de ir embora.*

Olhou para Federal Street.

Posto dos correios? Estaria ele a enviar uma carta para o Vietname, para a bela Mi Linh?

Dabney estava com ciúmes de Mi Linh, uma mulher que tinha atirado um belo colar de pérolas para o lago de uma tartaruga. Aquela história tinha sido uma piada, certo?

Dabney dirigiu-se à igreja de Santa Maria para acender uma vela em memória do pai. O pai nunca gostara de Clendenin; achara-o presunçoso. Costumava dizer: *Esse rapaz é inteligente de mais para o seu próprio bem.*

Dabney caminhou até à rampa da igreja, segurando-se ao corrimão. Estava a suar. Um lugar onde estava certa de não encontrar Clendenin Hughes era a igreja católica.

Fresco, silencioso, calmo: o interior da igreja era um bálsamo. Dabney inseriu duas notas de dólar na caixa de esmolas e rezou pelo pai. Então, fez algo que nunca, nunca tinha feito antes: meteu mais dois dólares na caixa e rezou pela mãe.

Bye bye, Miss American Pie.

Saiu da igreja sentindo-se calma, leve e virtuosa.

Quando voltou a Main Street, não podia acreditar nos seus olhos.

A bicicleta de Clen tinha desaparecido.

Exasperante!

Naquela noite, Dabney não conseguiu pregar olho.

Na noite seguinte, não dormiu.

Na terceira noite, às duas horas da manhã, ligou a Box. O marido atendeu o telefone ao décimo primeiro toque. Qualquer pessoa no seu estado normal teria percebido que o pobre homem estaria a dormir e desligaria.

– Professor Beech – disse ele. Deve ter pensado que a chamada era de um aluno bêbedo que ganhara coragem para reclamar sobre uma nota.

– Amas-me? – perguntou Dabney.

– O quê? – disse Box. – Dabney? O que foi? O que aconteceu?

– Amas-me? – repetiu ela.

– Sim. É claro que te amo.

– Não me digas que é claro – disse Dabney. – Diz-me algo real. Diz-me o que sentes.

– Que diabo se passa contigo? Tiveste um sonho?

– Nós já não somos íntimos – disse Dabney. – Estás sempre *a trabalhar*! Já não fazemos sexo.

– Sexo? – disse Box, como se nunca tivesse ouvido a palavra antes. – Tens consciência de que eu tenho de dar os exames finais a trezentos alunos amanhã de manhã, certo?

– Não quero saber dos teus trezentos alunos! – disse Dabney. – Quero saber se me amas. Se me desejas.

Houve uma pausa. Em seguida, um suspiro.

– Sim, querida, eu amo-te. És tudo o que o meu coração deseja.

– Sou? – disse Dabney.

- Sim, Dabney. És.
 - Está bem – disse Dabney, mas não se sentiu aplacada.
 - Boa noite – disse Box.
- Dabney desligou.

De manhã, acordou exausta e ansiosa, o que não era bom, porque nesse dia ela e Nina iriam entrevistar candidatos a um emprego. Tinham dinheiro suficiente no orçamento para contratar dois assistentes de informação e pagar-lhes vinte dólares por hora para atenderem o telefone, que iria começar a tocar sem parar na quinta-feira antes do Memorial Day.

Uma das assistentes seria Celerie Truman, que trabalhara na Câmara de Comércio no verão anterior. Celerie⁵ – pronunciado como o subestimado legume – era a assistente de informações mais entusiasta que Dabney havia contratado em vinte e dois anos. Celerie fora chefe de claque na Universidade do Minnesota e tinha descoberto Nantucket através da sua colega de quarto. Era o tipo de pessoa animada que podia gritar incentivos num estádio com sessenta mil pessoas, enfiada nuns calções e num *top* com temperaturas negativas. E acabou por ser uma embaixadora magnífica de Nantucket. Alguns visitantes tinham passado pelo escritório da Câmara de Comércio apenas para conhecer Celerie em pessoa, por ela ter sido tão prestável ao telefone.

Dabney estava aliviada por ter alguém tão conhecedor e certo como Celerie de volta ao escritório. Não era necessária formação. Celerie era uma discípula do modo de Dabney fazer as coisas. No final do verão anterior, começara até a ir para o trabalho com um colar de pérolas.

Seria necessário contratar apenas mais uma pessoa. Nina tinha colocado um anúncio, e isso atraía os habituais cem candidatos. Nina, com anos de experiência, diminuía a lista de candidatos a três dos mais promissores para entrevistar.

– O primeiro tipo tem vinte e seis anos, está na Faculdade de Medicina Dentária da Penn. Começou a vir para Nantucket quando tinha dez anos. Os pais têm casa em Pocomo, por isso vai ficar alojado com eles.

– Faculdade de Medicina Dentária – disse Dabney, bocejando. A falta de sono tinha deixado umas olheiras negras e feias, e ela achava que a sua pele estava a adquirir um tom estranho. – É uma estreia. – Olhou para Nina para confirmar. – Não é? Nunca tivemos um estudante de Medicina Dentária, pois não?

– Direito, Medicina, bolsheiros de Rhodes, o tipo que estava a escrever a tese de doutoramento na Betty Ford Clinic, depois de ter estado lá três vezes, a maluca que estava a escrever um musical para a Broadway...

– A Ruthie – disse Dabney. – Trazia almoços tão malcheirosos.

Nina ergueu a mão.

– Não vamos falar sobre isso.

– Um estudante de Medicina Dentária parece-me bem – disse Dabney. – Limpo, higiénico. Não é como o tipo da Dinamarca, que nunca tomava banho.

– O Franzie – disse Nina. – Também não vamos falar sobre ele.

– Como se chama este rapaz? – perguntou Dabney.

– Riley Alsopp – disse Nina.

Dabney contratava assistentes de informação há vinte e dois anos e os seus instintos eram perfeitos; apesar dos almoços malcheirosos e odores corporais, nunca tivera de demitir ninguém. Assim que conheceu Riley Alsopp e reparou no excelente aperto de mão, ouviu o timbre agradável da sua voz e notou o seu sorriso brilhante, viu o seu cinto bordado com tubarões-martelo («Foi a minha mãe que fez») e o exemplar de *Voando sobre Um Ninho de Cucos* debaixo do braço («Decidi voltar e ler os clássicos este verão»), o humor de Dabney melhorou instantaneamente. Sabia que não havia nenhuma razão para entrevistar os outros candidatos. Quando as duas acabaram de falar com Riley, Dabney estava pronta para rumar a casa e dormir uma sesta.

Indicou a Riley Alsopp que se sentasse, ofereceu-lhe uma garrafa de água fresca, admirou-lhe o cabelo castanho abundante, os dedos afilados e os sapatos de vela gastos, e fez a primeira pergunta habitual.

– Por que razão quer trabalhar na Câmara de Comércio, Riley?

Fechou os olhos por um segundo e pensou: *Por favor, não diga: «Porque quero trabalhar na cidade.» Por favor, não diga: «Porque parece fácil.» Por favor, não diga: «Porque trabalhei como empregado de mesa no último verão no Languedoc e fui apanhado a roubar a caixa registadora.» Por favor, por favor, por favor, não diga: «Porque a Celerie Truman é minha namorada e pensámos que seria divertido trabalhar juntos.»*

Ele respirou fundo e riu um pouco.

– Acho que há apenas uma única razão. Porque adoro Nantucket.

Dabney sorriu para Nina, e Nina olhou para ela lançando-lhe um aceno de aprovação quase impercetível. Dabney sabia o que Nina estava a pensar: *Entrevistámos dezenas de candidatos juntas e só um punhado nos deu esta resposta simples e perfeita.*

– Está contratado! – exclamou Dabney.

– A sério? – disse Riley. – Só isso? Decorei uma quantidade de factos e estatísticas sobre a ilha. Não quer ouvi-los?

– Não – disse Dabney. – Confio em si. Mas tenho duas perguntas: quando pode começar e quando tem de ir embora?

– Posso começar amanhã – disse Riley. – E regresso à faculdade de Medicina Dentária a quinze de setembro, portanto posso trabalhar mais ou menos até dia doze.

– Fantástico! – disse Dabney. Era um belo bónus! A maioria dos assistentes de informação afirmava que poderia trabalhar até ao Labour Day, mas, em seguida, as avós morriam por volta do dia vinte de agosto, e Dabney e Nina ficavam a atender os telefones durante o resto do verão.

Todos concordaram que Riley começaria a trabalhar na segunda-feira seguinte, que traria dois documentos de identificação para a declaração da segurança social, e que iria conhecer Celerie.

Riley Alsopp dirigia-se à porta, quando parou junto à secretária de Dabney e pegou numa fotografia emoldurada de Agnes.

– É sua *filha*? – perguntou. – Ou, espere lá... sua irmã?

Dabney tentou não deixar que qualquer expressão triunfante lhe transparecesse no rosto. As pessoas achavam que ela e Agnes eram irmãs.

– É a minha filha Agnes.

Riley Alsopp olhou para a fotografia. Era uma imagem artística a preto e branco de Agnes no topo de Main Street, na neve. Usava um gorro e luvas de tricô branco, e o seu cabelo longo e escuro caía em cascata sobre a parca branca de esqui.

– É linda – disse Riley. – Quero dizer, *mesmo* muito bonita.

Dabney estudou Riley por um momento, e algo dentro dela se revelou.

– Obrigada – disse. Ela, é claro, considerava que Agnes era a criatura mais linda à face da Terra, mas ficava sempre surpreendida quando outras pessoas também a achavam bonita. Por vezes, sentia quase ciúmes, acreditando que só ela podia apreciar Agnes. Mas ficou satisfeita com o elogio de Riley Alsopp. Sabia que era genuíno.

– Tem namorada? – perguntou. Assim que fez a pergunta, percebeu que era inadequada e que não era absolutamente da sua conta.

– Sou livre como um pássaro – disse Riley. – As únicas duas mulheres na minha vida são a minha mãe e a minha cadela labrador cor de chocolate, a *Sadie*.

A mãe e a cadela cor de chocolate, *Sadie*? Que querido! Dabney teve de se controlar com todas as suas forças.

BOX

Permaneceu de pé no púlpito e leu em voz alta o procedimento-padrão do exame, enquanto Miranda Gilbert distribuía os exemplares azuis a uma turma nervosa e agitada de alunos de Economia. Box era terrivelmente antiquado, sabia-o; quase todos os outros exames em Harvard eram feitos através da Internet, mas Box recusara. No próximo ano, teria de capitular. No próximo ano, supôs, a empresa que fazia os exemplares azuis estaria de portas fechadas. Bocejou, mais alto do que pretendia, ao microfone. Um dos alunos na fila de trás exclamou: «Deitou-se tarde, professor Beech?»

Um riso abafado percorreu a sala. Miranda virou-se para lhe sorrir simpaticamente, e Box disse «Vocês reprovaram todos», o que despertou uma gargalhada genuína.

Não tinha sido capaz de voltar a adormecer depois do telefonema de Dabney.

Diz-me algo real, dissera ela. *Diz-me o que sentes*.

Sentira-se verdadeiramente incomodado e nada divertido. Duas horas da manhã! Teria ela estado a beber?, interrogou-se. O telefonema fora totalmente inusitado. Dabney nunca, nunca, nem uma vez em vinte e quatro anos de casamento, fizera nada parecido.

Já não somos íntimos. Não fazemos sexo. Quero saber se me amas. Se me desejas.

Normalmente, após o exame de Economia, Box levava Miranda a almoçar; era a única vez durante o semestre que o fazia. Gostava de manter a relação entre os dois profissional; era realmente a melhor opção, especialmente porque passavam muitíssimo tempo juntos. Sempre fora Miranda que tentara forjar algo semelhante a uma amizade. Ocasionalmente, persuadia Box a ir ver um filme, coisa com que ele concordava apenas quando a solidão o oprimia. Jantavam juntos com outros colegas, nunca sozinhos, à exceção daquele almoço. Box não queria que as pessoas falassem, embora

presumisse que as pessoas falassem de qualquer maneira. Miranda era uma mulher muito bonita, extremamente inteligente, e trabalhava para ele havia quatro anos, o que demonstrava lealdade, paciência e perseverança. Box reconhecia todas as suas boas qualidades sem sentir nada de romântico. A sua única amante era o trabalho, a sua reputação, a sua carreira. Mas era útil ter limites. O telefonema de Dabney incomodara-o tanto que ele decidiu que seria melhor, em última análise, não almoçar com Miranda.

– Receio que o tipo da fila trinta e cinco tivesse razão – disse Box. – Não dormi bem a noite passada. Tenho de faltar ao nosso almoço do costume. Desculpe.

– Não precisa de pedir desculpa – disse Miranda, apesar da sua voz rica e sonora ser tensa. Ferira os sentimentos dela, supôs Box. Parecia que, no que dizia respeito às mulheres da sua vida, não conseguia fazer nada direito.

DABNEY

Na manhã de quinta-feira, havia um *e-mail* de Clendenin Hughes na sua caixa de entrada.
Assunto:?

Dabney abriu a mensagem, a pensar: *?!???!!*

Dizia: Encontra-te comigo hoje às nove da noite, no cemitério *quaker*.

– Oh, meu Deus! – disse Dabney, e depois levou a mão à boca. Mais uma vez, o nome do Senhor em vão! Toda a força que sentira depois de acender as velas na segunda-feira se evaporou.

– O que foi? – perguntou Nina. Olhou de soslaio para Dabney e sussurrou: – É o Clen?

Dabney assentiu. Era um alívio ter alguém a quem contar. Manter aquilo fechado dentro de si não era saudável.

– Quer que me encontre com ele no cemitério *quaker* esta noite – disse.

– Isso é assustador – comentou Nina. – Vais?

– Não. Nem pensar – disse Dabney.

Nas noites de quinta-feira, Dabney ficava sempre em casa para ver um filme enquanto comia uma sanduíche, e nessa quinta-feira, decidiu que não seria diferente. Comprou uma sanduíche cubana da Food For Here & There, dispô-la num prato com algumas batatas fritas, preparou um copo de água gelada com limão e ligou o televisor na sala. Reparou que *Love Story* ia começar dentro de cinco minutos no TMC. *Love Story* era o filme favorito de Dabney; sempre fora o seu filme favorito, mesmo antes de ir para Harvard. Num ano, Dabney vestira-se como Jennifer Cavalleri para o Halloween, o que, basicamente, significava que usara o que normalmente usava – uma camisola vermelha de gola alta, uma fita no cabelo e pérolas, e levava um exemplar do romance em que se baseara o filme, como pista da sua identidade.

Dabney conseguia recitar o guião linha a linha: Jenny a chamar a Oliver «Queque», Oliver e Jenny na Widener Library, eles a dirigirem-se a Ipswich ao encontro do pai insensível, os jogos de hóquei e a cena no veleiro em que Jenny tem um bonito bronzado. Jenny quer ir para Paris, mas não haverá Paris. A razão pela qual ela não consegue engravidar é estar doente, ter leucemia, ir morrer.

Dabney foi rapidamente à cozinha durante um intervalo para pôr o prato na máquina de lavar loiça e ir buscar uma tablete de chocolate preto. Olhou para o relógio. Eram oito e quarenta e cinco.

Regressou à sala para assistir ao final do filme, mas não conseguia ficar confortável. Estava a tomar antibióticos havia dias, mas ainda se sentia péssima. E estava distraída. Eram oito e quarenta e oito e depois oito e cinquenta.

Ele estaria lá. Ela sabia que ele estaria lá. Costumavam encontrar-se sempre no cemitério *quaker*, na escola. *Isso é assustador*, dissera Nina. Assustador era que Agnes tivesse sido concebida no cemitério *quaker*; Dabney tinha a certeza disso.

Vestiu o casaco de meia-estação e saiu de casa. Decidiu levar o *Wagoneer* de Box em vez do *Impala*. O *Impala* era o carro mais reconhecível na ilha.

Chegou ao cemitério *quaker* poucos minutos depois das nove. Abrandou, os olhos perscrutando o canto sudeste do túmulo de Alice Booker Wright, sua tetra-avó, que tinha sido o ponto de encontro habitual.

Viu a silhueta dele – uma figura grande e escura sentada no túmulo de Alice.

Ele acenou-lhe com o braço direito.

Ela carregou no acelerador.

Conduziu pelas ruas da cidade a pensar *Volta, vai vê-lo, beijá-lo novamente*. Ah, como desejava beijá-lo novamente. Lembrou-se do cheiro da relva cortada naquele cemitério e do ruído da lama sob os pés e da borda tosca da lápide de Alice contra as costas, do sabor do pescoço de Clen, da sua voz, dos seus olhos, do joelho mexendo-se para cima e para baixo, dos pés calçados com ténis, que ele adorava, era teimoso, não deixaria de os usar, apesar da sua idade. O desejo corria nas veias de Dabney como mercúrio. *Volta para ele!*

Mas não, não o faria. Parou no caminho de acesso e correu para dentro de casa, com falta de ar. Tinha deixado o televisor ligado, e a cena final do filme estava a passar: Oliver sentado sozinho na neve.

O telefone tocou, sobressaltando-a. Seria Clen descarado o suficiente para lhe telefonar para casa? Então percebeu que o telefonema era de Agnes. A filha ligava todas as quintas-feiras às nove e meia, porque sabia que a mãe estaria em casa para a sanduíche e o filme. Graças a Deus que Dabney tinha regressado! Se não tivesse atendido, Agnes poderia ter ficado preocupada e telefonado a Box, e a seguir teria havido algumas explicações a dar.

– Querida! – disse Dabney.

– Mãe?

– Querida, estás bem? – perguntou Dabney. Atrevia-se a ter esperança de que houvesse problemas no paraíso, de que o noivado de Agnes com CJ estivesse a desfazer-se? Oh, como Dabney se alegraria interiormente!

– É o meu trabalho – disse Agnes. – Descobri ontem que não conseguimos o financiamento do National para o verão. O clube vai fechar antes do início do ano escolar. – Com estas palavras, começou a chorar.

– Oh, querida – disse Dabney. – Lamento muito.

– Eu sabia que era incerto – continuou Agnes. – Devia ter-me preparado mentalmente.

– Então o que vais fazer durante o verão todo? – perguntou Dabney. Tinha uma imagem sombria na

mente de Agnes a trabalhar como estagiária no escritório de CJ, indo buscar café e atendendo o telefone.

– Vou voltar para casa – disse Agnes.

– O quê? – exclamou Dabney. – Para Nantucket?

– Sim, Nantucket. Não odeio esse sítio tanto quanto imaginas, mãe.

– Eu não acho que o odeias – disse Dabney. No entanto, Agnes não gostava de Nantucket como Dabney. Não passava um verão em casa desde o seu primeiro ano de faculdade. Agnes tinha herdado o gosto de Clendenin pelas viagens. Fora a França e a Itália, na escola secundária, em seguida, um verão na Irlanda, depois um verão a trabalhar numa colônia de férias para crianças desfavorecidas no Bronx, o que acabara por levar ao seu emprego atual. – Pensei que quisesses ficar na cidade com o CJ.

– Ele quer que eu fique – disse ela. – Mas Manhattan é horrível no verão. Prefiro estar na praia. Posso trabalhar como monitora na Island Adventures. Já falei com o Dave Patterson. Posso planejar o casamento. E posso passar tempo contigo e com o pai.

Agnes ia voltar para casa para o verão! Dabney sentiu-se estonteada.

– O CJ anda muito ocupado – disse Agnes. – Tem de negociar contratos antes do início dos treinos dos seus jogadores de futebol, e um dos clientes dos Yankees, não te posso dizer quem, está em processo de ser negociado para San Diego. Mas estou tentada a convencê-lo a ir nos fins de semana, nos que puder.

– Fins de semana – repetiu Dabney. Ela passaria os preciosos fins de semana de verão com CJ? Quando fechou os olhos, viu uma densa névoa verde-azeitona. Agnes vir para casa fora a melhor surpresa que Dabney poderia ter esperado. Podia salvar Agnes. E Agnes, muito possivelmente, podia salvar Dabney.

CLENDENIN

Ele não podia cortar um bife, não podia apertar os sapatos e não podia abotoar os punhos da camisa. Um carrinho de supermercado estava bem, mas não uma cesta de supermercado. Frascos de comprimidos à prova de criança eram para esquecer. Cortar um tomate era difícil, mas não impossível; ainda não tinha tentado descascar milho. Bater um texto ao computador era um processo lento e árduo, por isso agora escrevia tudo à mão e depois lia para um programa especial que tinha no computador. Era difícil dobrar a roupa e abrir uma garrafa de vinho.

Conseguia fazer a barba, mas sempre o tinha detestado, portanto deixara a barba crescer durante quatro meses, duas semanas e três dias – o espaço de tempo que tinha passado desde que perdera o braço.

Transações como pagar ao rapaz da entrega de *pizzas* usando a carteira e, em seguida, aceitar a caixa quente eram uma dança complicada que deixava Clen frustrado e o rapaz, envergonhado. Perdera o braço esquerdo, por isso apertar a mão de alguém ainda era fácil.

Provavelmente não deveria pegar num bebé ao colo, mas não havia bebés na sua vida.

Conseguia partir um ovo, virar uma omelete, andar de bicicleta e nadar. E podia fumar, graças à invenção do isqueiro. Acender um fósforo era um truque do passado.

Normalmente, quando o crepúsculo chegava, o que acontecia cada vez mais tarde à medida que junho se aproximava, Clen encontrava-se no alpendre e fazia pontaria aos corvos com a espingarda de pressão de ar – estava a ficar muito bom nisso – e, em seguida, fumava um cigarro e atirava a ponta para dentro de um frasco de maionese com água, a seus pés. Era um péssimo hábito que adquirira no estrangeiro; fora impossível viver em Banguécoque, Hanói e mais tarde ainda em Siem Reap, e não fumar. Pensara que deixaria de fumar quando voltasse, mas já tinha desistido de tanta coisa que não podia desistir dos cigarros.

À hora das refeições fazia qualquer coisa para comer (uma omelete, arroz frito), ou mandava vir, daí o relacionamento estranho com o rapaz da entrega de *pizzas*, embora Benny agora o conhecesse.

E, então, quando estava totalmente escuro, Clen entrava no carro deixado à sua disposição – tinha obtido uma carta de condução especial, válida desde que usasse a prótese, coisa que nunca fazia – e conduzia até à cidade, passando pela casa de Charter Street onde Dabney vivia.

Se tivesse contado a alguém que fazia aquilo, teriam pensado que ele era um perseguidor, um tipo sinistro, um homem irremediavelmente atolado no passado. Ele não se sentia nenhuma dessas coisas. Passava pela casa de Dabney porque gostava de ver as luzes acesas e pensar nela lá dentro a fazer uma salada ou a colocar flores frescas numa jarra, ou a ler Jane Austen na cama.

Sabia que ela era casada. Sabia que não havia quase nenhuma hipótese de que deixasse o economista só porque Clen decidira voltar. Mas amava-a de uma maneira que não podia ser ignorada, e, assim, estava determinado a tentar. O beijo na frente da sua casa tinha sido o beijo de uma vida. Se ele não conseguisse mais nada, ficaria feliz com isso.

Em cada sonho que tivera desde que regressara a Nantucket, tinha os dois braços. Fora por causa de Dabney. Ela devolvera-o ao seu ser completo.

Clen havia descoberto sobre o bebé numa carta de Dabney, escrita em papel fino, de um azul-claro semelhante aos envelopes de correio aéreo, idêntica na aparência às três cartas que Dabney havia mandado e que precederam a chegada de Clen a Banguécoque, aquelas que diziam quanto ela o amava e sentia a falta dele. A carta sobre a gravidez chegara às mãos de Clen depois de ele regressar a Banguécoque, no fim de uma missão esgotante de três semanas em Pattaya, que era o lugar mais perturbador, esquecido e sem alma que Clen poderia imaginar que existia. Estava no estrangeiro havia pouco menos de dois meses, tempo suficiente para ter percebido como as coisas funcionavam, mas também para elas não terem perdido o encanto.

Eu não sei como dizer isto, havia escrito Dabney. *Por isso aqui vai: estou grávida.*

E mais à frente na carta: *Não quero nada de ti. Pensei em interromper a gravidez, mas não sou capaz. Devo ter o bebé em maio.*

Maio, pensou ele. O que significava que Dabney engravidara em agosto, poucas semanas antes de ele partir. Naqueles últimos dias tinham feito sexo frequente, intenso e urgente e Clen nem sempre tinha usado preservativo. Uma determinada noite no cemitério *quaker* veio-lhe à mente.

A despedida fora mais simples do que ele imaginara. Quando a oferta de emprego para a redação do *New York Times* no Sudeste Asiático chegara, ele tinha pensado que Dabney se iria... passar, chorar, gritar, pedir para ele não ir, ameaçar com suicídio ou assassinio. Mas ela resignara-se, sentindo-se até feliz por ele. Sorriu e disse: *Estou tão orgulhosa de ti. Tens de aceitar, Clen. É a oportunidade de uma vida.* Mostrara-se tão razoável acerca do assunto que ele tinha pensado,

momentaneamente, que ela decidira acompanhá-lo.

Não, disse ela. Eu vou ficar aqui.

Então, o que estás a dizer é que vamos acabar?

Nós fomos feitos um para o outro. Aconteça o que acontecer, vamos acabar por ficar juntos, disse ela.

E acreditas mesmo nisso?, perguntou ele.

Vamos esperar, disse ela. E ver o que acontece.

Era a coisa mais adulta a dizer, mas ele não deixou de se sentir magoado. Foi ainda mais estranho porque fora *ele* a ir embora. Ambos com cursos das melhores universidades, haviam passado o ano anterior em empregos em Nantucket que estavam abaixo das suas capacidades. Clen ansiava ir para um lugar maior, mais importante, um lugar onde as notícias realmente aconteciam. Pensava em Nova Iorque. A relação com Dabney teria sido possível a partir de Nova Iorque – voltaria aos fins de semana ou a cada dois fins de semana. Mas Banguécoque?

Ele acenara-lhe do *Steamship*, gritando o seu nome e dizendo que a amava até deixar de a ver. Em seguida, vomitara pela borda do barco.

Ao receber a carta de Dabney, Clen pedira um adiantamento de mil dólares sobre o futuro salário e comprara-lhe um bilhete de avião. Ligou-lhe de uma sala sufocante da Western Union, acreditando que, agora que estava grávida, Dabney teria de vir ter com ele. Estava muito mais animado com a perspectiva de ver Dabney do que com a de ter um bebé. O que significava aquilo, *ter um bebé*? Não tinha a certeza, mas *não* esperara que Dabney dissesse *Eu não vou para aí. Vou ter o bebé sozinha.*

O quê?, perguntou ele.

É a única forma de sobreviver a isto, disse ela.

Ele não entendia. *O quê?* Estava a gritar, apesar de a fila de australianos de mochila às costas atrás dele ouvir cada palavra sua.

É, se me prometeres não voltares a entrar em contacto comigo. A frio. Nunca mais entres em contacto comigo. Por favor, respeita a minha vontade. Por favor.

Podemos conseguir que isto funcione aqui, disse ele. *Vou alugar uma casa maior e contratar uma mulher para te ajudar com o bebé!*

Clen, disse ela. Por favor.

Por favor o quê? Ele estava capaz de arrancar o cabelo de frustração. *Vem, Cupe. Comprei-te um bilhete de avião.*

Não posso!, disse ela. *Não sei se percebes, ou se alguma vez percebeste. Eu não posso fazê-lo, estou com muito medo, e medo não é sequer a palavra certa.* Clen ouvia-a respirar; percebia que ela estava a tentar não chorar. *Lamento, Clen. Eu simplesmente não posso.*

Está bem, disse ele. OK. Ganhaste. Ganhaste, Dabney! Vou deixar o emprego. Vou voltar para casa.

Não, disse ela. Nem pensar nisso.

O quê?, disse ele.

Achas que eu quero que acabes como a minha mãe? Se voltares a viver aqui em Nantucket, terás uma vida pequena, muito menos interessante do que a vida que vais ter no estrangeiro. E vais odiar-me, e vais ressentir-te do nosso filho, e vais desaparecer a meio da noite, e eu nunca mais te

vou ver. Ela fez uma pausa. Não, continuou. Nem pensar. Eu não quero que voltes para casa.

Eu não vou fazer isso. Tu sabes que eu não vou fazer isso.

O que sei, disse Dabney, é que não vais ser feliz aqui, a escrever para o Nantucket Standard. Tu és muito talentoso. És um génio de cem anos, tal como Mr. Kane costumava dizer. É preciso encarar os factos.

Que factos? Estás grávida do meu filho.

Não vai dar certo. Não vai funcionar!

Pensei que tinhas dito que fomos feitos um para o outro, que estávamos destinados a acabar juntos!

Bem, enganei-me, disse Dabney. Enganei-me, terrivelmente, horrivelmente. Acertei em todos os outros, mas errei connosco. Há apenas uma solução, uma maneira de eu sobreviver, e é se me deixares em paz. Por favor, deixa-me em paz.

Eu não te posso deixar em paz, disse ele. Eu amo-te!

Silêncio.

O quê? Saio daí e, de repente, já não me amas?, perguntou ele.

Ela disse algo demasiado baixo para ele ouvir. Clen imaginou as palavras dela como gotas de chuva a caírem algures no Sul do Pacífico.

Não percebi, disse ele.

Não, disse Dabney de repente.

Houve uma tosse sugestiva de um dos australianos na fila e Clen acenou com a mão desesperada sobre a cabeça, como se dissesse *Estou a afogar-me aqui, amigo. Por favor, deixa-me tentar salvar-me.* Aquela era a conversa da sua vida, percebia isso. Também sabia que poderia acabar por custar tanto quanto o bilhete de avião que tinha acabado de comprar.

Diz-me que não me amas, continuou.

Não te amo.

Estás a mentir, disse ele. Sabes isso tão bem como eu. Estás a mentir, Cupe.

Vais encontrar alguém, disse ela. E eu também.

Como qualquer pessoa que já se apaixonou imagina, aquelas palavras desfizeram-no em pedaços, como se tivesse pisado uma mina terrestre, ou uma armadilha deixada por guerrilheiros. Fora a pior dor que alguma vez tinha sentido. Pior do que ser agredido pelo pai bêbedo, pior do que acordar e encontrar o pai morto na mesa da cozinha e depois ter de bater à porta do quarto da mãe e dar-lhe a notícia.

OK, disse. Muito bem. A frio. Nem mais uma palavra. Entendes isso, Cupe? Nem mais uma palavra.

Ele ia desmascará-la, ou assim pensava.

A única forma de eu sobreviver é com uma rutura, disse ela. Por favor, respeita a minha vontade e deixa-me, e a esta criança, em paz. Por favor, por favor, faz-me o favor de nunca mais entrar em contacto comigo.

Dabney.

Silêncio.

Dabney!

Ele pensou que ela desligaria, mas ainda ouvia a sua respiração.

Está bem, concordou.

Silêncio.

Se é isso que queres, disse.

Silêncio.

Todos nós fazemos escolhas, disse Clen.

*

Ele sempre fora mais inteligente do que todos os outros, e pensou que isso poderia ajudá-lo, mas, naquele caso, não tinha importância. Possivelmente, tornava as coisas piores. As engrenagens da sua mente que ele supunha perfeitamente calibradas foram lançadas praticamente em marcha à ré, de modo que qualquer coisa que tentasse fazer – localizar uma fonte em Surat Thani, ou ligar a mota, ou cozinhar arroz – acabava num desastre.

Em maio, soube que Dabney havia dado à luz uma menina e lhe chamara Agnes Bernadette, em homenagem à sua avó. Perdera a conta ao número de vezes – quando viajava na fedorenta e abafada carruagem de terceira classe de um comboio, ou mergulhara nas plantações de arroz, ou vagueara pelos mercados à procura de mangas maduras, oferecidas apenas por raparigas adolescentes – que o nome tinha ressoado na sua cabeça como um sino de carrilhão.

Agnes Bernadette.

Clen tinha tido notícias de Agnes apenas uma vez, logo após o décimo sexto aniversário da filha. Dabney finalmente contara a Agnes sobre o seu verdadeiro pai e Agnes, sem o conhecimento de Dabney, tinha enviado uma carta a Clen ao cuidado do *New York Times*. A carta fora-lhe reencaminhada, pois na altura viva em Hanói, num bom apartamento no Bairro Francês. Acabara de ganhar o Pulitzer e tinham-lhe oferecido um contrato de edição; pela primeira e única vez na vida, possuía dinheiro e finalmente falara-se na sua transferência para a redação de Singapura, que se tornara a sua única aspiração profissional. Clen e a namorada, Mi Linh, bebiam muito champanhe e jantavam duas vezes por semana no Hotel Metropole. Passavam os fins de semana numa estância nas montanhas frescas de Sapa; Clen alugava um barco de junco e navegavam pelas águas esmeralda da Baía de Halong.

A carta de Agnes era simples: já sabia que Clendenin era o seu verdadeiro pai e queria conhecê-lo; a mãe, no entanto, nunca poderia descobrir. Agnes estava a passar o verão em França. Poderia Clendenin ir encontrar-se com ela?

Clen tinha matutado na sua resposta durante tanto tempo quanto conseguiu. A pior coisa, percebeu, seria não responder. Queria muito comprar um bilhete para Paris e ir ao encontro de Agnes. A ideia era digna de um filme. Compreendeu pelo tom da carta que Agnes não precisava dele como pai; tinha o economista para isso. No entanto, requeria uma ligação. A menina tinha dezasseis anos, estava prestes a tornar-se mulher, tentando desenvolver uma imagem de si própria, e queria restabelecer o elo perdido. Que era ele.

O que Clen não conseguia engolir era o encontro ter lugar sem o conhecimento de Dabney. Presumiu que, passados dezassete anos, Dabney se tivesse apaziguado de paz com a sua ausência. Casara-se, geria a Câmara de Comércio e tinha, presumia ele, uma vida feliz. Se se encontrasse com Agnes em Paris em segredo e Dabney descobrisse... bem, não era um risco que Clendenin pudesse correr.

Respondera a Agnes e tentara explicar tudo isso. A carta que enviou tinha dez páginas. Era uma espécie de expiação, porque, passados tantos anos, veio a compreender que Dabney ter-lhe dito que não o amava fora o derradeiro ato de amor. Ela não queria que ele considerasse sequer voltar para casa, porque sabia que ele viveria infeliz e insatisfeito. *Não ter voltado para a tua mãe e, dadas as circunstâncias, para ti é a grande vergonha da minha vida. Não tenho nenhuma outra desculpa a não ser que era jovem e egoísta, e acreditei estar destinado a grandes coisas. Desde que deixei Nantucket, tenho visto coisas sublimes e terríveis, e tentei descobrir verdades e trazer luz e sentido a esta parte muitas vezes incompreendida do mundo. Mas, embora nunca te tenha conhecido, sempre estive ciente de que a minha maior realização é ter sido pai de uma criança. Tu.*

Clen esperara e temera uma resposta em igual medida. Se ele e Agnes comesçassem a corresponder-se em segredo, Dabney também se sentiria devastada. Não havia nenhuma boa maneira de um relacionamento entre eles avançar, e ainda assim ele queria-o. Ele queria-o.

Mas era um ponto discutível. Agnes nunca escreveu de volta.

Não conseguia apanhar um peixe, nem cavar uma sepultura, nem mudar um pneu. Não conseguia baralhar cartas ou dar uma mão de póquer. Nunca seria capaz de ajudar Dabney a apertar as suas pérolas. Esta última coisa incomodou Clen mais do que ele imaginara.

Mas não estava desanimado, ainda. Tinha o beijo, que redobrava a sua determinação. Continuaría a tentar. Ia fazer Dabney engolir aquelas palavras e admitir que nunca quisera dizê-las.

Casal n.º 40: Tammy Block e Flynn Sheehan, casados há três anos

Tammy: *Eu sou o par de que a Dabney não gosta de falar.*

Todos nós gostaríamos que as nossas vidas fossem agradáveis e ordenadas. Escola secundária, faculdade, casamento, filhos, trabalho, igreja, comunidade, férias de duas semanas em Aruba ou na Toscana e, depois, ver os nossos filhos e, depois, os filhos dos nossos filhos seguir o exemplo. Algumas pessoas têm uma vida assim e outras não.

Abandonei a Fairleigh Dickinson University (todos nós lhe chamávamos «Razoavelmente Ridícula»⁶) – ou melhor, reprovei ao fim de três semestres. Simplesmente não conseguia lidar com o estudo, adormecia, além disso bebia todas as noites e fumava muita erva. Casei-me com um tipo que conheci num bar de motoqueiros, um tipo que mal conhecia. Fomos para Atlantic City e casámo-nos, depois mudámo-nos para Rhode Island, porque o meu marido ia trabalhar como cozinheiro para um amigo que ia abrir um restaurante de peixe. Fiquei grávida, tive um filho e, um ano mais tarde, outro. O meu marido trocou-me por uma das empregadas de mesa do restaurante de peixe e, em seguida, os dois fugiram e eu nunca vi um único cheque de pensão de alimentos.

Precisava de uma maneira de ganhar a vida e ser mãe a tempo inteiro – naquele momento, era qualificada para ser prostituta ou trabalhar em bombas de gasolina – e, vendo que ambas as opções eram horríveis, decidi tirar a licença de vendedora imobiliária.

Tinha talento para a venda de casas, e a minha arma secreta era o que me serviu bem toda a vida – a apatia. Quer ficar com a casa? Ótimo. Não quer ficar com a casa? Alguém ficará.

Aterrei em Nantucket há dez anos da mesma maneira que muitas pessoas aterram aqui, suponho – vim para um período de férias e decidi que nunca mais queria ir embora. Vendi a minha casa vitoriana em Prospect Street, em Providence, por um preço três vezes superior ao que me custou, depusitei o lucro e arrendei uma bonita casa a três quartos em School Street. (Uma casa a três quartos significava duas janelas à direita da porta da frente e uma janela à esquerda. Era doida por terminologia arquitetónica.)

A Dabney Kimball Beech morava a um quarteirão, em Charter Street. Costumava vê-la caminhar todos os dias, e devo dizer que não me parecia alguém que eu gostasse de ter como amiga. Era a fita na cabeça, acho, e as pérolas. Quem usava pérolas às sete horas da manhã para ir caminhar? Rapidamente fiquei a saber que a Dabney dirigia a Câmara de Comércio e era muito estimada na ilha. Quando fui a uma entrevista para uma vaga de agente-associada na imobiliária Congdon & Coleman e mencionei que morava em School Street, o homem que me entrevistou disse: «Oh, é vizinha da Dabney Kimball.»

«Sim», disse eu.

«Se Nantucket elegeisse um presidente, ela venceria estrondosamente», disse ele.

Decidi que seria prudente, como nova agente imobiliária na cidade, conhecer a Dabney Kimball, por isso planeei a rega do meu canteiro de flores da frente às sete da manhã, a hora a que ela passava.

Pensei que me pudesse ignorar, mas parou e, literalmente, sorriu para mim. E essa foi a minha apresentação à magia da Dabney Kimball Beech.

«Ora viva! Acabou de se mudar há poucas semanas! Estava desejosa de a conhecer. Chamo-me Dabney», disse ela.

«Tammy Block», respondi. Demos um aperto de mão.

«Você é a nova agente imobiliária na Congdon & Coleman», disse ela.

Eu só tinha o emprego havia doze horas. Como poderia ela saber?

«Sim, é verdade.»

«E vi os meninos à espera na paragem de autocarro. São tão bonitos», disse ela.

Eu sorri com orgulho, porque ninguém resiste a elogios feitos aos filhos. Mas depois fiquei desconfiada. Aquilo era, provavelmente, apenas da boca para fora.

«Hoje é terça-feira. Estou sozinha esta noite. Venha tomar um pouco de vinho, está bem?», convidou a Dabney.

Eu queria ir para «tomar um pouco de vinho». Bebemos duas garrafas, juntamente com um prato de amêndoas fumadas, um ótimo queijo francês e bolachas e marmelada, que eu nunca tinha provado ou sequer ouvido falar antes, mas que era deliciosa. As coisas eram assim em casa da Dabney – refinadas, agradáveis e ecléticas, mas não complicadas. Ela fez-me sentir completamente à vontade, mesmo depois de eu saber que o marido era um famoso economista que lecionava em Harvard e que a própria Dabney também tinha frequentado Harvard. Normalmente, quando me encontrava na presença de pessoas instruídas, sentia-me envergonhada com os meus patéticos três semestres na Razoavelmente Ridícula, mas não me senti assim na presença da Dabney.

Perguntou-me se eu era casada. *Divorciada há muito*, respondi.

Com um brilho nos olhos, disse-me que era uma espécie de casamenteira. Quarenta e dois casais a seu crédito, e todos eles ainda estavam juntos.

Eu ri-me e disse: «Oh, meu Deus, nem sequer tente. Não preciso de marido, nem de namorado. O que preciso é de um canalizador para arranjar a sanita da casa de banho dos rapazes. Não para de verter água.»

No dia seguinte, Flynn Sheehan estava no topo da minha escada. Prendi a respiração. Ele tinha os olhos azuis mais impressionantes que eu alguma vez vira.

«A Dabney Kimball mandou-me», disse ele.

Pensei: *Ela enviou-me um marido*. E ena, acertou em cheio. Olhar para o Flynn Sheehan bastou para me provocar nervoso miudinho.

«Precisa que lhe arranje uma sanita, não é?», acrescentou ele.

Eu ri-me e, em seguida, apresentei-me e convidei o Flynn Sheehan a entrar. Fiquei contente por ter acabado de chegar do trabalho e ainda estar de vestido, saltos altos e maquilhagem. Acompanhei o Flynn Sheehan ao andar de cima.

«Há quanto tempo alugou a casa dos Reilly?», perguntou ele.

«Três semanas», respondi.

«Eu praticamente cresci nesta casa. O Kevin Reilly era o meu melhor amigo. Morreu no Iraque em noventa e um», disse ele.

«Oh, meu Deus», respondi. «Lamento muito.»

«Foi por isso que vim tão depressa. Os pais do Kevin não são exatamente conhecidos pela manutenção que fazem a esta casa...»

«Oh», disse eu. «É uma boa casa. É encantadora. Gosto de tudo nela, exceto da sanita que verte.»

O Flynn parou no topo da escada. Estava a olhar para as marcas feitas no batente da porta, marcas de lápis e iniciais em que eu não tinha reparado.

Apontou para uma marca perto da sua cintura.

«Esta é do Kevin, com cinco anos, e a minha, também com cinco. O Kev aos dez, aos doze, eu aos treze, o Kev aos quinze.»

Estudei as marcas: FS 10/2/77. KR 29/8/83.

O Flynn apontou para a marca mais alta, perto da sua altura atual.

«Esta foi a última vez que fizemos isto, mesmo antes de ele partir. Ganhou por uns centímetros.»

Olhei para onde o Flynn apontou. FS 30/3/91. KR 30/3/91.

O Flynn pestanejou.

«Ele era como um irmão para mim.»

Eu não sabia o que dizer, mas senti o coração a fazer coisas estranhas, coisas que não fazia há muito tempo.

Então, reparei na aliança dele e pensei: *A história da minha vida*.

O Flynn arranjou a sanita em trinta segundos e, quando tentei pagar-lhe, recusou receber. Era o homem mais atraente que eu tinha visto em anos e tinha-me mostrado a parte mais sensível do seu coração ao fim de três minutos de me conhecer. Mas era casado.

Na porta, entregou-me o seu cartão. FLYNN SHEEHAN CANALIZAÇÕES. A morada era um apartado. Dei por mim a querer saber onde ele morava. Gostaria de passar de carro pela casa e tentar apanhar um vislumbre da sua bonita mulher.

«Se precisar de alguma coisa, e quero dizer qualquer coisa, mesmo se não for de canalização, quero que me ligue», disse ele.

Senti-me corar. Perguntei-me o que queria ele dizer com aquilo.

Então o Flynn disse: «Os Reilly são a minha gente. Se surgir algum problema na casa, eles querem que eu o resolva.»

Acenei com a cabeça. «Está bem.»

O Flynn desceu as escadas e dirigiu-se à carrinha, a assobiar.

«Adeus!», disse eu. «Obrigada!»

Um dia depois, quando vi a Dabney, ela perguntou: «Então, já conheceu o Flynn?»

«Sim», disse eu. «Obrigada por o ter mandado.»

A Dabney olhou para mim. Tinha olhos castanho-escuros, mas pareciam luzir com faíscas de ouro, às vezes.

«Então o que achou?»

«Arranjou a sanita em meio minuto. Provavelmente poderia ter feito aquilo sozinha, se me tivesse dado ao trabalho de tentar.»

«Não», disse ela. «Quero dizer, o que achou do Flynn?»

«É um tipo simpático», respondi.

«Está corada», disse ela. Desatou aos pulinhos como uma criança, e estalou os dedos. «Eu sabia! Eu sabia! Está corada!»

«Corada?», perguntei.

«Gostou dele.»

«Dabney», disse eu. «Ele é casado.»

O rosto da Dabney desanimou-se e eu senti-me como se lhe tivesse deitado o gelado ao chão.

«Sim», respondeu ela. «Eu sei.»

Aprendi rapidamente uma coisa sobre Nantucket. Apesar de ser uma ilha pequena, podemos passar meses sem ver ninguém. Estive seis meses sem ver o Flynn Sheehan. Na verdade, passaram-se dias e semanas em que não pensei nele. E depois começou a surgir nos meus pensamentos – a maioria das vezes, quando subia as escadas e via as marcas de lápis no batente da porta – e desejava e rezava para que a torneira da cozinha avariasse, ou a luz do frigorífico se fundisse.

Então, uma noite entrei no American Seasons para beber um copo comemorativo. Tinha acabado de vender a minha primeira casa, uma remodelação em Pilgrim Road, avaliada em 1,2 milhões de dólares. O outro agente teve de regressar a casa para junto da família, mas os meus filhos estavam no treino de futebol até às sete, por isso dispunha de algumas horas livres. Pensei que não haveria ninguém no bar do American Seasons às cinco da tarde, mas enganei-me. Quando entrei, o Flynn Sheehan estava lá sentado sozinho, com uma cerveja.

«Flynn, olá! Sou a Tammy Block, aluguei a...», disse.

«Casa Reilly», disse ele. Esboçou uma espécie de meio sorriso e eu pensei que o meu coração ia parar. «Como se alguma vez me fosse esquecer de si.»

Alonguei-me de mais, e a partir daqui a história dá uma volta para pior. Havia pessoas que tinham vidas agradáveis e organizadas, e outras cuja vida era desorganizada e moralmente ambígua. Eu era do último tipo. O Flynn e eu tivemos um caso? Sim. É doloroso e envergonha-me confessá-lo. Iria a Amy Sheehan – que era, na opinião objetiva de todos, uma mulher miserável – descobrir o caso ao vasculhar os registos do telemóvel do Flynn e espalhar a notícia da minha libertinagem e deboche por toda a ilha? Sim. Estava eu pronta para embalar as minhas coisas, pegar nos miúdos e sair da ilha? Sim.

Houve apenas duas razões para não o ter feito. Uma delas foi: amava o Flynn Sheehan com cada fibra do meu ser. Depois de a Amy manchar os nossos nomes como sangue por todas as ruas da cidade, ele teve de fazer uma escolha difícil. Podia tentar remediar o seu casamento e salvar a família, ou podia sair de casa. Ligou-me às onze da noite em que tudo se soube e disse: «Deixei-a, Tammy. Amo-te.»

A outra razão pela qual não abandonei Nantucket foi a Dabney Kimball Beech. Assim que soube da notícia, bateu à minha porta. Eu ignorei-a. Não queria ouvir o sermão dela. Certamente qualquer pessoa com uma vida tão perfeita como a Dabney nunca entenderia o adultério – embora, tecnicamente, ela fosse a pessoa que me tinha juntado ao Flynn.

Como não atendi a porta da frente, bateu à porta das traseiras. Como não atendi a porta das traseiras, começou a bater-me nas janelas. Tive de me esconder no quarto de vestir, onde ela não me podia ver. Mas a Dabney foi implacável, e finalmente desisti. Abri-lhe a porta de trás e esperei que o sermão comesse.

Ela abraçou-me. Depois, sentou-se à mesa da cozinha. Disse: «Vou segurar-lhe na mão até que pare de chorar.»

Chorei durante um bom bocado. Chorei e chorei. Quando finalmente parei para assoar o nariz, disse: «Porque é que o mandou ir ter comigo quando sabia que ele era casado?»

«Porque», disse a Dabney, «vocês os dois são uma combinação perfeita. Estão destinados a ficar juntos.»

A Dabney estava certa. O Flynn divorciou-se da Amy e casou-se comigo na praia em Madaket apenas com os nossos filhos, a Dabney e o John Boxmiller Beech como convidados. Ainda há pessoas nesta ilha que não falam comigo, que me evitam no supermercado, que não me recomendam para uma venda nem que eu fosse a última agente imobiliária em Nantucket. Mas tenho a Dabney, e ela não é a pessoa que aparenta ser.

É muito mais do que isso.

Estava doida de entusiasmo. O *Prius* de Agnes devia chegar no *ferry* das cinco. Não era apenas uma visita de fim de semana; não eram alguns dias no Natal. Ela ia realmente ficar o verão *inteiro*!

Infelizmente, Box não apanharia Agnes por uma questão de horas. Passara o fim de semana em Nantucket, mas naquela manhã Dabney levava-o ao aeroporto. Voltava para Boston nessa noite e voaria para Londres durante a manhã seguinte. Estaria fora duas semanas.

– Sinto que nunca nos vemos – disse Dabney.

– É a vida que levamos – disse Box.

Dabney agarrou-se firmemente a Box, que pareceu resistir, e quando levantou o rosto, ele beijou-a na ponta do nariz como se ela fosse uma criança.

– Por favor, chega de histrionismo – disse o marido. – Não combina contigo.

– Histrionismo – disse Dabney. – Isso soa a uma nova cadeira ultramoderna em Harvard.

– Referia-me ao telefonema a meio da noite, na semana passada – disse ele.

– Eu sei a que te referias – respondeu ela. – Estava a tentar divertir-te.

– Acordar-me a meio da noite para me fazer perguntas cujas respostas já sabes não é divertido.

– Desculpa – disse Dabney, embora já tivesse pedido desculpa três vezes durante o fim de semana.

Ele deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Tenho de ir – disse.

Agarrou na alça da bagagem de mão e caminhou em direção à porta de embarque.

– Amo-te, querido! – gritou ela atrás dele, mas aquilo devia ser qualificado como histrionismo, porque Box não respondeu. Nem sequer se virou.

Dabney planeava sair do escritório às quatro e meia para chegar a casa antes de Agnes, mas, quando estava a arrumar as suas coisas, o computador soou. Olhou para o ecrã. Um *e-mail* de Clendenin Hughes. Assunto: *Arroz frito*.

Apaga-o, pensou. Agnes estava a caminho. *Apaga-o!*

É a vida que levamos. Abriu o *e-mail*. Dizia: Vem jantar a minha casa esta noite. Hoje chegou uma caixa com o meu *wok*. Por favor. Às oito.

Sentiu-se tentada a responder: Não posso. Vou jantar com a Agnes.

A filha de Clen.

Sentiu-se tentada a responder: Não. De maneira nenhuma. Mas temia que qualquer resposta, ainda que negativa, só o encorajasse.

Apagou o *e-mail* e eliminou-o definitivamente.

Dabney estava parada no caminho de acesso à casa quando o *Prius* chegou. Ficou horrorizada ao ver CJ atrás do volante.

Agnes saiu do lado do passageiro e correu para abraçar a mãe.

– Cheguei! – disse ela. – Nem acredito que as minhas coisas cabem todas neste carrinho!

CJ cumprimentou Dabney com o entusiasmo habitual, como se ela fosse a única pessoa no mundo que ele queria ver. Cheirava maravilhosamente.

– Não queria que a sua filha fizesse a viagem sozinha – disse ele.

– Claro que não – disse Dabney. Engoliu em seco. – Quanto tempo pode ficar?

– Regresso às nove da noite com o meu cliente, *psst psst*. – CJ piscou o olho a Dabney. – Avião particular.

Dabney não tinha ouvido o nome do cliente – ou estava a ficar surda, a aliar a todos os outros males, ou CJ não tivera intenção de que Dabney ouvisse. Ela não se importava; ficou aliviada por CJ se ir embora.

– Tenho frango a marinar – disse.

– Tomei a liberdade de fazer reservas para jantar, no Cru – disse CJ. – Vai juntar-se a nós, espero.

Dabney vacilou. Esperavam *realmente* que ela se juntasse a eles, ou desejavam ficar sozinhos? Sentiu uma onda de cansaço e fraqueza; a dor no abdómen voltou ainda mais forte. Os antibióticos não tinham resolvido nada. Imaginou que o seu próximo passo seria deixar de comer trigo. Adeus aos cereais matinais. Adeus às adoradas sanduíches de *bacon*, tomate e alface. Bem podia deixar de viver.

– Por favor, vem, mãe! – disse Agnes. – Tu adoras ostras!

Dabney adorava o Cru, era chique, refinado e divertido. Naquela noite, o restaurante oferecia nove tipos de ostras, e Dabney decidiu pedir três de cada um.

– Ótima ideia – disse CJ. – Também vou fazer isso.

As ostras de Dabney e CJ foram apresentadas num prato gelado aproximadamente com a circunferência de um pneu *Goodyear*. Dabney preparava as suas ostras da maneira que mais gostava – com limão fresco em primeiro lugar, depois, rábano picante e em seguida metade com um pouco de molho de *cocktail* e metade com reseda.

– Ah, pois – disse CJ. – Eu sou um purista. Como-as cruas.

O empregado de mesa tinha trazido uma lista das ostras que as identificava no sentido dos ponteiros do relógio em torno do prato.

Dabney sorriu.

– É como um jogo de festa!

CJ pedira uma bebida chamada *Dirty Goose* [7](#), que veio num copo de *martini*, e bebeu-a de um gole, depois acenou ao empregado de mesa, indicando que queria outra. Havia pãozinhos quentes na mesa. O primeiro desafio de Dabney quanto a não comer nada com trigo era ignorar os pãozinhos. Empurrou o cesto em direção a Agnes.

– Come um, querida. Estás muita magra.

– Estou bem, mãe, obrigada – disse Agnes.

– CJ, quer um pãozinho? – perguntou Dabney.

– Não, obrigado – disse CJ. – A Agnes e eu não comemos hidratos de carbono.

– Não? – surpreendeu-se Dabney. Isso era novidade para ela. Agnes parecia precisar de um grande prato diário de *fettuccine Alfredo* durante um mês, mas sabia que não devia insistir naquele assunto.

Comeu a ostra Belon do Maine, em seguida a Hama Hama do estado de Washington, e depois a Kumomoto da Colúmbia Britânica, a sua eterna favorita.

– Queres mais uma, Agnes? – perguntou.

Agnes estudou o prato. É claro que a filha queria mais! Dabney e Box eram conhecedores de ostras; constituía uma das suas poucas extravagâncias. Box encomendava doze dúzias de Blue Points e doze dúzias de Kumomotos para a festa anual de Natal. Dabney fazia uma reseda caseira com framboesas frescas esmagadas. Agnes tinha crescido com ostras como as outras crianças tinham crescido com bolachinhas em forma de peixe.

– Não, obrigada – disse Agnes.

– Por favor, querida, serve-te. Podemos sempre pedir mais. Que tal umas Island Creek?

CJ acabou o seu *Dirty Goose* e pousou o copo vazio com tanta força na mesa que Dabney ficou surpreendida que ele não se tivesse partido.

– Não, obrigada, mãe – disse Agnes.

– Se a Agnes quiser uma ostra – disse CJ –, pode comer uma das minhas. – Tirou uma a gotejar da concha e deu-a a Agnes como se ela fosse um passarinho.

Dabney sentiu uma combinação de impotência e raiva subir-lhe pela garganta. Comeu uma Wellfleet.

– Então, Dabney, conseguiu afastar a minha noiva de mim neste verão – disse CJ.

French Kiss, da Nova Escócia. O rábano picante atingiu acidentalmente Dabney no nariz, e ela pegou no copo da água.

– Desculpe?

– Espero que esteja contente.

– Eu...? – Dabney olhou para Agnes em busca de ajuda. Os olhos da filha estavam arregalados e suplicantes. Dabney percebeu que fora usada como uma espécie de bode expiatório. – Bem, na verdade, eu... quando a Agnes me contou sobre a questão do financiamento no clube...

– A Agnes não tem de trabalhar – disse CJ. – Nem no clube, nem noutro lugar. Eu sou mais do que capaz de lhe dar o nível de vida a que ela está habituada, e talvez mais.

– Certo – disse Dabney. – Eu percebo...

– Mas você queria que ela viesse para casa. Eu percebo, a sua única filha de volta ao seu quarto de infância durante o verão. Antes que ela se case e a deixe para sempre.

– Não é assim – disse Dabney. Agnes tinha agora baixado a cabeça; o queixo estava enfiado no peito. Não ia dizer uma palavra em sua própria defesa, nem de Dabney. Estava com *medo* de CJ. Agnes, que tinha feito vela e esqui aquático desde os cinco anos, que tinha ido para a Europa sozinha com quinze, e que ia rotineiramente de metro para casa em 125th Street à noite, no escuro, tinha medo de CJ Pippin. Obviamente não dissera a CJ que tinha sido ideia *dela* vir para Nantucket. Fora ela quem quisera a praia, a casa familiar e a presença reconfortante dos pais e uma oportunidade de trabalhar um último verão no seu antigo emprego como monitora num campo de férias.

De repente, a mesa estava envolta num miasma verde-fantasmagórico que era demasiado familiar para Dabney.

Uma terceira bebida chegou para CJ, outro *Dirty Goose*.

– Não vou proibir a Agnes de ficar. Mas na verdade gostaria que ela voltasse a Nova Iorque todos os fins de semana. E, se não todos os fins de semana, pelo menos, fim de semana sim, fim de semana não – disse ele.

Dabney sentiu por um segundo que ela e CJ se estavam a divorciar e a discutir um acordo de custódia.

– O CJ pode vir cá sempre que quiser – disse Dabney. – Temos muito espaço.

CJ bufou e bebeu um grande gole da sua bebida.

– Tenho quarenta e quatro anos – retorquiu ele. Olhou para Agnes, que agora tinha as mãos no peito, como um louva-deus. – Já não tenho idade para ficar no *quarto de hóspedes* de ninguém. Se voltar este verão, vou querer a minha própria casa com a Agnes, para termos a privacidade necessária. Mas é um pouco tarde para começar a procurar, e não tenho a certeza em que fins de semana estaria livre para viajar. Os meus clientes, Dabney, não passam de crianças, alguns deles só têm dezanove ou vinte anos. Preciso de estar disponível vinte e quatro horas por dia. O verão é uma época movimentada, especialmente para os meus jogadores da NFL. Suponho que já ouviu falar de Bantam Killjoy?

Dabney não tinha ouvido falar de Bantam Killjoy. CJ referia-se a uma pessoa? Ou a um novo jogo de vídeo?

Dabney abanou a cabeça.

– Era o jogador principal do recrutamento, *wide receiver* de Oklahoma, nomeado para o Heisman. Um favorito dos *media* porque os pais foram mortos nos atentados em Oklahoma City, quando ele era bebé.

– É uma história muito triste – disse Agnes. – Com um final feliz. Mas o Bantam precisa da orientação do CJ, quase como um irmão mais velho ou um tio.

– Sim, imagino que sim – disse Dabney. – Lamento. Não sigo o futebol universitário, exceto os jogos entre Harvard e Yale.

– Bem, assinar com o Bantam Killjoy foi um grande golpe para mim, e o meu principal objetivo neste verão é ter a certeza de que ele treina. Isso terá precedência sobre voltar aqui, infelizmente. Se a Agnes me quiser ver, vai ter de ir a Nova Iorque.

Dabney comeu uma East Beach Blonde, de Rhode Island. CJ fizera uma grande questão em pedir as ostras – tal como Dabney –, mas ainda não tinha tocado em nenhuma. A única ostra em falta no seu prato era a que tinha dado a Agnes. Dabney suspeitou de que CJ nem sequer *gostava* de ostras. Pedira-as só porque Dabney também o fizera. E isso, talvez, mostrava o que Dabney não gostava em CJ. Ele tresandava a falta de sinceridade; fazia coisas apenas para se exibir.

– Agora está a ser ridículo – disse Dabney.

– Ridículo? – perguntou CJ. – Analisemos o que é ridículo. A sua filha anda a pedir-lhe há quatro anos que vá a Nova Iorque, e durante quatro anos, você disse que não...

Dabney pegou numa Yaquina, do Oregon, que era uma ostra pequena, do tamanho de uma moeda, mas quase não conseguiu engoli-la.

– Como a Agnes lhe contou, eu sofro de uma fobia...

CJ bateu com a palma da mão na mesa.

– É mãe dela e nunca a foi visitar.

Agnes pousou a mão sobre o braço de CJ, mas ele afastou-a bruscamente. *Será que ele lhe batia?*, interrogou-se Dabney de súbito.

– E outra coisa – continuou ele. – A Agnes disse-me que a sua bola de cristal diz que nós não fomos feitos um para o outro.

– Eu não tenho uma bola de cristal – disse Dabney. – Quem me dera ter.

– Então não sei que critérios usa para determinar quem é um «par perfeito».

– Não há critérios – disse Dabney.

– Sem bola de cristal, nem critérios – disse CJ. – Acho que essa coisa de ser casamenteira é um disparate.

– Bem – disse Dabney –, não é o único a pensar isso. – Comeu uma Wianno.

CJ empurrou o prato de ostras para Agnes.

– Toma, querida – disse. – Come-as tu.

Agnes olhou melancolicamente para as ostras frescas e apetitosas, que agora nadavam em areia.

– Ou come um pãozinho – sugeriu Dabney novamente.

– Nós não comemos hidratos de carbono – disse CJ. – Ela vai comer ostras. Não vais, amor?

O empregado de mesa voltou.

– Como está tudo? – perguntou.

Dabney não respondeu: *Espero que o meu futuro genro esteja apenas bêbedo e NÃO seja simplesmente cruel, mas receio que seja esse o caso.* Não disse: *Por favor, traga-me um copo de champanhe ou um bom bordéus branco, porque eu não aguento isto nem mais um segundo sem uma bebida.* Não disse: *Ele está a tentar fazer-me sentir uma má mãe, mas eu sei o que uma má mãe é porque tive uma, e NÃO sou uma má mãe.*

Não, em vez disso, Dabney sorriu para o empregado e pensou: *Provei as nove ostras e estavam deliciosas – doces, cremosas, salgadas, sublimes. Não há nada mais sublime do que uma ostra fresca e fria.* Ia desmaiar, podia senti-lo, o fumo verde entrava-lhe nos olhos e pulmões.

– Está tudo bem – disse ela, mas foi preciso um esforço.

Assim que o empregado se foi embora, Dabney pousou o guardanapo na mesa e disse:

– Desculpem-me, por favor. – Não se sentia bem, era o fumo verde, ou a alergia ao trigo, talvez, ameaçando transformar as suas entranhas em pó. *É a vida que levamos,* pensou.

– Querida – disse Dabney para Agnes –, não me estou a sentir bem. Acho que só preciso de apanhar ar. Vemo-nos em casa, está bem?

– Está bem – disse Agnes. – Queres que te acompanhemos?

– Não, não – respondeu Dabney. Acenou para CJ em jeito de despedida e pensou *Faça boa viagem com o psst psst.*

Apressou-se a sair do restaurante. Estava pura e simplesmente triste.

Ligou a Box enquanto caminhava por Main Street. O marido não poderia barafustar; eram apenas sete e meia.

– Está? – disse ele.

Dabney ouviu Mozart a tocar em fundo e percebeu que ele estava a beber um copo de bordéus branco antes de jantar. Iria sair ou cozinhar? Sairia sozinho ou com colegas, ou possivelmente com Miranda Gilbert? Dabney fora ao seu apartamento na faculdade apenas duas vezes durante todo o tempo que ele lá morara, e nunca tinha passado a noite.

– Querido? – disse ela.

– Sim? Dabney? Tudo bem? A Agnes chegou bem?

– Sim – respondeu Dabney. – O CJ trouxe-a.

– Bom homem – disse Box.

– Ele não vai ficar – disse Dabney. – Regressa num avião particular hoje à noite com o *psst psst.*

– Desculpa? – perguntou Box.

– Pelos vistos, tem alergia à nossa casa – disse Dabney. – Ou está a tentar castigar-me por eu ter dito que ele e a Agnes não eram um par perfeito. Ou está a tentar controlar a Agnes.

– Dabney – disse Box –, estás bem?

– Nem por isso – disse Dabney. – Não me sinto nada bem. – Percebeu que estava à beira do histrionismo, mas era mais forte do que ela. Que podia fazer? Contar a Box sobre Clendenin?

– Tens de te recompor, querida – disse Box. – Talvez ligar ao Dr. Donegal?

Dr. Donegal, o seu terapeuta. Box achava que ela estava a ficar louca.

Bem, ela estava a ficar louca.

– Não quero que vás amanhã, querido – pediu Dabney. – Quero que canceles Londres. Por favor. Volta para Nantucket. A Agnes está aqui e... eu estou aqui.

– Cancelar *Londres*? – disse Box. – Desculpa, querida, acabaste de me pedir para cancelar *Londres*?

– Sim. Por favor – respondeu Dabney.

– Tens noção de que isto já está marcado há um ano? – disse Box. – Não podem simplesmente arranjar outro professor. E credo, Dabney, pagam-me uma fortuna.

– Nós não precisamos de mais dinheiro – respondeu Dabney. – Acho que estamos de acordo nessa matéria.

– Não é uma questão de dinheiro – disse Box. – É a minha reputação, a minha palavra e tudo o mais. E estás a exagerar. Há algo que te está a incomodar, mas eu voltar para Nantucket não é a resposta.

Dabney manteve-se em silêncio.

– Estarei de volta daqui a duas semanas, querida – continuou Box.

Ele não ia cancelar a viagem a Londres. Não havia nada que Dabney pudesse dizer ou fazer. A sua reputação, a sua palavra, a sua brilhante e estimada carreira em Economia estavam em jogo.

– Tens razão – disse Dabney. – É claro que tens razão.

– Descansa um pouco – sugeriu Box. – O meu palpite é que estás cansada. E estás muito magra. Boas refeições e sono, querida. Estarei de volta antes que dêes por isso. – Com isto, Box desligou.

Dabney chegou a casa, mas não entrou. Estava acelerada. Tinha comido nove ostras, mas ainda sentia fome. Havia frango marinado no frigorífico; podia grelhá-lo. *Entra em casa e grelha o frango*, pensou.

Olhou para o telefone. Quinze minutos para as oito.

Por favor. Às oito.

É a vida que levamos.

Entrou no *Impala* e partiu para Polpis Road.

² À letra, besta, animal. (*N. do T.*)

³ *Ignoramus*, no original, som que remete para os nomes científicos das espécies animais. (*N. do T.*)

⁴ Série policial de televisão exibida entre 1952 e 1959, e entre 1967 e 1970, nos EUA. (*N. do T.*)

⁵ À letra, aipo. (*N. do T.*)

⁶ No original, «Fairly Ridiculous», trocadilho com o nome da universidade, Fairleigh, e o advérbio «fairly», razoavelmente, que se leem

da mesma maneira. (N. do T.)

[7](#) À letra, Ganso Sujo. (N. do T.)

PARTE 2

JUNHO/JULHO

AGNES

Box pedira-lhe para manter um olho na mãe enquanto ele estava em Londres.
– Ela não anda a sentir-se bem – disse. – Anda a agir de forma estranha.

– Claro, pai – disse Agnes.

No entanto, Dabney era tão independente e Agnes andava tão consumida com os seus próprios problemas que levou alguns dias a perceber que a mãe andava *mesmo* a agir de forma estranha. Quase como se estivesse a esconder alguma coisa.

No primeiro dia de Agnes em casa, Dabney levantou-se para ir dar a sua caminhada, como sempre, usando a fita no cabelo e as pérolas. Saiu de casa enquanto Agnes preparava uma chávena de café com natas verdadeiras. (As alegrias da vida estavam nos detalhes; CJ só bebia leite desnatado com o café e insistia que Agnes fizesse o mesmo, mas CJ estava a centenas de quilómetros de distância e Agnes queria natas, caramba!)

Quando Dabney estava vestida e pronta para o trabalho, Agnes estava à mesa, a comer um prato de ovos mexidos, torradas de pão integral com geleia de mirtilo caseiro, e *bacon* estaladiço. Aquele era, para ela, um pequeno-almoço decadente. CJ comia sempre um batido fortalecido – espinafres, erva de trigo, algas marinhas. Agnes, por vezes, tomava uma *Vitaminwater* a caminho do metro, e aos fins de semana comia metade de uma toranja. Enquanto mastigava o *bacon*, pensou em como CJ ficaria horrorizado se a visse encher a barriga, ainda de pijama, às quinze para as oito, e sem ter feito exercício, nem sequer ter tocado com os dedos das mãos nos dos pés. CJ estava fora da porta todas as manhãs às seis para correr em Central Park e, em seguida, ia para o ginásio, e gostava que Agnes se juntasse a ele. Antes da viagem, dissera-lhe que tinha medo de que ela abandonasse a rotina. O seu maior medo, supunha Agnes, era que ela voltasse para ele gorda e preguiçosa.

Agnes garantira-lhe que isso não aconteceria. Mas, enquanto comia os deliciosos ovos, percebeu que ele tinha o direito de se preocupar. Estava em casa há menos de vinte e quatro horas e já se comportava como uma porca desleixada. A questão era que lhe sabia bem.

– Querida, eu teria feito o pequeno-almoço – disse Dabney.

– Sou adulta, mãe – respondeu Agnes. – Queres que te faça uma torrada? Comi tudo.

– Fico feliz por te ver comer – disse Dabney. – Estás muito magra.

– *Tu é que estás* muito magra. – As roupas da mãe estavam-lhe largas, e tinha as maçãs do rosto salientes. – O pai diz que não te andas a sentir bem.

– Alergia ao trigo, acho eu – disse Dabney.

– Tu e toda a gente – comentou Agnes. – Então, não há torradas para ti.

– Vou para o escritório. Há um Business After Hours hoje à noite no Brotherhood, por isso vou chegar tarde, depois do jantar. Vais cuidar de ti? – perguntou Dabney.

– Claro – disse Agnes.

Dabney sorriu e beijou a testa de Agnes.

– Adoro-te, querida. Estou tão feliz por estares aqui.

Agnes regressara ao quarto de infância, que a mãe transformara em quarto de hóspedes. Havia uma cama grande toda branca, com almofadas azul-marinho e móveis de pinho cor de mel. O quarto tinha imensa luz e gozava de privacidade na extremidade leste da casa. Agnes não sabia o que CJ achara tão censurável nisso.

Tinha umas saudades terríveis de CJ, mas, ao mesmo tempo, não. Podia comer livremente quando estava longe dele e podia respirar livremente. CJ era tão perfeito, tão bonito de se ver, tão confiante, tão bem-sucedido no seu trabalho, e tão absurdamente generoso, que Agnes se perguntou o que é que ele via exatamente nela. Era jovem e bonita e um alma caridosa devotada, mas já tinha visto fotografias da ex-mulher de CJ, Annabelle (Agnes pesquisara-a no Google, e tinha visto as contas dela no Facebook e Twitter). Annabelle era tão linda como uma modelo, cabelo e maquilhagem sempre perfeitos. Presidia a associações de beneficência e eventos de caridade; fora uma verdadeira *socialite*, com amigos que tinham apartamentos compostos por andares inteiros em Park Avenue em edifícios pré-guerra, enquanto Agnes vivia num T1 sem elevador na West Eighty-Fourth Street. CJ também tinha vivido em Park Avenue, mas perdera o apartamento no divórcio, e, em seguida, Annabelle tinha-o vendido e comprado uma propriedade à beira-mar em Boca Raton, onde presidia a instituições de caridade, organizava eventos e vivia com o dinheiro de CJ.

Parasita, chamava-lhe ele. Inútil. Ela não sabe o valor do dinheiro, porque nunca teve de o ganhar.

Fora isso, CJ não falava muito sobre Annabelle nem sobre a razão pela qual o casamento fracassara, embora Agnes lho perguntasse repetidamente. CJ dissera que tanto ele como Annabelle tinham assinado um papel concordando nunca discutir os detalhes da sua separação. Uma ordem judicial. Isso parecera-lhe lógico no momento, mas depois do que ouvira da boca de Manny Partida algumas semanas antes, não tinha tanta certeza. Achou que passar o verão longe de CJ poderia ser a melhor opção.

Manny Partida era o chefe de Agnes, o diretor regional, o chefe de todos os Boys & Girls Club da cidade de Nova Iorque. Fora ele quem anunciara a Agnes que naquele ano não haveria financiamento para os programas de verão do seu clube. Agnes ficou devastada. Tinha mais de seiscentos membros; o que deviam aquelas crianças fazer o verão todo sem qualquer programa? Agnes adorava os miúdos do clube em proporção direta com o pouco que eles tinham. Os seus favoritos, os gémeos de dez anos chamados Quincy e Dahlia, eram sem-abrigo; viviam com a mãe num albergue, mas nem sempre o mesmo. Cada um deles trazia uma mala com rodinhas para o clube, que Agnes mantinha seguras no seu escritório para que ninguém lhes roubasse as coisas. Dahlia gostava de fazer casas de fadas com galhos e pauzinhos, por vezes até mesmo com velhos copos e palhinhas do McDonald's que encontrava ao redor do campo de basquetebol a desfazer-se do clube. Agnes podia chorar só de pensar nos dois gémeos sem um lugar seguro para onde ir durante todo o verão.

Como se isso não fosse preocupante o suficiente, Manny tinha outra bomba para lançar.

– Um passarinho contou-me que estás noiva do Charlie Pippin – disse ele.

– CJ – respondeu Agnes. – Sim, estou. – Olhou para a mão esquerda, apesar de os seus dedos estarem desguarnecidos. O diamante que CJ lhe tinha dado era demasiado valioso para usar com segurança no trabalho.

– Quando eu o conheci, o que não foi há muito tempo – disse Manny –, ele chamava-se Charlie.

– Conhecia-o? – perguntou Agnes.

– Ele era um grande doador, um dos maiores, no Madison Square Club, há dez, doze anos – disse

Manny. – Ele é a primeira mulher.

Agnes acenou com a cabeça. Por um lado, não queria ouvir falar de CJ e Annabelle, mas, por outro, ansiava por cada detalhe.

– Sei que as pessoas mudam – disse Manny.

Agnes sorriu, incerta.

– Desculpe?

– As pessoas mudam – disse Manny. – Ele mudou de nome, e mudou os donativos para o Morningside Heights Club, o que é bom porque bem precisamos do dinheiro. Mas aconselho-te a seres cuidadosa.

– Cuidadosa? – disse Agnes.

– Há rumores de que ele não era muito bom para a primeira mulher.

– Não era bom? – disse Agnes.

Manny levantou as palmas das mãos. Vestia uma *T-shirt* azul- -clara sob um fato caqui e tinha ao pescoço uma corrente com uma cruz de prata de sete centímetros.

– Não estou a dizer que lhe batia, porque não conheço os detalhes. Mas correram rumores durante algum tempo. Aconteceu qualquer coisa num dos encontros de beneficência do Madison Square Club. Ambos tinham bebido, a mulher tinha licitado algo muito caro sem lhe pedir permissão, ele perdeu a paciência, e eu ouvi... – Aqui, Manny parou. – Isto é apenas o que eu ouvi, Agnes, e por isso vale o que vale. Mas não ficaria de consciência tranquila se não te contasse. Ouvi dizer que ele foi violento com ela.

– *O quê?*

– Puxou-lhe o cabelo, torceu-lhe o braço, algumas coisas pouco agradáveis. – Manny levantou-se. – Mas, repito, foi há dez, doze anos, e as pessoas mudam. Por favor, Agnes, por favor, tem cuidado. És uma das melhores diretoras que eu tenho, e só te quero ver feliz.

Manny Partida havia deixado o escritório e Agnes ficara colada à cadeira durante um bom bocado, pensando que Manny Partida, ou quem quer que lhe tivesse contado aquelas coisas, era um idiota; as pessoas no Madison Square Club estavam provavelmente loucas ou com inveja, por CJ ter mudado os donativos e ter levado Victor Cruz para dar autógrafos! Lorna Mapleton, que era a diretora do Madison Square, estava na casa dos sessenta anos e achava que Agnes era demasiado jovem para dirigir um clube. *Violento?* Agnes não imaginava CJ a ser violento com ela. Era verdade que tinha mau génio, especialmente quando bebia, e Agnes ouvira-o a descompor pessoas por telefone. Mas sempre fora amável com ela, preocupava-se com o seu bem-estar; era por isso que gostava que ela se exercitasse em cada momento livre e que lhe vigiava a dieta – nada de hidratos de carbono, queijo, molhos. O corpo dela era o seu templo, dissera ele. CJ nunca a magoaria.

Agnes não tinha contado a Dabney o que Manny Partida lhe dissera – credo, não, Dabney teria ficado doida, mas Agnes havia decidido naquele momento que iria passar o verão em Nantucket.

Naquela primeira tarde, Agnes caminhou até ao centro da cidade. Não gostava da cidade como Dabney. A mãe adorava a cidade. Para ela, o fascínio de Nantucket encontrava-se naquela grelha de quatro quarteirões. Era ali que a ação decorria – as agências imobiliárias, os agentes de seguros, a *drugstore* com um balcão para o almoço, as galerias de arte e lojas de antiguidades, as floristas, as igrejas, os correios, os edifícios da administração local, as lojas de roupa, as lojas de *T-shirts*. A

cidade era o lugar onde as pessoas estavam. Dabney adorava pessoas e considerava como «sua gente» quem quer que encontrasse nas ruas de Nantucket, mesmo que apenas por uma ou duas horas numa viagem de um dia.

Agnes, por outro lado, preferia o anonimato, e era por isso que gostava de Manhattan. Isso poderia dever-se ao facto de ter crescido como filha de Dabney Kimball. Nunca conseguira levar nada avante enquanto adolescente; se dava uma passa num cigarro na faixa junto ao Steamship Wharf, ou se ficava de mãos dadas com um rapaz no banco à porta do Hub, Dabney era posta ao corrente no espaço de uma hora. Por isso, Agnes preferia as partes mais calmas e mais remotas de Nantucket – as praias mais distantes, os trilhos da floresta, as lagoas secretas.

Mas hoje sentia o contrário. Hoje, queria ser reconhecida como a filha de Dabney Kimball. Parou na Mitchell's Book Corner e deu uma breve vista de olhos às estantes, depois atravessou a rua para ir ver os bonitos vestidos de festa de Erica Wilson. Experimentou um amarelo diáfano e comprou-o por capricho, era lindo, da cor do verão. Em Nova Iorque, ela, como toda a gente, tendia a usar preto.

Viu as montras das lojas, vagueando como uma turista, e ficou chocada quando ninguém a reconheceu. Ms. Cowen, que tinha sido treinadora de hóquei em campo de Agnes, passou sem a reconhecer. Claro, Agnes não vivia ali desde que terminara a escola secundária. E tinha cortado o cabelo. Mas, ainda assim, sentiu-se estranhamente deslocada. Nascera ali, mas não pertencia àquele lugar.

Havia apenas uma forma de se livrar desse sentimento. Subiu as escadas para o escritório da Câmara de Comércio.

A Câmara de Comércio de Nantucket ficava por cima do que fora uma antiga pista de *bowling*, e o escritório cheirava sempre vagamente a sapatos de *bowling*. Para combater o odor, Dabney acendia ocasionalmente velas perfumadas de maçãs verdes. A combinação de sapatos de *bowling* e maçãs verdes definia a Câmara de Comércio e, por associação, a própria Dabney.

Quando entrou, Agnes foi recebida por um guincho – feliz, animado, talvez um pouco maníaco.

Nina Mobley.

– Agnes! A tua mãe disse-me que estavas cá, mas não pensei que ia ter a sorte de te ver logo no primeiro dia!

– Olá, Nina – saudou Agnes, inclinando-se para lhe dar um abraço. Nina, como Dabney, parecia nunca mudar – cabelo castanho crespo, cruz de ouro ao pescoço, olhos pequenos. Nina sempre franzira os olhos, como se o mundo estivesse desfocado.

Agnes notou que a secretária de Dabney estava desocupada e, por força do hábito, enfiou a cabeça no «quarto dos fundos», onde os assistentes de informação estavam instalados a atender os telefones. Havia uma rapariga com um rabo de cavalo loiro alto a tagarelar sobre o seu «restaurante favorito, o American Seasons» – e na secretária mais próxima estava um rapaz com cabelo castanho espesso que encaracolava no colarinho do polo azul-claro. Os dois eram tão bonitos e perfeitos que Dabney poderia tê-los escolhido de um catálogo. O rapaz bebia um *frappé* que Agnes identificou como originário do balcão de almoço da *drugstore* do outro lado da rua; devia ter chegado ao fim, porque estava a fazer um som gorgolejante. Quando olhou para cima e viu Agnes, pôs-se de pé de um salto. Ela notou que ele envergava calções havaianos e chinelos de enfiar o dedo, ambos uma violação do código de indumentária habitual de Dabney.

– Oh, olá! – disse ele. – Desculpa. Posso ajudar? Chamo-me Riley Alsopp.

Agnes sorriu. Ele parecia muito sério; devia ser novo, talvez demasiado novo para conhecer a

regra de não usar roupa de praia. Agnes havia trabalhado como assistente de informações num verão e odiara. A mãe obrigara-a a usar uma saia cáqui pelo joelho e uma blusa formal com botões. («Estou igual *a ti*», reclamara Agnes.) A mãe insistiu que, quando não estivesse ao telefone com potenciais visitantes, Agnes memorizasse o guia da Câmara e aprendesse os detalhes secretos da história da caça à baleia da ilha.

Riley, no entanto, tinha um exemplar de *Carpinteiros, Levantem Alto o Pau de Fileira e Seymour: Uma Introdução*, de Salinger, aberto sobre a mesa. Estranho. Ele era demasiado crescido para uma lista de leituras de verão.

– Sou a Agnes – disse ela. – Sou...

– Filha da Dabney – disse ele. – A tua mãe fala muito de ti. E eu vi uma fotografia tua. – Sorriu, mostrando os dentes brancos muito direitos.

Agnes virou-se. Ao contrário da maioria dos escritórios, onde os chefes se escondiam nas traseiras, aqui Dabney e Nina sentavam-se na sala da frente. Isso, claro, fora ideia de Dabney. Queria ser a primeira pessoa que os turistas viam quando entrassem na Câmara de Comércio. Mas a secretária de Dabney ainda estava vazia, e agora Nina Mobley falava ao telefone.

– Onde está a minha mãe? – perguntou Agnes a Riley Alsopp. – Sabes?

– Saiu por volta da hora de almoço – disse Riley. – E não voltou.

– À hora de almoço?

– Ao meio-dia, mais ou menos – disse ele. – Podes verificar o ponto. – Ao lado deles, o rabo de cavalo loiro tagarelava sobre o seu *outro* restaurante favorito, o Cru. O Cru era melhor para peixe e marisco, dizia ela. O American Seasons era melhor para os animais terrestres.

Animais terrestres?, pensou Agnes.

Riley Alsopp piscou-lhe o olho.

– Ainda estou a aprender como isto funciona – disse ele.

– É o teu primeiro verão? – perguntou Agnes.

– O primeiro verão a trabalhar aqui – disse ele. – Venho para Nantucket desde os dez anos. Estou em Medicina Dentária agora, na Penn.

Isso explicava os dentes, pensou Agnes. Mas não Salinger nem os calções. Agnes estava confusa sobre a mãe. Dabney saíra mais ou menos ao meio-dia e não tinha voltado? Eram quase três.

– Aonde é que a minha mãe foi? – perguntou. – Ela disse?

Riley encolheu os ombros.

– Eu não estou propriamente a par dos segredos do escritório.

– Certo – disse Agnes. Será que Dabney tinha uma consulta médica e não lhe tinha dito?

– Vais ao Business After Hours hoje à noite? É no Brotherhood of Thieves – disse Riley.

– Não – respondeu Agnes. – Já não vou a essas coisas. Fui arrastada quando era pequena. Aos quinze anos, já tinha provado mais do que a minha conta de mau *chardonnay*.

Riley riu. O tipo era tão *giro*, a mãe devia tê-lo escolhido imediatamente, e talvez perdoado os calções.

– Bem, Riley, foi bom conhecer-te – disse Agnes. A sua inflexão, percebeu ela, soara estranhamente parecida com a da mãe naquele momento. Virou-se e ficou chocada ao dar com Nina ainda ao telefone. Nina saberia onde a mãe estava.

O rabo de cavalo loiro desligou o telefone e anunciou à sala: «Estas pessoas vêm *garantidamente* para Nantucket durante uma semana em setembro!» Ergueu os punhos no ar em sinal de vitória. Em

seguida, o rabo de cavalo loiro apercebeu-se da presença de Agnes e quase saltou por cima da secretária.

– Deves ser a Agnes! – exclamou. Estendeu-lhe uma mão extremamente forte. – Sou a Celerie Truman. É o meu segundo ano como assistente de informações aqui na Câmara. Sou uma grande, grande fã da tua mãe.

Agnes reprimiu a vontade de rir. Onde encontrava Dabney pessoas com uma energia tão saudável?

– Oh, olá! – disse Agnes, novamente a usar o tom da mãe. – Prazer em conhecer-te, Celerie. – Fez uma pausa, esperando ter pronunciado o nome da rapariga corretamente. Celerie como *aipo*? O que teria a mãe pensado sobre *aquilo*? Dabney era muito exigente com os nomes. Acreditava que os únicos nomes adequados eram os dignos de um juiz do Supremo Tribunal: Thurgood Marshall, Sandra Day O'Connor. Celerie não era nome de juíza do Supremo Tribunal.

– Espero que vás ao Business After Hours – disse Celerie. – É no Brotherhood, que é o meu outro *outro* restaurante favorito. Favorito descontraído.

– Infelizmente, não vou estar lá esta noite – disse Agnes. Soava tanto como a mãe que era assustador, mas as palavras saíam de forma espontânea. Ouviu Nina desligar a chamada. – Com licença! – Acenou a Celerie Truman e a Riley Alsopp. Eram tão bonitos, tanto individualmente como em conjunto, que Agnes se perguntou se o quarto dos fundos da Câmara seria um laboratório da casamenteira naquele verão. Típico da mãe.

Postou-se à frente da secretária de Nina.

– Onde está a minha mãe?

Nina juntou as mãos em frente ao peito.

– Conta-me sobre Nova Iorque! – pediu. – É fantástico? E vais casar-te! Na igreja de Santa Maria e no Yacht Club, disse a tua mãe.

Agnes teria de a pôr ao corrente de tudo. Sabia disso. Não tinha tido oportunidade de conversar com Nina no Natal nem durante o Fim de Semana do Narciso. Teria de perguntar sobre os seus cinco filhos; afinal, tomara conta de todos eles. Mas não tinha presença de espírito para conversar agora.

Verificou o ponto rapidamente. Dabney assinara a saída aos cinco minutos para o meio-dia, indicando *recados/almoço* como motivo da sua ausência.

– Então, espere, desculpe – disse Agnes. – A minha mãe disse para onde ia?

Nina respirou fundo e, em seguida, emitiu um risinho nervoso.

– Ela tinha recados para fazer.

– Recados? – perguntou Agnes. – Que recados?

Nina Mobley fitou Agnes com os olhos franzidos.

– Oh, querida – disse. – Quem me dera poder dizer-te.

Agnes foi a pé para casa, pensando que ela e a mãe se deviam ter desencontrado, ou que Dabney fora ao supermercado comprar mais ovos, ou a Bartlett Farm comprar tomate de estufa. Mas faria isso a meio de um dia de trabalho? Nunca! E aqueles recados não levavam três horas. A mãe anda a comportar-se de forma estranha, dissera Box. Dabney tinha uma série de peculiaridades, uma forma rara de distúrbio obsessivo-compulsivo e agorafobia que a tornava incapaz de sair de Nantucket – e também o seu dom místico para ser casamenteira. Talvez estivesse numa consulta com o Dr. Donegal, o seu terapeuta. Ou a meio de uma crise de meia-idade e Agnes iria encontrá-la no interior escuro do

Chicken Box, a beber cerveja e a jogar *snooker*.

Ah!, riu-se Agnes. Dabney estaria em casa.

Mas a mãe não estava em casa. Agnes sentiu-se irracionalmente aborrecida, como uma criança abandonada. E, ainda por cima, o telemóvel de Dabney ficara no balcão da cozinha, a carregar. Realmente, de que servia um telemóvel se não o levávamos quando saíamos de casa? Agnes considerou telefonar a Box, em Londres. Eram nove e meia da noite lá; Box provavelmente estaria a jantar. Agnes odiaria interrompê-lo e, além disso, o que diria? *A mãe saiu do trabalho há três horas e eu não sei para onde foi*. A ilha não era assim tão grande; Dabney tinha de estar *algures*.

Agnes arrastou-se até ao seu quarto e deixou-se cair na cama. Estava cansada o suficiente para dormir até de manhã.

Acordou ao som de Alicia Keys cantando «Empire State of Mind», o toque do seu telemóvel, escolhido a dedo para ela por uma das miúdas do Boys & Girls Club. Sentia-se zozza e os seus braços e pernas pareciam chumbo, mas estendeu a mão para o telemóvel, pensando que seria a mãe.

Viu, antes de atender que eram cinco horas e que era CJ. Como pudera dormir tanto tempo? O que se *passava* consigo? Pensou em não atender e deixar a chamada ir para o atendedor; CJ aperceber-se-ia do sono na sua voz e ela não tinha vontade de explicar que ingerira cinco mil calorias só naquele dia e tinha acabado de acordar de uma sesta de duas horas. Mas CJ *não* gostava de deixar mensagens a Agnes. Quando ligava, esperava que ela atendesse.

Ela aclarou a voz.

– Está?

– Agnes? Estás bem? – perguntou ele.

Ela espreguiçou-se como um gato. A luz suave e oblíqua do sol de fim de tarde banhava o chão de madeira do quarto. O apartamento de Agnes, por muito bonito que fosse, não tinha aquele tipo de luz natural. Em ruído de fundo, Agnes ouvia sirenes e burburinho, a cidade. Não sentia nem um pouco de saudades.

– Sim – respondeu. – Estou.

– Não me ligaste uma única vez hoje – queixou-se CJ. – Pensei que não soubesses viver sem mim.

– Oh – respondeu Agnes. – Bem, e não sei.

– Ótimo – disse CJ. – Acabei de sair do escritório. Vou para o ginásio e depois vou encontrar-me com o Rocky para uma partida de *squash*. O que estás a fazer?

Agnes sentou-se e ouviu o resto da casa, à procura de sons que indicassem a presença da mãe. A casa estava em silêncio.

– Nada.

– Tu e a tua mãe têm grandes planos para esta noite? – perguntou CJ. – Sanduíches de manteiga de amendoim e *Ludo*?

– Não temos planos – disse ela.

– Toda a gente em Nantucket está empolgada com a notícia do teu regresso? Tens os teus ex-namorados todos a bater à porta?

– Não – disse Agnes, zangada.

– Eh, querida, não te zangues. Se alguém devia estar zangado, devia ser eu. Tenho de viver aqui na cidade grande, sem a mulher que amo.

– Estaremos juntos dentro de dez dias – disse Agnes.

– *Se* eu conseguir ir para aí – respondeu CJ. – Não posso ficar em casa dos teus pais novamente. Odeio fazer finca-pé, mas sou muito velho. Estou na lista de espera para um quarto no White Elephant, por isso façamos figas. Caso contrário, podes regressar a Nova Iorque.

Agnes assoou o nariz. Não *queria* voltar para Nova Iorque. Tinha acabado de chegar a Nantucket, queria ficar e divertir-se. O seu emprego como monitora no campo de férias Island Adventures começava no dia seguinte. Agnes queria uma rotina. Queria sol, praia e o ar do oceano. Queria estar com a mãe.

– Seria muito melhor se pudesses vir – disse.

– Bem, vamos ter de esperar e ver – respondeu CJ.

Agnes pensou novamente sobre o que Manny Partida lhe contara. Achava que CJ jamais a magoaria. Mas odiava que lhe falassem como uma criança.

– Ouvi a minha mãe lá em baixo – disse. – Tenho de ir. Ligo-te mais tarde, querido. Adeus.

*

Mas o andar térreo estava tranquilo e quase às escuras. Dabney não regressara. Tinha ido para o escritório, imaginou Agnes, após os seus misteriosos recados, e agora devia estar a caminho do Brotherhood, para o Business After Hours.

Tirou o vestido amarelo do saco de compras e contemplou-o por um longo minuto.

Se eu conseguir ir para aí.

Despiu os calções e a *T-shirt* e pôs o vestido. Rímel, *gloss*, penteou o cabelo e calçou um par de sandálias douradas. Passaria no Business After Hours, decidiu, em nome dos velhos tempos.

Com um copo de *chardonnay* medíocre na mão – era uma melhoria em relação ao vinho em caixa da sua adolescência –, Agnes abriu caminho pela festa em busca da mãe. A melhor parte do Brotherhood era a zona velha – uma gruta na cave com vigas de madeira e tetos baixos, paredes de pedra e mesas de madeira com marcas. Agnes adorava ir ali quando era mais nova, embora, por algum motivo, Dabney só lho permitisse quando chovia. A sala era iluminada por velas; tinha o aconchego contido do casco de um barco. Agnes costumava pedir a tábua de queijos *Boursin*. Pão, manteiga, queijo, mostarda, pickles, luz de velas, chuva, por vezes, o som de uma guitarra acústica – era uma boa recordação, que distraiu Agnes por um minuto.

O lugar estava a abarrotar de rostos familiares. Todos conversavam, bebiam e comiam *jalapeños* fritos e minissanduíches servidas em bandejas que passavam. Agnes tirou uma sanduíche (hidratos de carbono, como os desejava!), depois um *jalapeño*, depois outra sanduíche – tudo enquanto perscrutava a sala à procura da mãe. Viu Tammy Block, a agente imobiliária que Dabney emparelhara com Flynn Sheehan, criando ondas de escândalo alguns anos antes; viu o agente de viagens, o proprietário de uma popular loja de prendas, viu Barley Ivan, que fazia belos móveis de verga na tradição de Nantucket, viu o vistoso proprietário da galeria de arte, e Ed Law, dono da lendária Nantucket Cotton, a loja de *T-shirts* onde Dabney e, uma geração mais tarde, Agnes tinham trabalhado em adolescentes.

Agnes não conseguiu encontrar a mãe, mas sabia que ela devia estar algures. Dabney inventara o Business After Hours há anos e anos – festas mensais, onde os membros da Câmara de Comércio se reuniam para «discutir questões da comunidade empresarial», que era um grande eufemismo para beber e bisbilhotar.

Ali estava o tipo que era dono da oficina de reparações e reboque. E Hal Allen, da Allen – Aquecimento e Refrigeração; Agnes tinha saído com o filho dele, Duke, na escola secundária.

Tens os teus ex-namorados todos a bater à porta?

Onde estava a mãe?

Havia um guitarrista escondido no canto de trás a tocar uma música de Jack Johnson. Agnes suspirou e concentrou-se na música por um segundo. As canções de Jack Johnson faziam-na sempre pensar em colares de flores de hibisco e bebidas com coco. Ela queria muito ir ao Havai na lua de mel, mas CJ tinha ido ao Havai «tantas vezes que perdera a conta» com Annabelle. CJ queria fazer um cruzeiro pelo Alasca. Agnes tinha ouvido dizer que o Alasca era bonito, mas parecia-lhe frio e quem é que queria uma lua de mel com frio? E passar a lua de mel nos quartos apertados de um navio de cruzeiro ainda lhe parecia menos apelativo. Mas CJ tinha insistido que ela ia adorar.

A música terminou, ouviu-se um punhado de aplausos e o guitarrista disse ao microfone:

– A próxima é para a Agnes, que veio passar o verão a Nantucket.

Houve um murmúrio coletivo. *Agnes? Aquela é a Agnes?* Fora descoberta, embora não tivesse esperança de permanecer incógnita. Esticou o pescoço para dar uma olhadela ao guitarrista. Ele sorriu-lhe – aqueles dentes, os calções com padrão havaiano. Era Riley, do escritório.

Ele lançou-se em «Puff the Magic Dragon», um tema favorito da infância de Agnes, que aprendera na altura da rodinha na escola Montessori, embora Riley não tivesse nenhuma maneira de saber isso. A menos que Dabney lho tivesse contado.

Agnes conversava, soando exatamente como a mãe – *Oh, é tão bom vê-lo, sim, já lá vai algum tempo, em casa para o verão, a trabalhar no Island Adventure, é tão bom estar de volta, não há lugar como Nantucket!* –, até que finalmente Riley fez um intervalo e apareceu ao seu lado, com um copo de *chardonnay* medíocre.

– Olá – disse ela. – Obrigada por teres revelado a minha presença. Mas adorei a canção.

– Nem acredito que vieste – disse ele.

– Não me disseste que ias *atuar* – respondeu ela.

– Não queria fazer publicidade a mim mesmo.

– Foste ótimo – elogiou Agnes. Dabney devia ter ficado deliciada quando descobriu que Riley tocava guitarra! – Espero que a minha mãe te esteja a pagar as horas extras.

– Estou a tocar pelas gorjetas – disse ele. Mostrou-lhe um copo de plástico com uma única nota de cinco dólares.

– Riley, a minha mãe está cá? – perguntou ela.

– Eu não a vi.

– Ela não está cá – disse Agnes. Bebeu o restante *chardonnay* do copo de plástico. Sabia que a mãe não estava lá, porque, se Dabney lá estivesse, seria a alma da festa.

Agnes estudou Riley. Tinha os olhos castanhos, como o cabelo, e uma sarda escura na bochecha. Sabia, só de olhar para ele, que os pais ainda eram casados, que tinha irmãos, provavelmente irmãos,

e que a sua vida se desenrolara sem problemas, tornando fácil para ele ser surfista, guitarrista e aspirante a dentista.

Percebeu que ele era uma boa pessoa. A mãe dela contratava apenas boas pessoas.

– A minha mãe voltou ao escritório à tarde? – perguntou.

– Não – respondeu Riley. – A Nina disse que ela foi fazer recados.

– Isso é tão estranho. A minha mãe é a pessoa mais transparente do mundo. Não desaparece assim.

– Não sei de nada – disse Riley. – Trabalho na Câmara de Comércio há duas semanas e meia. A tua mãe e a Nina têm uma espécie de estenografia, e um código secreto e alcunhas para as pessoas, e a Celerie e eu não conseguimos perceber do que estão a falar. Tenho a certeza de que é de propósito. Acho que é suposto vermos apenas a ponta do icebergue.

– Bem, não é suposto ires trabalhar de calções – comentou Agnes. – A minha mãe chateou-te por causa disso?

– Não – respondeu Riley. – Disse-me que eram fabulosos.

– A sério? – Agnes começava a sentir que o planeta girava para o lado errado.

– A sério – disse Riley. – Se queres saber onde está a tua mãe, talvez devesse perguntar à Nina.

– Eu tentei, de tarde – respondeu Agnes. – A Nina não revela nada.

– Bem, já acabei de tocar – disse Riley. – Queres sair daqui? Talvez ir a outro lugar?

– Sim, meu Deus – concordou Agnes.

Entraram no *Jeep* de Riley, um *Wrangler* verde-floresta, com uma prancha de *surf* de um metro e oitenta amarrada às barras estabilizadoras. Era o veículo de Nantucket por excelência. Riley disse-lhe que o tinha desde os dezoito anos e que o conduzia apenas na ilha, para trás e para a frente entre a casa dos pais em Pocomo e as praias de *surf* da costa sul.

– Desculpa, mas está coberto de pelo de cão – disse ele. – Tenho uma labrador cor de chocolate chamada *Sadie*, e ela é a rainha deste castelo.

– Oh, meu Deus – disse Agnes. – Nós tivemos um labrador cor de chocolate durante treze anos, chamava-se *Henry*. A minha mãe *adora* labradores cor de chocolate. Acho que descobri porque é que a minha mãe te contratou.

Riley riu-se.

– Acredita em mim, estou habituado a que as pessoas gostem de mim pelo meu cão. Então, aonde te posso levar?

Agnes puxou a seda amarela do vestido e arranjou-o em torno das pernas. Não estava habituada a que ninguém lhe perguntasse o que *ela* queria. Na sua vida em casa, em Nova Iorque, CJ tomava todas as decisões. Escolhia os restaurantes e espetáculos na Broadway e as festas a que iam, dizia-lhe a que horas se encontravam no ginásio, escolhia a cor do verniz das suas unhas quando ela ia à *pedicure*.

O que é que *ela* queria?

– Quero encontrar a minha mãe – disse Agnes. – E estou a morrer de fome.

Riley levantou o copo de plástico com a nota de cinco dólares.

– Que tal um lugar barato? – Ligou o carro, em seguida olhou por cima do ombro enquanto fazia marcha atrás. – Primeiro a comida – acrescentou. – Depois, vamos encontrar a tua mãe.

Pararam no Strip de Steamship Wharf, onde Agnes comprou um *cheeseburger* com batatas fritas onduladas (hidratos de carbono e mais hidratos de carbono!), e Riley três fatias de *pizza* e duas *Coca-Colas*. Foram até Children's Beach e comeram no carro, com vista para o porto.

– Costumava vir aqui quando era pequeno – comentou Riley.

– Sim, eu também – disse Agnes. Não queria que a nostalgia da sua infância se sobrepujasse a de Riley, mas a extensão de ervas altas de Children's Beach gravara-se no seu cérebro desde as suas recordações mais antigas. A sua bisavó empurrara-a no baloiço e ensinara-lhe a dar lanço com as pernas; Box costumava sentar-se nos bancos de ripas verdes a ler *The Economist*, enquanto Agnes dominava as barras de ferro. A mãe espetava a velha e engraçada sombrinha às riscas vermelhas e brancas, que combinava perfeitamente com o fato de banho às riscas vermelhas e brancas, na areia da praia, enquanto Agnes enchia baldes com uma mistura de areia e água.

– Então, o que te traz a casa este verão? – perguntou Riley.

– Trabalho num Boys and Girls Club em Upper Manhattan, e perdemos o nosso financiamento de verão – disse Agnes.

– Um golpe de sorte? – perguntou Riley.

– Algumas pessoas podem vê-lo dessa maneira – disse Agnes. – Preocupo-me com os meus miúdos. Isto deixa literalmente seiscentas crianças sem sítio onde passar o tempo neste verão.

– Ah! – exclamou Riley.

– Estou a tentar não pensar nisso – disse Agnes. – Digo a mim mesma que todos irão ler para a biblioteca pública, onde há ar condicionado.

– É uma boa maneira de encarar a questão – disse Riley. Dobrou a *pizza* ao meio; um fio de gordura cor de laranja correu-lhe pelo queixo. Agnes entregou-lhe um guardanapo. – Adoro crianças. É uma das razões pelas quais vou ser dentista. Quero dizer, interessa-me a parte da medicina, mas o meu sonho é construir uma boa clínica familiar. Quero ver os miúdos crescer, ouvi-los falar sobre os seus jogos de *lacrosse* e as suas competições a fazer girar o bastão, e os seus primeiros namoros.

– Eu às vezes preocupo-me em afeiçoar-me muito às crianças do clube – disse Agnes. Pensou em Quincy e Dahlia, a assar nos quadrados de cimento quente das ruas. Uma vez dissera a CJ que queria adotá-los e dar-lhes um lar seguro. Mas, como CJ tinha apontado, Quincy e Dahlia já tinham mãe. E CJ não queria filhos – nem biológicos, nem adotados. – Algumas têm vidas difíceis. É difícil não nos preocuparmos com o bem-estar delas.

Riley sorriu para ela.

– Tens um bom coração – comentou. – Tal mãe, tal filha.

De repente, Agnes sentiu-se ansiosa.

– Podemos ir? Não te importas se formos procurá-la?

Riley atirou a crosta de *pizza* pela janela e as gaivotas esfomeadas atiraram-se sobre ela.

– Claro que não – disse ele.

Nantucket tinha apenas 21 quilómetros de comprimento por 6,5 de largura, mas não era de modo algum um lugar pequeno ou simples. Havia inúmeras estradas de terra e extensões misteriosas. Agnes não sabia por onde começar a procurar. Mas onde quer que Dabney se encontrasse, estaria ao volante

do *Impala*, e, assim, seria difícil passar despercebida.

– Vamos para leste ou oeste? – perguntou Agnes.

– Leste? – sugeriu Riley. – Talvez ela tenha ido para Sconset.

– Sconset? – perguntou Agnes. Dabney nunca sentira nada de especial por Sconset, da mesma forma que os soldados da União nunca sentiram nada de especial pelo general Lee. Houve uma altura, antes de Agnes ter nascido, em que os habitantes de Sconset quiseram tornar-se independentes. Queriam a sua própria administração e o seu próprio conselho de vereadores e isso caíra mal a Dabney. Agora, como diretora da Câmara de Comércio, Dabney tinha de acolher e promover Sconset – o Fim de Semana do Narciso fora celebrado lá –, mas Sconset fora vítima das regras de Dabney: ela ia uma vez por ano ao Chantecleer, uma vez por ano ao Summer House (mas apenas para bebidas e pelo pianista, não confiava na comida), e uma vez por ano ao Sconset Casino para ver um filme. Todos os dias do verão, sugeria aos visitantes que fossem de bicicleta a Sconset, onde os aconselhava a almoçar no Claudette e a comer gelados do Sconset Market – mas nunca fazia essas coisas. Agnes não imaginava a mãe a ir a Sconset – para recados secretos ou não. – Sconset não. Vamos para oeste.

Riley virou à direita em Cliff Road e Agnes começou a procurar. Conferiu os caminhos de acesso de todas as casas grandiosas do lado direito, que davam para a baía. Talvez alguns amigos de fora da ilha tivessem aparecido e convencido Dabney a fazer gazeta ao trabalho e ao Business After Hours. Os seus amigos Albert e Corinne Maku por vezes apareciam e exigiam diversão espontânea. Podia haver outras pessoas que Agnes não conhecesse, talvez um dos casais da mãe, de 1989, ou 2002, ou 2011?

Realmente, que outra explicação poderia haver?

Riley mexeu no rádio e, não encontrando nada de satisfatório, desligou-o. – Então, Agnes, tens namorado? – perguntou.

– Tenho um noivo – disse ela.

– Oh, *OK*. Desculpa, não sabia. A tua mãe não me disse que estavas noiva, e não estás a usar o anel.

Não, pensou Agnes, sentindo-se culpada. Havia tirado o anel. Tinha visto acidentalmente o recibo sobre a mesa com o correio de CJ; custara vinte e cinco mil dólares. Agnes quase desmaiara. Um anel de vinte e cinco mil dólares. Agnes nunca poderia usá-lo em Morningside Heights, nem em Nantucket enquanto liderava excursões de bicicleta e de escalada. O anel estava na caixa sobre a cómoda. Era bonito, mas inútil, um periquito enjaulado.

– A minha mãe não te contou? – disse ela.

– Não, mas, como eu disse, não estou propriamente a par dos segredos do escritório.

– Não é um segredo – disse Agnes. – Embora talvez a minha mãe queira mantê-lo assim. Ela não aprova.

– Não?

– Não – suspirou Agnes. – Sabes que a minha mãe é casamenteira, não sabes?

Riley atirou a cabeça para trás e riu-se para o ar do fim de tarde.

– Já juntou quarenta e dois casais – disse Agnes –, e todos eles permanecem juntos. É *famosa* por isso. Vê uma aura rosa, se é bom, e verde, se é mau. E a minha aura com o CJ é verde, por isso ela não pode dar-nos a bênção.

– Estás a brincar – disse Riley.

– Não estou.

– Eu disse que só estava a ver a ponta do icebergue – disse Riley. – Ela é casamenteira! Não admira que estivesse tão animada quando lhe disse que interpretei o Tevye de *Um Violino no Telhado*.

Agnes sorriu. Era impossível manter o mau humor com aquele tipo: ele era muito bem-disposto.

– É melhor teres cuidado – avisou. – Acho que ela tem planos para ti e para a Celerie.

– Achas? – perguntou Riley. – Por acaso, já pensei em convidar a Celerie para sair.

Ridiculamente, Agnes experimentou uma pontada de ciúmes com esta declaração. Oh, meu Deus, o que se *passava* com ela?

– Devias! – exclamou.

– Mas acho que ela tem alguém lá na terra dela – disse Riley. – No Minnesota.

– O Minnesota é muito longe – respondeu Agnes.

– Tens razão – disse ele. – *OK*, vou fazê-lo. Vou perguntar se ela quer ir comigo até Great Point no sábado.

Outra pontada de ciúmes: Agnes *adorava* Great Point. Para ela, o dia perfeito de verão era uma arca cheia de bebidas, algumas sanduíches de *bacon*, tomate, alface e abacate do Something Natural, e um passeio até Great Point num *Jeep* como aquele – sem capota e com o rádio aos berros.

Observou Riley a fazer as curvas de Madaket Road. Ele e Celerie fariam um belo casal. Agnes tinha pensado nisso quando os vira juntos no escritório. Mas antes, no escritório, não tinha conhecido Riley. Não o tinha ouvido tocar «Puff the Magic Dragon», não o tinha visto comer *pizza*, não tinha falado com ele sobre o seu trabalho. Era incrível como, após a última hora, agora sentia que tinha direito a ele. Pensar nele a dar atenção a Celerie, com o seu rabo de cavalo saltitante, as suas maneiras de *cheerleader*, e os seus favoritos perturbava-a.

Não – o que realmente a incomodava era não conseguir localizar a mãe. Não iam encontrá-la se fossem para Madaket, disse Agnes estava repentinamente certa.

– Não te importas de me levar a casa? – pediu.

Riley travou e a caixa da sua guitarra colidiu com a parte de trás do assento de Agnes, emitindo um acorde dissonante.

– O quê? Tens a certeza?

– Tenho a certeza – confirmou Agnes. – Isto é um disparate. É uma busca inútil. Vou esperar pela minha mãe em casa.

– Oh – disse Riley. – Está bem, não há problema. Mas, só para que saibas, eu não me importo nada de continuar à procura dela. – Parecia pensativo. Bem, tinha gostado da aventura e agora chegava ao fim. Não tinha nada a ver com Agnes.

– Obrigada – disse ela. – Mas gostava de ir para casa.

O rosto bonito de Riley com os seus dentes brancos perfeitos e direitos arvorou uma expressão algo semelhante a mágoa ou pesar. Mas isso seria apagado, Agnes tinha a certeza, assim que ele convidasse Celerie para sair e ela aceitasse. Haveria, sem dúvida, auras rosadas por todo o lado.

Eram dez e meia da noite quando Dabney finalmente entrou em casa. Agnes estava sentada à mesa da cozinha com um copo de leite vazio à frente. Tinha comido meia dúzia de bolachas de aveia da mãe e deixado três telefonemas de CJ irem para o atendedor de chamadas.

Dabney sobressaltou-se claramente ao ver Agnes; quase deixou cair a sua mala com pegadas de madeira.

– Oh! Querida, desculpa... Eu não esperava... o que estás a fazer... o quê?

Agnes estudou a mãe. Vestia o mesmo polo azul-marinho e saia com padrão axadrezado, sapatos rasos e as pérolas que tinha posto naquela manhã. A fita no cabelo mantinha-o liso e penteado. Mas algo estava diferente. O que era? Parecia que tinha apanhado sol. Teria ido à *praia*?, interrogou-se Agnes. Pensou em Riley e Celerie em Great Point, mas isso só serviu para a irritar ainda mais.

– Onde estiveste? – perguntou. A sua voz tinha um tom duro. Lembrava-se de ter usado aquele tom com a mãe apenas uma vez antes.

A expressão de Dabney era inescrutável, a princípio. Aquela mulher, que Agnes tinha acreditado ser tão transparente, *estava* a esconder alguma coisa. A ponta do icebergue, de facto!

– Diz-me imediatamente! – exigiu Agnes. Tinha perfeita consciência de que soava como a progenitora. – Saíste do trabalho ao meio-dia. Não atendeste o telemóvel! *Faltaste* ao Business After Hours! Onde estiveste?!

Os olhos de Dabney brilharam em desafio.

– Por aí – respondeu.

A inversão de papéis, pensou Agnes, estava completa.

DABNEY

Era totalmente previsível; nunca deixou de agir exatamente como esperavam que ela o fizesse. A única coisa surpreendente que alguma vez tinha feito na vida fora começar aquele caso extraconjugal.

Mas tratava-se de Clendenin Hughes. Ele arrancara-lhe o coração do peito quando ela tinha catorze anos e nunca fora capaz de o recuperar.

O amor era a sua única desculpa.

Assim que Dabney abriu a porta da casa de Clen, sentiu o aroma a alho e gengibre. Clen estava ao fogão; quando se virou, não pareceu surpreendido por a ver, o que ela achou enlouquecedor. Entregou-lhe uma garrafa de *Gentleman Jack*; tinha passado no Hatch's a caminho de casa dele.

– Só tu para trazeres um presente de anfitriã para um encontro sexual – observou ele.

– Não se trata disso – disse ela.

– Queres apostar? – retorquiu ele. E, com um movimento fluido, enlaçou-a com o seu forte braço direito, atirou-a por cima do ombro e levou-a para a cama.

Só havia uma coisa a fazer: Dabney riu-se.

– Para! – disse.

– O quê?

– Desliga o fogão – disse ela. – Não queremos incendiar a casa.

– Queres apostar?

Era a mesma coisa, era diferente. Dabney não teve tempo para dizer o que era ou como era, porque não havia pensamento envolvido. Fora, de facto, como incendiar-se. A boca de Clen devorava cada parte dela, a sua pele ardia contra a dela, o seu tamanho esmagava-a, mas, por mais que ele lhe desse, ela queria mais, mais rápido, mais. Ele chupou-lhe os mamilos e ela gemeu, apertando-se contra a sua coxa e deixando-a molhada. Quanto tempo passara desde que se sentira assim? Quando ele entrou nela, ela quase se partiu ao meio; abriu a boca e uivou como um animal. Tinha dormido com apenas dois homens na sua vida – Clen e Box –, mas Clen era agora uma terceira pessoa. Sentia-se inebriada com o toque dele. A língua, os lábios, o sabor, o cheiro dele, as mãos dela naquele cabelo espesso, a bochecha dela contra a barba, pele contra pele. Havia anos que não se lembrava de que tinha corpo, desejo, *necessidades*.

Quando acabou, ele cobriu-lhe o rosto e o pescoço com beijos, enquanto o suor lhes refrescava o corpo. Dabney estendeu a mão e acariciou a curva do coto dele. A pele era tão suave como a de um bebé.

Fechou os olhos. Viu flores de cerejeira, pastilha elástica e framboesas tão maduras e suculentas que caíam dos ramos ao mais leve toque.

*

Quando chegou a altura de regressar a casa, Dabney começou a chorar.

– Oh, Cupe, não chores – disse Clen, o que a fez chorar ainda mais.

– Vem amanhã – disse ele.

– *Não posso!* – respondeu ela.

– Só cinco minutos – pediu ele. – Por favor.

No dia seguinte, Dabney assinou o livro de registo ao meio-dia, escrevendo *recados/almoço*.

– Mais recados? – perguntou Nina, maliciosamente.

Dabney lançou-lhe um olhar penetrante.

– Acho que não devias assinar o registo quando saís – disse Nina. – Vai. O Vaughan não verifica o registo há anos.

Dabney agradecia a indulgência de Nina e a sua vontade de ser cúmplice, mas assinar a saída no livro de registo do escritório tornara-se parte da disciplina de trabalho na Câmara, e Dabney não tinha coragem de a abandonar. Teria o seu caso durante o horário de expediente, mas ainda assim assinaria o livro, agarrando-se desse modo a um fragmento da sua integridade.

Os «cinco minutos» transformaram-se numa tarde na piscina. Clen fizera *margaritas* de melancia e eles boiaram em colchões de ar. Clen ainda era um bom nadador, apesar do braço amputado; deslizava pela água com precisão, com força. Dabney olhou-o com espanto e ele disse:

– Aposto que pensaste que eu andaria em círculos, não foi?

A água trazia ao de cima o seu lado brincalhão; atiraram com água e molharam-se um ao outro, beberam mais *margaritas* e comportaram-se como os adolescentes que tinham sido há muito tempo.

Todas as vezes que ela pensou em levantar-se e ir embora, arranjou uma razão para ficar.

– Não posso acreditar que vou faltar ao Business After Hours. Nunca faltei a um em catorze anos – disse.

– Vou mandar vir uma *pizza*, batatas fritas e asas de frango – disse ele.

– Não posso comer *pizza*. Desisti de comer trigo – respondeu ela.

– É o maior disparate que já ouvi – disse ele.

Clen estava certo. O que quer que se passasse com ela, não era uma alergia ao trigo.

– Estás muito magra – disse ele.

– Peso quarenta e oito quilos, o mesmo que pesava no oitavo ano – disse ela.

– Bolas, Cupe! – exclamou Clen.

Ela pensou *Apaixonada/Doente de amor*. Não se permitia ainda sentir qualquer culpa, mas, quando a culpa chegasse, temia desaparecer. Box estava em Londres. Ficara numa suíte no Connaught, e a sua vida diária incluía um *Bentley* com motorista que o transportava entre o hotel e a LSE, e jantares no Gordon Ramsay e no Nobu. A sua paisagem era o Big Ben, a Catedral de São Paulo, a National Gallery, Covent Garden, a Ponte de Londres e o Tamisa. Dabney poderia dizer os nomes desses lugares e coisas, mas não fazia ideia de como era a vida do marido naquele lugar, assim como ele não fazia ideia de como era a vida dela agora.

Quando ele voltasse, teria de lhe contar.

Jantaram na cama, e Dabney bebeu uma cerveja, algo que não fazia desde o verão de 1987. Gemeu e suspirou de prazer enquanto comia, puxando fios de queijo derretido da *pizza* com os dedos e levando-os à boca. Chupou o molho dos ossos de frango, passou as batatas fritas quentes pelo *ketchup*, maionese e mostarda, e em seguida, repetiu. Nunca teria comido assim em frente a Box, mas, com Clen, estava perfeitamente à vontade.

Foi por essa razão, supôs, que disse:

– Estou preocupada com a Agnes.

O nome de *Agnes*, embora dito casualmente, sugou todo o oxigénio do quarto.

Dabney ficou imediatamente tensa.

– Desculpa – disse. – Não devia ter mencionado isto.

– Não, não – respondeu Clen. – Por favor. Por favor, conta-me. O que se passa?

– Ela está noiva – disse Dabney.

Clen tossiu.

– A Agnes vai casar-se?

– Sim – disse Dabney. A sua voz era quase um sussurro; a hora tardia e escura e o tema pesado pareciam exigi-lo. – Com um homem chamado CJ Pippin. É agente desportivo em Nova Iorque.

– E a Agnes e esse CJ, que é agente desportivo em Nova Iorque... foram feitos um para o outro? – perguntou Clen.

– Não.

– A sério? – Clen parecia subitamente alerta, intrigado. – E tu vais permitir isso, Cupe?

Dabney riu-se.

– Permitir? Essa questão mostra como sabes pouco sobre ter filhos.

– Tens razão – admitiu ele. – Podia escrever tudo o que sei sobre crianças na unha do meu polegar e ainda sobrava espaço.

– Tenho de ir – disse Dabney. A dor da sua história em comum, passado um quarto de século, era requintada.

Dabney pôs-se em bicos de pés para se despedir dele.

– Há muito tempo que não tinha um dia como o de hoje – disse. – Obrigada.

– Dabney?

– O que foi?

– Eu quero conhecê-la – disse Clen.

– Quem? – perguntou ela. E, em seguida: – Não.

– Dabney.

– Não.

Virou-se e caminhou até ao carro, abanando a cabeça.

No caminho para casa, pensou *Agnes, Agnes, Agnes*.

E tu vais permitir isso, Cupe?

Poucos dias depois, Dabney ouviu Agnes falar ao telefone com CJ. Não tencionava escutar, mas não conseguiu afastar-se.

– Não vejo qual é o problema em ficar *aqui*... – dizia Agnes. – A minha mãe *gosta* de ti... *gosta, sim*... tens de deixar de pensar nisso, CJ... não, não vou a Nova Iorque... é verão, eu pertenço aqui... Não quero, CJ... sim, querido, *é claro* que te amo... Eu podia dizer-te o mesmo... bem, querido, desculpa, *desculpa*, já pedi desculpa! – Lágrimas. – CJ, por favor, *desculpa*!

E tu vais permitir isso, Cupe?

Não, ela não ia permitir aquilo. Estava na hora de entrar em cena.

A primeira pessoa em quem Dabney pensou foi em Dave Patterson, que geria o programa da Island Adventures. Tinha um ar desalinhado, gostava do ar livre e era empreendedor. Criara a Island Adventures a partir de uma colónia de férias para dez crianças, transformando-a no programa requisitado que era agora, para duas centenas de crianças, e adquirindo um propriedade onde construía as suas próprias instalações, incluindo uma parede de escalada de quinze metros. Mas Dave vivia em Nantucket todo o ano – ele, como Dabney –, nunca saía da ilha (outra razão pela qual ela gostava dele) – e, por muito que lhe custasse admitir, não imaginava Agnes a viver durante todo o ano na ilha.

Dabney tinha uma outra ideia para Agnes, e era Riley Alsopp.

Incomodava-a o facto de Riley ter feito o óbvio e convidado Celerie Truman para sair?

Nem por isso. Dabney soubera desse encontro, e com detalhes minuciosos, através da própria Celerie, que tinha aparecido no escritório da Câmara meia hora mais cedo só para poder falar com Dabney sobre o assunto. Não importava que Dabney fosse chefe de Celerie, não importava que fosse chefe de Riley, não importava que, como diretora, pudesse não gostar da ideia de os seus dois

assistentes de informação – que tinham de trabalhar ao lado um do outro durante todo o verão – namorassem. Celerie parecia ansiosa, frenética mesmo, por contar a Dabney toda a história.

O que aconteceu foi isto: Riley tinha planeado levar Celerie até Great Point durante a tarde, mas Great Point tinha sido interditado devido à nidificação dos maçaricos, e então Riley tinha sugerido Smith's Point – a mesma ideia, uma praia remota, mas do outro lado da ilha. Celerie aceitara – sim, bolas, ela nunca fora a Smith's Point nem a Great Point. Uma das falhas do seu primeiro verão foi não ter travado amizade com alguém com um veículo todo-o-terreno; todos os amigos de Celerie tinham *Mini Coopers*, por isso ela tinha ido exclusivamente para Surfside. No caminho de Great Point para Smith's Point, o *Jeep* de Riley ficou sem combustível. O carro era velho, o indicador não era de confiança. Estavam perto de Cisco Brewers, portanto decidiram passar lá a tarde, bebendo cerveja e ouvindo música ao vivo, ao sol.

Tudo ótimo, certo? Errado! Celerie bebeu muito, muito rapidamente, e não comera nada. Parecia que a única comida que serviam na cervejaria saía de um carrinho de cachorros-quentes, e Celerie, como o seu nome sugeria, era vegetariana. Tinha uma sanduíche do Something Natural no *Jeep*, mas, quando se lembrou disso, a sanduíche já estivera ao sol há várias horas e devia estar estragada. Riley sugeriu chamar um táxi ou pedir ao pai para ir buscá-los, mas Celerie, estando embriagada, insistiu numa coisa e numa coisa só: beber ainda mais. Começou a agir como uma idiota (palavras suas). Aproximou-se do vocalista da banda e sugeriu que ele deixasse Riley cantar. O vocalista não tinha interesse em abrir mão do microfone a favor de Riley, mas Celerie persistiu em incomodá-lo. Riley disse ao vocalista que não se preocupasse, ele não queria cantar. Celerie começou a chorar, insistindo que Riley queria realmente cantar, e então, segundos depois, começou a vomitar. Estava tão maldisposta que monopolizou a casa de banho principal da cervejaria durante duas horas. Riley esperou por ela do lado de fora da porta, perguntando continuamente se podia ajudar, se podia chamar um táxi, se podia chamar a colega de quarto dela?

Quando ela finalmente emergiu, Riley tinha o *Jeep* à espera. O pai trouxera-lhe uma lata de gasolina. Riley levou Celerie a casa e acompanhou-a à porta. Por essa altura, já escurecera e a companheira de quarto estava no Chicken Box. Celerie conseguiu chegar à sala de estar, onde desmaiou de bruços no tapete.

Foi, como a própria informou Dabney, a experiência mais embaraçosa da sua vida, ligeiramente aquém do que lhe tinha acontecido durante o décimo ano, que, mesmo agora, era demasiado humilhante para contar.

Celerie também disse que Riley tinha telefonado no dia seguinte para saber como ela estava, e que quando Celerie se lançou num pedido de desculpas, «Desculpa, desculpa, desculpa», ele disse: «Por favor, não te preocupes com isso, acontece aos melhores, a culpa foi minha por me ter esquecido das sanduíches. Talvez possamos tentar novamente noutro dia.»

Celerie olhara para Dabney com uma expressão suplicante e dissera:

– Acha que ele me vai convidar para sair de novo?

Dabney percebeu então que lhe estava a ser pedida a sua opinião como casamenteira. *Devo estar doente*, pensou. O seu radar para tal manipulação estava a falhar.

Sorriu para Celerie.

– Nunca se sabe.

Mas é claro que Dabney sabia: Riley estava apenas a ser cortês. Tinha sido bem educado pelos pais. Riley precisava de alguém um pouco mais velho; Celerie mal completara vinte e dois anos.

Riley precisava de Agnes.

Mas talvez não tanto quanto Agnes precisava de Riley.

E já que estava a tratar de Agnes, porque não também de Nina?

Dabney tentara interferir na vida amorosa de Nina uma vez antes, quando dissera a Nina para não se casar com George Mobley. Nina não lhe tinha dado ouvidos e Dabney não a censurara; Dabney esperara muito tempo para falar e a relação tinha demasiado ímpeto para parar. Fora como uma pedra a rolar por uma colina abaixo. Nina ficara com uma montanha de dívidas, de um lado, e cinco filhos fantásticos e talentosos, do outro. Nos sete anos que se seguiram ao divórcio, Nina não tinha tido um único encontro. Dizia a Dabney que estava muito cansada, muito ocupada e muito desencantada.

O nome que continuava a surgir para Nina era o de Jack Copper. Dabney ficara surpreendida durante a conversa em que contara a Nina sobre o regresso de Glen, e Nina confessara quase ter saído com Jack. Jack Copper era solteiro, sempre fora, e era magro, com um bronzeado perpétuo, rosto enrugado, atraente. Tinha um sotaque do Sul de Boston que enervava pessoas como Box, mas que Dabney adorava. Jack Copper organizava excursões de pesca no seu *Whaler* de treze metros; apanhava sempre peixe, o que atraía um grande número de clientes de luxo. Bebia cerveja no Clube dos Pescadores, jogava dardos no Chicken Box e conduzia uma carrinha *Chevy* de caixa aberta. Falava sempre com Dabney sobre o *Impala* e também sonhava com um *Corvette Stingray* com as peças originais em azul-bermuda. Jack Copper não era uma má escolha. Dabney podia não se ter lembrado do seu nome por iniciativa própria, mas intrigou-a que Nina lamentasse tê-lo dispensado.

Dabney ligou o número da Eleanor Sea Fishing Charters. «Eleanor Sea» era em honra de Eleanor C., a mãe de Jack, que fora proprietária de uma pensão em India Street.

Dabney esperava deixar uma mensagem no atendedor de chamadas; tipos como Jack nunca atendiam os telefones do escritório, especialmente durante o verão. Ficou surpresa quando Jack atendeu.

– Fala Copper.

– Olá, Jack – disse Dabney. – É a Dabney Kimball!

Dabney disse-lhe que ele tinha ganho o sorteio no último Business After Hours e que o prémio era um cheque-oferta de cem dólares da loja de bebidas Hatch's. Poderia ele ir ao escritório buscá-lo naquela tarde?

Sabia que Jack não recusaria cerveja grátis.

– Claro que sim! – respondeu Jack. – Passo aí às três da tarde.

Dabney ficou encantada quando Nina apareceu no trabalho com um vestido vermelho atrevido que lhe acentuava o decote. A amiga raramente se vestia assim. Era quase como se soubesse.

Às duas e meia, Dabney disse:

– Vou demorar ao almoço. Devo estar de volta dentro de uma hora ou assim. – Assinou o registo e saiu.

– Eu não sei porque é que fazes isso – disse Nina.

– Sou muito boazinha.

– Bem, costumavas ser. Não sei se continuaria a usar esse termo para te descrever – respondeu Nina.

– Acho que o Jack Copper vai passar por cá para vir buscar isto – disse Dabney e pousou um envelope na secretária de Nina.

– O que é isso?

– Um cheque-oferta do Hatch's. Ele ganhou-o numa rifa do último Business After Hours.

– Não, não ganhou – disse Nina. – O Hal Allen é que ganhou o sorteio. – Olhou de soslaio para Dabney. – Tu nem sequer estiveste no último Business After Hours.

– Certifica-te de que o Jack leva isso – disse Dabney. – Ele vem buscá-lo às três.

– Dabney – perguntou Nina –, que estás a fazer?

Mas Dabney estava a meio das escadas e fingiu não ouvir.

*

Quando voltou uma hora mais tarde (depois de fazer um desvio por Polpis Road para passar «cinco minutos» com Clen), o escritório estava cheio de fumo verde. Dabney correu escadas acima, tão em pânico como se tivesse atado fogo ao prédio.

A sala da frente, onde Dabney e Nina trabalhavam, estava cheia de uma densa névoa verde, mas a secretária de Nina encontrava-se vazia. Dabney enfiou a cabeça pela porta do escritório de trás. Celerie e Riley estavam ao telefone, tagarelando alegremente, alheios ao desastre atmosférico fora da porta. Claro, lembrou-se Dabney, *elas* não conseguiam vê-lo. Só ela conseguia.

Acenou com os braços até Celerie pôr a chamada em espera.

– Sim, chefe? – disse a rapariga.

– Onde está a Nina? – perguntou Dabney. – Não está na secretária dela.

Celerie encolheu os ombros.

– Estava aqui há um minuto, a conversar com um tipo com uma viseira branca.

Dabney voltou ao escritório da frente, afastando os vapores da cor de sopa de ervilhas, e verificou o registo. Nina não tinha assinado, mas não era tão rigorosa acerca daquele assunto quanto Dabney. Podia ter saído com Jack para tomar um café ou uma bebida.

Então, Dabney pensou ter ouvido um barulho vindo da sala de reuniões. Esperava que fosse da sua imaginação. Tinha de verificar. Se a sala de reuniões estivesse vazia, então iria ao Clube dos Pescadores.

Abriu a porta para dar com Jack Copper e Nina unidos pelos quadris e pela boca, encostados à mesa usada para as reuniões de direção. O fumo verde era tão espesso que Dabney mal conseguia vê-los, mas percebia que estavam seriamente entretidos.

– Ei, vocês os dois! – disse em voz alta.

Eles separaram-se imediatamente, e o nevoeiro levantou o suficiente para Dabney ver a expressão culpada no rosto de Nina.

– Nina, preciso de falar contigo por um segundo – disse Dabney. – E, Jack, podes ir. Tens o que vieste buscar, não é?

Jack puxou a parte inferior da camisa de pescador e ajustou a viseira.

– Hum... sim – disse ele. – Até logo. – Bateu em retirada da sala de reuniões. Dabney esperou até ouvir os seus passos nas escadas, antes de fechar a porta. O ar desanuviara drasticamente.

– Meu Deus, isto foi constrangedor – disse Nina. – Sinto-me como se tivesse dezasseis anos de

novo e tu fosses a minha mãe. Porque não *bateste* à porta?

– Não sabia onde estavas – disse Dabney. – Fiquei preocupada.

– Preocupada com quê? – perguntou Nina. – Estávamos apenas aos beijos. Foi por isso que lhe ligaste, não? Que pagaste cem dólares do teu próprio bolso para um segundo cheque-oferta, certo? E que lhe disseste para vir às três e saíste convenientemente às duas e meia. Não foi?

– Foi – disse Dabney. – Lamento.

– Não, *eu* é que lamento – disse Nina. Olhou pela janela, para Main Street, a figura de Jack Copper afastando-se à pressa. – Isto acabou, de certeza. Ele nunca mais vem cá. Agora, se quiser vê-lo, vou ter de andar atrás dele. Obrigadinha.

– Na verdade, fiz-te um favor – disse Dabney.

– Um favor? – perguntou Nina. – *Tu* podes sair e divertir-te. Já estiveste com o Clen praticamente todos os dias desde que o Box foi para Londres. E eu disse uma palavra sobre isso? Não! Porque és a minha melhor amiga e quero que sejas feliz. Mas tu não sentes o mesmo por mim.

– Mas sinto – asseverou Dabney.

– Não sentes nada! – retorquiu Nina. – Fizeste isto só para dar cabo de mim.

– Quando cheguei ao escritório, vi fumo verde – disse Dabney. – Assim como com o George! O Jack Copper não foi feito para ti, Nina.

– Não me *importo* se ele não foi feito para mim! – disse Nina, subindo o tom de voz. – Eu só quero um homem que me dê atenção! Só me quero divertir! Não há uma terceira categoria em que vejas um amarelo que signifique feliz-por-agora? Ou um azul pacífico? Ou um vermelho escaldante?

– Não. Não é assim que funciona – disse Dabney.

– Bem, é pena – respondeu Nina.

– Eu quero encontrar-te alguém especial – continuou Dabney. – A pessoa certa. Alguém para sempre.

– Eu não quero alguém para sempre! Quero alguém para hoje! E tu afugentaste-o!

– Tu *queres* alguém para sempre – disse Dabney. – Eu sei que queres. – As lágrimas marejaram-lhe os olhos. – E, mesmo que não queiras, eu quero isso para ti. – As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. Estivera tão certa de que Jack Copper iria funcionar, mas não, ele era uma escolha errada. Os instintos de Dabney estavam desafinados.

Nina entregou-lhe um lenço de papel.

– Dabney – perguntou ela –, o que se passa contigo?

Mas Dabney não sabia.

AGNES

Tinha um grupo de dez ciclistas a sair para Quidnet Pond. Seis rapazes, quatro raparigas, todos eles bons ciclistas, exceto um miúdo chamado Dalton, que vinha de Nova Iorque (Park Avenue entre a Sixty-Ninth e a Seventieth) e frequentava um colégio religioso. Dalton tinha os lábios horrivelmente gretados e uma das razões por que ficava para trás e atrasava o grupo era ter de parar a cada três ou quatro minutos para aplicar protetor solar com um fator 30 nos lábios. Isso, e o capacete, que Agnes notou ser do mais caro possível, não se encaixar corretamente e lhe escorregar

para a frente dos olhos. Dalton quase chocara com as raparigas da frente graças ao dito capacete.

Agnes odiava admitir, mas não gostava muito de Dalton. Respondera-lhe com rispidez antes, dizendo que ele tinha de se manter com eles ou seria despromovido para o grupo dos miúdos de nove anos. Não fora uma coisa muito simpática de dizer. Não estava realmente zangada com Dalton – o miúdo era apenas irritante –, estava zangada com CJ. CJ tinha cancelado a visita de fim de semana; não conseguira o quarto do White Elephant, e isso, aparentemente, era decisivo.

– Não vejo porque não podes ficar cá em casa – disse Agnes. – O Box está em Londres e a minha mãe nunca cá está.

– Não me ia sentir confortável – disse CJ. – Não vou conseguir descontraír. E, se vou passar tempo contigo, gostaria de fazer as duas coisas.

Desconfortável e pouco à vontade por causa de Dabney, pensou Agnes. Se a mãe estivesse em Londres, CJ teria vindo.

– Gostava que viesses a Nova Iorque este fim de semana – disse ele.

– Não, não posso – respondeu ela.

– Porquê? – perguntou CJ.

Ela tentou pensar numa razão. *Podia* ir a Nova Iorque, mas não queria. E, de qualquer maneira, CJ passaria todo o fim de semana ao telefone a negociar o interminável contrato de Bantam Killjoy. BK tinha sido recrutado pelos Jaguars, mas estava infeliz; queria sair. CJ andava a tentar levá-lo para o Kansas City ou o San Diego. Ou pelo menos era o que Agnes achava que se passava; ela acabava por perder o fio à meada.

– Estou em *Nantucket*, CJ – disse. – Gostava de ir para a praia. Aproveitar o verão.

– Podemos aproveitar o verão na cidade – disse ele. – Podemos caminhar em Central Park e pôr os pés na fonte. Podemos ir a um jogo dos Yanks. Podemos fazer reservas em qualquer restaurante da cidade. Queres que reserve o Le Bernardin? O Minetta Tavern?

– Hum... – disse ela. – Talvez no próximo fim de semana.

– Nem sequer parece que me queres ver – comentou CJ.

– Quero – disse Agnes. E depois desfez-se em desculpas em que nem sequer acreditava.

No desvio para Quidnet Road, Agnes reuniu os seus campistas. Havia algumas personalidades divertidas – Archie, Samantha, Bronwyn e Jamey (rapaz) e Jamie (rapariga). Mas todos tinham calor e sede, as garrafas de água quase vazias, e os miúdos ansiavam por um mergulho e pelo almoço.

Agnes deu as instruções finais – virar à esquerda em Quidnet Road, a quinhentos metros da lagoa, trancar as bicicletas, ir para a praia, permanecerem juntos, ninguém entrava na água até ela soprar o apito e todos esperariam por Dalton. Ele estava alguns metros atrás, numa pausa para aplicar batom com proteção solar.

Só então a atenção de Agnes foi captada pela visão do *Impala* percorrendo Polpis Road. A sua mãe, de óculos escuros, cantava ao volante. Agnes apanhou um pouco da letra «Hang Fire», dos Rolling Stones.

Acenou, gritou «Mãe! Mãe!», mas o *Impala* não se deteve; Dabney estava demasiado concentrada no seu destino para reparar na sua única filha.

Aonde iria ela? Agnes não podia propriamente segui-la.

Os miúdos ficaram intrigados.

– Era a sua mãe? – perguntou Samantha. – Mesmo sua mãe-mãe?

Agnes percebeu que, para os miúdos, ela provavelmente parecia demasiado velha para ter mãe.

– Aquele era o *carro* dela? – perguntou Archie. – Um *Chevy Impala* de 1967?

Havia um aficionado de carros em todos os grupos. Agnes assentiu.

– Era a minha mãe – disse. – A minha mãe-mãe. E, sim, aquele é o carro dela.

– A sua mãe deve ser *fixe* – disse Archie.

Nessa noite, ao jantar, Agnes esperou até Dabney ter terminado o primeiro copo de vinho e serviu-lhe o segundo antes de ela o ter pedido. Mais uma vez, parecia que a mãe tinha apanhado sol. As sardas nas bochechas eram abundantes e pronunciadas.

– Vi-te em Polpis Road hoje – disse. – No desvio para Quidnet. Estava com os miúdos da colónia. Aonde ias?

Dabney deu uma dentada no salmão grelhado com molho caseiro de endro e a seguir fez uma cara de êxtase. Agnes tinha de concordar: a mãe cozinhava como uma deusa. Ela tinha engordado um quilo e meio desde que voltara para casa.

– No verão entre o meu último ano no liceu e o meu primeiro ano na universidade, furei um pneu em Main Street – disse Dabney. Limpou os lábios e bebeu um gole de vinho. – No *Nova*. Encostei-o ao passeio em frente ao Murray’s Toggery. E, mal saí do carro para ver os estragos, parou um carro da polícia. – Dabney sorriu. – E era o teu avô!

– Oh – disse Agnes.

– Quais são as hipóteses de o meu pai ir a passar no exato momento em que tive um furo? Fiquei muito feliz por o ver, embora ele me tenha feito mudar o pneu. Lembras-te de como era o teu avô.

– Mãe – insistiu Agnes. – Aonde ias hoje?

– Apenas pensei nesta história, porque é muito engraçado encontrar os pais ou os filhos, quando estamos a fazer outras coisas, a viver a nossa vida.

– Mãe.

Dabney pegou num espargo com os dedos e mordiscou-o.

– Tive um almoço no Sankaty Beach Club – disse ela.

– A sério? – estranhou Agnes. Aquilo não batia certo. Dabney não gostava de ir ao Sankaty Beach Club, porque a mãe dela, Patty Benson, pertencera ao clube e, portanto, ela tinha decidido que o local estava amaldiçoado. – Pensei que te recusasses a comer lá.

– Bem, hoje comi – disse Dabney.

NINA MOBLEY

Dabney saíra do escritório quando Marcus Cobb chegou para se inscrever na Câmara de Comércio. Marcus Cobb era o Dr. Marcus Cobb, oftalmologista, e estava a abrir um consultório em Old South Road.

Um oftalmologista genuíno!, pensou Nina.

Era de estatura média, tinha o cabelo rapado e vestia camisa e gravata. Nina adorava ver um

homem de camisa e gravata, provavelmente porque tinha crescido em Nantucket, onde ninguém usava camisa e gravata, exceto o supervisor da escola secundária e os tipos dos seguros do outro lado da rua.

– Sabe, devo estar a precisar de usar óculos. Não vejo tão bem como costumava – disse Nina. Isso fez com que o Dr. Marcus Cobb se risse. Julgou que Nina estava a brincar.

Casal n.º 17: Genevieve Martine e Brian Lefebvre, casados há 21 anos, cinco filhas

Genevieve: Quando conheci a Dabney, tinha vinte e um anos e ela dezassete, e trabalhávamos juntas na Nantucket Cotton, uma loja de *T-shirts*, que era a loja com maior sucesso na ilha. Eu vinha do Canadá, tinha acabado de me formar em McGill, com uma licenciatura inútil em Língua e Literatura Francesa, e chegara a Nantucket porque me tinha apaixonado acidentalmente pelo marido da minha prima. Sou de uma grande família católica e a minha mãe, que ficou positivamente *estupefacta* comigo, disse-me para sair do Canadá e rezar a Deus por perdão.

Aceitei o primeiro trabalho que me foi oferecido; na loja de *T-shirts* estavam desesperados por ajuda. A Dabney, embora quatro anos mais nova do que eu e ainda adolescente, era minha gerente. O proprietário, um homem chamado Ed Law, disse-me que devia ouvir a Dabney e seguir as suas ordens. Ela era, segundo ele, a melhor empregada que alguma vez tivera.

A Dabney era uma rapariga gira – usava sempre *jeans*, sapatos rasos, um colar de pérolas, uma fita na cabeça, e, durante o seu turno, uma *T-shirt* rosa que dizia NASCIDA EM NANTUCKET em letras azul-marinho na frente. O Ed Law mandara fazer-lhe a *T-shirt*, disse-me ela. E eu pensei: *Uau, o Ed Law é um tipo porreiro*.

Foi a Dabney quem me disse que a Nantucket Cotton era a loja com maior faturação da ilha, ultrapassando até as galerias e as joalharias. Todos os visitantes queriam levar uma lembrança, disse. Uma *T-shirt* era leve, barata e prática. O Ed Law tinha sido a primeira pessoa na ilha a expandir-se para além do nome da ilha. Criou uma *T-shirt* que satirizava o primeiro verso⁸ da famosa quintilha humorística e obscena. A *T-shirt* dizia: EU SOU O HOMEM DE NANTUCKET.

Vendemos milhares.

O que aprendi rapidamente acerca da Dabney foi que não só era uma boa gerente – organizada e justa com o nosso horário de trabalho, responsável com a caixa registadora e o «banco», e liderava pelo exemplo, com a sua ética de trabalho (dobrava as *T-shirts* como eu nunca tinha visto, e empilhava-as por ordem de tamanho crescente, o que não era obrigatório pelos padrões do Ed Law, mas era assim que a Dabney gostava que fosse feito) –, como também era um génio no atendimento aos clientes. Era muito simpática e perguntava de onde eram e onde estavam hospedados. Tinha um conhecimento enciclopédico da ilha e sugeria sempre restaurantes às pessoas, ou trilhos de bicicletas pouco conhecidos e piqueniques. As pessoas adoravam! A maioria dos clientes acabava por comprar mais *T-shirts* por causa da Dabney, e depois o Ed Law teve a ideia de vender mapas turísticos a três dólares cada, e a Dabney personalizava os mapas dos clientes com base nas suas necessidades e desejos individuais.

«Devias trabalhar para a Câmara de Comércio», disse-lhe eu.

Ela sorriu.

«Tens razão!», respondeu. «Devia!»

«Mas o que faria o Ed Law sem ti?», disse eu. E rimo-nos.

A Dabney tinha um namorado chamado Clendenin Hughes, que esperava por ela no final de cada turno. Sentava-se no banco em frente à loja e lia até a Dabney ter acabado. Depois, dava-lhe a mão e iam-se embora.

Trabalhei com a Dabney durante três verões, até que tive um malfadado caso com o Ed Law. Acabara de ser perdoada por causa do marido da minha prima, quando tive de começar tudo de novo. Depois de deixar a Nantucket Cotton, trabalhei como empregada de mesa do Atlantic Café, e decidi que precisava de um «emprego a sério», e fui contratada como rececionista pelo Ted Field, que na época era tão recém-chegado à ilha que me fez sentir como uma habitante local.

Enquanto isso, continuei a envolver-me com homens casados, apesar dos meus melhores esforços para os evitar. Não era eu; eram eles. Eles mentiam-me. O Ed Law insistiu que se estava a separar, à beira do divórcio – não era de todo verdade. Quando a Dabney se formou em Harvard, eu namorava com o Peter, o bombeiro, a quem mais tarde descobri... uma mulher e dois filhos em Billerica, no Massachusetts. E, quando soube que a Dabney estava grávida, tinha acabado de terminar uma relação com o Greg, um piloto de Bermuda. Casado.

Podia pedir perdão o dia todo, mas de nada valia. Era como um distúrbio ou uma doença de que eu sofria.

Encontrei a Dabney na mercearia – em meados de fevereiro, a meio da noite –; a barriga dela parecia prestes a rebentar. Fiquei muitíssimo chocada. Imensamente, redondamente grávida, a Dabney Kimball, que tinha sido tão responsável com a caixa registadora.

Ela fora comprar gelado de chocolate. Olhou e viu-me, mas não sorriu.

«Oh, olá, Genevieve», cumprimentou.

O meu coração encheu-se de carinho. A Dabney era uma das únicas pessoas que pronunciava o meu nome corretamente, com quatro sílabas. – Ge-ne-vie-ve.

«O que é isso? O bebé... é teu e do Clendenin?», perguntei.
Ela olhou para mim com os olhos inexpressivos.
«Não», respondeu. E foi-se embora.

Bem, não se pode trabalhar como rececionista num consultório médico e não ouvir todas as coscuvilhices: sim, o bebé era do Clendenin, não, não era do Clendenin, era de outra pessoa, uma criança fruto de um romance de verão, depois não, não era nada disso, afinal era do Clendenin. Provavelmente, talvez fosse do Clendenin, ninguém tinha a certeza, e o próprio Clendenin tinha partido, para ser repórter no Sudão.

Quando o bebé nasceu, soube o nome e peso na hora: Agnes Bernadette, três quilos e duzentos de peso, quarenta e sete centímetros de comprimento. Mas não houve anúncio no jornal.

E eu pensei: *Como é que a jovem mais doce, mais inteligente, mais sensata que alguma vez conheci acabou assim?*
Como presente para o bebé, encomendei uma *T-shirt* especial, minúscula, cor-de-rosa, que dizia NASCIDA EM NANTUCKET em letras azul-marinho na frente. Um presente inspirado, pensei. A Dabney enviou um cartão no seu papel de carta com monograma: *Adorei a T-shirt... tantas boas recordações... obrigada por pensares em nós*. Mas foi a última vez que vi ou ouvi falar dela durante um bom período de tempo. Naquela época, o Ted Field não era médico dela.

*

Então, alguns anos mais tarde, recebi um convite para o casamento da Dabney. Ia casar-se com um professor de Economia de Harvard! Fiquei deleitada por ela, mas também com um pouco de ciúmes. Estava mortinha por encontrar alguém adequado – alguém solteiro – e casar-me.

A Dabney e o Box casaram-se na igreja católica e o copo-d’água foi no jardim da casa da avó da Dabney, em North Liberty. Foi um casamento exatamente como seria de esperar da Dabney – havia muitas rosas, *cocktails* de champanhe e deliciosos canapés, um quarteto de cordas tocou Vivaldi, e a Dabney estava linda num vestido de renda marfim. Tirou fotografias com todos, incluindo os fornecedores e os rapazes que estacionavam os carros. A Agnes usava um vestidinho rosa que combinava com a cor das flores e eu pensei: *Este é um final mais apropriado para alguém tão magnífico como a Dabney*.

Mesmo antes de nos sentarmos para jantar, a Dabney agarrou-me no braço.
«Vou mudar-te de lugar», disse ela.
«O quê?», perguntei. Eu tinha um cartão de marcação de lugar que dizia Mesa Indigo, que a Dabney me arrancou das mãos.
«Não tenho sido uma amiga muito boa ou atenta nos últimos anos, eu sei. Mas vou compensar isso agora. Segue-me. Quero-te na mesa cor-de-rosa», disse ela.

A Mesa Rosa ficava na frente, na orla da pista de dança, onde a orquestra tocava em breve. Senti-me como se estivesse num avião, com um lugar melhorado para a primeira classe, ou num hotel com uma suíte em frente ao mar. Esperava que a Dabney não estivesse a mudar-me apenas por se sentir culpada por negligenciar a nossa amizade. Tínhamo-nos divertido imenso na loja, por causa d’ «O homem de Nantucket», mas também nos tínhamos aproximado por causa de assuntos mais sérios – a fuga da mãe, o romance tórrido com o Clendenin, o meu papel indesejado como a «outra». Adorava a Dabney, iria adorá-la sempre, a despeito de onde estivesse sentada no casamento dela.

Então vi o Brian. Um tipo loiro, com uns belos ombros largos e óculos pequenos.
«Genevieve», disse a Dabney. «Este é o primo do Box, em segundo grau, o Brian Lefebvre. Acabou de se formar na Harvard Law School e está a abrir um escritório na ilha.»
Lefebvre, pensei. *É francês. Harvard Law School. A mudar-se para Nantucket*.
Sentei-me ao lado dele e sorri. Tudo parecia muito bom, mas eu estava desconfiada.
«Prazer em conhecê-lo, Brian», disse. «Sou a Genevieve Martine.» Demos um aperto de mão. Ele parecia muito nervoso, o que achei encantador.

«Vou deixar-vos a conhecerem-se. Tenho de ir sorrir para a câmara», disse a Dabney.
Vi o Brian alcançar e tocar no braço da Dabney. Vi-o sussurrar a palavra *obrigado*, e ocupei-me a desdobrar o guardanapo cor-de-rosa em forma de cisne no meu prato e a pousá-lo perfeitamente no colo.
«Então, Genevieve...», disse ele. Foi um bom começo, porque pronunciou o meu nome perfeitamente. «O que faz na ilha?»
«Sou rececionista no consultório do Dr. Ted Field», respondi.
«Oh. E é... solteira?»
«Sim», respondi. «E o Brian?»
Ele acenou com a cabeça enfaticamente.
«Sim», disse.
Não usava aliança, mas, como eu tinha aprendido, isso não significava nada.
«A sério?», perguntei.

«Bem...», disse ele.

Ele pensei: *Sim, aqui vamos nós. Está separado, mas o divórcio está pendente. É casado, mas a mulher vive no estrangeiro. Só disse que era solteiro, porque ficou surpreendido com a minha beleza; o que realmente quis dizer é que é casado.*

«Fui casado», disse ele. «Há muito tempo. Há cinco anos. Durou sete meses, sem filhos. Gosto de pensar que foi como fazer um *mulligan*.»

«Um *mulligan*», repeti. «Como no golfe.»

«Exato», disse ele. «Onde temos de começar de novo sem sermos penalizados.»

Semicerrei os olhos, ainda cética.

«Mas é divorciado, certo? Legalmente divorciado?»

«Não só divorciado», disse ele. «Anulado.» Inclinou-se para mim e sussurrou: «Sou católico. A anulação foi muito importante para a minha mãe.»

Eu não podia acreditar.

«Está a contar-me a verdade, certo?»

«A Dabney disse-me para trazer os meus papéis do divórcio comigo para lhe mostrar», respondeu-me. «Pedi-me que trouxesse a anulação do casamento assinada pelo bispo. Mas eu pensei que ela estava a brincar.»

Soltei uma gargalhada ao ouvir aquilo.

«Ela pediu-lhe que trouxesse os seus papéis do divórcio?»

O Brian sorriu e corou e, naquele momento, foi o homem mais adorável em que eu já tinha posto os olhos.

E, então, percebi o que estava a acontecer. Estávamos na mesa cor-de-rosa. Rosa – claro!

BOX

Recebeu um *e-mail* do Departamento do Tesouro: o presidente e o secretário precisavam dele em Washington. Deixou o *e-mail* ficar sem resposta durante quase doze horas, enquanto decidia o que fazer. Então, de alguma forma, um assessor localizou-o no Connaught, e deixou uma mensagem na receção. Uma jovem recém-saída da universidade entregou a mensagem a Box com os olhos arregalados de admiração. Provavelmente parecia-lhe algo tirado de um filme, mas, para Box, as notícias eram apenas cansativas. Deitou a mensagem fora.

Porém, quando acordou de manhã, havia uma mensagem de voz no seu telemóvel, deixada pelo secretário em pessoa. O presidente precisava desesperadamente dos seus conselhos; estava a ser alvo de muita pressão por parte de Wall Street em relação às taxas de juro e sanções comerciais na Coreia do Norte. As coisas estavam uma confusão agora, mas podiam enfrentar um sarilho ainda maior, e «todos nós sabemos como o presidente se sente sobre o seu legado no que diz respeito ao défice». E: «Por favor, Box, como um favor pessoal a mim, como um serviço ao seu país...»

Box sentou-se na beira da cama e expirou. Os presidentes no primeiro mandato preocupavam-se com a reeleição; no segundo mandato, com o legado.

Dabney não queria que ele viesse sequer a Londres. Ele não podia imaginar a reação dela quando ligasse e perguntasse se podia estender a viagem, por uma semana, a Washington.

Mas era o presidente dos Estados Unidos, e o secretário do Tesouro, e, mais importante, era trabalho. Como pelo menos um dos seus alunos apontava todos os semestres, a maior parte das teorias económicas não tinha qualquer influência real na *vida* das pessoas. Mas isto teria. Se Box não fosse e deitasse mãos ao trabalho, alguém o faria, e ele ou ela iriam estragar tudo.

Telefonou a Dabney.

– Querida – disse. Depois lançou-se numa argumentação cuidadosa: o secretário do Tesouro, a política económica do país, mais uma semana afastado, pedia desculpa. Mas, mesmo com uma viagem a Washington, estaria de volta a Nantucket para o Quatro de Julho.

Dabney surpreendeu-o dizendo:

– Claro, querido, por favor, se o secretário precisa de ti, vai! Estou muito orgulhosa e feliz por ti. Que honra!

Box tinha de concordar com ela: era uma honra. Ficou contente que Dabney tivesse voltado à sua velha e agradável maneira de ser, dando-lhe apoio. Mostrou-se muito mais encorajadora do que ele havia previsto.

– Obrigado, querida – disse. – Por compreenderes.

– Não sejas tonto – disse Dabney.

A sua voz era leve, alegre até. Ela deve andar a sentir-se muito melhor, pensou.

Box telefonou ao secretário do Tesouro.

DABNEY

Nina entrou no escritório com um novo par de óculos chiques e anunciou que tinha um encontro com o Dr. Marcus Cobb na noite de quarta-feira seguinte.

Dabney ficou quase sem palavras.

– Quem é o Dr. Marcus Cobb? – perguntou. O nome soava familiar, mas Dabney não conseguia situá-lo. Parecia o nome de um dos tipos que Oprah elevara ao estatuto de celebridade – Dr. Phil, Dr. Oz –, mas não era isso.

– O oftalmologista – disse Nina. – Veio à Câmara no início desta semana.

– Certo! – disse Dabney. Tinha tratado do processo de candidatura na véspera. – Estou a ficar *esquecida*!

– Ele convidou-me para sair, quando veio ao escritório – explicou Nina.

– Ai sim? – disse Dabney. Ficou surpreendida por ouvir aquilo pela primeira vez. – Onde é que te vai levar?

– Vamos jantar ao Galley – respondeu Nina.

O Galley Beach não era apenas bom para um primeiro encontro, era o *melhor* para um primeiro encontro.

– Não posso acreditar – disse Dabney.

– Não podes acreditar que alguém me queira levar a sair? – perguntou Nina.

– Não! – exclamou Dabney. – Não é isso. – Não sabia como explicar o que estava a sentir. Se Nina ia finalmente a um encontro, Dabney queria ser a única a arranjar-lho. Queria redimir-se do fiasco de Jack Copper. – Quando é que posso conhecê-lo?

– Não sei – disse Nina. O seu rosto tinha uma expressão que Dabney não conseguia decifrar. – Acho que talvez seja melhor ir com calma... talvez guardá-lo para mim por um bocado... compreenderias se eu não to apresentasse imediatamente?

– Prometo não dizer nada – disse Dabney. – Sei que errei com o Jack, Nina. Gostaria muito de conhecer o Dr. Marcus Cobb, só para lhe dar uma olhadela, e juro não dizer uma palavra sobre auras ou fumos. Juro!

– Dabney – disse Nina –, estou a pedir que me dês espaço com este. OK?

– Oh – respondeu Dabney. – Está bem. – Tentou não se sentir magoada. Devia estar feliz por Nina

ter tomado conta de tudo sozinha. Dabney andava muito ocupada.

Ela e Clen tinham passado quase todas as tardes juntos – na piscina ou na praia. Clen preferia a piscina. Era menos incomodativo e o vento não fazia voar os jornais, e havia canalização, bem como o liquidificador para fazer *margaritas*. Dabney estava a habituar-se a bebidas frescas e sanduíches caseiras – cada uma mais deliciosa do que a outra – servidas na sua *chaise longue*.

Ela preferia a praia, porque, para si, a praia *era* Nantucket, e regressava aos verões da sua juventude. Outrora, Dabney e Clen tinham sido o Rei e a Rainha de Madequecham Beach. Clen era responsável por trazer o barril da cerveja todos os domingos, e Dabney organizava a lenha, as churrasqueiras a carvão, os cachorros-quentes, hambúrgueres e coxas de frango marinadas, as batatas fritas e salada de batata e os *brownies*. Jogavam às ferraduras, futebol e *Frisbee*. Ouviam The Who, Bruce Springsteen e Van Morrison. *Fazer amor na relva verde, atrás do estádio contigo, minha Rapariga de Olhos Castanhos*⁹.

Tinham conversas longas e boas durante as tardes. Clen contou a história de como perdera o braço, tão horrível e perturbadora que Dabney não suportava pensar nisso. Ela esticava o braço de tempos a tempos e acariciava a pele do coto dele, pensando em como ele era um homem corajoso, um homem resiliente.

Assinava o livro de registo quase todos os dias, escrevendo *recados*. Os seus recados eram: Praia. Piscina. Sanduíches. Conversar. Amor.

Amor.

Clen dissera-lhe: – Engole aquelas palavras. Quero ouvir-te engolir aquelas palavras.

Ela encostou a mão ao rosto dele e olhou para o tom do vale verde e chá fraco dos seus olhos. – Retiro o que disse.

Eu não te amo.

– Diz-me que não falavas a sério quando disseste aquilo.

– Eu não falava a sério quando disse aquilo. Sempre te amei, Beast, e amar-te-ei sempre – disse ela.

Tudo aquilo se tratava de uma espécie de estado de bem-aventurança, mas chegava ao fim. Foralhes concedido um indulto de uma semana quando Box ligou a dizer que ia para Washington.

– O presidente? – troçou Clen. – Tens a certeza de que ele não está a exagerar a sua própria importância?

Box tinha defeitos como todos os outros, mas exagerar a sua própria importância não era um deles. Dabney estava grata por mais uma semana de liberdade.

Agnes, no entanto, ficava cada dia mais curiosa. *Aonde foste hoje? Eu vi-te a passar de carro em Polpis Road. Porque não estavas no trabalho? Liguei para o escritório às três horas e disseram-me que tinhas saído. Mais uma vez. O que se passa, mãe? Tens algo para me contar? Andas a ver o Dr. Donegal novamente? Porque, se estiveres, acho que isso é ótimo. A Nina disse que estavas fora, a fazer recados. Que tipo de recados? A Nina sabe para onde vais?*

Dabney ansiava por dizer a verdade à filha.

– Porque não dizes? – perguntou Clen.

Talvez se ela estivesse a ter um caso com o Dr. Marcus Cobb, ou com um jovem empregado da Boarding House, tivesse confessado à filha. Mas Clendenin Hughes era uma bomba atômica.

Uma semana depois de Agnes completar dezasseis anos, Dabney começara a ensiná-la a conduzir no estacionamento de Surfside Beach. Iam à noite após o jantar, só as duas, e Dabney sentava-se ao lado dela e dava-lhe dicas que pensava que poderiam ser úteis. Conduziam o *Mustang* de Dabney, que tinha sido comprado por impulso após a morte do seu *Camaro*. Teve o *Mustang* apenas durante dezoito meses (comprar um *Ford* tinha sido um erro), mas o carro viria a ter grande importância para ela, porque fora nele que contara a verdade a Agnes.

Dabney não se lembrava das suas palavras exatas. O que teria dito?

Querida, meu amor, filha do meu coração... o pai, o Box, não é o teu pai biológico. O teu pai biológico é um homem chamado Clendenin Hughes.

Tinha sido algo parecido.

Ele vive na Ásia agora. Deixou o país antes de eu descobrir que estava grávida e foi-lhe impossível voltar. Teria sido muito mais fácil para mim ir para lá, mas eu não podia, e então pedi-lhe que por favor me deixasse criar-te sozinha. Não me estou a explicar muito bem, querida, foi muito complicado.

Clendenin Hughes. Vive na Tailândia agora, acho eu, ou no Vietname.

Tudo o que Dabney conseguia recordar era Agnes estridente, histérica, gritando como se a mãe lhe tivesse espetado um garfo no olho.

Ela havia esperado demasiado tempo. O Dr. Donegal aconselhara os treze anos. Box queria que ela soubesse aos dez.

Mas Dabney era a mãe de Agnes; Dabney decidia o que contaria à sua filha e quando.

Não queria que Agnes sequer soubesse.

Que importância tinha isso? A sério, que *importância*? Box tinha sido um bom pai. Esteve com Agnes desde que a filha se lembrava. Porquê estragar a linda cabeça de Agnes com informações de que ela nunca, nunca, precisaria?

Porque era a verdade. Porque era sangue. Dabney e Box tinham contornado bastante a verdade (se não até mentido). Agnes tinha perguntado porque não se parecia em nada com Box, e Box havia dito: «A genética humana é caprichosa, minha querida.» Agnes perguntou a Dabney acerca das fotografias dela e de Clen juntos no anuário da escola. *Este foi teu namorado, mãe? Sim, acho que sim. O que lhe aconteceu? Oh, ele já saiu daqui há muito tempo.*

Agnes nunca tinha visto a sua certidão de nascimento. O nome de Clen não constava nela. Dabney não o permitira; fora magoada muito profundamente, muito consumida pela emoção desconcertante. O Dr. Benton, que era o médico de Nantucket antes de Ted Field, tinha feito o parto e sabia quem era o pai, mas Dabney olhou-o bem nos olhos e disse que não fazia ideia. Disse que tinha dormido com um monte de rapazes no verão anterior.

Na linha sobre o pai, dizia: *incógnito*.

Dabney decidira confessar no décimo sexto aniversário de Agnes por causa da certidão de nascimento. Agnes precisava de uma cópia para se candidatar a um programa de estudos de verão no

estrangeiro, e Dabney tinha sido capaz de lidar com a certidão de nascimento até àquela altura – matrículas escolares, jogos de basebol, etc. –, mas agora era impossível continuar a manter Agnes na ignorância. A filha podia pegar em cinco dólares, ir ao cartório a qualquer momento e obter uma cópia ela mesma.

A gritaria. *Mentiste-me. Mentiste-me sobre as minhas origens. Como posso voltar a confiar em alguma coisa que me digas? Como é que sei que és mesmo minha mãe? Quem me dera que não fosses. Quem me dera que não fosses minha mãe.*

Dabney estava preparada para tudo isso. O Dr. Donegal dissera-lhe com que contar. Claro, uma coisa era saber o que aí vinha e outra coisa era realmente experimentá-la. Dabney ficou contente por ter escolhido dar a notícia quando ainda estava no banco do condutor do *Mustang*. Agnes podia ter carregado no pedal – em linha reta sobre a areia e direita ao mar.

Quem me dera que não fosses minha mãe.

Outras raparigas da idade de Agnes passavam a vida a proferir palavras como aquelas, Dabney sabia, mas Agnes nunca o fazia. Dabney não negava: doeram, e doeram ainda mais porque Agnes tinha todo o direito de estar zangada. Dabney ocultara-lhe informações pertinentes, talvez as mais pertinentes de todas. *Mentira-lhe* sobre as suas origens. Escolhera mal a altura. Discordara profundamente de Box sobre contar a Agnes aos dez anos. Que criança de dez anos tinha maturidade suficiente para entender a paternidade? Agnes acabara de aprender o que era o sexo. E, aos treze anos, estava a atravessar a puberdade, ficou menstruada, começou a depilar as pernas, o rosto dela encheu-se de borbulhas, não, Dabney não ia acrescentar outras preocupações, contando-lhe sobre Clen.

Aos dezasseis anos, Agnes era madura, responsável, inteligente e calma. Dabney julgou que ela encararia a notícia com calma. Explicou-lhe porque não havia fotos de Box com Agnes em bebé, e por que razão os dois não partilhavam características físicas.

Mas Agnes ficara histérica. Estava para lá de furiosa, para lá de triste. Dabney conduzira do estacionamento de Surfside Beach para casa, em Charter Street, enquanto Agnes se lamentava. As janelas do *Mustang* estavam fechadas, mas Dabney convenceu-se de que todos na ilha a podiam ouvir.

Quando chegaram a casa, Agnes telefonou a Box em Cambridge. Dabney pensou que Agnes ficaria igualmente zangada com Box por ter mantido o segredo, mas não. Agnes só queria a confirmação de Box de que o que Dabney tinha dito era verdade (como se Dabney fosse mentir sobre uma coisa daquelas). Ao ouvi-lo confirmar as palavras da mãe, ela chorou e chorou, permitindo que Box, e apenas Box, a consolasse.

Para Agnes, a mãe era uma mentirosa, uma vadia, o inimigo. Não falou com Dabney durante três semanas e, mesmo depois disso, as coisas continuaram tensas.

Acima de tudo mãe, mãe sempre. Dabney vivera por esse mote, mas isso não significava que não cometesse erros. Cometera um erro ao não contar a Agnes mais cedo. *Desculpa, querida!*

Box também não ficara contente com Dabney. Ela teve de levar com uma grande dose de «*eu avisei-te*».

Dabney perguntou-se se deveria ter esperado até que Agnes fizesse dezoito anos, ou vinte e um. Talvez o seu erro não estivesse em esperar muito tempo, mas em não esperar o tempo suficiente.

Talvez devesse ter esperado até Agnes ter experiência suficiente para perceber que a vida era uma grande confusão e que se podia contar com que a pessoa que mais se ama nos ferisse da pior maneira possível.

No entanto, nas semanas seguintes à revelação, notou que Agnes manifestava curiosidade sobre Clendenin Hughes. Os anuários de Dabney acabaram no chão do quarto de Agnes. A filha pesquisou Clen no computador da família; desencantou uma lista dos seus artigos e talvez tenha lido alguns. E, então, Dabney encontrou uma carta dirigida a Clen, ao cuidado do *New York Times*. Estava em cima do livro de Matemática, à vista de todos, como se Agnes quisesse que Dabney a visse. Muito provavelmente, fora ali deixada como uma forma de tortura.

Dabney nunca quisera algumas coisas na vida tanto quanto quisera ler aquela carta.

Então, como sempre, o verão chegara e Agnes fora para o seu programa, em França, e voltara para casa semanas depois com uma queda por lenços de seda ao pescoço, e para chamar «*Maman*» a Dabney, e um novo e feroz amor por *macarons*. Trouxe a Dabney a receita infalível de *baguette*, e mãe e filha fizeram pão juntas e comeram-no com manteiga doce e sal – e uma vez, magicamente, adicionaram um pouco de chocolate preto, e tudo voltou praticamente ao normal. Dabney era a mãe, Box era o pai, e o nome de Clen não voltou a ser mencionado. A vida continuou.

Mas Dabney não era ingénua. Sabia que tinha causado danos reais e infligira uma mágoa real, tal como a sua própria mãe quando desaparecera para sempre, deixando-a aos cuidados de May, a empregada irlandesa. Dabney temia que o seu desempenho como mãe fosse péssimo e um fracasso, por ela própria ter tido uma mãe tão má.

Mas não – sem desculpas. Dabney nunca sentiu pena de si mesma; ela era uma pessoa diferente. Tinha tomado uma decisão, certa ou errada. *Todos nós fazemos escolhas*.

Mas, contar a Agnes que estava, agora, apaixonada por Clendenin Hughes, o seu pai biológico, e tinha um caso com ele?

Todos nós fazemos escolhas?

Não.

Dabney acordou de manhã incapaz de sair da cama. Não conseguia descrever o seu estado. Sentia dores... em todo o corpo.

– Queres que eu chame o Dr. Field? – perguntou Agnes.

– Não – disse. Não era *stress*, nem culpa. Ela estava doente de amor¹⁰. – Liga à Nina, por favor, e fecha as cortinas. – O sol estava a provocar-lhe dores de cabeça; queria o quarto às escuras. Era uma dor tão forte que Dabney queria chorar, mas não havia opção. Sentia o corpo invadido pela dor, colonizado pela dor.

Agnes trouxe um copo de água fresca e duas torradas com manteiga. As torradas ficaram intactas.

– Liguei à Nina e disse-lhe que estás doente – disse Agnes. – Posso trazer-te mais alguma coisa?

– Por favor não digas ao pai – pediu Dabney. – Não quero que ele se preocupe.

No dia seguinte, acordou a sentir-se bem. Com a boca um pouco seca, talvez, mas de resto tudo bem. Assim, talvez não estivesse doente de amor; talvez tivesse sido uma virose de vinte e quatro horas.

– Hoje à noite vamos jantar à Boarding House – disse Dabney. – Veste uma coisa bonita.

– Sentes pena de mim porque o CJ cancelou a vinda. Vou ficar em casa e amuar. Vou comer *Oreos* do pacote e ver programas de televisão estúpidos – disse Agnes.

– Temos uma reserva para as sete horas – disse Dabney. – Encontro-me contigo no restaurante, porque tenho alguns recados para fazer.

– Que recados? – perguntou Agnes.

– Veste uma coisa bonita! – disse Dabney.

AGNES

Quando chegou à Boarding House para jantar, Dabney já estava à sua espera na mesa de sempre, no pátio, mas havia uma terceira cadeira, que Riley Alsopp ocupava.

Dabney sorriu quando Agnes se aproximou.

– Ali está ela! – disse.

Riley Alsopp levantou-se. Vestia camisa e gravata, calças caqui e chinelos. Sorriu ao vê-la.

– Olá, Agnes!

Agnes pensou: *A minha mãe é tão óbvia.*

Dabney retirou-se antes da sobremesa.

– Vocês os dois fiquem e desfrutem – disse. – Vou voltar para casa. Ainda não me estou a sentir a cem por cento. – Pousou o guardanapo no prato vazio. Tinha devorado o jantar. – A despesa está paga, Riley. O meu marido insiste em ter uma conta aqui. Se pudesse, comia aqui o pequeno-almoço, o almoço e o jantar, sete dias por semana. De qualquer forma, fiquem e peçam uma bebida depois do jantar, por favor, ou outra cerveja, o que quiserem. – Dabney ocupou-se a pegar na carteira e no seu casaco de lã, tentando retirar-se rápida e discretamente, para que Agnes e Riley pudessem ficar sozinhos. Agnes tinha visto a mãe fazer aquilo muitas e muitas vezes.

Chegou-se para a frente no assento. Como uma defesa contra aquele arranjinho de casamenteira, tinha bebido muito *syrah*.

– Sabes que ela está a tentar juntar-nos, certo?

Riley soltou um longo suspiro.

– Certo.

– Ela mete estas ideias na cabeça – disse Agnes.

– Será que vê alguma coisa? – perguntou Riley. – Quero dizer, ela disse-te se viu... se nós somos... cor-de-rosa ou sei lá o quê?

Agnes sorriu para ele. Cor-de-rosa, rosado, ela e Riley Alsopp? Imaginou brevemente como seria estar numa relação com Riley, e a primeira palavra que lhe veio à mente foi *fácil*. *Queria* uma coisa fácil? Não podia acreditar que estava a pensar nisso. Estava noiva de CJ, e só porque se zangara com ele não significava que pudesse fazer par com outra pessoa, mesmo que fosse o belo e fácil Riley Alsopp.

– Como foi o teu encontro com a Celerie? – perguntou.

– Um desastre inequívoco. Ela ficou muito bêbeda e vomitou.

– Bolas, eu posso ser a próxima. Bebi muito vinho – disse Agnes.

– Beber ou ter vomitado não foi o problema – disse Riley. – Simplesmente não houve ligação. Falta de química. Da minha parte, pelo menos. O problema é que tenho de me sentar ao lado dela durante todo o dia, e sei que ela está à espera que eu a convide novamente para sair.

– Mas não vais convidá-la?

– Não.

Agnes pegou na mão dele.

– Vamos seguir a minha mãe.

– O quê?

Ela puxou-o para cima.

– Vamos seguir a minha mãe. Ela anda a esconder um segredo.

Riley seguiu Agnes para fora do restaurante e para a rua.

– Que tipo de segredo?

– Ela vai a algum lugar. Anda a esconder alguma coisa. Naquela noite, quando devia estar no Business After Hours...

– Sim – disse Riley. – Onde estava?

– Chegou a casa às dez horas. Não me quis dizer onde esteve.

Agnes correu ao longo de Federal Street e depois virou para Main Street. Viu Dabney do outro lado da rua, meio quarteirão à frente deles.

– Aposto um milhão de dólares que, quando ela chegar à nossa casa, pega no *Impala* e sai.

– Achas?

– Vamos segui-la – disse Agnes. – No meu *Prius*.

– Tens um *Prius*? – perguntou Riley. – Gostas dele?

Agnes revirou os olhos. Todos lhe faziam aquela pergunta.

– É ótimo. Muito poupadinho.

No *Prius* de Agnes, seguiram Dabney por Main Street, depois por Fair Street até Charter Street. Nesta, Agnes deteve Riley. Não podiam aproximar-se demasiado da casa.

– Aposto que ela vai direta para o carro – sussurrou Agnes.

Dabney não entrou no *Impala*. Abriu o portão e entrou em casa pela porta lateral. Agnes pensou que talvez a mãe tivesse ido buscar as chaves. Esperou. A luz acendeu-se no quarto de Dabney.

De repente, Agnes deu-se conta de que ela e Riley estavam de mãos dadas – mesmo de mãos dadas, com os dedos entrelaçados. Riley tinha mãos quentes, fortes, de dentista.

Ele acariciou o polegar de Agnes com o polegar.

Agnes retirou a mão. Se CJ os visse agora, pensou, contrataria um assassino. Estremeceu,

lembrando-se do que lhe tinha acontecido ao cabelo.

– Riley, estou noiva. Vou casar – disse.

Riley pigarreou.

– Eu sei – disse. E então, com uma voz mais suave, mais triste: – Lamento.

A luz no quarto de Dabney apagou-se. Agnes susteve a respiração, certa de que a mãe iria sair. Mas Dabney não o fez. A casa e a rua ficaram em silêncio. O mistério permaneceu sem solução.

Agnes saiu do carro e caminhou em direção a casa. Sentia-se vazia. Ninguém na sua vida estava a cooperar.

– Boa noite, Riley – disse ela.

CLENDENIN

A empregada de limpeza da mansão de que Clen estava a tomar conta, Irene Scarpilo, deu-lhe o aviso prévio de saída. A filha estava grávida de gémeos; Irene ia mudar-se para Plymouth para estar mais perto dela.

– Preciso de uma nova empregada de limpeza – disse Clen a Dabney.

– Considera-o feito – disse Dabney.

Clen abraçou-a. Estavam sentados lado a lado perto do farol de Coatue. Tinham conduzido a velha *Wagoner* do economista. Comiam sanduíches de lagosta que Dabney havia preparado. As sanduíches eram deliciosas e o dia estava maravilhoso, mas encontravam-se ambos num estado de espírito sombrio. O economista voltava naquela noite.

– O que vais fazer no Quatro de Julho? – perguntou Dabney.

– Tenho uma festa – disse Clen.

– A sério? – disse Dabney. Parecia surpresa, e por boas razões. Clen não fora a lugar nenhum nem vira ninguém a não ser Dabney, desde que voltara.

Elizabeth Jennings convidara Clen para a sua festa anual em Cliff Road. Elizabeth e o marido, Mingus, tinham estado no Vietname com Clen durante uma meia dúzia de anos antes de Mingus morrer. Mingus chefiara a redação local do *Washington Post*, e Elizabeth tinha sido o exemplo acabado de esposa expatriada. Embarcara em todas as aventuras, e dera festas para os americanos saudosos no seu apartamento no Bairro Francês de Hanói. Clen tinha passado o dia de Ação de Graças com os Jennings durante vários anos. De alguma forma, Elizabeth conseguia sempre desencantar um peru. Agora, voltara aos Estados Unidos e vivia em Georgetown, e em Nantucket no verão.

– Que festa? – perguntou Dabney.

Clen pensou que ela parecia estar com ciúmes.

– Da Elizabeth Jennings. Mora em Cliff Road, conheces?

– Oh, meu Deus – disse Dabney.

– Tu vais.

– Nós vamos. A Elizabeth faz parte da direção da Câmara, e temos ido à festa nos últimos três anos. O Box volta para casa de Washington especialmente para isso.

Como Clen abominava o uso do pronome «nós» quando era aplicado a Dabney e ao economista.

– Como conheceste a Elizabeth? – perguntou Dabney.

– Conheci o marido dela no estrangeiro. – Clen fez uma pausa, pensando que era provavelmente melhor usar de cautela. – O Mingus e eu trabalhámos juntos, primeiro em Saigão e depois em Hanói. Foi meu parceiro de aventuras.

– Parece perigoso – disse Dabney.

– Chegaste a conhecer o Mingus? – perguntou Clen.

– Não. Só conheço a Elizabeth há alguns anos, desde que comprou a casa. Ela quis conhecer toda a gente em Nantucket. É um bocadinho oportunista, acho.

– Oh – disse Clen. Sempre gostara de Elizabeth. Clen e Mi Linh, e Elizabeth e Mingus faziam férias juntos em Hoi An, entre edifícios chineses com mais de trezentos anos, esculpidos em teca, com mil lanternas de papel colorido amarradas ao longo das ruas de paralelepípedo. Costumavam tomar *café au lait* no terraço do Cargo Club, e às vezes davam passeios de barco pelo rio, à noite. Hoi An era um lugar mágico. Elizabeth fotografava as crianças vietnamitas e depois dava-lhes lápis, rebuçados e pastilhas elásticas. *Para dar trabalho aos dentistas vietnamitas*, costumava dizer Mingus. Era difícil para Clen conciliar a mulher que havia conhecido no Vietname com a mulher que agora dava festas na sua casa de verão em Cliff Road. Era como se ela tivesse uma personalidade oriental e outra ocidental. Clen supôs que o mesmo acontecia com ele.

– Se tu e o economista vão – disse –, então provavelmente eu devia ficar em casa.

– Não sejas tonto – retorquiu Dabney.

– Não estou a ser tonto – disse Clen. – Não podemos ir todos.

Dabney não refutou aquelas palavras.

Mas, quando a tarde do Quatro de Julho chegou, Clen decidiu que afinal iria à festa. Habitudara-se a ver Dabney todos os dias, mas não a tinha visto na véspera e não iria vê-la no dia seguinte, nem no outro. Talvez no domingo, dissera ela, se pudesse escapulir-se.

Ele ia a casa de Elizabeth Jennings porque sentia falta de Dabney e queria vê-la.

Vestiu um fato azul de anarruga, que tinha mandado fazer à medida em Hanói, nos meses depois de ter vencido o Pulitzer. Uma das mangas do casaco ficava dependurada como uma bandeira num dia sem vento. Clen não gostava de festas, porque um bêbedo qualquer perguntava-lhe sempre sobre o seu braço.

Khmers Vermelhos, diria ele. *Uma catana*.

Os olhos do bêbedo arregalar-se-iam. *A sério?*

Sim. Uma história chata.

A festa começou no jardim da frente, onde todos fizeram fila para serem fotografados no alpendre de Elizabeth. Ela deixara de utilizar a velha *Leica* que tinha no Vietname; agora, usava algo extravagante e digital.

A última coisa no mundo que ele desejava era tirar fotografias. Olhou para a esquerda e para a direita, perguntando-se se poderia contornar Elizabeth e a sua máquina fotográfica e entrar pela porta

lateral. Queria chegar ao bar. Elizabeth, sendo uma anfitriã de Washington e a mulher de um preeminente jornalista, teria bom *whisky*.

Clen ergueu o olhar a tempo de ver Dabney e o economista sorrirem para a câmara de Elizabeth. Foi invadido por uma onda de sentimentos desagradáveis – ciúme, raiva, tristeza, melancolia. Lá estavam eles juntos, um casal. Dabney usava um vestido de seda vermelho que ele nunca tinha visto. Calçava uns sapatos vermelhos de salto alto. O vestido e os sapatos eram bonitos e elegantes, mas ela não parecia a mesma Dabney. No entanto, usava pérolas e uma fita de cabelo azul-marinho com estrelas brancas, e tinha a sua mala com pegas de madeira. O economista parecia velho – o cabelo branco, os óculos, o *blazer* de trespasse como se fosse o comodoro do Yacht Club (*Seria?*, interrogou-se Clen), o olhar de superioridade arrogante porque tinha acabado de passar a última semana à porta fechada com o presidente e o secretário do Tesouro.

Vais contar-lhe, certo?, perguntara Clen.

Sim, respondera ela. *Assim que ele voltar. Assim que ele voltar e estiver instalado. Vou contar-lhe. Tenho de lhe contar.*

Depois de tirarem a fotografia, o economista abriu a porta a Dabney, e ela desapareceu dentro de casa.

Clen pensou em ir para casa, mas não podia deixá-la.

BOX

Era impossível não o ver – grande, alto, barbudo, com apenas um braço. Elizabeth Jennings conduziu-o a noite toda, exibindo-o, o jornalista vencedor do prémio Pulitzer, Clendenin Hughes. Tinham-se conhecido no Vietname, anunciava ela. *Imagine-se!* Em seguida, passou em revista os pontos altos da carreira de Clendenin Hughes: a série sobre os *Khmers Vermelhos*, a tirania na Birmânia, a melhor cobertura do despedimento de Michael Fay, a *debacle* Thaksin em Banguécoque.

Box virou a cara. Elizabeth Jennings não fazia ideia de que Hughes tinha engravidado Dabney. Se soubesse, nunca teria convidado os três para a festa.

Dabney estava a conversar com o congressista democrata do Massachusetts junto ao balcão de marisco. O tipo era um tagarela, mas trabalhara com Dabney para manter as grandes cadeias de retalho fora de Nantucket, e ela sentir-se-ia sempre grata e, portanto, tinha de o ouvir a falar detalhadamente dos seus problemas com a Steamship Authority. Box tentou intervir e resgatá-la, servindo-se entretanto de algumas ostras. Elizabeth oferecia boa comida e melhor vinho. E tinha uma vista gloriosa sobre Nantucket Sound. A noite estava clara, ideal para o fogo de artifício. O secretário tentara fazer com que Box ficasse em Washington e participasse nas celebrações no Mall, mas Box descobriu que estava feliz por estar em Nantucket.

Desistiu de Dabney. Temeu que ela o pudesse entregar nas mãos do congressista enfadonho e desaparecer na multidão.

Arranjou um prato de frango frito, costeletas, salada de repolho e salada de milho e, em seguida, entrou na sala de estar. Não gostava muito de festas; davam muito trabalho. As pessoas que sabiam

quem ele era abordavam-no com um objetivo, e as pessoas que não sabiam quem ele era tendiam a aborrecê-lo. Dabney achava-o um *snob* terrível, mas ele tinha sessenta e dois anos e, francamente, havia merecido esse direito.

Tentara fazer com que Agnes fosse à festa; a noite teria sido muito melhor com a presença da filha, além de que mal a tinha visto desde que regressara. Mas Agnes ia para Jetties Beach ver os fogos com um tipo que trabalhava para Dabney na Câmara de Comércio. Box perguntara em voz alta se se tratava de um encontro romântico – Agnes parecia estar a dar-se a muito trabalho para fazer um piquenique – e também se interrogou sobre o que teria acontecido com CJ. Agnes dissera: «Não, pai, não é um encontro romântico, somos apenas amigos, e a Celerie também vai. Na verdade, sou o pau de cabeleira. É uma longa história.»

Box não gostava de histórias longas, especialmente as relacionadas com o engendrar de romances. Esse território pertencia a Dabney.

CJ, dissera Agnes, fora passar o feriado num camarote de luxo no Yankee Stadium. Queria que Agnes fosse a Nova Iorque, mas ela tinha de trabalhar no dia seguinte, de modo que não era prático, e Box concordou.

«Diverte-te», disse ele.

E Agnes deu-lhe um abraço longo e disse: «A mãe e eu estamos tão felizes por estares em casa. Sentimos muito a tua falta.»

Box ficou a pensar naquilo.

Estava a beber um belo *chardonnay* Louis Jadot quando Clendenin Hughes entrou na sala com um copo cheio de *whisky*. Hughes viu Box e parou. Deu meia-volta, como que para sair da sala. Box não podia censurá-lo, mas não queria deixar Hughes escapar. Era uma oportunidade demasiado boa.

– Desculpe! – chamou Box. O outro parou. – Mr. Hughes?

Apesar do seu tamanho, era pelo menos quinze centímetros mais alto do que Box, Hughes parecia muito jovem naquele momento. Jovem e vulnerável, e claro que tinha apenas um braço. Box disse a si mesmo para agir com civilidade.

– Professor – disse Hughes. Pelo menos não fingia não saber quem Box era.

– Trate-me por Box – disse. – Por favor. – Estendeu a mão para o cumprimentar, mas Hughes segurava a bebida, e Box retirou desajeitadamente a mão.

– Bela festa – disse Hughes.

– Sim, a Elizabeth faz sempre um belo trabalho – disse Box. – Conhece-a bem?

– Na verdade, conheço. O marido e eu trabalhamos juntos na Ásia durante seis anos. Acho que posso afirmar ser o único homem nesta festa que já viu a Elizabeth montar um elefante.

– Tenho a certeza de que assim é – disse Box. – E você? Voltou à ilha permanentemente? Vai cá ficar?

– É difícil comprometer-me permanentemente – disse Hughes. – Mas este é o meu lar. Cresci aqui.

– Sim – disse Box. – Claro, claro que sim.

Hughes agitou o gelo no copo.

– E de onde conhece a Elizabeth? De Washington?

– Não – disse Box. – Daqui da ilha. Moro aqui metade do ano, e a outra metade em Cambridge. Ainda trabalho atempo inteiro em Harvard.

– Estou ciente disso – disse Hughes.

– Então já fez o seu trabalho de investigação – disse Box. – É jornalista, não me surpreende.

– Não detenho metade da sua influência – disse Hughes. – À porta fechada com o presidente dos Estados Unidos? Só nos meus sonhos.

Box fitou Hughes.

– Soube que eu estive com o presidente? Então... falou com a Dabney?

Hughes agitou o gelo novamente. Deixara escapar um indício; sentiu-se nervoso.

– Sim – disse. – Esbarrei com a Dabney em Main Street e ela contou-me. – Sem se aperceber, a bebida tinha desaparecido. – Bem, eu devia comer qualquer coisa antes que o *Glenfiddich* faça efeito. Foi bom vê-lo...

– Espere – disse Box. – Esbarrou com a Dabney em Main Street? Ela não me mencionou isso.

– Não foi nada de especial – respondeu Hughes. – Um encontro ocasional na rua.

– Você e a Dabney costumavam ser muito próximos – disse Box.

– Sim, muito – disse Hughes. – Lamento se isso o incomoda. Toda a gente tem passado.

Box não sabia o que fazer com a fúria que o consumia. Eram *ciúmes*, percebeu. Tinha uns ciúmes loucos, criminosos, do homem à sua frente, o homem que tinha destroçado o coração de Dabney e depois desaparecera. Box e Dabney eram casados há vinte e quatro anos e esses anos foram bons para ambos. Tinham criado uma filha, construído um bom lar e carreiras bem-sucedidas. Dabney dera a Box o seu sorriso genuíno, o seu intelecto aguçado, a sua disposição doce e o seu corpo quente, mas ele nunca tivera o seu coração.

Porque esse pertencia àquele homem.

Box cerrou os dentes e lembrou-se de *agir com civilidade*.

– Eu entendo encontros casuais na rua – disse. – Mas gostaria que, de agora em diante, desse espaço à minha mulher. Não deve ser fácil para ela tê-lo de volta à ilha.

– Lamento, não vejo que isso seja da sua conta – disse Hughes.

– Não, *eu* é que lamento – disse Box. – É da *minha* conta. A Dabney é minha mulher.

Hughes pousou o copo numa mesa lateral que, provavelmente, era uma antiguidade e não devia levar com um copo molhado sem base. Box sabia disso, mas Hughes, não, claro. Mr. Hughes era um labrego e um filisteu e não sabia nada sobre cuidar de coisas boas.

– Eu sei que é casado com a Dabney, professor. Mas isso não lhe dá o direito de comentar o meu relacionamento com ela – disse Hughes.

– Você magoou-a muito – disse Box.

– O que é que você sabe sobre isso? – perguntou Hughes. – Estava *aqui* quando isso aconteceu? Não, não estava. Não está qualificado para falar sobre o meu passado em comum com ela, caro senhor.

O «senhor», dito com tal desprezo, atingiu Box.

– Eu criei a sua filha.

Hughes apertou os lábios, mas não disse nada. Box avançou um passo, com os punhos cerrados.

– Eu levei-a às aulas de *ballet*, tirei-lhe fotografias antes do baile, paguei o curso universitário.

Hughes assentiu.

– Sim. Sim, é verdade.

Mas Box queria mais do que apenas um reconhecimento do facto. Queria um agradecimento, ou um grande pedido de desculpas, de preferência ambos e de preferência com alguma humildade, raios.

Não se lembrava de alguma vez estar tão zangado. Que motivo pudera ter tido – um aluno irreverente? Uma reunião de departamento frustrante?

– Ela é minha – disse. – E a Dabney é minha.

– Parece estar muito seguro disso – retorquiu Hughes.

Antes que Box se desse conta, atirou-se a Hughes e desferiu um soco, tentando acertar-lhe no maxilar mas apanhando-o sob a clavícula. O soco magoou-o no punho e desequilibrou Hughes. Hughes caiu sobre a consola lateral, derrubando um candeeiro e deitando o copo ao chão, que se partiu.

– A sério? – disse Hughes. Esfregou o local onde o soco de Box acertara. – Quer lutar? Eu *mato-o*, e só com um braço.

Box deu um passo cambaleante para trás. Não tinha nenhuma dúvida de que Hughes *poderia* vencê-lo facilmente apenas com um braço. Tinha começado algo que não podia terminar – uma briga na sala de Elizabeth Jennings.

– Por favor – disse, levantando ambas as mãos. – Sinto muito.

– Você bateu-me – disse Hughes. – E agora está arrependido.

– Clen! – Dabney entrou na sala, vacilante e instável nos saltos altos. – O que estás a *fazer*? – Então viu Box. – Querido? – Olhou rapidamente para ambos. – O que estão a fazer os dois? – Baixou-se para apanhar os pedaços de vidro partido do chão.

Box, com um instinto semelhante para os comportamentos apropriados, endireitou o candeeiro.

– Querida, deixa-me fazer isso. Vais cortar-te – disse ele.

– O teu marido deu-me um soco.

– Clen – disse ela.

– Ele deu-me um soco, Cupe. Ele é que começou.

Dabney olhou para Hughes com os cacos de vidro na palma da mão virada para cima.

– Vai aproveitar a festa – disse ela. – Por favor. Nós tratamos disto.

– Dabney.

– Nós *tratamos* disto – disse ela. – Vai.

– Vou para casa – disse Hughes.

Box ficou impressionado com a forma como os dois falaram um com o outro. Não era especialista em amor ou romance; não julgava ter qualquer intuição emocional especial. Mas soube, só de ouvir a breve troca de palavras, que eles partilhavam uma intimidade. Parecia que conversavam todos os dias.

– Não – disse Box. – Vou eu.

AGNES

Riley tinha telefonado a pedir um favor.

Celerie convidara Riley para ir com ela ver o fogo de artifício em Jetties Beach. Convidara-o no escritório, com Dabney e Nina a ouvirem, e, portanto, não tinha sido capaz de inventar uma desculpa para recusar. Não podia mentir à frente de Dabney e Nina.

– Ouve, preciso que venhas connosco. Por favor – pediu Riley a Agnes.

– Não – respondeu ela. – Nem pensar. Na outra noite, acho que ficaste com a ideia errada...

– Eu sei que estás noiva – disse Riley. – Ainda não me tinha convencido antes, porque não usas anel, e depois a tua mãe disse-me que o teu noivo cancelou o fim de semana...

– A minha mãe disse-te isso? É claro que disse.

– Mas podemos ser amigos – disse Riley. – companheiros, camaradas, *OK*? Isso é permitido, certo?

– É permitido – disse Agnes, embora não fosse verdade. CJ era o homem mais ciumento à face da Terra. Agnes reparara nisso no seu terceiro encontro. Estavam a jantar no Peter Luger, e ela tinha conversado com o empregado de mesa. Quando deu conta, CJ levantara-se da cadeira e pedira ao *maître d'* para os mudar para outra secção do restaurante.

Depois, houve o incidente com Wilder, do trabalho. Wilder era o coordenador de divulgação no Boys & Girls Club, e de vez em quando ele e Agnes tomavam uma cerveja no Dubliner. Uma vez, CJ apareceu no Dubliner sem aviso prévio, com um dos seus clientes a reboque – um *linebacker* dos Washington Redskins –, no exato momento em que Wilder puxava as pontas do cabelo de Agnes, numa imitação de Vladimir, a criança mais chata do clube. Quando Wilder explicou a CJ e ao *linebacker*, um homem coberto de tatuagens e do tamanho de uma árvore, porque estava a puxar o cabelo de Agnes, CJ riu histericamente e pediu-lhe para o fazer novamente. *Queremos ver-te fazer isso outra vez, não é, Morris?* Morris soltara um grunhido. *Vá lá*, dissera CJ, *puxa o cabelo da minha miúda de novo*. Wilder desculpava-se dizendo que ia à casa de banho, saindo do bar logo a seguir. No dia seguinte, CJ tinha levado Agnes ao Bumble + Bumble, sentara-se e observara enquanto Agnes doara trinta centímetros do seu espesso cabelo castanho à Locks of Love^{[11](#)}.

Muitas coisas acerca dessa recordação perturbavam Agnes. Nunca perguntara a CJ como é que sabia que ela sequer estava no Dubliner.

Pensou que provavelmente nunca mais teria um bom amigo do sexo masculino, por isso poderia muito bem aproveitar a companhia de Riley este verão. Além disso, não tinha planos para o Quatro de Julho. Os pais iam sair.

Preparou um piquenique para três, seguindo o menu e as receitas sugeridas por Dabney: sanduíches de carne, tomate e alface, salada de batata com funcho, tomates-cereja recheados com *guacamole*, mirtilos e framboesas com creme de baunilha. Cerveja, uma garrafa de champanhe, palitos de queijo, nozes picantes.

Até agora, neste verão, Agnes engordara dois quilos e meio.

Riley levou a guitarra. Celerie ficou encarregada de cobertores, sacos de lixo, copos plásticos, saca-rolhas, todos os produtos de papel e velas com estrelinhas.

Não foi tão mau quanto Agnes esperava. Tinha a certeza de que seria estranho – Celerie queria um encontro com Riley e Riley queria um encontro com Agnes. Por essa razão, Agnes usou o anel de noivado. O diamante era grande de mais para ser ignorado. Celerie reparou nele imediatamente, e Agnes sentiu não só o alívio – Agnes não era uma ameaça, se estava noiva –, mas também o entusiasmo dela.

– A tua mãe não me disse que te ias *casar* ! – disse Celerie, na sua voz de líder de claqué mais otimista. – Vais casar-te em Nantucket?

– Sim – disse Agnes. – Na igreja de Santa Maria. Copo-d'água no Yacht Club.

– Eu quero casar-me em Nantucket – disse Celerie, acenando com a cabeça.

Estava toda vestida de vermelho, branco e azul. Usava calções de *jeans* vermelhos e uma *T-shirt* com listas azuis e brancas, e chinelos vermelhos, e – Agnes achava aquilo tocante e estranho – tinha prendido o cabelo loiro com uma fita de gorgorão azul-marinho com estrelas brancas, a mesma fita que Dabney usava nessa noite.

Celerie tinha comprado as duas fitas para que ela e Dabney pudessem ficar iguais.

Riley não disse nada durante aquela conversa. Estava a tentar conduzi-las pelo meio da multidão carregando a guitarra e a arca com as bebidas.

– O teu noivo é bom tipo?

Agnes achou que Celerie parecia mais jovem do que os seus vinte e dois anos. Que tipo de pergunta era aquela? É claro que ele era bom tipo, caso contrário, Agnes não se casaria com ele.

Acenou com a cabeça e continuaram.

Mas então pensou que «bom» não era a primeira palavra que lhe ocorria quando se tratava de descrever CJ, e ele podia não parecer *bom* até para os padrões do Mid-West de Celerie. CJ era confiante e magnético. Sabia o que queria, controlava o mundo, podia resolver qualquer problema, ou pelo menos assim parecia a Agnes. No seu dia de trabalho, que envolvia muito caos, CJ era a estabilidade. E a vida com ele era emocionante – os restaurantes, as celebridades e os atletas profissionais, o dinheiro, as vantagens, as festas. O *glamour* da vida com CJ era inebriante. Agnes sempre desejara saber como a ex-mulher dele, Annabelle Pippin, deixara tudo aquilo para trás. Deve ter sido como fazer uma desintoxicação de uma droga.

Pensou sobre o que Manny Partida lhe havia dito: *Mas não ficaria de consciência tranquila se não te contasse.*

CJ nunca seria violento com Agnes, não iria além de lhe pedir que cortasse o cabelo, embora fosse verdade que ele exigia mais manutenção do que uma ninhada de cachorros *shar-pei*. E ele gostava de ter tudo à sua maneira.

Encontraram um bom lugar na areia de Jetties Beach e montaram acampamento. Havia casais e famílias à sua volta, todos felizes, bronzeados e famintos. Agnes sentiu um grande alívio ao sentar-se no cobertor, formando um triângulo com Celerie e Riley, com as arcas no meio. Abriu uma cerveja para Riley e serviu champanhe para si e Celerie.

– Devíamos fazer um brinde. Vamos brindar ao nascimento da nossa nação.

Agnes adorou a seriedade da rapariga. Ergueu o copo de plástico.

– Viva!

Todos eles brindaram. Celerie sorriu para Riley e disse:

– Vou portar-me bem esta noite!

– Não te esqueças de comer! – aconselhou Riley.

Agnes tirou os palitos de queijo e as nozes picantes, e Riley tirou a guitarra do estojo e começou a dedilhar. Agnes olhou para Cliff Road. Os pais estavam lá em cima numa festa, com adultos sérios. Dabney não faria nenhum dos seus atos loucos de desaparecimento agora que Box voltara para casa.

Agnes brincou com o anel. Estava solto; precisava de ser apertado. CJ não sabia que estava solto, porque, quando lho oferecera, Agnes disse sempre quão perfeito ele era. Devia ter-lhe dito que estava solto, e nunca devia ter mencionado que o diamante era muito grande. Nunca, nunca poderia

usá-lo e sentir-se segura no bairro onde trabalhava. Mas isso levaria inevitavelmente CJ a dizer que ela não deveria trabalhar naquele bairro. Depois de se casarem, ele queria que ela se despedisse.

O sol estava a pôr-se. Agnes bebeu o champanhe. Riley tocou «Good Riddance», dos Green Day, e as pessoas ao seu redor cantaram.

I hope you have the time of your life [12](#).

CJ estava no Yankee Stadium, a assistir a um jogo contra os Angels que terminaria com fogo de artifício. Agnes já estivera no camarote de luxo, e fora fabuloso. CJ estaria a beber um *Dirty Goose*, a comer com moderação da bandeja de legumes crus (a menos que fizesse batota, como Agnes; esperava que ele estivesse a encher-se com *Brie* assado), e na tagarelice com as mulheres dos jogadores e membros da família Steinbrenner.

Sentiu uma pontada de desejo por ele e quis, por um segundo, estar no Yankee Stadium. Mas, depois, pensou melhor. O Bronx com CJ era divertido, mas não era Nantucket.

Riley tocou «Only the Good Ones Die Young», e ainda mais pessoas cantaram. Aquilo estava a transformar-se num concerto. Os pedidos chegavam – «Country Road» e «Sweet Home Alabama». Agnes fechou os olhos e ouviu as vozes misturarem-se ao seu redor. Tinha os pés enterrados na areia e o champanhe aquecera-a. Tinha consciência de estar viva e estar presente: uma noite clara, uma praia dourada, boa comida, e agora, graças a Riley, as suas músicas favoritas, cujas letras sabia de cor.

– «High Hopes» [13](#) – pediu Celerie.

Claro, pensou Agnes.

Não sabia quando perdera o anel, mas provavelmente teria caído enquanto estava a servir o piquenique – a cortar as sanduíches ou a tirar a salada de batata. Tudo o que sabia era que quando saíra da praia no meio de uma multidão, toda a gente a comentar como o fogo de artifício esse ano tinha sido melhor do que nunca, reparou que já não tinha o anel no dedo. Nesse instante, sentiu como se o coração lhe tivesse caído aos pés. Parou de repente; as pessoas atrás dela não ficaram satisfeitas.

– Oh, meu Deus – disse.

– O que foi? – perguntou Riley. Seguia ao seu lado enquanto Celerie abria caminho mais à frente. Lidar com multidões era um dos seus talentos especiais, pois tinha passado uma boa parte dos anos da faculdade a navegar os caminhos do Humphrey Metrodome.

O meu anel, articulou Agnes sem som. Não conseguia literalmente dizer as palavras. Era demasiado horrível. Tentou recuar cinco ou seis horas até ao momento em que decidira se usar o anel era uma boa ideia. Não, *não* era uma boa ideia. Devia tê-lo deixado em casa, na sua caixa em cima da cómoda.

– O teu anel? – perguntou Riley.

– Perdi-o – disse Agnes.

Perderam-se de Celerie quando decidiram voltar para onde tinham estado sentados para tentar encontrar o anel. Estava escuro, e a areia, fria e cheia de lixo. Agnes olhou para a grande área de Jetties Beach. Quem poderia dizer com certeza que poucos metros quadrados haviam ocupado? Com

todas aquelas pessoas a passar, o anel estaria enterrado.

Sentiu uma onda de náuseas. Estava perdido.

Parou de andar. Apesar de a arca e a cesta de piquenique estarem mais leves, os braços doíam-lhe.

– Riley – disse –, vamos embora. Nunca conseguiremos encontrá-lo.

Ele tinha uma expressão tão desesperada no rosto, que Agnes pensou que o anel lhe tinha sido oferecido a ele pela sua noiva, que era uma elegante agente desportiva de Nova Iorque.

– Temos de o procurar – disse ele. – Temos de tentar.

Agnes concordou, embora achasse que era inútil. Tinham de tentar. O anel era caro e, além disso, era inestimável. Poderia ser substituído, supôs, comprando outro diamante de três quilates encastrado em platina da Tiffany's, mas não seria o mesmo anel, e CJ saberia.

Aquilo era horrível. Agnes mal podia respirar. Riley estava por cima dela, projetando a luz do telemóvel sobre a areia.

– A Celerie está a ligar. Pergunto-lhe se ela nos quer vir ajudar?

Agnes pegava em punhado atrás de punhado de areia, visualizando o anel. Celerie traria uma certa energia à busca, mas agora Agnes não sabia se podia lidar com a preocupação bem-intencionada de outra pessoa.

– Podes só dizer-lhe que vamos ter com ela mais tarde? – pediu. Celerie estava interessada em ir ao Chicken Box para se encontrar com o companheiro de quarto. – Podes ir, Riley. Não tens de ficar aqui comigo. Isto foi culpa minha. Sou uma *idiota*! – Gritou a última palavra para o céu noturno, vasto e cheio de estrelas acima deles. O mundo imenso, aquela praia com os seus infinitos grãos de areia, um clássico solitário de diamante, a coisa mais bonita que alguma vez poderia ter aspirado possuir.

– Não te vou deixar aqui – disse Riley. Deixou que a chamada de Celerie fosse para o atendedor.

Agnes pensou em desistir da busca meia dúzia de vezes, mas, no momento em que estava pronta a sacudir o pó e voltar para casa cabisbaixa, pensava *E se for no próximo punhado de areia? Ou no punhado a seguir?*

A festa em Cliff Road ainda estava no auge, embora Agnes presumisse que os pais já tivessem ido embora. Box não gostava de ficar fora de casa depois das dez.

O que diriam eles quando ela lhes contasse que tinha perdido o anel?

– Podemos voltar amanhã de manhã cedo com o detetor de metais do meu pai – disse Riley.

Era a terceira vez que sugeria a manhã seguinte e o detetor de metais. Sabia que a busca seria infrutífera.

– Podes ir embora – disse Agnes, também pela terceira vez.

– Agnes...

– O que foi? – respondeu ela. Sentou-se na areia e fitou Riley, que segurava diligentemente o retângulo incandescente do telefone.

Ele sentou-se na areia ao lado dela e pôs uma das mãos fortes e quentes, as mãos de um dentista, no joelho dela.

– Ouve – disse ele. – Lamento muito por causa do anel.

– O CJ vai matar-me – disse Agnes.

– Ele pode ficar chateado – respondeu Riley. – Mas recordo-te que é apenas uma *coisa*. Uma coisa valiosa, preciosa, eu sei. Mas, ainda assim, apenas uma coisa.

Agnes nunca seria capaz de reunir a coragem suficiente para dizer a CJ que perdera o anel, o que significava que teria de tentar substituí-lo sem que ele soubesse. Onde arranjaria o dinheiro? Ganhava sessenta e oito mil dólares por ano no seu emprego, e possuía onze mil dólares em poupanças. Podia gastar as suas economias noutro anel e pagar o resto em prestações, supôs. Ou podia pedir o dinheiro aos pais. *Mãe, pai, preciso de vinte e cinco mil dólares para comprar um novo anel de noivado, e sim, eu sei que é tanto como um semestre de propinas, hospedagem e alimentação em Dartmouth, mas, se eu não substituir o anel com as suas especificações exatas, o CJ rompe comigo.*

Nunca poderia pedir o dinheiro aos pais, nunca. Talvez só a Box. Ele gostava muito de CJ.

Mas não.

Tinha de o encontrar. Desejou que estivesse bem apertado no seu dedo, como a pulseira *Cartier*.

Procurou, punhado atrás de punhado de areia, centímetro atrás de centímetro de praia. Levantou todos os seixos, pedras e conchas.

– Podemos voltar amanhã de manhã – disse Riley. Era a quarta vez. – Com o detetor de metais.

– Eu não posso sair daqui – disse ela. – A maré. E se a maré o leva?

– A maré não chega até aqui – disse Riley.

Agnes começou a chorar. O anel tinha desaparecido. CJ nunca lhe perdoaria. Seria posta na mesma categoria que Annabelle Pippin, uma mulher que lhe gastara o dinheiro desnecessariamente. Manny Partida havia dito que CJ perdera a paciência com Annabelle, porque ela tinha licitado muito alto num leilão, *sem a sua permissão* – estas últimas palavras eram fundamentais. Não era que CJ não pudesse pagar. Era que *ele não tinha dado permissão*.

Agnes pensou no recibo do anel na mesa de correio do noivo. Fora ali deixado às claras quando ela entrara sorrateiramente no apartamento de CJ e CJ estava no banho. Quase como se ele quisesse que Agnes o encontrasse.

Vinte e cinco mil dólares.

Iria pedir desculpa, mas ele não a perdoaria, assim como ainda não tinha perdoado Dabney por dizer que ele e Agnes não eram feitos um para o outro. O que Agnes percebeu naquele momento, sentada na praia fria, a peneirar punhado de areia atrás de punhado de areia, chorando muito, foi que Dabney estava certa. CJ era não apenas errado para ela, mas, provavelmente, também mau para ela.

– Toma – disse Riley, entregando-lhe um guardanapo em bom estado da cesta de piquenique, e Agnes enxugou os olhos e assoou o nariz.

Namorara com CJ durante um ano antes de lhe dizer que Box não era o seu pai biológico. Quisera manter essa parte da sua vida privada, mas, quando lhe pareceu que as coisas estavam a ficar sérias, contou-lhe a verdade. CJ dissera-lhe que estava tudo bem, Agnes não precisava de se sentir humilhada ou envergonhada, ele ficara feliz por ela se ter finalmente sentido à vontade para lhe contar. Sorriu tranquilizador e disse:

– Isso explica certas coisas sobre ti.

– Certas coisas como o quê? – perguntou ela.

Mas ele não respondeu, e o mundo de Agnes inclinara-se um pouco mais para fora dos seus eixos.

Mais adiante na praia, algumas crianças lançavam foguetes. Agnes deixou Riley ajudá-la a levantar-se.

DABNEY

Viu Box atravessar o relvado da frente de Elizabeth Jennings para Cliff Road, onde haviam estacionado o *Impala*. Dabney sabia que devia segui-lo, mas não conseguiu obrigar-se a ir.

Queria estar onde Clen estava.

No momento em que Box saiu, Dabney ergueu as sobrancelhas para Clen e perguntou:

– O que aconteceu?

– Ele bateu-me – disse Clen. – Deu-me um soco. – Apontou para o peito.

– Acho difícil acreditar nisso – respondeu Dabney. – O que é que lhe disseste?

– Eu sei que gostavas que isto fosse culpa minha – disse Clen.

– Isso não é verdade.

– Tens de lhe contar, Cupe.

– Eu sei que tenho. Mas...

Foram interrompidos nesse momento pela própria Elizabeth Jennings, que entrou a correr na sala com o seu jeito arrogante habitual. Dabney conhecia-a porque ela fizera parte do conselho de diretores da Câmara de Comércio nos últimos dezoito meses. Se Dabney fosse muito honesta, admitiria que achava Elizabeth uma convencida e a sua suposta elegância um pouco falsa. Elizabeth era popular nos círculos de Washington; era uma anfitriã nos moldes de Sally Quinn e Katharine Graham. Que mais sabia Dabney sobre ela? O seu currículo declarava que fora assistente de Mary Washington e trabalhara por um breve período como assistente administrativa no Departamento de Estado. Dabney sabia que ela vinha de famílias antigas de Washington; estava relacionada de alguma forma com o presidente Taft. Tinha tido duas filhas e o marido morrera. Dabney *não* sabia que o marido de Elizabeth, Mingus, fora amigo (na verdade, parceiro de aventuras!) de Clendenin Hughes. Isso era de facto lamentável.

– Ouvi dizer que havia aqui uma confusão – disse Elizabeth. Os seus olhos saltavam pela sala, semicerrando-se sobre o tapete por baixo da consola lateral, que estava torto. Inclinou-se para o endireitar. Quando se levantou, olhou para Dabney como se ela fosse uma criança malcomportada.

– Tenho de perguntar o que aconteceu?

– Oh – disse Dabney. Estava com medo de olhar para Clen. – Nada.

– Eu desequilibrei-me – disse Clen. – O meu copo caiu e partiu-se. Desculpa, Elizabeth.

– Espero que estejas bem – disse Elizabeth.

– Está tudo bem – disse Clen. – Apanhámos os cacos, mas é melhor aspirar de manhã.

Elizabeth sorriu para Clen, como se nada a deixasse mais encantada do que o pensamento de pegar no aspirador ou dar umas ordens extras à sua empregada de limpeza. Sempre a anfitriã graciosa, supôs Dabney.

– E o John? – perguntou Elizabeth, abordando Dabney. – Para onde foi ele?

John? Dabney ficou temporariamente sem fala, até que percebeu que Elizabeth se referia a Box. Ninguém o tratava por John. Elizabeth escolheu fazê-lo apenas para aumentar a ira de Dabney.

– Foi-se embora – declarou sem rodeios. Tinha outras palavras à sua disposição que teriam suavizado o golpe – *teve de ir, não estava a sentir-se bem, estava exausto depois de todo o entusiasmo com a Casa Branca* –, mas não quis conceder a Elizabeth o favor de uma bela desculpa.

– Bem, é muito maroto e não se despediu de mim – disse Elizabeth. Depois, pareceu avaliar a situação diante de si: Dabney e Clen a sós na sala de estar, onde um copo se tinha partido, e um professor de Economia de Harvard que havia deixado uma festa sem agradecer à anfitriã. Elizabeth Jennings não sabia nada sobre o passado de Dabney e Clen – ou sabia?, nunca se podia ter certeza –, mas também não era uma mulher ingénua. Provavelmente tinha uma boa ideia sobre o que acontecera, ou pelo menos um bom esboço da questão. Podia estar a afiar mentalmente os dentes do seu garfo da mexeriqueice.

Vai-te embora, pensou Dabney. Vai para casa e arranja uma forma de pedir desculpa ao Box. Ou acaba com a brincadeira agora e conta-lhe a verdade.

Mas Dabney não se foi embora. Voltou para a varanda, aparentemente em busca de mais um copo de *Moët & Chandon vintage* de que não precisava. Foi quase instantaneamente apanhada pelo congressista, que parecia já ter aborrecido toda a gente na festa e, portanto, não tinha escolha a não ser dar a Dabney uma segunda dose das suas opiniões.

Clendenin estava no fundo da varanda. Elizabeth ainda lhe segurava no braço, com um ar de proprietária, achou Dabney. O ciúme começou como uma queimadura na sua testa.

Clendenin e Elizabeth?

A vantagem do congressista era que ele não requeria qualquer conversa real da parte dela. O homem falava e Dabney tinha apenas de acenar com a cabeça e, nos momentos apropriados, dizer *Pois, sim, estou a ver, claro.*

Clendenin e Elizabeth tinham passado algum tempo juntos «no estrangeiro». Elizabeth não tinha medo de viajar; era uma mulher que chegava à receção do Hotel Oriental a fumar um cigarro numa boquilha de madrepérola, enquanto um rapazinho tailandês em traje tradicional arrastava a sua mala *Louis Vuitton*. Mas Dabney estava a ser ridícula. Tinha visto demasiados filmes.

Bebeu o champanhe depressa e o congressista virou-se rapidamente para que o empregado voltasse a encher-lhe o copo, com um gesto nascido menos da grosseria, suspeitava ela, do que do medo que Dabney pudesse trocá-lo pelo bar. Houve outro copo de champanhe, e um empregado diferente fez aparecer tartes de fruta que eram tão bonitas como vitrais. Dabney recusou; não conseguia comer nada.

Clendenin e Elizabeth. Dabney iria perdê-lo para o Oriente – ou para as memórias polidas desse lugar – *outra vez!*

Os ciúmes consumiam-lhe o rosto: os lábios arreganhavam-se, os seus molares rangiam.

Olha para mim, pensou. Ficaria bem se Clen estabelecesse contacto visual.

Mas ele estava absorvido numa conversa, explicando algo a Elizabeth e a outro casal que Dabney não reconhecia. Ouvia a voz dele, mas não exatamente o que dizia. Esquecera-se de como podia ser animado em público. Ele estava a ser brilhante, a sair-se tão bem que Dabney o odiou um pouco. O grupo bebia-lhe as palavras.

Aquilo era o seu castigo, supôs, pelo que estava a fazer a Box.

O fogo de artifício começou e todos se viraram para o ver explodir sobre o porto. *Aprecia-o,*

pensou ela. Mas não, não podia, não sem Clen. Queria levar Clen para longe de Elizabeth. O escândalo repercutir-se-ia pela festa, mas que lhe importava? Poderia ver o fogo com o peso do braço de Clen em torno dela.

O amor era horrível. Odiava o amor.

E, para piorar a situação, o congressista pareceu perceber de repente que estava ao lado de uma mulher real.

– Dabney? – perguntou ele. – Está a sentir-se bem?

Dabney levantou o rosto para o céu, na mesma altura em que um crisântemo branco gigante de fogo se abriu acima deles. Dabney esperava que o seu rosto fosse iluminado de tal forma que o seu sofrimento atroz parecesse deleite.

AGNES

Encontrou o anel de noivado numa poça de água gelada no fundo da arca refrigeradora das bebidas.

Não o perdera. Estava ali na palma da mão. Não desaparecera.

Não desaparecera! Não se perdera!

Não havia palavras para o seu alívio.

Mas havia outra emoção que ensombrava o alívio, uma emoção sem nome, que parecia uma escotilha de emergência a fechar-se.

DABNEY

No dia 5 de julho, estava demasiado doente para sair da cama. Telefonara para o trabalho, deixando uma mensagem no atendedor de chamadas a Nina, dizendo que a gripe tinha voltado com mais força e, se tivesse sorte, iria trabalhar ao meio-dia. Mas, já às nove, sabia que não haveria nenhuma forma de voltar ao escritório. Mal conseguia ir à casa de banho. Agnes estava no trabalho e Box estava lá em baixo, no seu escritório. Ouviu-o ao início da tarde, às voltas na cozinha a preparar o almoço, mas o marido não foi ver como ela estava. Precisava de água fresca e ibuprofeno. Teve de esperar até às cinco e meia por Agnes. Também pediu à filha o telemóvel, e Agnes lançou-lhe um olhar confuso. O telefone fixo estava mesmo ao lado da sua cama.

Mas Agnes trouxe a água, o medicamento e o telemóvel de Dabney, com uma torrada com manteiga, que Dabney não conseguiria comer.

– Obrigada – sussurrou Dabney.

– Oh, mãe – disse Agnes.

*

Naquela noite, Box não foi para a cama, e Dabney supôs que ele estivesse zangado ou com vergonha, mas não conseguia adivinhar qual. Sonhou com Clendenin e Elizabeth Jennings a jogar

mah-jong num barco de madeira em Steps Beach, e o barco estava envolto num miasma rosa-claro. Clen e Elizabeth Jennings, feitos um para o outro?

Acordou e pensou: *Não!*

6 de julho, doente. Dabney ouviu música clássica no andar de baixo, mas Box não apareceu.

O seu telemóvel permaneceu em silêncio. Queria mandar uma mensagem a Clen, mas talvez ele também estivesse zangado com ela, ou com vergonha, ou obcecado com Elizabeth Jennings. Talvez tanto Box como Clen a abandonassem. Iam abandoná-la, tal como a sua mãe.

O pai de Dabney havia feito um trabalho maravilhoso ao criá-la, mas era justo dizer que sempre houvera uma parte de Dabney que sentia que não fora amada.

7 de julho, doente. Agnes ficou em casa; Dabney tentou protestar, mas era muito difícil formar uma frase. Então Agnes explicou: «Está a chover, mãe. Uma chuva torrencial. O acampamento foi cancelado hoje.»

O som da chuva contra a janela era reconfortante.

Dabney ouviu a voz de Agnes no andar de baixo.

– Pai, ela está muito mal. Não devemos levá-la ao hospital?

– Dá-lhe mais um dia – disse Box.

Mais um dia, pensou Dabney.

Onde arranjava ele as roupas lavadas?, perguntou-se. E o que é que ele e Agnes comiam?

À meia-noite, uma mensagem de Clen: *Diz-me quando te posso ver.*

*

Na manhã do dia 8 de julho, Dabney acordou a sentir-se fraca e vazia, mas estava bem o suficiente para tomar banho e descer para comer uma tigela de flocos de trigo.

Box estava à mesa com o café e o *Wall Street Journal*. Olhou para ela por cima do jornal.

– Sentes-te melhor?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele acenou com a cabeça.

– Amanhã tenho de ir para Washington. Volta na sexta-feira – disse ele.

Dabney pensou *Washington. Volta na sexta-feira.*

Chegou ao escritório ao meio-dia.

AGNES

Riley deixou uma mensagem no seu atendedor de chamadas que dizia: «A tua mãe saiu às três horas e eu segui-a. Foi até ao número 436 de Polpis Road. Entrou no caminho de acesso.»

Agnes ouviu a mensagem duas vezes. Riley tinha *seguido* Dabney? Fora uma manobra audaciosa. Fizera-o por Agnes. Ou porque era naturalmente curioso, ou porque ficara intrigado por Dabney tinha em segredo.

Agnes pesquisou o número 436 de Polpis Road e descobriu que pertencia a Trevor e Anna Jones,

pessoas de quem nunca tinha ouvido falar.

*

Naquela noite, Dabney voltou à cozinha para preparar o jantar – borrego grelhado, *succotash*, alface-bebé. Box ainda estava no escritório, mas Agnes presumiu que ele depressa seria atraído pelo aroma da carne assada, alho e alecrim. Nas últimas três noites, tinham mandado vir comida tailandesa.

– Mãe, conheces alguém chamado Trevor ou Anna Jones? – perguntou Agnes.

Dabney estava a mexer a salada. Agnes apercebeu-se de uma minúscula hesitação com os utensílios.

– Não – disse Dabney.

– A sério? – estranhou Agnes. – Tu conheces toda a gente. Trevor e Anna Jones? Vivem em Polpis Road?

– Não – repetiu Dabney. Enfrentou o olhar de Agnes. – Não conheço o Trevor nem a Anna Jones.

DABNEY

O conselho de administração reunia-se quatro vezes por ano: em janeiro, em abril, em julho e em outubro. Dabney detestava as reuniões do conselho. Começava a temê-las com semanas de antecedência, embora decorressem sempre sem problemas.

As reuniões eram realizadas numa sala pequena e sem ventilação; a mesma sala onde Dabney havia infelizmente surpreendido Nina e Jack Copper. Tinha uma mesa retangular e dez cadeiras. Havia uma janela pequena, que abria a partir de cima, e uma tomada elétrica, onde Dabney ligava uma ventoinha oscilante de pé. A ventoinha soprava os papéis de todos e fazia muito barulho, mas a experiência ensinara-lhes que a reunião de julho sem a ventoinha era para lá de insuportável.

Os dez diretores compareciam na reunião de julho porque Elizabeth Jennings e Bob Browning, os dois únicos residentes de verão da direção, participavam nela. Normalmente, Dabney ficava em pé na reunião de julho, porque não havia espaço para uma décima primeira cadeira, e não estava entre iguais. Era uma colaboradora. Aqueles eram os seus chefes.

Dabney elaborara um relatório de tesouraria e os pedidos de fundos do conselho regional de turismo, bem como um resumo completo do Fim de Semana do Narciso e um plano para o Passeio de Natal. Colocara uma dúzia de garrafas de água fresca no centro da mesa, e canetas extras. Não sabia porque se sentia tão ansiosa; nunca nada correria mal naquelas reuniões. Os diretores ouviam a sua descrição do bom progresso da Câmara, e olhavam para os seus relatórios detalhados e espessos dos pedidos de subsídios, embora nunca ninguém os lesse. Todos eles acenavam simplesmente com a cabeça em aprovação e adoração, e Vaughan, basicamente, dava uma palmadinha na cabeça de Dabney, como se ela fosse um bom cão, e a reunião era encerrada.

Hoje, como de costume, os membros do conselho cumprimentaram Dabney à chegada – Jeffrey Jackson beijou-a na face, como sempre, e Martha perguntou carinhosamente pelo novo computador de Dabney, como se este fosse um animal de estimação. Betty e Karen estavam mais solícitas do que o habitual. Betty ofereceu-lhe até o seu lugar à mesa, mas Dabney declinou. Paciência. Não podia

sentar-se enquanto uma das diretoras ficava de pé.

O velho Mr. Armstrong, do Nantucket Auto Body, disse:

– A Dabney pode sentar-se no meu colo.

Todos se riram, embora debilmente, porque Mr. Armstrong era um velho lúbrico e provavelmente teria gostado de ter Dabney sentada no colo.

Elizabeth Jennings não cumprimentou Dabney nem sequer olhou na sua direção, o que deu a Dabney uma sensação incômoda. Pegou num *dossier* que retirou do centro da mesa e entregou-o a Elizabeth.

– Aqui tem, Elizabeth.

Elizabeth aceitou o *dossier* sem lhe agradecer nem olhar para ela, virando-se imediatamente para Karen, a agente imobiliária, que pelos vistos estivera no Company of the Cauldron com Elizabeth na noite anterior. As duas começaram a falar sobre o salmão.

Uma censura, então, pensou Dabney. Ela havia sido desconsiderada. Ena. Olhou em volta da mesa para ver se alguém tinha reparado, mas é claro que todos estavam a tratar dos seus próprios assuntos, ou debruçados sobre os relatórios, tratando de manter Nantucket enquanto centro de comércio ocupado que era.

Dabney passou a reunião em piloto automático, em pé e com a ventoinha a soprar-lhe ar para as costas. Era a única forma de aguentar sem desmaiar. Paciência. Não tinha agido mal na festa de Elizabeth, disse a si mesma. Foram Box e Clen. Clen tentara sair da sala quando viu Box pela primeira vez, dissera ele, mas Box insistira na conversa que rapidamente se tornara desagradável. Tinham discutido por causa de Dabney, mas não havia maneira de Elizabeth Jennings saber disso. Talvez ela tivesse ficado apenas irritada com o comportamento de Box, ou por causa do copo partido de Clen.

O orçamento estava em ordem, os relatórios de subsídios foram meticulosamente preenchidos e os cofres estavam cheios. Tão cheios que Dabney tinha decidido fazer o que raramente fazia e pedir um aumento, não para si, mas para Nina Mobley. A sala estava muito quente e Dabney sentia que todo o seu sangue se tinha juntado nos pés. O cabelo cor de canela de Elizabeth Jennings era perfeitamente direito e liso, preso atrás de uma orelha, e as suas unhas eram perfeitas, de uma cor coral suave.

Ela pegara no braço de Clen de uma forma tão possessiva na festa.

Ele não é teu, pensou Dabney. *Ele é meu*.

Pigarreou para que lhe dessem atenção. Não tinha avisado Vaughan de que faria aquele pedido de aumento, porque ele perguntava sempre, no final de cada reunião, se havia mais algum assunto que não estivesse na agenda.

Fazia tanto calor que a visão de Dabney começou a desfocar-se. Bob Browning dormitava; Karen, a gente imobiliária, enviava mensagens de texto descaradamente.

– Parece tudo em ordem. Existe mais algum assunto? – perguntou Vaughan.

– Sim – disse Dabney.

Todos se viraram para ela. Sentia um formigueiro nos pés. Seria possível os pés ficarem dormentes enquanto se estava em pé?

– Sim, Dabney? – disse Vaughan.

– Gostaria de pedir um aumento – declarou Dabney.

Um murmúrio percorreu a sala. Jeffrey Jackson, que a apoiava sempre em todos os casos, disse:

– Sim, você merece.

– Não é para mim – disse Dabney. – Obviamente. Estou muito feliz com o meu salário. Estou a pensar na Nina Mobley. Ela fez um trabalho excecional, e a quantidade de responsabilidades que ela assume aumentou, especialmente nos últimos meses. – Dabney parou. – Gostaria que ela recebesse um aumento de vinte por cento.

Elizabeth Jennings fez um barulho de desprezo, soprando ar pelo nariz, com um risinho arrogante.

– Bem – disse. – Isto é o raio de uma bomba para se lançar no final de uma reunião.

Raio, pensou Dabney. *Bomba*. Elizabeth dissera que era *o raio de uma bomba*? Dabney oscilou. Sentia que estava a perder o equilíbrio. Estendeu a mão para se segurar à parte de trás da cadeira de Martha.

O velho Armstrong exclamou:

– *Quanto* é que ela quer?

– Não é ela – disse Dabney. – Sou eu. Quer dizer, sou eu que estou a pedir... para ela. Ela nem sequer sabe que estou a pedir. Mas merece um aumento. Gostaria que ela fosse aumentada. Ela está a fazer o seu trabalho e... – Dabney quase disse: *e o meu também*. Mas percebeu no último instante que isso soaria muito mal. – E está a fazê-lo muito bem.

– Nós gostaríamos de pensar que *todos vocês* estão a fazer bem o vosso trabalho – disse Elizabeth. – É para isso que vos pagamos. Para fazerem bem o vosso trabalho. Não recebem *mais* dinheiro para fazerem bem o vosso trabalho. – Olhava agora para Dabney com olhos penetrantes. Odiava Dabney. Mas porquê? Dabney nunca fora uma inimiga. Houvera Jocelyn, em Yale, numa festa horrível. Jocelyn tinha estado apaixonada por Clen, ou qualquer que fosse a versão universitária de «apaixonada». Agora, Elizabeth queria Clen – e sabia, de alguma forma, *sabia*, que Dabney estava no seu caminho. Como é que ela sabia?

Como é que ela sabia?

– Esqueçam – disse Dabney. Viu a sua mão fazer um movimento lento à frente do rosto, como se estivesse a limpar a sugestão de um aumento para Nina Mobley.

– Espere, vamos discutir isso – disse Jeffrey Jackson. Jeffrey Jackson tinha uma marca de nascença no pescoço e na metade inferior do rosto, e na escola primária, outros dois rapazes tinham sido cruéis com ele e Dabney havia protegido Jeffrey. Desde então, ele havia sido um dedicado defensor de Dabney.

– Não há nada para discutir – disse Elizabeth. – Pelo menos não agora. Esta sala é um forno, são quase seis horas, e eu não sei como é com vocês, mas eu tenho outros planos para a noite. Acho que devemos adiar a discussão de um aumento de Ms. Mobley até à próxima reunião.

– Concordo – disse Karen.

Dabney pestanejou; o suor escorria-lhe pelas costas. Queria ver como Vaughan Oglethorpe iria lidar com aquilo. Ele não gostava que outros membros do conselho ultrapassassem a sua autoridade, mas, quando olhou para ele, o rosto de Vaughan tinha-se transformado em cera derretida.

Vou desmaiar, pensou Dabney.

Mas, felizmente, Vaughan deu a reunião por encerrada. Martha levantou-se para sair e Dabney deixou-se cair na sua cadeira.

Elizabeth Jennings convidou-o para jantar no Straight Wharf.

– Devo dizer-te, Elizabeth, que não gosto muito do ambiente dos restaurantes de Nantucket – disse ele.

– Não te preocupes. Em vez disso, vens a minha casa. Amanhã às sete horas.

Ela desligou sem lhe dar a oportunidade de dizer não.

Clen levou uma embalagem de cerveja *Singha*, que encontrara milagrosamente no Hatch's. Era a cerveja que ele, Mingus e Elizabeth tinham bebido em Banguécoque e Saigão há imensos anos.

Bateu à porta da casa de Elizabeth, sentindo-se um idiota. O que estava a *fazer* ali? Aquilo parecia-lhe um exercício inútil de nostalgia.

Elizabeth gritou de alegria ao vê-lo. Parecia um pouco embriagada. Gritou novamente com a apresentação da cerveja.

– *Singha*? – disse ela. – É mesmo verdade? Mandaste vir? E está gelada. Lembras-te de como era bom beber uma *Singha* gelada depois de andarmos naquele calor maldito? És um génio!

Envergava um elegante vestido verde-claro com pequenas lantejoulas e estava descalça. Era uma mulher atraente – cabelo cor de canela, as unhas compridas, o perfume – e Clen nunca tinha sido capaz de se livrar da visão de Elizabeth a sair da piscina do *resort* em Nha Trang. Aquele biquíni vermelho. Mas sempre houvera um laivo de desespero nela, uma parte que se esforçava em demasia – e, depois, bem, ela não era Dabney.

Na varanda, a mesa estava posta para dois, e havia velas em lamparinas. Mas, primeiro, Elizabeth serviu-lhe um *Glenfiddich* e olhou para a baía em baixo.

Era um encontro romântico, percebeu Clen. Ela convidara-o para um encontro romântico. Ele não tinha pensado nisso antes. Partira do pressuposto de que haveria outras pessoas lá, ou que ela o convidara por bondade ou tédio. Era um velho amigo de outra vida.

Mingus e Clen tinham bebido como loucos no La Caravelle, em Saigão, e depois sentaram-se numa mota e tiveram um acidente com ela em frente ao Palácio da Reunificação. Mingus e Clen também tinham bebido como loucos no Majestic e no Continental. De que se recordava Clen especificamente? Ventoinhas nos tetos de *rattan*, *Singapore Slings*, cascas de amendoins no chão; ele e Mingus costumavam fumar *Luckys* sem filtro, acendendo um no outro. Os cigarros tinham matado Mingus, cancro de pulmão aos cinquenta e dois anos.

Mingus tinha regressado aos Estados Unidos quando foi diagnosticado. Morrera em Washington; Clen não conseguiu voltar para o funeral. No entanto, enviou uma longa carta a Elizabeth, que foi menos compaixão do que um poema de memórias em prosa: Banguécoque, Singapura, Mandalay, Rangoon, Siem Reap, Saigão, Hanói, Hoi Na – e as férias de uma semana em Nha Trang. Tinham ficado num *resort* de cinco estrelas que Elizabeth pagou. Ela insistiu que Clen fosse, embora ele se sentisse desconfortável por se juntar à escapadela romântica dos dois. Tinha sido paradisíaco, porém, e ele precisava disso – uma piscina infinita, as intermináveis garrafas geladas de *Domaines Ott*, uma certa salada picante de papaia servida junto ao guarda-sol. Houve uma noite em que Mingus se retirou cedo e Clen e Elizabeth tinham ido da mesa de jantar até um lugar na areia. Estavam ambos bastante bêbedos, Clen capaz de fazer pouco mais do que olhar para o reflexo da lua no Mar do Sul da China. Alguma coisa tinha acontecido, ela ou ele haviam dito algo, e Elizabeth aproximara o rosto do dele. Clen tinha pensado: beijo; era impossível não o fazer. Aquele biquíni vermelho. Mas recuou,

levantou-se e sacudi a areia. Ela disse: «Enganei-me? Vi-te a olhar para mim.»

Enganara-se? Não, não se enganara. Aquilo acontecera antes de Clen ter conhecido Mi Linh, e sentia-se só. Tinha *olhado* para Elizabeth durante toda a semana. Mas não era homem para trair o seu único e verdadeiro amigo, por isso fizera-lhe uma vénia e fora para a cama.

Agora, Elizabeth fez-lhe uma pergunta, mas Clen não ouviu o que era. Algo relacionado com a palavra *oriente*.

– Desculpa? – disse.

– Tens saudades do Oriente?

– Oh – disse ele. – Não sei. Às vezes. De certas coisas. A comida na Tailândia, os monges no Camboja, os bares de hotel no Vietname. Mas nem por isso. Não tanto quanto pensei que teria. E tu?

Ela apoiou o queixo na mão.

– Foi uma altura da minha vida que aprecio – disse. – Mas acabou. Nunca vou voltar. E tu?

– Só se Singapura chamar – disse Clen. Mas então percebeu que estava tão ligado a Dabney que, mesmo que um trabalho se materializasse em Singapura, o recusaria. Não voltaria a deixá-la.

O jantar foi servido por uma empresa de *catering*. Outros homens poderiam ter ficado impressionados, mas Clen sentiu-se triste. Ser convidado para jantar e depois comer uma refeição preparada por outras pessoas?

E, para piorar a situação, era bife grelhado. Clen olhou para o prato sem poder fazer nada. Não conseguia cortar um bife. E essa era uma das razões pelas quais não aceitava convites para jantar fora. Ergueu o garfo e provou um pouco de *gratin* de batata, e depois pousou o garfo com estrépito.

– Oh, meu Deus – disse Elizabeth. – Lamento. Acho que não...

– Não faz mal – disse Clen. – Não faz mal.

Elizabeth olhou em volta à procura de um dos empregados, mas eles estavam os três ocupados na cozinha. Ela levantou-se.

– Olha, deixa-me cortá-lo por ti.

Clen fez uma careta. Era humilhante para ambos, Elizabeth a cortar o bife, como se ele fosse uma criança.

– Acho que nunca me contaste o que se passou.

– Com quê? – disse Clen.

– O teu braço – disse ela. – O que aconteceu?

Khmers Vermelhos, pensou ele. *Catana*. *Uma história chata*.

Mas, para aliviar a humilhação do momento, disse-lhe a verdade. Estava a escrever uma história sobre meninas que eram compradas no campo e vendidas para a prostituição em Banguécoque. Tinha uma fonte, uma mulher de trinta anos, cuja filha de treze anos tinha desaparecido e fora supostamente trabalhar em Khao San Road. Clen tinha ido a todos os bordéis de renome e pedira a rapariga – Bet. Bet possuía pele clara e sardas, o avô era um irlandês chamado O’Brien, e por causa do seu tom de pele invulgar, as pessoas lembravam-se dela. Clen tinha sido levado cada vez mais fundo para o baixo-ventre da cidade. Apresentaram-lhe meninas cada vez mais jovens, até que lhe ofereceram os serviços de uma que não poderia ter mais de nove anos. Contou a Elizabeth que fora como se o seu

espírito fosse um galho seco que se tivesse partido ao meio. Pegou na menina e tentou levá-la do estabelecimento. Ela começou a gritar. Não queria ir com Clen. Não o conhecia, não sabia que ele estava a tentar salvá-la, e ele não falava a língua com fluência suficiente para a tranquilizar. Conhecia a palavra tailandesa para polícia, *tarwc*, mas isso só serviu para a aterrorizar ainda mais.

Clen não andara cem metros no beco quando a menina lhe foi tirada pelos capangas do estabelecimento. Os capangas eram mais pequenos do que ele – os homens no Sudeste Asiático eram mais baixos –, mas eram quatro ou cinco e todos eles pareciam treinados em nove artes marciais. Deram uma tarefa a Clen, e partiram-lhe o braço em quatro pontos, com uma fratura exposta, e a única forma que os médicos do hospital onde acabou por ser socorrido conheciam para lidar com aquele tipo de fratura era proceder a uma amputação logo abaixo do ombro.

Clen empurrou o prato. Era uma história que lhe tirava o apetite.

Elizabeth estava sem fôlego.

– Oh – disse. Estendeu a mão sobre a mesa para pegar na mão direita de Clen.

– E foi por isso que vieste embora?

– Foi uma das razões – disse Clen. – Também percebi que nunca ia ficar com a vaga em Singapura.

– Retirou a mão. – Chateei a pessoa errada, quando lá estava a cobrir a história do despedimento.

– Quem? – perguntou Elizabeth.

– O Jack Elitsky.

– Eu conheci o Jack – disse Elizabeth. – O Mingus ajudou-o uma vez, com uma coisa; não me lembro o que foi agora, é como se tudo se tivesse evaporado assim que voltei.

– O Jack é bom tipo – disse Clen. – Eu fui um idiota pomposo. Sempre tive um problema com a autoridade.

– Rebelde – disse Elizabeth.

– Algo parecido com isso – disse Clen.

Houve um momento de constrangimento quando se despediram à porta. Clen tinha tentado acabar a noite rapidamente, recusando a sobremesa e o vinho do Porto e outro *whisky*, querendo apenas ir para casa e enviar uma mensagem a Dabney. Não soubera nada dela desde o Quatro de Julho, quando a ignorara sumariamente após a discussão com o economista. Mas agora ansiava por ela.

Um beijinho na face, pensou ele. *Obrigado pelo jantar*.

Elizabeth encostou-se à porta da frente fechada, bloqueando-lhe o caminho. Olhou para ele através da sua franja cor de canela, um olhar de sereia; devia ter resultado com outros homens.

– Na minha festa do Quatro de Julho... – disse ela – quando estavas na sala de estar com os Beech...? O que aconteceu? Houve uma discussão? Não me tinha dado conta de que *conhecias* os Beech.

– Não conheço – disse ele. Em seguida, corrigiu-se. – Bem, não conheço o professor. A Dabney foi minha namorada no liceu.

– *Ai sim?* – perguntou Elizabeth. – Que interessante.

– Não sei porque é interessante – disse Clen rapidamente. A última coisa de que precisava era que Elizabeth acreditasse que havia qualquer coisa «interessante» entre ele e Dabney. – Foi há séculos. Já passou à história.

– Eu estive com ela há poucos dias na nossa reunião do conselho da Câmara de Comércio –

continuou Elizabeth. – Acho que ela não está bem. Anda muito pálida e está tão magra. Parece-me um caso de hepatite C, embora eu não seja médica.

Dabney dissera a Clen que quase desmaiara. Dissera-lhe que a sala fervia, e que estava tão ansiosa por causa da reunião que não tinha almoçado. Mas, com as palavras de Elizabeth, Clen percebeu que Dabney *andava* pálida – a sua pele tinha uma coloração amarelada – e estava muito magra. Ainda há dias, ele conseguira contar as vértebras da coluna vertebral dela. Duvidou que tivesse alguma coisa tão grave como hepatite C, mas sugerira gentilmente que ela fosse ao médico.

Ele aclarou a voz.

– Obrigado pelo jantar. – Inclinou a face para o rosto de Elizabeth, mas ela estendeu as mãos e beijou-o em cheio nos lábios.

Clen recuou. A expressão de Elizabeth foi de mortificação instantânea, recordando-lhe outra ocasião, a noite distante no Mar do Sul da China. *Oh, merda*, pensou ele. Tê-la-ia levado a acreditar que era aquilo que ele queria? Achava ela que ele estaria recetivo, agora que Mingus morrera?

– Elizabeth – disse.

Ela abriu a porta.

– Obrigada por teres vindo – disse ela, recompondo-se. Sempre a perfeita anfitriã. – Foi uma noite encantadora.

– Adorável – disse ele, e praticamente correu pelo relvado iluminado pelo luar.

DABNEY

Miranda Gilbert e o seu noivo, o Dr. Christian Bartelby, chegariam para uma visita de fim de semana, como nos últimos três verões. Mas, alguns dias antes da sua chegada, Miranda ligou a dizer que Christian não poderia ir. Tinha de trabalhar no hospital.

– E tenho a certeza de que não querem que eu vá sozinha – disse Miranda.

– Claro que queremos – respondeu Dabney, apenas para ser educada. Na realidade, se Miranda cancelasse seria melhor. Dabney precisava de contar a Box sobre Clendenin e não poderia fazê-lo enquanto tivesse hóspedes em casa.

– Fantástico! – disse Miranda. – Restava-me a perspetiva bastante triste de ir ao cinema sozinha, ou gastar demasiado dinheiro em Newbury Street. Vou manter o meu voo, então.

Quando desligou, Dabney foi inundada por um alívio surpreendente. Estava safa.

Não queria contar a Box sobre Clendenin. Seria horrível.

É a vida que levamos.

Miranda chegou na sexta-feira à tarde, apenas alguns minutos antes de Box chegar de Washington, por isso enfiaram-se todos no *Impala* de Dabney e dirigiram-se para casa. Dabney não tinha informado Box de que o Dr. Bartelby não iria, e percebeu que o marido ficou surpreendido por Miranda ter aparecido sozinha. Miranda apercebeu-se disso e, todo o caminho para casa, agradeceu a Dabney profusamente por permitir a sua vinda. Boston era um caldeirão naquela época do ano, disse ela, como Box bem sabia.

– Mmmmm, sim – disse Box.

Uma vez em casa, Miranda disse a Dabney como o quarto de hóspedes era adorável. Mais elegante do que o Four Seasons, disse ela. Era uma mulher alta com cabelo loiro-arruivado, uma pele de porcelana e olhos verdes, o nariz talvez um pouco forte para ser verdadeiramente bonita. Usava um vestido de algodão rosa-claro e umas sandálias com tiras complicadas. O seu cabelo ficara crespo devido à humidade, e a sua personalidade era mais agradável e muito mais descontraída do que Dabney se lembrava de verões anteriores. Ela parecia quase *tonta* – mas seria isso possível? Então percebeu que não era só o vestido de Miranda que era rosa, a sua aura também. Ela emitia uma cor como a das rosas trepadeiras nos seus melhores dias.

Miranda estava completamente rosada.

Box?

Miranda Gilbert e Box, uma combinação perfeita? Dabney sempre tivera um pouco de ciúmes de Miranda, mas nunca tinha pensado... nunca houvera qualquer indicação durante visitas anteriores de Miranda... mas é claro que o Dr. Christian Bartelby sempre a acompanhara antes... ele causara interferência... Dabney não o tinha discernido.

OK, pensou. *Uau*.

– Vou deixá-la instalar-se – disse. – Posso trazer-lhe uma bebida? Um copo de *syrah*? Um *gin* tónico?

– Oh, um *gin* tónico seria ótimo! – disse Miranda. Sentou-se descontraidamente na cama. – Devo dizer-lhe, Dabney, isto é um paraíso. Anseio por este fim de semana todos os anos. Mas o Christian... bem, ele anda muito ocupado com os doentes. Não conseguiu tirar tempo de folga.

Dabney acenou com a cabeça.

– Eu já volto com a sua bebida.

O jantar foi costeleta e legumes marinados grelhados, uma grande salada verde, alguns pães, e um monte de *syrah*. Dabney pôs a mesa no exterior e incentivou Box e Miranda a sentarem-se e conversarem enquanto preparava tudo.

– Precisa de ajuda? – perguntou Miranda.

– Tenho um pouco a mania do controlo – respondeu Dabney.

Box deixou que o silêncio se instalasse por momentos.

– Confirmado – disse ele.

Risos.

Dabney permaneceu na cozinha. Continuava a olhar pela janela da cozinha. Rosa? Miranda estava rosada, Box não emitia nada, zero. Se tinha uma aura, era da cor do ar. Porque Dabney estava lá, causando interferências.

Desculpou-se logo após o último pedaço de *sabayon* com morangos silvestres e frescos. Não se tinha apressado de propósito – como poderia *apressar-se* com *sabayon* caseiro e pequenos morangos silvestres deliciosos? No entanto, assim que terminou, ergueu-se e levantou a mesa, dizendo a

Miranda, que estava prestes a protestar: «Deixe-se estar. Eu *sou* uma maníaca do controlo.»

Em seguida, levou os pratos de sobremesa para a cozinha e saiu para o pátio mais uma vez, para os reabastecer de *syrach*. Box e Miranda estavam embrenhados numa discussão séria sobre Milton Friedman, um tema especialmente querido, pois o famoso economista fora o tema da tese de Miranda. Dabney achava que nenhum deles reparara nela. Os copos de vinho poderiam ter sido magicamente servidos por fadas.

Isso era bom, pensou. Aquela era, muito possivelmente, a solução para todos os seus problemas.

E, no entanto, claro, era perturbador. Iria Dabney realmente *impingir* a alguém o homem com quem estava casada há vinte e quatro anos? Miranda emitia um brilho de peónia em plena floração – mais rosado do que rosa: estava apaixonada por Box, *perdida de amor*, e Dabney achava que ele merecia aquilo. Dabney tinha adorado Box e respeitava-o, e chegara até a desejá-lo, mas alguma vez estivera perdida de amor por ele?

Observava-os da janela da cozinha enquanto lavava os pratos e sentiu uma pontada de ciúme – não por Box em si, embora fosse um sentimento que não podia ser ignorado. Ultimamente tinha montes desses... impulsos, supôs. Doente de amor.

Mandou uma mensagem a Clen. *Agora?*

Quando tinha os pratos a secar, recebeu a resposta. *Sim, por favor vem há cinco minutos.*

Dabney soltou a respiração. Poderia sair de casa sem ser detetada? Pensou que sim. Diria que ia para a cama. Box e Miranda ficariam acordados uma ou duas horas, falando de Friedman, em seguida, de Tobin e depois de Larry Summers. Assim que começassem a conversar sobre Larry Summers, não se calariam. Dabney veria Clen por cinco minutos e regressaria rapidamente a casa.

Espreitou pela porta das traseiras.

– Vou deitar-me. Precisam de mais alguma coisa?

Box despejou o conteúdo da garrafa de vinho no copo de Miranda e ergueu-a para Dabney.

– Temos outra?

– Temos! – respondeu ela alegremente. As faces de Box estavam coradas tal como costumavam ficar depois de alguns copos de vinho, mas ele não emitia qualquer aura. Provavelmente porque ela estava ali. Claro! Tinha de os deixar sozinhos. Uma onda de tonturas tomou conta dela e Dabney apoiou-se no balcão. Não só estava a ter um comportamento horrível, ilícito, como esperava que outras pessoas também o tivessem, para que se pudesse sentir menos culpada.

Apressou-se a abrir outra garrafa de *syrach*.

A sua escapadela foi quase fácil de mais. Saiu pela porta da frente e meteu-se no *Impala*.

Quando entrou na rotunda, avistou o *Prius* de Agnes um pouco à frente. Teria Agnes visto a *mãe*? Era difícil não detetar o maldito *Impala*. Agnes andava tão desconfiada ultimamente, Dabney podia imaginá-la a contornar a rotunda para a seguir. Teria de abortar a sua missão.

Mas Agnes devia estar distraída, ou a falar ao telefone com CJ, porque saiu da rotunda e dirigiu-se para casa. Dabney acelerou.

– Tive um encontro com a Elizabeth Jennings – disse Clen.

Dabney sentiu uma dor aguda nas entranhas. Os seus órgãos internos pareciam estar a ser cortados

por facas afiadas e brilhantes.

– Um encontro?

– Ela convidou-me para jantar. Achei que haveria outras pessoas, mas éramos só nós os dois.

Dabney e Clen estavam deitados sobre os lençóis caros, nus. O longo beijo por que Dabney viera prolongara-se, apesar de ter dito a Clen que não dispunha de muito tempo.

Tê-la-ia Agnes *visto?*, interrogou-se. Será que a filha interromperia Box e Miranda num momento inoportuno dizendo: *Acabei de ver a mãe na rotunda. Aonde é que ela foi?*

Esta preocupação foi diminuída pelo pensamento de Clen e Elizabeth Jennings a jantarem sozinhos.

– Então, como foi? – resmungou.

– Ela serviu-me bife – disse Clen. – E eu não consegui cortá-lo.

Dabney estremeceu.

– Ui – disse. – Como foi a conversa?

– Houve algumas reminiscências sobre os bons velhos tempos do molho de peixe e dos sanitários asiáticos. Ela perguntou-me sobre o meu braço.

– Contaste-lhe a verdade?

– Sim.

Dabney exalou pelo nariz. A dor na barriga era suficiente para a fazer chorar. Imaginou dez *chefs hibachi* japoneses a cortarem-na às postas.

– Isso é muito íntimo – disse Dabney. – Ficou mais íntimo do que isso?

– Ela tentou beijar-me – respondeu Clen.

Oh, meu Deus, não. Dabney emitiu um gemido e enroscou-se na posição fetal, o que só serviu para intensificar a dor. Começou a chorar. Estava prestes a perder tudo e todos. Recuou trinta anos, vendo Clen com Jocelyn no piquenique de Yale-Harvard, as mãos de Jocelyn enterradas no cabelo espesso dele.

Clen colocou o braço ao redor dela.

– Não chores, Cupe. Eu não correspondi ao beijo. Fui muito malcriado, afastei-a e saí. – Acariciou a parte de trás do pescoço de Dabney. – Tenho de viver com o facto de que tu dormes ao lado do economista todas as noites, sabes?

– Eu sei – gemeu Dabney.

– Mas não há outra mulher no mundo para mim – disse Clen. – Simplesmente não há. Eu só te vejo a ti.

A casa estava escura quando Dabney chegou, o que a fez sentir-se aliviada. Não queria deixar Clen, especialmente depois de ter ficado a saber sobre o jantar com Elizabeth Jennings. *Qualquer uma, menos Elizabeth Jennings*, pensou Dabney. Não sabia de onde vinha aquela aversão; Elizabeth era tonta e inofensiva – mas, em seguida, Dabney admitiu que ela não era nem tonta nem inofensiva. Era obstinada e teimosa nas reuniões da Câmara de Comércio; de todos os membros do conselho, Elizabeth era a única que Dabney sentia que tinha de impressionar. Talvez fosse o seu dinheiro, ou o seu *pedigree*. E Elizabeth e Clen partilhavam lembranças de um mundo diferente, um mundo que Dabney não podia sequer imaginar. Elizabeth podia apanhar Clen, mudá-lo para Washington, apresentá-lo a pessoas importantes. Ele acabaria a escrever para o *Washington Post*. Acompanharia

Elizabeth ao Centro Kennedy e a bailes; daria aulas em Georgetown e beberia no National Press Club. Clen mudaria.

Dabney tinha ficado muito mais tempo em casa de Clen do que pretendia, permitindo que ele a tranquilizasse, esperando que a dor aguda na barriga diminuísse para que se pudesse levantar.

Antes de sair, Clen havia dito:

– Pareces estar a perder muito peso, Cupe. Já pensaste em ir ao médico?

Dabney suspirou involuntariamente.

– Ao médico?

– Estás muito magra – disse ele. – Quase um esqueleto. E a tua pele anda a ficar com uma cor estranha. E disseste que quase desmaiaste na sala de reuniões. Só estou preocupado contigo.

Dabney colou um sorriso no rosto, que parecia um quadro pendurado torto.

– Apaixonada – disse ela.

– Ouço-te dizer isso, mas, Cupe...

Dabney despediu-se dele com um beijo e correu para o carro.

Em casa, abriu com todo o cuidado a porta da frente, que era uma porta que ninguém usava. Quando entrou, gritou de surpresa.

Box estava de pé à sua frente, bloqueando as escadas.

– Onde estavas? – perguntou.

– O quê?

– Diz-me a verdade, Dabney.

– Fui dar um passeio de carro sem a capota – disse ela. – Precisava de apanhar ar.

– Um passeio de carro?

– Sim.

– Não paraste em nenhum lugar? – perguntou Box. – Não estiveste com ninguém?

Ela dissera uma espécie de verdade até àquele momento.

– Estou com uma dor horrível, Box. Ainda não me sinto bem – disse.

Ele semicerrou os olhos para ela.

– Não respondeste à minha pergunta. Paraste em algum lugar? Estiveste com alguém?

Dabney não podia dizer a verdade, mas não podia mentir.

– Não posso acreditar que me estás a perguntar isso – respondeu. – Não posso acreditar que te *importas* comigo. Não me dás atenção há *anos*, Box. E agora, de repente, importas-te onde eu *estive*, *se parei*, *se me encontrei* com alguém?

– És a minha mulher – disse ele.

– Sim, sou – disse ela.

– Diz-me a verdade!

Diz-lhe a verdade, pensou Dabney. Ele estava a pedir. Ele merecia.

– Andei a passear – declarou. – A conduzir pela ilha. Conduzir faz-me sentir melhor.

– Isso é treta! – gritou ele. – Passa-se alguma coisa e eu quero saber o que é! – Bateu com a porta e toda a casa estremeceu. No entanto, Dabney ficou aliviada que a porta estivesse agora fechada porque, pelo canto do olho, tinha acabado de ver luz do outro lado da rua, na casa dos Roseman. Que diabo pensariam York e Dolly Roseman dos gritos vindos da casa dos Beech, onde viviam duas das

peessoas mais civilizadas que conheciam? Acreditariam nisso? Não, pensariam que havia algo terrivelmente errado. Chamariam a polícia.

– Não me sinto bem – disse Dabney. – Os antibióticos não ajudam, e pensei que era uma alergia ao trigo, mas...

– Precisas de ir ao médico – disse Box.

– Sim – murmurou ela.

– Um médico a sério – disse Box. – Em Boston.

– Está bem. – Dabney esperava que, se concordasse com aquilo, ele a deixasse em paz.

– E outra coisa – disse Box. – Quando falei com aquele filisteu do Hughes na festa da Elizabeth, ele disse-me que vocês os dois tinham esbarrado um com o outro em Main Street. Conversaste com o tipo e não me contaste. Mas essa não é a pior coisa. A pior coisa é que lhe disseste que eu estava em Washington em consultoria com o presidente!

Oh, meu Deus, pensou ela. Agora era o momento. Só tinha de o dizer.

– Desculpa – disse ela.

– Ele é jornalista e, ao que tudo indica, um lobo sanguinário, cruel. Não quero que o meu envolvimento com o governo seja referido no *Times* ou no *Journal*, ou noutro sítio qualquer!

– Claro que não, querido – disse Dabney. – O Clen nunca teria...

– Nós não sabemos *o que é* que ele nunca faria.

– Ele nunca transformaria nada do que eu lhe dissesse numa *notícia* – disse Dabney. – Isso eu posso garantir.

– Não sabia que o tinhas perdoado tão completamente – disse Box. – Não sabia que vocês os dois eram compinchas.

– Nós não somos «compinchas» – disse Dabney.

– Não me mintas! – gritou Box. Tinha saliva no lábio inferior e os óculos tinham deslizado para a ponta do nariz; pareciam em risco de cair ao chão. Transformara-se oficialmente noutra pessoa.

– Por favor – pediu Dabney. – Por favor, para de gritar. Vais acordar a Miranda.

– Não me importo com a Miranda!

– Eu acho que ela gosta de ti – disse Dabney. – Tem emitido uma aura rosada desde que chegou.

– Eu não quero saber se a Miranda tem uma aura rosada ou não! – exclamou Box. – E tenho a certeza de que a resposta é «não». Ela está prestes a casar-se, Dabney.

– Mas ela ama-te – disse Dabney. – Eu consigo ver isso.

– Tu consegues ver isso! Tu consegues *ver* isso! – exclamou Box. – Quero lá saber se consegues vê-lo! Já ouvi o suficiente sobre auras rosadas e pares perfeitos para o resto da minha vida! Não acredito nisso, Dabney. Não acredito em nada disso!

– Eu nunca me enganei – disse Dabney.

– Estás enganada sobre mim e a Miranda! Isso posso garantir-te!

Naquele exato momento, Dabney viu a silhueta de Miranda no cimo das escadas.

– Eu vou embora amanhã de manhã – disse Miranda. – Não sabia que... eu... eu não sabia que as coisas andavam... tão difíceis para vocês.

– Não! – protestou Dabney. – Por favor, fique! Vamos fazer um piquenique na praia amanhã. E temos reservas para jantar na Boarding House.

Miranda balançou nos pés. Mesmo na obscuridade, Dabney conseguia ver a sua aura rosada.

– Deixa a Miranda ir – disse Box. – Ela quer.

– Eu não *quero* ir – respondeu Miranda. – Mas sinto que devo.

– Ela não quer ir – disse Dabney.

Box endireitou os ombros e, a seguir, virou-se para enfrentar Miranda corretamente.

– Lamento, Miranda, mas acho que seria melhor se fosse embora amanhã de manhã. Preciso de algum tempo sozinho com a minha mulher.

AGNES

Durante toda a sua infância e adolescência, Agnes nunca tinha ouvido os pais a discutir. Em algumas coisas, eles discordavam – Box era republicano, Dabney democrata, por isso havia um debate interminável sobre política. E, de vez em quando, Box gostava de ir jantar à Boarding House, enquanto Dabney gostava de variar e ir ao Cru ou ao Ventuno. Agnes sabia que os pais tinham problemas mais profundos – o dom casamenteiro de Dabney, a dedicação de escravo de Box ao trabalho –, mas eles nunca, nunca, eram discutidos ao alcance dos ouvidos de Agnes.

Assim, o concurso de gritos à meia-noite foi surpreendente. Agnes ouviu cada palavra, os gritos de Box e os gritos de Dabney. A interrupção da voz de Miranda. Ela era uma mulher corajosa, mais corajosa do que Agnes, que estava encolhida na cama como uma criança. Sentia-se perturbada o suficiente para alcançar o telefone e ligar a CJ, mas CJ iria oferecer pouco em termos de apoio. CJ tomaria o partido de Box.

A pessoa a quem Agnes desejava realmente telefonar era Riley. Estivera, nessa mesma noite, com Riley e Celerie no bar da Summer House, ouvindo o pianista, bebendo *cocktails* de champanhe, fazendo o que Celerie chamava uma «noite de adultos». Celerie tinha arrastado Agnes para a casa de banho das mulheres e, numa dessas confidências que só poderia acontecer num cubículo apertado depois de três *cocktails* de champanhe, Celerie dissera-lhe: «O Riley gosta de ti, não de mim.» Dissera-o de uma forma resignada, sem agressividade; estava apenas a constatar um facto. Parecia que também estava a dar permissão para Agnes gostar de Riley.

Agnes sabia que Riley gostava dela e não de Celerie. Era óbvio na sua linguagem corporal e em cada palavra que lhe saía da boca.

– Estou noiva – dissera Agnes.

Celerie encolheu os ombros.

– Sim, mas não podes negar que ele é um tipo fantástico, e gosta de ti. Isso tem de ser bom.

Riley era um tipo fantástico, uma presença agradável, sociável, engraçado, inteligente e charmoso, um cavalheiro, e Agnes gostava de o ouvir enquanto cantava com o pianista e batia o ritmo no balcão do bar. Era bom saber que Riley gostava dela, e ao ouvir a discussão dos pais, sabia que podia telefonar-lhe e explicar a situação e ele teria algo tranquilizador para lhe dizer. Entendia Dabney e apreciava e valorizava as suas idiossincrasias como poucas pessoas à exceção de Agnes.

Mas, assim que decidiu que iria telefonar a Riley, a discussão parou. Acabara. Agnes ouviu passos na escada e portas dos quartos a fecharem-se.

Paraste em algum lugar? Estiveste com alguém?

Box só agora fazia as perguntas cujas respostas Agnes desejava saber há semanas.

DABNEY

Paciência: na manhã seguinte, foi fazer a sua caminhada, acenando às mesmas pessoas, acariciando os mesmos cães. Quando chegou, o resto da casa ainda dormia, por isso começou a espremer laranjas para o sumo, fritou *bacon* e fez panquecas de mirtilo.

Estava ao fogão quando Miranda desceu as escadas com a mala feita.

– Gostava muito que ficasse – pediu. Esperava que os aromas da cozinha indicassem um retorno à normalidade. – As emoções estavam ao rubro ontem à noite e todos bebemos bastante vinho. Eu sei que o Box quer que fique.

Uma sombra perpassou o rosto de Miranda. Por um segundo pareceu que ia chorar, e Dabney pensou: *Então vou estar a reconfortá-la por causa do amor não correspondido que tem pelo meu marido. Pensou: Como faço para me meter nestas situações difíceis? Pensou: O meu dom de casamenteira está a correr mal. A Agnes continua a caminho de se casar com o CJ, o Clen foi a um encontro com a Elizabeth Jennings, e eu consegui destruir o que quer que houvesse entre o Box e a Miranda.*

– Por favor, fique – pediu.

Miranda suspirou.

– Não posso – disse ela. – Simplesmente não posso.

AGNES

Segunda-feira, depois do trabalho, despediu-se dos seus campistas e conduziu até ao número 436 de Polpis Road. O coração batia-lhe com força no peito. Estava cheia de medo de descobrir o segredo da mãe e, ainda assim, tinha de saber.

Mais uma vez, quis telefonar a Riley. Ele é que tinha feito o trabalho de sapa. Devia ser seu ajudante por direito, o Watson do seu Sherlock Holmes.

Encontrou a caixa de correio do número 436 e virou no caminho de acesso. Estava cheia de nervos. O que iria encontrar?

Avançou pelo longo caminho de acesso, os pneus do *Prius* esmagando a gravilha até chegar a uma clareira, a uma enorme casa de verão não muito diferente de outras casas de veraneio espetaculares da ilha – era uma fantasia de *decks* e varandas, telhado de cedro cinzento e impecavelmente pintada de branco, com uma janela em forma de meia-lua em cima da porta da frente. A casa parecia desabitada; todas as janelas estavam fechadas e não havia qualquer sinal de humanidade. Agnes sentiu um alívio no peito, mas também decepção. Aquela era a morada que Riley lhe passara, mas não dera em nada.

Então, percebeu que o caminho continuava para as traseiras da casa e seguiu-o. Passou por uma bela piscina retangular protegida por ligustro. Viu uma mesa e cadeiras, um guarda-sol de lona vermelha, uma churrasqueira a gás. E depois viu uma casa mais pequena, a casa de hóspedes, supôs.

E um homem, sentado numa cadeira de baloiço no alpendre, a fumar um cigarro. Olhava para ela com cautela, e Agnes entrou em pânico. Estava a invadir uma propriedade privada, não havia dúvida sobre isso, mas poderia dizer que virara no caminho de acesso errado; estava perdida. Andava à

procura da mãe, Dabney Kimball Beech. Teria coragem suficiente para dizer isso?

O homem deixou cair o cigarro num frasco de água. Levantou-se e saiu da sombra do alpendre para o sol do fim da tarde. O homem, reparou Agnes, tinha apenas um braço. Havia qualquer coisa nele. Nunca o tinha visto antes, pensou, mas parecia-lhe que o conhecia.

Baixou a janela para que pudessem falar, embora o homem fosse enorme, barbudo e assustador, e pudesse ser perigoso. Ele olhou para Agnes no carro e o seu rosto abriu-se em surpresa. Agnes pensou: *Ele reconheceu-me*. E o pensamento que se seguiu foi *Oh, meu Deus*.

Era o seu pai.

Casal n.º 14: Shannon Wright e David Kimball, casados durante dezasseis anos

Casal n.º 29: Shannon Wright Kimball e Hal Green, juntos há quatro anos

Shannon: Eu sou a única pessoa que a Dabney emparelhou duas vezes. A primeira vez, claro, foi com o pai.

Comecei a trabalhar com o David Kimball na Polícia em 1973. O meu pai tinha sido polícia em Brockton, e ainda que eu tenha vindo para Nantucket, no verão de 1972, com a intenção de servir às mesas e ficar com um bom bronzado, não foi uma surpresa ter acabado como despachante na Polícia de Nantucket.

Conheci o David no ano anterior à mulher dele ter desaparecido. A minha primeira impressão foi: um tipo em quem se pode confiar, um tipo que esteve no Vietname, talvez um pouco zangado, com o traço amargo de todos os veteranos. Era patriota, sério, dedicado ao seu trabalho na aplicação da lei. Era um ilhéu de quarta geração, que herdara propriedades bastante interessantes, e eu tinha ouvido dizer que se casara com uma rapariga fina, membro do Sankaty Beach Club e tudo isso. Tinha uma filha chamada Dabney; mantinha uma fotografia dela na secretária, mas nunca vi a mulher nem a filha pessoalmente naquele primeiro ano. Elas não passavam para dizer «Olá», como algumas das outras famílias.

Então, em dezembro de 1974, a mulher, Patty Benson, fez uma coisa incrível. Levou a filha a ver *O Quebra-Nozes*, em Boston. O David falou sobre a viagem iminente mais do que falava sobre outras coisas – os lugares junto à orquestra, a suíte no Park Plaza Hotel da Baixa, o casaco de veludo preto para a Dabney. «A Patty sabe como fazer essas coisas», disse o David.

A Patty realmente sabia como fazer as coisas. Deixou a criança no quarto do hotel e desapareceu, com vinte dólares para o *concierge* e um telefonema para o David: *Vem a Boston buscar a nossa filha*.

Ele nunca mais ouviu falar dela, e pensei: *A curiosidade, pelo menos, não o mata?* Então, numa noite já tarde na esquadra, ele admitiu ter contratado um detetive particular, que encontrara a Patty em Midland, no Texas, a trabalhar como assistente de voo num jato particular.

«Vai vê-la, David?», perguntei. «Ou telefonar-lhe? Escrever-lhe uma carta?»

«Para quê?», disse ele. «Ela não me quer.»

Nos anos que se seguiram o David foi um homem resignado e triste. Vivia para a filha, mas um homem a criar uma menina sozinho era uma coisa delicada. Ele tinha a mãe, Agnes Bernadette, para ajudar, mas a primeira Agnes Bernadette era uma mulher agressiva, com o cabelo muito ruivo, mesmo aos setenta anos, e um sotaque irlandês cerrado. Então, nos bastidores, ajudei na educação de Dabney. Fui à *drugstore* comprar-lhe pensos higiénicos quando ela ficou menstruada. Aconselhei o David sobre os primeiros *soutiens*, horas de chegar a casa e uma discussão franca sobre sexo.

Aqui, por favor, deixe que fique registado que eu o aconselhei sobre contraceptivos. Mas a Agnes Bernadette era uma católica à moda antiga, e o David teve medo de a desafiar. Não foram dadas à Dabney informações sobre contraceptivos – e vejam o que aconteceu.

Estava interessada no David, de uma forma romântica, durante todos aqueles anos? Diria que, na maioria das vezes, a nossa relação era profissional e platónica. O David tinha variações de humor, o mais comum era sério e concentrado, com uma ponta de aspereza; não era dado a brincadeiras nem à sedução. Mas houve momentos em que trabalhávamos à noite e o David regressava de uma ocorrência particularmente desagradável – um incidente que envolvia álcool e violência doméstica, por exemplo, durante o qual um homem tinha partido o nariz à mulher – e me contava a história macabra e, em seguida, olhava para mim de uma certa maneira, e eu sabia que ele sentia alguma coisa. Fui casada com um apanhador de marisco chamado Benjamin Copper, que tinha deixado a ilha para ir para o Alasca. O Ben tinha partido há muito tempo, e embora eu ocasionalmente tivesse um caso de uma noite, quando estava fora da ilha, nunca me ocorrera substituí-lo.

Uma noite, já tarde na esquadra vazia e tranquila, o David quase me beijou. Mas deteve-se, por razões que nunca descobri.

E, então, a Dabney envolveu-se. Estava no último ano do liceu; fora recentemente aceite em Harvard. A Agnes Bernadette estava doentíssima e não lhe restava muito tempo de vida. A Dabney sentia-se talvez preocupada em deixar o pai sozinho. Quando chegou a

Páscoa naquele ano, ligou para a esquadra e convidou-me para jantar. Eu aceitei de imediato. Para uma mulher que vivia sozinha, a Páscoa era difícil de comemorar. No ano anterior, tinha ido à missa e, em jeito de celebração, vi *O Feiticeiro de Oz* na televisão e comi um coelho de chocolate.

Depois de aceitar o convite, tive dúvidas. «Espera lá», disse eu. «O teu pai sabe que me estás a convidar?»

«Não exatamente. Mas ele vai ficar contente, Shannon. Confie em mim.»

Apareci em casa dos Kimball com um vaso de tulipas, tentando não me sentir uma intrusa. Nessa altura, trabalhava com o David havia dez anos, mas nunca tinha sido convidada para a casa dele. Ele cumprimentou-me à porta, vestindo uma camisa e gravata. Era claro que tinha feito um esforço para ter uma boa aparência, e cheirava bem. Eu usei um vestido que tinha comprado para a comunhão da minha sobrinha; era leve e florido, talvez demasiado primaveril para aquele dia frio e cinzento do início de abril, mas sentia-me atraente nele. Nunca usei nada parecido no trabalho.

«Uau», disse o David. «Olhe só para si, Shannon.»

Não soube o que dizer ou fazer; nunca nos tínhamos cumprimentado fora do trabalho. Mas era Páscoa e eu estava animada por estar lá, por isso inclinei-me e beijei-o no canto da boca. Ele pareceu chocado por um segundo, corou e pegou nas tulipas.

Mesmo aos dezassete anos, a Dabney era uma cozinheira magnífica. Tinha feito folhados de queijo quente e um molho de caranguejo como entrada; em seguida, à mesa, comemos bife do lombo com uma crosta de rábano, esparregado e batatas assadas. A Dabney e a Agnes Bernadette beberam água, mas o David e eu partilhámos uma garrafa de vinho tinto. O vinho tinha sido ideia da Dabney; foi buscá-lo à cave, uma boa garrafa que um cidadão grato oferecera ao David, e que ele guardara para uma ocasião especial.

«Esta é uma ocasião especial, não é?», disse a Dabney. «É Páscoa e a Shannon está aqui.»

«O nosso Salvador reina», cantarolou a Agnes Bernadette.

A refeição foi deliciosa e a conversa tornou-se mais fácil com o vinho. O David e eu recordámos as chamadas de emergência mais memoráveis que tínhamos recebido ao longo dos anos: a mulher que afirmava que o marido a fizera beber limpa-vidros, o pai corpulento que ficara preso na chaminé, na véspera de Natal, no seu fato de Pai Natal. A Dabney ouvia e fazia perguntas encorajadoras, enquanto a Agnes Bernadette comentava sem sentido.

A sobremesa foi tarte de limão caseira, e depois a Dabney presenteou-me com uma pequena cesta de Páscoa cheia de ovos recheados e gomas. Foi uma das Páscoas mais fantásticas de que me lembro.

A Dabney levantou-se da mesa. «Vou levar a avó a casa, e depois vou a casa do Clendenin. Volto às dez.»

O David assentiu com a cabeça, embora eu soubesse, porque ele mo confidenciara, que não gostava de Clendenin Hughes. Achava que havia algo que não transmitia confiança no rapaz, era um convencido, e demasiado inteligente para o seu próprio bem.

Pousei o meu guardanapo em cima da mesa. «Tenho de ir», disse.

«Não!», protestou a Dabney. «Fique! Por favor, fique!»

Olhei para o David. «Fique», disse ele. «Podemos ver *O Feiticeiro de Oz*.»

O David e eu começámos a namorar logo depois. Mantivemos a relação em segredo, aparecendo em público apenas como «amigos», mas eu acho que não enganávamos ninguém. A Agnes Bernadette morreu em janeiro, e o David pediu-me em casamento no Domingo de Páscoa seguinte, na presença da Dabney, durante o jantar que ela tinha uma vez mais preparado.

«Vocês são uma combinação perfeita. Consigo ver isso», disse ela.

Mas a verdade era que o David não se podia realmente casar comigo, porque ainda era casado com a Patty Benson. Nunca a tinha procurado e pedido o divórcio. Foi quando finalmente usou a informação que obteve do detetive particular que encontrara Patty no Texas que o David soube que ela sofrera uma *overdose* de *Valium* no ano anterior. A Patty morreria.

O David teve medo de dizer à Dabney. Acreditava que a filha havia passado toda a sua vida à espera de que a mãe voltasse. Ela fizera terapia durante anos, para lidar com o medo de sair da ilha, que tanto o David como o terapeuta, o Dr. Donegal, acreditavam estar ligado ao seu abandono. Mas a Dabney recebeu a notícia com calma.

«Oh», disse, encolhendo os ombros. «Talvez devesse sentir-me triste. Mas quase não me lembro dela.»

A Dabney não era tão sensata na sua relação com o Clendenin. O romance durou, apesar do facto de ela estar em Harvard e o Clen em Yale. Houve o fim de semana desastroso do jogo Yale-Harvard em New Haven durante o segundo ano da Dabney. Tanto o David como eu pensámos que seria o fim, mas ela recusou-se a desistir.

E, então, a Dabney viu-se inesperadamente grávida aos vinte e dois anos. O Clen já estava em Banguécoque; enviou-lhe um bilhete de avião, mas a Dabney recusou-se a deixar a ilha. Ia criar o bebé sozinha, disse.

Houve um momento durante a gravidez, quando o David estava a fazer um turno duplo, em que ouvi a Dabney a chorar no quarto. Bati levemente e abri a porta. Ela levantou o rosto da almofada e disse: «Odeio o amor, Shannon! O amor é a pior coisa do mundo!»

Sentei-me com ela algum tempo e acariciei-lhe as costas. Quase me senti como mãe. Perguntei-lhe se sentia falta do Clendenin e ela disse que sim, sentia falta dele com cada célula do seu ser. Perguntei-lhe se estava zangada com o Clen por ele não voltar para Nantucket. Ela disse-me que lhe pedira para a deixar em paz. Não lhe devia ligar nem escrever nem contactá-la fosse de que maneira fosse, nunca mais. Isso era novidade para mim, e eu tinha a certeza de que também seria para o David.

«O sonho dele é aquilo», disse ela. «Eu não lhe poderia pedir para ficar em Nantucket, Shannon. Ele odiar-me-ia e ao bebé... tal como...», interrompeu-se.

Gentilmente, perguntei: «Tal como o quê, Dabney?»

«Tal como a minha mãe», respondeu ela.

«A tua mãe não te odiava», disse eu. Mas, com essas palavras, estava fora do meu elemento. Quem era eu para explicar por que razão a Patty Benson tinha feito o que fizera?

A Dabney começou a chorar novamente.

«Pensei que o Clen e eu éramos feitos um para o outro. Eu tinha razão acerca de todos os outros. Porque é que me enganei em relação a mim mesma? Não é justo!»

Tive de concordar. Não era justo.

O David morreu de um ataque cardíaco durante o sono, quando a Dabney tinha trinta e quatro anos e a Agnes, quase doze. Foi um momento triste para todas nós, ainda que o Box estivesse por perto para nos ajudar a gerir as coisas.

Fiquei na Polícia até completar os meus trinta anos de serviço e poder reformar-me. Então, decidi sair de Nantucket. Era uma perspetiva muito solitária, uma mulher de quase sessenta e cinco anos ficar sozinha nesta ilha. Tinha primos na Virgínia, e agradava-me a ideia de me mudar para sul, para um lugar mais ameno.

Mas então a Dabney entrou em cena. Perguntou-me se eu conhecia o Hal Green, que tinha sido residente de verão durante anos, com uma casa em Eel Point, e só agora se mudara definitivamente para a ilha. Ele perdera a mulher alguns anos antes devido a um cancro da mama, e era um tipo fantástico; a Dabney conhecia-o porque ele entrava todos os anos com o seu *Ford Modelo A* no Desfile do Narciso.

«Não, Dabney, não conheço o Hal Green», disse eu.

«Isso é bom, significa que ele não teve nenhum desentendimento com a lei», disse a Dabney.

Não sorri. Sabia o que ela estava a fazer.

«Acho que devia conhecer o Hal Green. Acho que gostaria dele», continuou.

«Ai sim?»

«Venha jantar no sábado. Vou convidá-lo», disse a Dabney.

«Dabney.»

«Por favor», pediu ela. «Venha.»

O Hal e eu estamos casados há quatro anos.

CLENDENIN

Ela era como Dabney vinte anos antes, como a mesma Dabney que ficara em Steamship Wharf quando ele se fora embora. Mas havia algo mais naquela mulher que lhe chamou a atenção: os olhos cor de avelã, e uma certa expressão facial que ele só vira ao espelho.

Clen cerrou o punho direito e sentiu o seu braço esquerdo-fantasma cerrar o outro punho em uníssonos; sentiu todo o seu braço esquerdo de uma forma que não sentia há meses, exceto em sonhos.

Não podia acreditar.

– Agnes? – perguntou, a sua voz não mais do que um sussurro.

– Sim – disse ela.

*

Demorou algum tempo a convencê-la a entrar. Entendia o desejo de fugir. Era assustador e confuso, aquele encontro não planeado, inesperado – mas, para ele, desejado.

– Posso oferecer-te um café? Ou chá? – disse ele.

Ela olhou-o.

– Eu não mordo – tranquilizou-a Clen.

Ela mal mexia a cabeça, fosse para indicar sim ou não, ele não tinha certeza.

– Tenho *bourbon* – disse.

Ela desligou o carro, um híbrido, mais um brinquedo do que um automóvel. Clen interrogou-se

sobre o que pensaria a Dabney aficionada por motores acerca do *Prius*.

Serviu dois *Gentlemen Jacks* puros, e Agnes bebeu o dela de uma só vez, sem pestanejar. Sua filha.

– A minha mãe vem aqui – disse ela.

Ele não sabia se se tratava de uma pergunta.

– Sim – disse. – Somos amigos.

– Amigos – repetiu Agnes.

Clen bebeu o *bourbon* e serviu mais dois. Não sabia como agir; não sabia o que Dabney dissesse à rapariga.

– Como soubeste que devias vir cá?

– Não te posso dizer – respondeu ela.

Ele riu-se, não por ela ser engraçada, mas por ser tão parecida consigo. Sentiu-se como se estivesse a nascer. A sua filha, sangue do seu sangue, a sua descendente, o seu ADN, sua sua sua. Como é que perdera tudo até agora? Lágrimas ardiam-lhe nos olhos. Era de mais, era avassalador. Olhou para os veios da mesa de carvalho. Agnes continuou em silêncio. Qualquer outra jovem da sua idade poderia ter ficado histérica, estrídula, irritada ou dramática.

Oh, Dabney, pensou. Perdoa-me, por favor.

Clen não tinha percebido que desistira – não realmente, até agora.

– A tua mãe sabe que estás aqui? – perguntou.

– Não, não sabe.

– Vais dizer-lhe que me encontraste?

– Ainda não decidi.

– Eu respondi à tua carta, há anos. Nunca mais tive notícias tuas. Recebeste a minha carta?

– Sim, recebi – disse ela. – Obrigada. Lê-la ajudou-me. Foi suficiente.

– Não foi o *suficiente* – disse Clen. – Merecias muito mais.

– Não vamos ter essa conversa agora – disse Agnes. – Está bem?

– Está bem – concordou ele, aliviado.

– Quero falar sobre ti e sobre a minha mãe – disse Agnes.

O alívio evaporou-se.

– Acho que provavelmente devias perguntar à tua mãe.

– Eu perguntei-lhe – disse Agnes. – Ela andou a desaparecer todo o verão, deixando o trabalho por períodos de três e quatro horas. Diz à Nina que vai «fazer recados». Há algumas semanas, vi-a por acaso a cerca de setecentos metros daqui e, quando lhe perguntei sobre isso, ela disse que ia almoçar ao Sankaty.

Clen acenou com a cabeça. Ninguém que conhecesse Dabney acreditaria naquilo.

– Era mentira, claro – disse Agnes.

Clen bebeu o seu segundo *bourbon*. Ardia por um cigarro.

– Ela vem aqui ver-te. Vem todos os dias? – perguntou Agnes.

– Não é todos os dias.

– Vocês os dois são... amantes?

– Agnes...

– Vocês os dois são amantes, sim ou não? – Não havia raiva na sua voz, mas o tom era intransigente. Ela exigia uma resposta. Deveria Clen dizer-lhe a verdade, contar à sua filha que sim, na verdade, ele e a mãe eram amantes?

– Sim – disse.

– Há quanto tempo?

Clen serviu mais *bourbon*, embora os dois copos lhe estivessem a fazer a cabeça girar numa direção e o estômago noutra. Talvez outro homem pudesse ser capaz de ter aquela conversa sem álcool, mas ele não.

– Eu mudei-me para cá no fim de abril. Tudo começou algumas semanas depois disso.

– Uuuuiiiiiiii! – disse Agnes. Se era uma expressão de surpresa, horror ou desaprovação, Clen não sabia dizer.

– A Dabney e eu estamos apaixonados, Agnes. Profundamente, verdadeiramente, apaixonados. Isso era verdade anos antes de tu nasceres, e continua a ser verdade hoje. Ainda mais agora que cada um viveu uma vida que nada teve a ver com o outro. A Dabney Kimball é a minha razão de viver e a resposta às minhas preces. – Aqui, a sua voz falhou, para sua vergonha. – Não posso abdicar dela outra vez.

AGNES

Quando abandonou o número 436 de Polpis Road, era uma pessoa diferente. O segredo da mãe revelado: Clendenin Hughes, o seu pai.

Agnes tinha de dizer a alguém. Não podia suportar aquela revelação sozinha. Depois de sair de casa de Clendenin, descobriu quatro mensagens de voz de CJ no telemóvel. A primeira mensagem era de curiosidade («Onde está a minha menina?»); a segunda mensagem, seca («Hum... Olá?» *Clique.*) A terceira mensagem, irritada («Jesus Cristo, Agnes, atende o maldito telefone, por favor.»). Foi a quarta mensagem que tirou o fôlego a Agnes. CJ gritou numa fúria desabrida: *Onde raio é que andas, porra?*

Pensou em Manny Partida: *Não ficaria de consciência tranquila se não te contasse... puxões de cabelo, torceu-lhe o braço, coisas muito desagradáveis... por favor, Agnes, tem cuidado.* Recordou a expressão facial de CJ enquanto observava o cabelo dela a ser cortado. Ele gostava do poder que tinha sobre ela.

Apagou todas as mensagens, exceto a última. Não podia falar com CJ sobre o encontro com Clendenin. Percebeu que não podia falar com CJ sobre nada, a não ser que dissesse respeito ao próprio CJ.

Achou que a esperavam em casa para o jantar – não avisara a mãe do contrário –, mas não podia sentar-se à mesa com Box e Dabney a comer e conversar.

Clendenin pedira a Agnes para não dizer nada. Suplicara-lho, mesmo sabendo que não tinha moralidade para o fazer e que havia ainda menos razão para ela concordar.

– Isto são coisas de adulto – dissera.

Ela ficara tensa.

– Eu sou adulta.

– É entre mim e a tua mãe. E é entre a tua mãe e o professor. Tu és adulta e, por isso, estou a pedir-te para dares à tua mãe o tempo e o espaço para resolver a situação dela.

– Achas que o vai fazer? – perguntou ela.

– Sim, acho – disse ele.

Agnes não esperava que o verão fosse assim. Havia segredos para onde quer que olhasse.

Agnes telefonou a Riley e a chamada foi para o atendedor; sentiu uma onda de raiva irracional apoderar-se dela. Precisava de Riley! Não havia mais ninguém com quem pudesse conversar! À exceção talvez de Nina Mobley. Deveria telefonar-lhe? Enquanto o considerava, o telemóvel tocou. Era Riley.

– Olá – disse ele. – Desculpa, andava a surfar.

– Onde estás? – perguntou Agnes.

– Na praia de Antenna.

– Fica aí – disse ela. – Vou comprar umas sanduíches. Estou aí dentro de vinte minutos.

– Tenho de ir com a Celerie ao cinema – disse ele. – É a semana da Diablo Cody no Dreamland e vão exhibir o *Juno* esta noite. A Celerie disse que é o filme favorito dela. Tem-me chamado «Bleek» nos últimos três dias.

– Há alguma maneira de cancelares? – perguntou Agnes. Sentia-se uma grande idiota por perguntar, mas era uma situação de emergência como nunca poderia ter imaginado. – Eu preciso mesmo de conversar.

– Vou cancelar – disse Riley.

Menos de uma hora depois, Agnes e Riley bebiam cerveja, comiam sanduíches de lagosta e viam o pôr do sol. Estavam sentados no *Jeep* de Riley, muito perto da água. Riley ainda envergava o fato de *surf*, embora tivesse despido a parte de cima, por isso Agnes tinha uma bela vista dos seus ombros, tórax e abdómen. Sentia-se envergonhada só por olhar. Havia duas novas mensagens de voz de CJ no seu telemóvel, mas ainda não as tinha ouvido.

– A Celerie ficou zangada por teres cancelado? – perguntou.

– Desolada – disse Riley. – Mas não chorou. Disse que ia obrigar a colega de quarto a ir e que esperava que o amigo com quem eu precisava de falar soubesse a sorte que tinha.

– Não lhe disseste que era eu, pois não?

– Não lhe disse que eras tu – disse Riley. – Mas quem mais poderia ser?

Agnes suspirou. Celerie não podia ficar a saber daquela situação. Não não não.

– Então, o que aconteceu? – perguntou Riley.

– Segui a tua dica e fui a Polpis Road.

– E o que descobriste? – disse Riley.

– O meu pai. O meu pai biológico, que nunca conheci. Até hoje – contou Agnes.

Riley bebeu um gole de cerveja e olhou para o mar selvagem e agitado.

– O que foi que eu te disse quando nos conhecemos? Quais foram as minhas palavras exatas, Agnes? *Ponta do icebergue*.

– Sim – disse Agnes. – Tinhas razão. – E depois explicou: Clendenin Hughes, que nunca conhecera

Agnes, que fizera vida do outro lado do mundo, que ganhara o Prémio Pulitzer, que perdera o braço esquerdo em busca de uma história, que regressara a Nantucket três meses antes, era o segredo de Dabney. Era amante dela.

– Então, como é que ele é? – perguntou Riley.

Como era Clendenin Hughes? Na verdade, Agnes não passara tempo suficiente com ele para saber. A palavra que lhe veio à mente foi complexo. Olhara para ele e vira um turbilhão de pensamentos e emoções. Clendenin não tinha voltado para os Estados Unidos para viver como marido de Dabney e pai de Agnes. A tua mãe não quis isso, afirmara ele. Quis fazer tudo sozinha. Mas ele sabia que, no fundo, Dabney o queria a ele. Um homem mais forte, um homem melhor, teria feito o que devia e voltado para casa. Clendenin não poderia reivindicar nenhuma honra. Fora consumido pela vergonha e arrependimento, dissera-lhe ele, e durante dias, meses e anos, essa vergonha tinha sido a coisa mais poderosa na sua vida. Deixara claro que não estava em posição de pedir perdão a Agnes. Mas também dissera que a única razão por que tinha voltado para Nantucket era Dabney estar lá.

Percebi uma coisa, quando perdi o braço, dissera ele. E foi que o braço não era a única coisa que me faltava. Também sentia a falta do coração. Que ficou com a tua mãe. Sempre lhe pertenceu.

Voltar para a ilha tinha sido a sua única opção. Parecia que estava escrito algures; parecia que ele fora guiado pela mão de Deus.

Acreditas em Deus?, perguntara Agnes.

Acredito em algo superior, mais elevado e mais importante do que nós, que está para além da compreensão dos seres humanos, disse Clendenin. *Sim, acredito.*

*

Agnes agarrou no braço de Riley.

– Não posso acreditar que isto aconteceu. Conheci o meu pai hoje. Metade do meu sangue, metade dos meus genes, metade da minha herança biológica.

– É uma coisa importante – disse Riley. – É enorme. Vais contar à tua mãe?

– Talvez – respondeu Agnes. – Mas ainda não.

– Vais encontrar-te com ele de novo?

– Na quinta-feira – disse Agnes. – Na quinta-feira depois do trabalho. Ele disse que me quer conhecer.

– Como é que isso te faz sentir em relação ao teu outro pai? – perguntou Riley. – O professor?

– O Box – disse Agnes. – Ele é o meu verdadeiro pai. O Clendenin é... bem, não sei o que é para mim além do meu ADN. Mas quero descobrir. A questão é: ao querer descobrir estou a trair o Box?

– Bebeu um pouco mais de cerveja. – Não sei. Estou tão confusa.

– Queres saber a minha opinião? – perguntou Riley.

– Por favor.

– A tua mãe é uma mulher extraordinária que tem dois homens na vida dela. Provavelmente, ama os dois.

– Provavelmente – disse Agnes.

– Aposto que isso acontece mais vezes do que pensamos – disse Riley. – Embora eu seja estritamente um tipo de uma mulher de cada vez. Mas os meus pais sempre me disseram para estar aberto ao que chamaram o «amplo espectro da experiência humana». Estiveram no Corpo da paz, no

Malawi, antes de eu nascer, por isso, são a favor da tolerância, da bondade, da aceitação. – Riley pôs a mão em cima da de Agnes, que ainda lhe segurava no braço. – Acho que não faz mal se também gostares dos dois, Agnes.

Agnes olhou para o braço dele, a sua mão, a mão dele, e depois começou a chorar.

– Não sei o que se passa comigo – disse. – Estás a ser tão compreensivo e cancelaste o encontro com a Celerie por minha causa, e é tão fácil confiar em ti, e esta situação é tão estranha, mas ainda assim estás a fazer-me sentir como se *não* fosse estranha, estás a fazer-me sentir como se eu estivesse numa parte razoável do espectro da experiência humana e tudo fosse acabar bem.

– E é por isso que estás a chorar? – perguntou Riley. Tirou uma caixa de lenços do porta-luvas e deu um a Agnes.

O que ela não disse foi que sabia que CJ, o homem de quem estava noiva, *não* teria sido tão compreensivo. Por se tratar de Dabney, ele tê-la-ia julgado. Teria julgado não só Dabney mas Agnes também. A mãe dela era uma mentirosa, uma vigarista e uma galdéria – e, portanto, Agnes também. Imaginou CJ a puxar o cabelo de Annabelle Pippin, torcendo-lhe o braço. Se CJ a visse agora, sentada no *Jeep* de Riley, poderia fazer-lhe mal. Era uma possibilidade. Agnes sabia que o nevoeiro mau e verde que Dabney vira flutuar no ar ao seu redor e de CJ não era inventado. O noivo ridicularizava o dom de casamenteira de Dabney, mas a sua mãe nunca se enganara. E, temia Agnes, Manny Partida também não estava enganado. *Não ficaria de consciência tranquila se não te contasse.*

Agnes também não disse que sentia ciúmes dos futuros pacientes odontológicos de Riley, que pensariam sem exceção que ele era o melhor dentista do mundo. Riley iria deslizar pelo consultório como se estivesse de patins. Olharia para um paciente recalcitrante de sete anos e diria: «Já beijaste raparigas, Sam?» E, se isso não fizesse o Sam abrir a boca, Riley diria: «Eh, adivinha o que recebi no Natal? Um boneco de neve de cocó!» E Sam riria e Riley usaria habilmente os seus instrumentos para contar os dentes de Sam.

Agnes também estava com ciúmes das jovens que ouviriam Riley tocar guitarra e cantar Jack Johnson tão bem como o próprio, que gostariam que Riley fosse seu padrinho de casamento ou padrinho dos seus filhos. E Agnes sentiu *ainda* mais ciúmes da mulher que um dia seria esposa de Riley, a mulher que acordaria ao lado dele todos os dias e seria a destinatária do seu espírito generoso.

No entanto, não disse nada disso. Retirou cuidadosamente a mão do braço dele, limpou os olhos com o lenço de papel, e deu um suspiro profundo e purificador. O pôr do sol manchava o céu de um rosa quente e Agnes perguntou-se se *aquela* seria a cor que Dabney via quando duas pessoas eram feitas uma para a outra.

Quando chegou a casa, ouviu a quarta mensagem de CJ. *Onde raio é que andas, porra?* E então, com medo, ouviu as outras duas mensagens posteriores, que não tinham palavras, só o som da respiração de CJ. Estas, de alguma forma, eram ainda mais assustadoras. Agnes pegou na caixa de veludo da cómoda e olhou para o anel de noivado.

Amanhã, iria devolvê-lo.

No dia em que Miranda se foi embora, Box anunciou que percebera que, nos últimos três ou quatro anos (leia-se: oito ou nove), cumprira mal os seus deveres conjugais. Não tinha dado a Dabney o tipo de atenção que ela merecia, não lhe tinha dado mostras do seu amor ou apreciado suficientemente a mulher que ela era. Mas, agora, tudo ia mudar.

Não a deixava sozinha por um minuto.

Quando ela acordava, ele estava na cozinha a preparar-lhe o café. Deixava o *Wall Street Journal* sobre a mesa, intocado, e conversava com Dabney. Como é que ela tinha dormido? Com que tinha sonhado?

– Com que *sonhei*? – perguntou Dabney. – Quem é que se lembra dessas coisas?

Disse-lho para encobrir o facto de que sonhara com Clen; sonhava com Clen o tempo todo. Na noite passada, ela e Clen estavam nus, de mãos dadas, fazendo círculos. Eram modelos de *La Danse*, de Matisse.

A seguir, Box perguntou como andavam as coisas na Câmara de Comércio. Como corria o trabalho dos assistentes de informação? Os dois já tinham tido um caso? Como estava Nina Mobley? Os filhos deviam ser quase adultos agora. Algum deles ia candidatar-se à universidade? E que era feito de George Mobley? Ainda tinha problemas com o jogo?

Dabney olhou para Box, perplexa. Era possível que há três ou quatro, ou oito ou nove anos, ela tivesse sonhado que Box mostrasse interesse nos pormenores do seu dia a dia daquela maneira. Durante anos, décadas mesmo, ela protestara por causa disto e daquilo e ele prestara-lhe apenas metade, ou um quarto, da sua atenção. Era como se o marido tivesse armazenado todos os detalhes que ela lhe contara num cofre mental que só agora decidira abrir magnanimamente. Dabney desejou que ele pegasse no jornal e a deixasse beber o café em paz. Era horrível desejar isso?

Box perguntou sobre a data e o local do Business After Hours seguinte. Queria ir com Dabney; havia pessoas que não via há anos com quem queria conversar. E que tal experimentar um restaurante diferente esta semana? Que tal o Lola Burger, ou The Proprietors? Devia convidar Agnes, ou seria mais romântico se fossem apenas os dois?

Romântico?, pensou Dabney.

– Vou fazer a minha caminhada – disse.

– Dabney – disse Box.

Ela parou na porta e virou-se.

– Tens de marcar uma consulta no médico – disse ele.

– Sim, eu sei – respondeu ela.

– Se não tiveres tempo para telefonar, eu ligo – ofereceu-se Box.

– Eu vou ligar – disse Dabney.

– Como está a tua dor? – perguntou.

– Não fazes ideia – respondeu ela.

Graças a Deus pelo trabalho. No trabalho ela era livre, Nina sabia de tudo, por isso não tinha de mentir ou fingir. Passou toda a manhã a planear o Business After Hours seguinte, que teria lugar na imobiliária Grey Lady e cujo *catering* seria servido pelo Met on Main. Dabney riu-se quando pensou

sobre quão rápido Box recuaria quando descobrisse o local. Ele detestava agentes imobiliários. No espírito de Holden Caulfield, acreditava que todos eram falsos e, ainda por cima, uns bisbilhoteiros horríveis. E nunca queria ir ao Met on Main porque havia uma filial em Newbury Street, em Boston, que era, supostamente, muito superior. Não, no momento da verdade, Box dispensaria o Business After Hours. No escritório de trás, Celerie e Riley estavam ao telefone; a confusão que antecedia agosto aproximava-se a toda a velocidade.

– Vou tratar de alguns recados – disse Dabney ao meio-dia.

Nina acenou com a cabeça em concordância e Dabney assinou o livro de registo.

Em cima do armário atrás da mesa de Nina estavam os restos murchos dos lírios que recebera na semana anterior, oferecidos pelo Dr. Marcus Cobb. Nina e Marcus Cobb estavam a apaixonar-se, e isso sem qualquer ajuda de Dabney. Se interferisse agora, Dabney só iria atrapalhar as coisas. O seu dom de casamenteira parecia estar a funcionar ao contrário.

Dabney voltou-se para sair, mas, nesse momento, as duas ouviram a porta do piso inferior abrir-se e depois fechar-se, e seguiram-se passos nas escadas. Dabney receou que fosse Vaughan Oglethorpe e que a qualquer momento o escritório ficasse impregnado do cheiro a formol. Teria de lidar com Vaughan, e depois acender as suas velas perfumadas de maçãs verdes. Queria ir encontrar-se com Clen; não se viam há quatro dias e, tal como as flores de Nina, ela começava a murchar.

– Olá, minhas senhoras! – A pessoa que entrara no escritório era... Box.

Nina arquejou e Dabney sentiu-se tão assustada ao vê-lo que se agarrou à borda da secretária de Nina.

– Querido! – disse. – O que estás aqui a fazer?

– Estava em casa a trabalhar quando me ocorreu uma coisa – disse Box. – Lembrei-me de quanto gostas daquele poema de William Carlos Williams e, por isso, trouxe-te uma ameixa fria.

Dabney ficou boquiaberta. *Aquele poema de William Carlos Williams?* – «This is Just to Say». Sim, sempre gostara desse poema. Quando Agnes era pequena, havia uma cópia do poema colada na porta do frigorífico. Era um pedido de desculpas – *perdoa-me, eram deliciosas, tão doces e tão frescas*. Box segurava a ameixa e uma garrafa de *Perrier* gelada com um sorriso tolo no rosto.

Celerie escolheu aquele momento para aparecer e fazer a sua pausa de almoço.

– O que é *isso*? – perguntou. Olhou para o homem de cabelo branco que segurava a água e a ameixa. – O senhor não é, por acaso, o *Professor Beech*?

Ele fez uma pequena vénia.

– Sou.

– O seu marido! – disse Celerie, como se o apresentasse a Dabney. – E trouxe fruta e água. Que amável!

Dabney sentiu-se frustrada. O que estava a acontecer ali? Pegou na ameixa e na *Perrier*, e, sem saber o que dizer para fazer Box e Celerie desaparecerem, mordeu a ameixa. Era suculenta e o sumo escorreu-lhe pelo queixo. Do bolso, Box tirou um guardanapo. Tinha pensado em tudo.

– Deve ser a Celerie – disse Box, estendendo a mão. – Sou o John Beech, mas, por favor, trate-me por Box.

– A minha colega de quarto vai *morrer* quando eu lhe disser que o conheci – disse Celerie. – Ela estudou Economia na Penn. *Usou o seu livro!*

Box estava habituado a este tipo de estatuto divino entre os universitários e recém-formados.

– Espero que ela não morra realmente.

Celerie juntou as mãos no peito, como se se preparasse para o número seguinte de líder de claque.

Dabney *tinha* de sair dali, mas como? Olhou para Nina, que mordida nervosamente a cruz de ouro.

– Dabney, é melhor ires. Vais atrasar-te – disse Nina.

– Ir? – disse Box. – Ir onde? Aonde é que tens de ir?

– A Dabney tem uma reunião com um potencial membro da Câmara – disse Nina.

Dabney nunca gostara tanto de Nina Mobley como naquele momento. No caminho para casa de Clen, ia ligar e mandar a Nina um ramo de flores.

– A sério? – disse Box. – Quem é o potencial membro?

Nina riu-se. Dabney pensou: *Quem é o potencial membro?* Nina disse:

– Oh, já nem nos lembramos. O telefone toca o dia todo.

– Lá isso toca! – disse Celerie, assentindo com a cabeleira loira.

Box disse a Dabney:

– Com certeza deves saber com quem te vais encontrar.

– Sim – disse Dabney. Deu outra dentada na ameixa e limpou os lábios. – Uma *start-up* da Internet.

– Uma *start-up* da Internet está a juntar-se à Câmara?

– Sediada em Nantucket – acrescentou Dabney. Deitou o caroço da ameixa e o guardanapo ao lixo.

– Tenho de ir.

– Cancela a reunião – disse Box. – Vou levar-te a almoçar no Yacht Club.

– Ohhhh – disse Celerie. – Tão fofo!

– Não posso simplesmente *cancelar* a minha reunião – disse Dabney. – Era para ter saído há cinco minutos.

– Cancela – repetiu Box. – Não te estou a pedir. – A voz dele era severa. Subitamente, aquilo transformara-se num confronto e Dabney empertigou-se. Não gostava que Box lhe dissesse o que fazer. Não queria cancelar a sua reunião imaginária; queria estar com Clen.

De repente, Celerie pareceu perceber que estava no meio de algo. Assinou o registo e dirigiu-se para as escadas.

– Adeusinho!

– Prazer em conhecê-la! – exclamou Box. Verificou o registo. – Escreveste «recados» – disse. – Pensei que tinhas uma reunião.

– E tenho – disse Dabney, debilmente. – Ia fazer uns recados após a reunião.

Box virou-se para Nina:

– Nina, por favor cancele a «reunião» da Dabney. Vou levar a minha mulher a almoçar.

Dabney só conseguiu enviar uma mensagem de texto a Clen cerca de noventa minutos mais tarde, depois de ter suportado o almoço no Yacht Club. Na realidade, o almoço foi encantador – uma mesa ao ar livre com vista para o porto, Diane a tocar velhas canções no piano, uma salada de caranguejo e abacate, chá gelado para Dabney e um copo de bordéus branco para Box, as crianças vestindo coletes salva-vidas a irem para as aulas de vela, casais de branco saindo dos campos de ténis suados e a rir. Dabney desejou poder relaxar e divertir-se, mas não conseguia impedir que o seu dedo do pé

batesse de impaciência. Queria mandar uma mensagem a Clen pelo menos para lhe dizer que não poderia ir vê-lo; odiava pensar nele sentado na cadeira de baloiço, esperando em vão. Provavelmente fizera sanduíches e, possivelmente, *margaritas*; Dabney enfiara o fato de banho na carteira, antecipando um mergulho na piscina.

Todos os homens e mulheres com mais de oitenta anos que almoçavam no Yacht Club paravam e conversavam com Box e Dabney. Todos usavam próteses auditivas, por isso, as frases tinham de ser repetidas duas ou três vezes. Eram amigos do pai dela e pais dos seus velhos amigos residentes de verão, e alguns eram conhecidos de Box e queriam saber por que razão os investimentos que haviam feito estavam a correr tão mal. O Box é economista!, queria gritar Dabney. Lida com teoria! Se as pessoas tinham dúvidas acerca de investimentos, deviam ligar aos corretores!

– Sobremesa? – perguntou Box.

– Credo, não – recusou Dabney. – Tenho de voltar ao trabalho.

Enviou uma mensagem a Clen: *Desculpa, Beast, fui enredada numa situação de que não me consegui libertar. Posso ir ver-te às cinco horas?*

Clen respondeu: *Tenho planos às cinco horas.*

CLENDENIN

Era como um homem faminto frente a um *buffet*. Teve de se impedir de enfardar como um glutão. Queria saber tudo sobre Agnes. Quando tinha ela aprendido a andar de bicicleta? Quem lhe ensinara a tocar piano? Que livro lhe mudara a vida? O nome dele alguma vez fora mencionado em casa? De que tipos de filme gostava? Porquê Dartmouth e não Harvard, onde o economista dava aulas e Dabney estudara? Que tamanho de sapato usava? Dava espirros em conjuntos de três, como ele?

– Sim – respondeu ela à última pergunta. – Na verdade, dou.

E riram-se.

Ela quis saber sobre o Vietname, o Camboja e a Tailândia, sobre a vida de Clen nesses lugares. Vinte anos e, ainda assim, as suas memórias duradouras eram poucas, e eram bastante gerais e pouco específicas – o calor opressivo, o ar tão denso que era como ágar-ágar ou gelatina e se podia praticamente mastigar. O cheiro a combustível e a fumo de cigarro. O lixo, o trânsito, os fluxos intermináveis de pessoas, muitas pessoas, como é que alguém se distinguia?

Bebés em motas, meninas em bordéis, a mesma pergunta repetindo-se no gravador e na mente de Clen: *Quem é que manda aqui?*

– Fala-me sobre o teu noivo – pediu.

AGNES

ão sabia o que dizer a Clen acerca do noivo, que tecnicamente já não era seu noivo. Agnes devolvera

No anel pela Federal Express com um bilhete que dizia: «Não tenho a certeza do que quero. Por favor, não me liguês nem me mandes mensagens. Preciso de tempo para pensar. Ligo-te quando voltar para Nova Iorque, no dia 1 de setembro.» Seguiu o rasto do pacote; chegara na tarde anterior, e não tinha, surpreendentemente, havido telefonemas nem para o seu telemóvel nem para o telefone de casa. CJ estava a respeitar a vontade dela. O estágio de pré-época dos seus jogadores da NFL estava a menos de uma semana de distância; provavelmente, andava ocupado a tentar finalizar um contrato para Bantam Killjoy. Podia não haver espaço para sentimentos feridos por causa de Agnes. Ele podia olhar para o anel e achar que Agnes claramente não reconhecia uma coisa boa quando a via, que estava a ser influenciada pela bruxa malvada da mãe; guardaria o anel e oferecê-lo-ia à próxima mulher com que namorasse, depois de a cortejar com presentes, flores e a sua mesa especial no Nougatine.

A Clen, Agnes disse: – Podes guardar um segredo?

– Estás mesmo a perguntar-me isso? – disse Clen.

Pois. Clen era uma pessoa boa e neutra para falar sobre aquilo.

– A minha mãe contou-te alguma coisa sobre o CJ?

– Nem por isso – disse Clen. – Apenas que não aprova. Sem aura rosada ou lá o que é. Não são feitos um para o outro.

– Ela não aprova – disse Agnes. – Mas não é por isso que eu fiz o que fiz. Ou não foi só por essa razão, de qualquer maneira.

– O que é que fizeste?

– Devolvi o anel – disse Agnes. – Estive longe do CJ três semanas e dois dias, e sinto-me ótima. Sou independente outra vez.

Clen ergueu as sobrancelhas.

– O CJ é muito confiante – disse Agnes. – Tipo mestre do universo. Ele estala os dedos e as coisas acontecem. Assentos na primeira fila para os jogos dos Knicks e para espetáculos da Broadway, passes de bastidores para o Madison Square Garden. Um carro e motorista com uma garrafa de *Veuve Clicquot* no balde de gelo, por ser o meu champanhe favorito. Flores no trabalho, bilhetes de amor na minha almofada. O Victor Cruz, que joga para os New York Giants, apareceu em Morningside Heights para dar autógrafos aos meus miúdos. Coisas *muito* simpáticas. E ele é inteligente... e é engraçado... – Agnes pestanejou. O que *fizera* ela? E se tivesse cometido o maior erro do mundo? – É muito mais velho do que eu, dezoito anos mais velho, e espera certos comportamentos de mim. Eu passei o ano passado a querer ser a boa menina dele. Talvez estivesse à procura de uma figura paterna. – Olhou para Clen e riu, infeliz.

– Bem. Isso não é impossível – disse ele.

– Mas, desde que estou em casa, percebi que a minha relação com o CJ não é saudável. Ele é muito controlador. Eu sou como uma marioneta. Não posso discordar dele, não posso tomar as minhas próprias decisões. Ele odiava os meus amigos, por isso já não me encontro com eles. A relação parece boa para a maioria das pessoas, o Box adora o CJ, são bons amigos, mas é má. Muito má. A minha mãe tinha razão.

– Normalmente tem – disse Clen.

– Tem sempre – disse Agnes. – É estranho.

Ficaram em silêncio por um minuto. Então, Clen tirou dois copos do armário.

– *Bourbon?* – perguntou.

– Sim, por favor.

– Disseste à tua mãe que devolveste o anel?

– Não – respondeu Agnes. – Ainda não quero que ela saiba. Não quero que saiba sobre o CJ e não quero que saiba sobre ti.

– Eu sinto pena do tipo – disse Clen. – Abdicar de um futuro contigo.

– Ele vai encontrar outra pessoa num instante – disse Agnes. Bebeu o *bourbon* de um trago. – Eu gosto de um rapaz que trabalha para a minha mãe. Chama-se Riley, e está a estudar para ser dentista.

– Já ouvi a tua mãe falar sobre o dentista – disse Clen. – Faz *surf* e toca guitarra. Pensei que talvez fosse a tua mãe que gostasse dele.

– Ela já tem muitos homens.

– Concordo – disse Clen.

Quando Agnes saiu do caminho de acesso de Clendenin naquela noite, uma mulher loira ao volante de um *Mercedes* parou. As duas quase colidiram, mas o *Prius* era pequeno e manobrável, e Agnes saiu do caminho, dando espaço à mulher. A outra olhou para Agnes com grande interesse e, por fim, esboçou um sorriso incerto.

Só quando Agnes percorreu Polpis Road é que se perguntou quem seria. Os donos da mansão não chegariam à ilha antes de agosto, dissera Clen. Podia ser a empregada de limpeza, mas que tipo de mulher a dias conduzia um *Mercedes*?

Uma amiga de Clen? A mulher com quem ele namorava? De todas as emoções surpreendentes que Agnes tinha sentido nesse verão, ali estava mais uma: sentiu ciúmes, em nome da mãe.

DABNEY

Box era implacável. Agora acompanhava-a a todos os lugares. Ela nunca estava sozinha. Saíam para jantar juntos, liam juntos, iam para a cama juntos. Ainda não houvera propostas sexuais da parte dele, o que era uma bênção.

Durante a sua caminhada, Dabney telefonou a Clen.

– Credo, mulher, quando é que te vou ver? – perguntou ele.

– Eu estava livre ontem às cinco, mas tu tinhas planos. Quais eram os planos? – quis ela saber.

– Não te posso dizer.

– A Elizabeth Jennings?

– Detesto dizer-te isto, Cupe, mas parece que estás com ciúmes.

– Estou com ciúmes – admitiu ela. – Quais eram os planos?

– Não te posso contar – disse ele. – Mas não envolviam a Elizabeth. No entanto, ela deixou uma tarte de mirtilo caseira no meu alpendre com uma pequena nota.

– Tarte caseira? A Elizabeth? – disse Dabney. – Provavelmente foi o *chef* dela que a fez.

– Ciumenta e maliciosa! – exclamou Clen. Parecia encantado.

– Posso ir hoje às cinco – disse Dabney. – Ou tens planos outra vez?

– Não tenho planos – respondeu ele. – A não ser devorar-te.

Dabney encontrou-se com Clen às cinco, mas teve de o fazer sob a desculpa de ir ao cabeleireiro cortar o cabelo. Calculou que isso lhe concederia a hora e meia de que ela e Clen precisavam desesperadamente. Ouviu a voz dele ao ouvido, provou a pele dele, sentiu-o apertá-la – doía! Mas aperta mais! – e foi exatamente como se nunca se tivesse separado dele. Ele pertencia-lhe, e ela era dele, eles eram um só.

Mas, depois, a contagem regressiva começou. Restavam-lhes apenas quinze minutos, depois dez, depois cinco.

– Vais ter saudades minhas? – perguntou ela.

– Já tenho – disse Clen.

Quando Dabney pegou nas chaves do carro, viu uma nuvem tempestuosa atravessar-lhe o rosto que combinava exatamente com a sombra sobre o seu coração. Odiava deixá-lo.

– Tenho de contar ao Box – disse. – Quero estar sempre contigo.

– Então conta ao Box – disse ele.

Ela assentiu com a cabeça.

– Vou contar. – E depois pensou: *Não posso*.

Dabney voltou a perguntar a Clen quais tinham sido os seus planos no dia anterior, às cinco horas, e ele mais uma vez recusou contar, chamando-lhe intrometida. O seu instinto dizia-lhe que era Elizabeth Jennings e Clen só não queria admitir, mas tinham passado um bom momento juntos e Dabney não quis estragá-lo numa discussão de acusações e negações.

Ele merecia a sua privacidade, pensou ela. Embora não acreditasse nisso.

Quando chegou a casa, Box estudou-lhe o penteado com atenção.

– Parece o mesmo – disse.

– O meu cabelo tem sempre o mesmo aspeto – respondeu Dabney. – Tem exatamente o mesmo aspeto desde a quarta classe, quando a minha avó me comprou a minha primeira fita de cabelo. Uma fita de gorgorão rosa com baleias azul-marinhas, adquirida na Murray's Toggery. – Dabney devolveu-lhe o olhar. – Meu Deus, lembro-me tão bem desse dia. Porque achas que é? Por causa da fita? A minha avó não gastava dinheiro em coisas bonitas, mas comprou-me aquela fita para me manter o cabelo afastado dos olhos, e eu fiquei encantada.

Box aproximou-se, levantou uma mecha do cabelo dela e cheirou-a.

– Não tem o mesmo cheiro de quando vais ao cabeleireiro.

Dabney deu-lhe uma palmadinha para o afastar.

– De que estás a *falar*?

– O teu cabelo não tem o cheiro do salão de cabeleireiro e parece o mesmo de quando saíste.

Dabney não podia acreditar naquilo. Box nunca antes tinha reparado no «cheiro do salão de cabeleireiro» do seu cabelo.

– Dabney, foste ao cabeleireiro? – perguntou ele.

– Sim! – respondeu ela. Havia uma exasperação na sua voz por ter de mentir. – Liga para o salão

se não acreditas em mim!

Por um segundo, pensou que ele pudesse fazer exatamente isso. Tentou imaginar como a dignidade de Box ficaria comprometida se ele descesse ao ponto de ligar para o cabeleireiro para confirmar se Dabney tinha realmente ido arranjar o cabelo. E então, quando Lindsey, a rececionista, dissesse que não, que não tinham atendido Dabney naquela tarde, e que a marcação dela era para sábado à tarde (de modo que o cabelo tivesse boa aparência e um bom cheiro para o churrasco anual dos Levinson em Abrams Point), o que diria Box?

Felizmente, não precisou de se preocupar, porque Box desistiu do assunto, e ela pôde voltar a respirar. Naquela noite, foram ao The Proprietors, com Agnes – que parecia preocupada e estranhamente silenciosa –, e restabeleceu-se uma certa normalidade.

Mas, quando mais tarde ela e Box lavaram os dentes e se meteram na cama, Dabney pensou: *Eu não quero normalidade.*

Queria Clendenin.

BOX

Recebeu a notícia da demissão de Miranda Gilbert não por telefone, como teria esperado, mas através de uma carta enviada por correio para a casa de Nantucket. A carta fora escrita em papel macio de alta gramagem; inicialmente, Box pensou que poderia ser uma nota de agradecimento pelo fim de semana mal concebido e abortado em Nantucket. Mas, quando a leu, percebeu que se tratava de algo completamente diferente.

Meu querido Box,

Estou a escrever para lhe agradecer por quatro dos melhores e mais estimulantes anos que uma economista poderia desejar. Foi uma alegria e uma bênção ter trabalhado consigo.

Um conjunto de circunstâncias torna necessário que eu deixe Harvard. Rompi o noivado com o Christian, por razões que não me atrevo a explicar nesta carta, e, quase ao mesmo tempo, fui abordada pela Dr. Wilma Dresdalay, da Universidade de Columbia, acerca de uma oportunidade de investigação. Por razões pessoais e profissionais, parece-me que uma mudança de Harvard e Cambridge para Columbia e Manhattan é o caminho certo. Nova Iorque é o epicentro do pensamento económico, como sabe, e eu não posso deixar escapar esta oportunidade.

Vou ter imensas saudades suas – da sua inteligência, paciência, gentileza e sagacidade. Envio-lhe um novo endereço de e-mail e um endereço físico para que possamos manter contacto.

Carinhosamente e com inexprimível gratidão,
Miranda

Box pousou a carta no mata-borrão e soltou um longo suspiro de frustração.

– Raios! – gritou.

Ia perder Miranda. Ela estava consigo há muito tempo, mais do que qualquer outro assistente de

investigação de pós-doutoramento; a compatibilidade de ambos tinha sido notável. Nunca iria encontrar ninguém como ela, nem de perto nem de longe.

– Raios!

Dabney estava algures em casa. Sem dúvida, ouvira-o gritar, mas não batera à porta: achava a porta fechada do seu escritório demasiado intimidante.

Releu a carta. Certas coisas nela incomodavam-no, começando pelas primeiras palavras: *Meu querido. «Meu querido Box.»*

Ele era-lhe, de facto, querido? Estaria aquilo relacionado com o absurdo que Dabney tinha evocado? Miranda Gilbert estava *apaixonada* por Box, como Dabney afirmara?

Havia a utilização da palavra *estimulantes*.

Havia a notícia do rompimento do noivado cujos detalhes ela não se atrevia a mencionar. O rompimento do noivado hoje, quando, uma semana antes, tudo parecia muito bem? Box perguntara pelo bom doutor e Miranda dissera-lhe que Christian estava cheio de trabalho, mas que isso era habitual. *Por razões que não me atrevo a explicar nesta carta.* O que significava *aquilo*? Para Box, parecia que Miranda fora direta de Nantucket para casa e terminara o relacionamento.

O que lhe teria *dito* Dabney?

E, depois, a novidade de Miranda se mudar para Nova Iorque, para a Universidade de Columbia, para trabalhar com Wilma Dresdalay. O nome de Wilma tinha sido mencionado casualmente, como se Miranda *não soubesse* que Wilma era a única economista viva cujo trabalho Box consistentemente admirava e até invejava. Havia apenas uma pessoa por quem Miranda deixaria Box, e essa pessoa era Wilma. Ele não podia censurá-la nem um pouco.

Em seguida, a frase *Vou ter imensas saudades suas*. Foi nessas palavras que Box se fixou. Ela iria ter imensas saudades dele. Parecia sincera, quase romântica. Bem, sim, Box também teria imensas saudades dela. Miranda era única e extraordinária. Tentou não pensar em como o sorriso dela iluminava os gabinetes, ou em como gostava do sotaque dela da mesma forma como se gosta de música, ou como, nas ocasiões em que tinham ido ao cinema juntos, ela lhe agarrara no braço com entusiasmo ou medo. Quando iam jantar com os colegas, Miranda apresentava-se muito bem, com o cabelo loiro num coque não muito apertado e roupas leves e femininas; usava bastantes tons de marfim e pêssego, que lhe favoreciam a tez. O seu conhecimento de vinhos era amplo; ela gostava de experimentar novas variedades e castas e escolhia sempre vinhos que sabia que iriam animar e agradar a Box.

Admitiu para si mesmo que teria imensas saudades de Miranda Gilbert, e não apenas como colega. A ideia da partida dela fez o seu coração falhar como um motor a morrer. Ela tinha sido, talvez mais do que qualquer outra coisa, sua amiga.

Carinhosamente e com inexprimível gratidão. Eram palavras adequadas, e aplicavam-se a ambos.

– Raios!

A terceira vez trouxe Dabney à porta.

– Box? – perguntou ela, batendo levemente. – Estás bem?

Ele abriu a porta e meteu-lhe a carta nas mãos, mas não esperou que ela acabasse de a ler.

– A Miranda pediu a demissão, vai para Columbia trabalhar com a Wilma. – Aclarou a voz. – Parece que rompeu o noivado com o Christian.

– Oh – disse Dabney. – Uau!

AGNES

Cinco dias de silêncio de CJ. Era agora um impasse. Ele estava à espera de que ela cedesse e mudasse de ideias. O silêncio também era sinistro; não acreditava que ele fosse capaz disso.

Começou a acompanhar Riley em idas à praia depois do trabalho. Nadava enquanto ele surfava, depois deitavam-se no cobertor de praia vermelho-cereja de Riley, como um par de focas e desfrutavam da hora dourada – a hora em que o sol era suave e sublime. Apesar da turbulência do verão, Agnes descontraiu com Riley.

Uma noite, deixou que Clendenin lhe fizesse o jantar. Arroz frito com especiarias autênticas que ele comprara pela Internet. O arroz perfumado era de um amarelo intenso e estava repleto de deliciosas iguarias – passas douradas, porco lacado, camarão – que pareciam pequenas pedras preciosas. Naquela noite, Clen falou sobre como Dabney tinha sido na escola – como fora popular e cheia de confiança, dos seus esquemas de casamenteira elaborados, mesmo entre os professores, do seu amor por Nantucket. Dabney tinha sido a segunda melhor da sua turma e Clen, o primeiro; Dabney ficara ressentida com isso, dissera Clen. Ele vencera-a por três décimas na média geral e quarenta pontos no teste de aptidão verbal e dez pontos no exame de Matemática, mas ela tinha entrado em Harvard e ele não. Naquela época, era mais fácil as raparigas entrarem em Harvard, pensara Clen na altura. Dabney costumava ter um bloco de notas, disse ele, com as suas ruas favoritas na ilha. Charter Street, nos lotes de peixe, era a sua predileta. Ela queria viver em Charter Street, quando crescesse, e se não em Charter Street, então, Quince, ou Lily.

Depois do jantar, Clen serviu um *bourbon* a cada um e fumou um cigarro no alpendre da frente, enquanto Agnes lavou a loiça. Em seguida, ela juntou-se-lhe e olharam para as estrelas no céu, e para a casa grande, vazia e iluminada da qual Clen tinha de tomar conta.

– Vais ficar aqui em Nantucket? – perguntou Agnes.

– Não me vejo sequer a sair outra vez – disse Clendenin. – A menos que aconteça algo à tua mãe. Para mim, esta ilha é o meu lar, mas é o meu lar por causa da Dabney. Mudei-me para cá quando tinha catorze anos. Vivi aqui apenas três semanas antes de ela se tornar minha amiga e, assim que isso aconteceu, eu nunca quis ir embora. Ela dá a esta ilha o seu significado. Dabney, Nantucket. Nantucket, Dabney. – Suspirou. – E, desde que ela fique, eu fico.

Agnes queria perguntar o que achava ele que ia acontecer. Dabney deixaria Box? E... casar-se-ia com ele? Naquele momento, percebeu que se tinha envolvido demasiado no triângulo amoroso. A sua mãe, o seu pai, o seu outro pai.

Pegou nas chaves do *Prius*.

– É melhor eu ir andando – disse.

DABNEY

Estava na quinta, a escolher maçarocas de milho para o jantar. Sentia-se tão fraca e tão doente que mal conseguia manter-se em pé. Devia ter telefonado ao médico há semanas, mas, assim que se resolvia a fazê-lo, sentia-se melhor, ou a vida mudava-lhe os planos. Naquela manhã, o Dr. Marcus Cobb, namorado de Nina Mobley, tinha ido pescar e apanhara cinco robalos. Quando entrou no

escritório para levar Nina a almoçar, ofereceu a Dabney um saco pesado com filetes de peixe fresco.

Dabney tinha ficado entusiasmada com o peixe; planeou instantaneamente o jantar: filetes de robalo grelhado, milho assado, legumes da quinta com um molho leve. Parecera a refeição perfeita ao meio-dia, mas agora, às cinco, Dabney estava com tantas dores que queria tomar um comprimido e dormir até à manhã seguinte.

Paciência. Escolheria o milho. O peixe já estava a marinar no balcão da cozinha. Com algumas instruções simples, Agnes poderia preparar o jantar.

De repente, havia uma mulher no espigueiro do milho, tentando chamar a atenção de Dabney. Era Elizabeth Jennings.

– Elizabeth! – disse Dabney. – Olá! – Estava com demasiadas dores para falar com ela. A dor era como um berlinde preto, e Dabney estava suspensa lá dentro.

– Dabney! – disse Elizabeth. – Estou tão contente por a ter encontrado. Tenho novidades muito interessantes para partilhar.

Dabney desconfiou das «novidades muito interessantes», porque em geral eram boatos ou coscuvilhices, e no entanto as pessoas abordavam-na constantemente com «novidades interessantes». Dabney *não* queria ouvir nenhuma «novidade interessante» de Elizabeth Jennings, isso era certo.

– Estou com imensa pressa – disse. Enfiou indiscriminadamente duas maçarocas de milho no seu saco de compras reciclável.

Mas Elizabeth ou não a ouviu ou optou por ignorá-la.

– É amiga do Clendenin Hughes, não é? – perguntou.

Dabney deteve-se. As suas entranhas contorceram-se. Doente de amor.

– Quando nós jantámos há algumas semanas, ele disse-me que vocês os dois se conhecem desde o liceu. Tão bonito! – Elizabeth sorriu, mostrando os dentes com facetas. Usava um vestido azul-turquesa e branco que combinava com sandálias azul-turquesa, e as unhas dos pés, reparou Dabney, estavam pintadas no mesmo tom de azul-turquesa. Seria possível que Elizabeth Jennings fizesse uma *pedicure* todos os dias para combinar com a roupa? Não era impossível. Que mais teria Elizabeth Jennings para fazer todos os dias, exceto bisbilhotar e andar atrás de Clendenin? Ela não estava no espigueiro para escolher *milho*, apercebeu-se Dabney. Tinha vindo só para a atormentar!

– Tenho de ir – disse. Virou-se para o carrinho e procurou não ouvir.

– Passei em casa do Clen para lhe deixar uma tarte que fiz – disse Elizabeth.

Involuntariamente, Dabney abanou a cabeça. Era impossível Elizabeth ter feito uma tarte.

– E havia uma jovem a sair da garagem dele, quando eu estava a chegar. Uma jovem muito bonita. Acho que o Clendenin tem namorada!

Dabney quase não chegou ao *Impala* antes de a dor se tornar insuportável. Elizabeth Jennings mostrara-se ciumenta, vingativa mesmo, e possivelmente desconfiada da relação de Dabney com Clen. Ou queria que ela lhe dissesse quem era a jovem misteriosa, ou queria que se lamentasse. Os homens escolhiam sempre as mulheres mais jovens. A vida era injusta em muitos aspetos, mas este era, talvez, o mais injusto.

Pelo menos, Dabney sabia que Elizabeth Jennings não fora a convidada, às cinco horas. Tratava-se de outra pessoa.

Ligou a Clen do estacionamento.

– Com quem tinhas planos no outro dia? Quando eu queria ir ter contigo às cinco horas e tu disseste que estavas ocupado? – disse ela.

Ele suspirou.

– Lamento, Cupe. Não te posso dizer.

– Clen! – gritou ela. Estava com *tantas dores*, e agora aquilo. – Uma jovem? Uma mulher bonita?

– Dabney – disse ele. – Eu não te posso dizer.

Uma dor aguda, como fâças a perfurarem as suas entranhas... Gemeu. A sua barriga estava a ser roída por milhões de dentes minúsculos e afiados.

Acho que o Clendenin tem namorada!

Lamento, Cupe. Eu não te posso dizer.

Doente de amor.

Não, pensou ela.

De manhã, ligou a Genevieve, para o consultório do Dr. Field.

– Preciso de falar com o Ted – disse ela. – Por favor, acho que é urgente.

– Urgente como quando é preciso ir às Urgências? – perguntou Genevieve.

– Por favor, Genevieve – disse Dabney. – Preciso de falar com o Ted. Pode tornar isso possível?

– Por si, torno qualquer coisa possível.

Ted Field tratou de tudo. Enviou as análises de sangue de Dabney para a pessoa certa no Hospital Mass General, e eles marcaram uma TAC para quinta-feira de manhã.

– Tem noção de que terá de ir a Boston? – perguntou Ted.

– Sim – disse Dabney. Há muito tempo que o seu mantra era o de que sairia da ilha somente se a sua vida dependesse disso. Agora, de repente, tinha a certeza de que a sua vida dependia realmente disso.

Contou a Box em primeiro lugar.

– Falei com o Ted Field – disse. – Vou a Boston fazer uma TAC.

– Parece sério – observou ele. – Eu vou contigo.

– Não – disse Dabney. – Vou sozinha.

– É a minha cidade e há séculos que não vais lá, nem a outro sítio qualquer, sozinha. Deixa-me ir contigo. Podemos terminar o dia com um jantar no Harvest, passar a noite no meu apartamento e voltar de manhã.

– Tu queres divertir-te – disse Dabney. – Eu quero ir e voltar, e vou sozinha.

– Só podes estar a brincar comigo – disse Box.

– Primeiro voo para Boston, na quinta-feira – disse ela. – Último voo de regresso, na quinta-feira.

– Não podes esperar que eu acredite que vais sozinha – disse ele.

– Vou sozinha – respondeu ela.

*

A seguir, contou a Clen.

– Vou a Boston na quinta-feira – disse. – Tenho de fazer uns exames.

– Isso não me agrada – respondeu ele. – Deixa-me ir contigo.

– Não podes – disse ela.

– Queres apostar?

– Clen.

Ele franziu o sobrolho. – O economista vai?

– Não, vou sozinha.

Contou a Agnes e depois a Nina. Iria a Boston na quinta-feira para fazer exames médicos. Antes que alguma das duas pudesse abrir a boca, acrescentou: – Vou sozinha.

No balcão da companhia aérea, aceitou o cartão de embarque e pensou: *Vou realmente fazer isto?* Teria sido muito mais fácil se Box ou Clen, ou Agnes ou Nina, estivessem lá para lhe darem apoio. Mas sentia que era importante ir sozinha, motivando-se a si própria, pelo seu próprio pé.

No exato momento em que o avião descolou, algo caiu de volta à terra. O seu espírito, a sua alma, o seu ser. Dabney não passava de uma concha.

Táxi, o túnel Ted Williams, Cambridge Street, Hospital Mass General. Tinha visto o edifício Prudential e a Torre Hancock do ar. Arranha-céus, o resto do mundo. Era apenas Boston, lembrou-se, apenas a cento e cinquenta quilómetros de casa. Ela frequentara a universidade do outro lado do rio, aguentara quatro anos de ensino superior; iria aguentar o dia de hoje também.

Tensão arterial, temperatura, agulhas, centenas de perguntas médicas, culminando com a TAC, que era como algo saído da ficção científica.

Depois, uma espera bastante longa, enquanto um médico estudava a tomografia. Todos no hospital estavam a ser solícitos. Rosemary, a enfermeira-chefe de Imagiologia, tratou Dabney como se ela fosse uma pequena celebridade.

– Está tudo a ser acelerado. Sabemos que quer ir para casa – disse ela.

Dabney imaginou que o Dr. Field tivesse exercido alguma influência, ou talvez tivesse sido Box, via Dr. Christian Bartelby.

Comeu uma sanduíche de atum na cantina. Olhou em volta para as outras pessoas – algumas doentes, algumas saudáveis, algumas, funcionárias do hospital. Havia tantas pessoas no mundo, pessoas que ela não conhecia e que não a conheciam a ela. Essa era, talvez, a coisa mais assustadora de todas.

O Dr. Chand Rohatgi era um indiano bem-parecido, com olhos bondosos.

– Trouxe alguém consigo? – perguntou ele.

– Não, vim sozinha – respondeu Dabney.

Ele acenou com a cabeça. O seu rosto mostrava inquietação.

– Diga-me de uma vez – sussurrou ela. – Por favor.

– O prognóstico não é bom – disse o médico.

Câncer do pâncreas, já com metástase no fígado. Os pulmões provavelmente seriam os próximos. Não era operável, e, considerando o seu nível de dor, não estaria forte o suficiente para fazer quimioterapia, e não havia nenhuma garantia de que a quimioterapia fizesse outra coisa que não fosse pô-la ainda mais doente. Neste ponto, disse o Dr. Rohatgi, não havia muito que se pudesse fazer exceto esperar que a progressão fosse lenta. Ele poderia ajudá-la a controlar a dor.

– Quanto tempo... – disse ela.

– É difícil calcular.

– Será que vou viver para ver as luzes do Desfile de Natal em Main Street? É o meu fim de semana mais movimentado do ano.

O médico parecia confuso. Não conhecia o Desfile de Natal, disse, mas, se fosse em dezembro, talvez houvesse uma hipótese. Era difícil calcular, repetiu.

Talvez houvesse uma hipótese, pensou Dabney. O Desfile de Natal estava apenas a quatro meses de distância. Então, o médico estava a dizer-lhe que ela nem sequer tinha *quatro meses*? Sentia-se apanhada de surpresa. Ninguém devia poder dizer a outra pessoa que estava a morrer.

Não era à toa que se sentia como uma concha. As suas entranhas estavam a ser consumidas pela doença.

– Eu sempre fui uma pessoa intuitiva. Pensei que era outra coisa. Pensei que estava... doente de amor – disse ela.

– Sim, eu percebo. Os sintomas são provavelmente semelhantes – disse o médico.

Ou talvez o Dr. Rohatgi não tivesse dito *os sintomas são provavelmente semelhantes*, talvez ele não tivesse dito *uma hipótese, talvez*, talvez ele não tivesse dito *já com metástase no fígado*. Dabney saiu do hospital num estado de extrema confusão, e a coisa mais desconcertante era: não pensava em Agnes, nem em Clen, nem em Box. Pensava na mãe.

O Dr. Donegal pedira-lhe uma e outra vez, durante os oito ou nove anos em que ela o consultara, para descrever o que tinha acontecido na noite em que a mãe se fora embora. Uma e outra vez, Dabney olhara em silêncio para o Dr. Donegal, porque não se conseguia lembrar.

Por que razão, então, tantos anos depois, à medida que a informação se tornava real, era a cena tão nítida na mente de Dabney? A suíte do Park Plaza, um vaso de cerâmica com penas de avestruz, o lustre no *lobby* que era tão grande e brilhante como uma fogueira, a cama enorme em que Dabney tinha sido autorizada a saltar durante o tempo que a mãe levou a maquilhar-se, os lugares na primeira fila para ver *O Quebra-Nozes*, a mãe batendo o ritmo da música na mão de Dabney durante a «Dança da Fada do Açúcar», e Dabney boquiaberta com a beleza da bailarina, a sua capacidade de flutuar, rodopiar, voar. Depois, no hotel, houve *cheeseburgers* do serviço de quartos e, para Dabney, um gelado de chocolate. A mãe tinha bebido vinho tinto, que era o que costumava beber em casa, e tingia-lhe sempre os dentes de azul, coisa que Dabney achava engraçada. *Porquê azul e não vermelho, mãe?* Já era bastante tarde, recordou, escuro como breu lá fora, tinha começado a nevar, e a mãe de Dabney pegou nela e levou-a até à janela para que ela pudesse ver a neve. Dabney vestia a sua camisa de dormir de flanela branca, tinha entornado molho de chocolate na frente, o que a incomodara, começou a choramingar, estava cansada. Lavara os dentes, subira para a cama grande e

a mãe sentara-se na beira da cama e afastara-lhe o cabelo do rosto. A mãe estava envolta em fumo verde, talvez estivesse um pouco embriagada, as palavras saíam-lhe arrastadas, disse algumas coisas sobre o pai de Dabney que Dabney não entendeu, como ele voltara da guerra e jurara *Nantucket, sempre Nantucket*, e a mãe não conseguia aguentar mais, mas o pai não iria viver noutro lugar. *Amar-te-ei sempre, Dabney, serás sempre a minha menina, isto é difícil para mim, tão difícil*. O perfume da mãe cheirava a frutos secos, ou assim julgara Dabney naquela noite. As pérolas da mãe brilhavam mesmo na sala escura. Ela estava ali na beira da cama e, depois, quando Dabney acordou, tinha ido embora. May, a empregada irlandesa, estava lá.

Mamã! Onde está a minha mãe?

O teu pai vem buscar-te, minha querida.

Bye bye, Miss American Pie.

Mamã!

Dabney entrou num táxi. Conseguiu apenas dizer ao motorista «Logan, Terminal C, por favor», antes de as lágrimas lhe escaparem pelos cantos dos olhos. Não eram lágrimas por causa da notícia, porque a notícia era incompreensível. Chorou o caminho todo até ao aeroporto, porque a mãe a tinha abandonado, e, ainda assim, Dabney sentia a sua falta até hoje.

Não havia tom nem som nos seus pensamentos. Simplesmente não era possível, era demasiado aterrorizador para compreender. Ela estava muito doente. Ia morrer. Ia morrer? Era uma porta que transporta sem saber o que estava do outro lado. A sua avó, Agnes Bernadette, tinha acreditado no Céu, em nuvens macias, anjos, harpas, paz, e Dabney crescera a acreditar nisso. Mas agora que fora confrontada com a realidade concreta pensou: *Anjos? Harpas?*

Depois pensou: *Toda a gente morre, toda a gente sem exceção, não há como escapar*, por isso a única opção razoável era concentrar-se no tempo que lhe restava.

O Dr. Rohatgi exortara-a a não olhar muito para a frente. *Viva um momento de cada vez*, aconselhara ele. Dera-lhe algum material de leitura, que ela enfiou na carteira, e uma receita para lhe aliviar as dores. Pensou em Clen, Box, Agnes, Nina Mobley, Riley, Celerie, Vaughan Oglethorpe, Diana, que lhe fazia o café na *drugstore*, nas pessoas de quem gostava, nas pessoas que faziam dela o que ela era. Não iria contar a ninguém. Mas isso era possível? Guardava tantos segredos agora. Quanto tempo levaria até explodir, como uma represa?

A vida de Dabney havia sido segura com a mãe, e depois deixara de o ser. A seguir, fora segura novamente e, depois, quando Clendenin partira, a insegurança voltara. Depois, segura por um longo período de tempo, mas, agora, insegura. A vida de todos tinha momentos de ambas as coisas. Gostava de acreditar que era especial por causa daquilo a que sobrevivera, mas não sobreviveria a esta última coisa. Incompreensível. O material de leitura na sua carteira era para a ajudar a lidar com o facto de ser doente terminal, mas quem escrevia semelhante leitura? E como é que eles sabiam quais eram as melhores estratégias para atacar o problema? Ninguém sabia o que acontecia em seguida.

Dabney ficou aliviada quando avistou Nantucket – as casas e os faróis preservados historicamente, lagos e pântanos, a faixa azul e branca, onde o mar batia incessantemente na costa. A única coisa que Dabney quisera, durante todo o dia, fora voltar para casa.

No trajeto de regresso a casa, ao volante do carro, decidiu que iria esperar até segunda-feira para dar a notícia a todos. Pensou no Dr. Rohatgi a dizer: *Viva um momento de cada vez*. Queria ir ao churrasco dos Levinson na noite de sábado, queria dançar, queria beber vinho e rir e divertir-se.

Queria ter um último fim de semana de verão perfeito. Box perguntou primeiro, e depois Agnes, a seguir, Nina, e por fim Clen: *Como correu no hospital?*

– Fiz um monte de exames. Uma coisa é certa, não sou alérgica ao trigo.

Um dia, Dabney estaria demasiado doente para ir a uma festa, mas ainda não estava, e por isso, na sexta-feira de manhã, assinou o registo, escrevendo «recados», mas, em vez de ir ao encontro de Clen, foi ao Hepburn comprar um vestido novo. Escolheu um modelo caveado branco e solto, com uma franja em volta da cintura que balançaria quando dançasse. Apesar do seu medo e confusão, decidiu que iria dançar. Esta, afinal, podia ser a sua última oportunidade. Comprou umas sandálias brancas para combinar com o vestido – de salto raso, nada espalhafatosas. Dabney adorava o novo vestido de verão e as sandálias novas e pendurou o vestido na porta do armário, onde podia olhar para ele. Quando acordou a meio da noite, viu o vestido branco brilhante; parecia um fantasma.

Iria ela assombrar esta casa depois de partir?

Imaginou que tudo era possível.

Box trouxe um copo de vinho para o quarto enquanto Dabney se preparava para a festa.

– Aqui tens, querida. – Pousou o copo de vinho na secretária. – Uma bebida enquanto te vestes.

Dabney abraçou o marido e agarrou-se a ele de uma forma que provavelmente se qualificaria como histrionismo, mas o que importava isso agora? Surpreendentemente, Box correspondeu.

– É bom abraçar-te – disse ele.

Dabney fechou os olhos. Não havia uma aura rosa com Box, nunca tinha havido rosa com Box, mas ele era um bom homem.

Levou-a até à cama, e ela preocupou-se por um segundo que ele tivesse outras intenções, que talvez quisesse fazer amor, um esforço que certamente iria constrangê-los a ambos. Mas Box sentou-se na cama ao lado de Dabney, com a mão entre as suas.

– Tenho uma confissão a fazer – disse ele.

– Tens? – perguntou Dabney.

– Sinto uns ciúmes terríveis do Clendenin Hughes. Desde o momento em que soube da existência dele, na verdade. Mas ainda mais agora que ele regressou a Nantucket.

Dabney olhou para o colo.

– Eu sei que a relação que tiveste com ele foi complicada, possivelmente está para além da minha compreensão limitada – continuou ele. – Tenho a certeza de que ainda sentes alguma coisa por ele, e embora eu não saiba que forma esses sentimentos tomam, quero pedir desculpa, porque tem havido algumas anomalias no meu comportamento este verão que têm a ver com os ciúmes que tenho dele.

– Não tens de pedir desculpa – disse Dabney.

– Só quero que saibas que eu não sou empedernido, como possas pensar. Nem sou irracional. Deves resolver o que sentes pelo Hughes e, quando chegares a uma resolução e te sentires apaziguada acerca da tua relação com ele, avisa-me para que eu possa finalmente livrar-me do

monstro do ciúme. – Box acariciou a mão de Dabney. – Tenho a certeza de que é difícil tê-lo de volta na ilha.

– Bem, sim – respondeu ela. Foi um alívio finalmente dizer algumas palavras verdadeiras sobre Clen. – Na verdade, é.

– Foi o que eu pensei – disse Box. Levantou-se. – Vamos divertir-nos hoje à noite, está bem?

Na festa, havia pessoal para tratar do estacionamento; uma bonita rapariga loira da empresa de *catering* estava posicionada na entrada, junto a uma mesa de *cocktails* de um laranja carregado. Dabney ficou tão encantada com a cor das bebidas que levou um segundo a perceber que a jovem loira era Celerie.

– Dabney! – gritou a rapariga.

Dabney sobressaltou-se, tentando recompor-se rapidamente quando Celerie lhe deu um abraço enérgico.

– Está a trabalhar para...?

– A Nantucket Catering Company! – disse Celerie, com as mãos no ar num gesto de vitória. – E o Riley também está aqui! Está a tocar guitarra no jardim!

– Oh – disse Dabney. – Como é que...?

– A minha companheira de quarto trabalha para a NCC e eles precisavam de mãos extras para hoje à noite, então eu disse que vinha ajudar, pagam bem, e juntei-me ao Riley. – Celerie sorriu, radiante. – Quando descobriram que ambos trabalhamos na Câmara, os Levinson ficaram *tão animados*! Eles adoram-na! Disseram que os tinha *emparelhado*!

Celerie usava o que Dabney pensava ser a sua voz do estádio, e Dabney estava um pouco envergonhada.

– Sim, bem – disse. – É isso que eu faço.

Box evitou sabiamente Celerie e as bebidas laranja-brilhantes – *cosmos* de tangerina, anunciou Celerie – e entrou na festa antes de Dabney. Quando ela transpôs o arco de treliça, deu com Box a apertar a mão de Larry Levinson. Marguerite Levinson dirigiu-se a Dabney imediatamente, tomando as mãos dela nas suas.

– Dabney – disse ela. – Como *estás*?

Dabney tinha adorado Marguerite Levinson desde o momento em que se conheceram, uma dúzia de anos antes, em Tupancy Links, com os respetivos cães. O labrador cor de chocolate de Dabney, *Henry*, ainda era vivo, e o *golden retriever* de Marguerite, *Uncle Frank*, era pouco mais do que um cachorro. Larry tinha frequentado Tupancy com o seu *golden retriever*, na época, *Arthur Fielder*. Dabney havia apresentado a sua novíssima amiga Marguerite ao seu amigo mais antigo, Larry, e tinha havido auras cor-de-rosa antes de um único *frisbee* ter sido lançado.

Como é que ela *estava*?

Estou a morrer, pensou. *E a minha alma anseia pelo Clen*. Box tinha feito um discurso tão amável e sério, e mostrara ser uma pessoa evoluída, tentando dizer a Dabney que, quaisquer que fossem os sentimentos que nutria por Clendenin, ele entenderia. Ela tinha tido a sua oportunidade... mas não a aproveitou.

Paciência.

– Que bela noite! Esta é a minha parte favorita do ano, sabes? – disse ela a Marguerite. – Mal

posso *esperar* por dançar! – Abanou os quadris, e a franja do vestido branco oscilou.

– Ótimo! Vamos divertir-nos! – disse Marguerite.

Dabney terminou o seu *cosmo* de tangerina. Era surpreendentemente bom, e teria bebido outro, mas achou melhor seguir em frente e não distrair Celerie dos outros convidados. Foi para a fila do bar, para ir buscar um copo de vinho para si e outro para Box. O fim de tarde estava cristalino, livre de insetos, com um céu de um azul escuro profundo e a propriedade dos Levinson em Abrams Point dava para sul, sobre o porto. Uma brisa suave mantinha a bandeira a adejar preguiçosamente e transportava a voz de Riley Alsopp sobre a relva.

Viva um momento de cada vez. Houve poucos momentos na sua vida tão esteticamente agradáveis como este.

De copo de vinho na mão, Dabney foi ao encontro de Box e os dois dirigiram-se à mesa de marisco para atacarem algumas ostras.

Havia pessoas com quem era preciso conversar, um sem-número de pessoas. Dabney conhecia toda a gente, apesar de conhecer certas pessoas apenas porque as via naquela festa todos os anos – Donald e Irene, de Newport Beach, na Califórnia, e o irmão solteiro de Marguerite, Charles Baldwin. Charles era emproado e tinha um sotaque pedante; trabalhava em investimentos de capital, possuía uma casa em Potomac, em Maryland. Mas sentia-se só, confidenciara Marguerite, e Marguerite esperava perenemente que Dabney o emparelhasse com alguém maravilhoso. Charles tinha usado todos os serviços de encontros da Internet – eHarmony, Match.com, It's Just Lunch –, mas nenhum funcionara. Dabney prometera a Marguerite que não se esqueceria de Charles. Anos antes, quase lhe tinha arranjado um encontro às cegas com Nina Mobley, mas depois pensara melhor. Tinha de admitir que provavelmente não tinha uma flecha na sua aljava destinada a Charles Baldwin.

Viva um momento de cada vez. Estava a gostar de conversar com Charles, ou melhor, de ouvir Charles e Box a conversar (Box destacava-se com os emproados), enquanto Riley cantava James Taylor, e ela provava todos os *hors d'oeuvres* – o *aioli* de camarão com coco e caril de manga, espetadas de porco, as empadas de massa filo com recheio de lagosta e salada de milho, e aproveitava a suave luz do sol no rosto.

No final da música de James Taylor, ouviram-se alguns aplausos e Riley chamou a atenção de Dabney. Ela flutuou até ele.

– Olhe só para si! – disse.

Ele levantou-se e afastou-se do microfone.

– Espero que não se importe que eu esteja a trabalhar aqui – disse Riley. – Provavelmente devia ter-lhe pedido autorização.

Dabney riu-se.

– Fico contente que tenha oportunidade de mostrar o seu talento e de ganhar algum dinheiro extra com isso – disse.

– Sim, é ridículo o que eles me estão a pagar.

A mente de Dabney divagou como um cachorrinho com a trela solta. Pensou: *Por favor, Riley, não deixes a Câmara.* Riley tinha um labrador cor de chocolate chamada *Sadie*, pormenor que capturara o coração de Dabney, porque ela sentia saudades de *Henry*, sentia tantas saudades dele que nunca tinha conseguido ter outro cão. Gostaria de poder voltar aos dias de Tupancy Link com *Henry*, *Uncle*

Frank e Arthur Fielder – colinas verdes, com vista para a baía, uma meia dúzia de *frisbees* no ar ao mesmo tempo, os discos vermelhos, roxos e amarelos contra o céu azul. Agnes ainda frequentava a escola secundária, e Clen estava num lugar tão distante que parecia imaginário. Riley, Riley, Riley – ele seria perfeito para Agnes. Seria tão mais fácil para Dabney deixar este mundo se soubesse que Agnes tinha Riley Alsopp no seu futuro. A filha herdaria a casa de Charter Street. Ela e Riley poderiam trazer os filhos para Nantucket para passar os verões, os netos de Dabney, os netos que nunca iria conhecer. Pensou que gostaria de ser um fantasma naquela casa. Dessa forma, poderia olhar pelos netos e beijá-los enquanto eles dormiam.

Parecia que Riley lhe estava a perguntar algo.

– Como disse? – perguntou Dabney.

– Onde está a Agnes? – repetiu ele.

Dabney pestanejou. Onde estava Agnes? Dabney e Box tinham saído antes de Agnes ter chegado a casa do trabalho. Dabney escrevera uma nota dizendo que havia salada de frango no frigorífico e *scones* caseiros de *cheddar* se a filha quisesse jantar. Ao que parecia, Agnes saía muitas vezes sozinha ultimamente e, a única vez que Dabney lhe perguntou sobre isso, Agnes disse que tinha ficado até tarde no trabalho. Dabney interrogou-se se Agnes estaria interessada em Dave Patterson, seu chefe. Isso seria bom. Eles não eram uma combinação perfeita, mas qualquer relação que afastasse Agnes de CJ era bem-vinda. Qualquer um, menos CJ! Ao pensar nisto, percebeu que não ouvia Agnes falar sobre CJ há bastante tempo, uma semana ou dez dias, pelo menos, e também não a ouvira falar ao telefone com CJ no seu quarto. E, claro, CJ não tinha aparecido em Nantucket. Dabney perguntou-se agora se deveria ter arrancado mais informação a Agnes sobre o que se passava, mas a filha tinha vinte e seis anos, era adulta, e a última coisa que queria era explicar-lhe cada movimento. Se Agnes quisesse falar, abordaria Dabney.

No entanto, Dabney tinha sido egocêntrica. Para dizer o mínimo.

– Não sei onde ela está – respondeu.

AGNES

Quando estava a sair do trabalho, recebeu uma chamada no telemóvel de um número desconhecido. Com medo de atender, deixou-a ir para o atendedor. Não ouviu a mensagem até ter chegado à garagem de casa. Era Rocky DeMotta, um dos sócios de CJ. Agnes tinha conhecido Rocky no Open de Ténis dos Estados Unidos em setembro do ano anterior. Rocky estava a telefonar, disse ele, porque CJ tinha... desaparecido. Ausentara-se sem permissão. A tinta acabara de secar no contrato de Bantam Killjoy com os Chiefs, o estágio de pré-época tinha começado no dia anterior, e CJ devia *estar* em Kansas City *com* Bantam, mas não aparecera para apanhar o voo. Nem tinha vindo para o trabalho, nem telefonado, nem sequer verificado o *e-mail*. Não estava a atender chamadas nem a responder às mensagens de texto.

Rocky dizia: «Estamos todos um pouco preocupados com ele. Preocupados o suficiente para que eu arranjasse o seu número nos registos do escritório. Peço desculpa por isso, mas a Agnes poderia *por favor* contactar-nos se ele estiver consigo, ou se tiver notícias dele?»

Agnes susteve a respiração e pensou: *Ele morreu, ele morreu, ele morreu, eu matei-o.*

Ouviu a mensagem novamente. Rocky parecia em pânico, é claro que parecia em pânico; CJ nunca, nunca ficava incontactável, tinha um *BlackBerry*, dois *iPhones* e um computador portátil. Que razão teria para perder o voo para Kansas City? Ter-se-ia enforcado no seu apartamento, deixando um bilhete de suicídio com o anel de noivado devolvido em cima?

Estava imenso calor dentro do *Prius*, e ainda assim Agnes estremeceu. Tinha tanto, tanto frio. Entrou em casa. Precisava da mãe.

Mas a casa estava vazia, havia um bilhete na mesa da cozinha com as coisas que Dabney deixara para o jantar de Agnes. No fim da nota, dizia: «O pai e eu estamos em casa dos Levinson. Não esperes por nós – contamos chegar a casa muito, muito tarde!»

Os Levinson. Dabney adorava a festa dos Levinson; a mãe tinha realmente esperado ansiosamente por isso. Não podia ligar para Dabney ou Box e estragar-lhes a noite só porque CJ não atendia o telefone.

Sentou-se à mesa da cozinha e pôs-se a roer as unhas. Tentou encontrar uma razão plausível para CJ ter perdido o voo. Se ele se tivesse ferido ou ficado doente, teria telefonado para o escritório. O que mais poderia ser? Teria sido atropelado por um autocarro? Teria apanhado uma bebedeira de *Dirty Gooses* de uma semana, depois de receber o anel de noivado, e estaria agora inconsciente num bar qualquer? Deveria Agnes telefonar a alguém? Os pais de CJ tinham falecido; havia um irmão algures no Norte do estado de Nova Iorque, mas ele e CJ não se falavam. CJ conhecia imensas pessoas, mas não era íntimo de ninguém, realmente, exceto Agnes. E Rocky... ele jogava *squash* com Rocky. O noivo tinha andado na escola no Collegiate, em Upper West Side, e depois um ano na Berkshire School antes de ir para a Universidade da Florida. CJ nunca falou de ninguém da escola secundária ou da universidade, exceto dos Florida Gators, que mais tarde se tornaram seus clientes. Agnes pensou então em Annabelle Pippin na sua casa à beira-mar em Boca Raton. Deveria telefonar a Annabelle e perguntar-lhe por CJ... por... Charlie Pippin, o seu ex-marido? Era estranho que CJ tivesse mudado de nome após o divórcio? Agnes tinha decidido que não se ia casar com CJ, não imediatamente, então porque se importava ela que ele tivesse desaparecido?

Não havia nenhuma resposta para isso, mas a verdade é que se importava. Sentia-se responsável.

O que fazer?

Telefonou a Riley. Ele seria capaz de a acalmar.

Mas a sua chamada foi direta para o atendedor, o que era invulgar. Agnes considerou ir até Antenna Beach para ver se ele estava a fazer *surf*. Olhou para o telefone. Precisava de mais amigos. Era culpa de CJ que ela não tivesse amigos.

Tentou contactar Riley novamente – a chamada foi direta para o atendedor. Em seguida, ligou a Celerie. Celerie não seria útil de nenhuma maneira, mas Agnes ansiava por uma perspetiva otimista de alguém e, bem, Celerie era líder de uma claque.

A sua chamada para Celerie também foi direta para o atendedor, o que era ainda mais estranho do que a chamada de Riley ter ido para o atendedor. Celerie não passava sem o telemóvel.

Agnes interrogou-se se Riley e Celerie teriam saído juntos, num encontro romântico. Perguntou-se se eles estariam juntos na cama. Teve de admitir que a ideia a incomodou.

O que fazer? Ligar à mãe? Ir até Antenna Beach em busca de Riley? Ligar a Rocky DeMotta?

Quase contra sua vontade, marcou o número de CJ, depois deu voltas à cabeça, à procura do que poderia dizer na mensagem. Deveria dizer *Olá, sou eu?* ou *Olá, é a Agnes?* Agora que devolvera o anel, achou que tinha praticamente abdicado do direito de dizer: *Olá, sou eu.*

– Estou?

Agnes ficou tão sobressaltada que quase deixou cair o telefone. CJ tinha atendido.

– Olá – disse ela. A voz dela soou clara e normal, mas os seus pensamentos dispararam como um cardume de peixes assustados. O que ia *dizer*?

– Olá, Agnes – disse CJ. A voz dele era calma e um pouco inexpressiva. – Onde estás?

– Em Nantucket – respondeu. – Em casa dos meus pais. E tu?

Clique. CJ tinha desligado.

DABNEY

Foi enquanto estava na fila do *buffet*, de olho na seleção de coberturas para o puré de batata e a pensar em *bacon, cebolinho, cogumelos salteados, cebola caramelizada, queijo cheddar, natas azedas*, que viu Clendenin entrar na tenda com Elizabeth Jennings.

Não é possível.

Mas ali estavam eles. Juntos, indiscutivelmente juntos. Clen andava... quê, então? A namorá-la? A mentir a Dabney?

O prato grosso de porcelana branca tremeu-lhe na mão e a sua visão começou a ficar desfocada. Não conseguiu servir-se de puré de batata, nem da cauda de lagosta grelhada, nem do bife do lombo, nem do apetitoso tomate com queijo *burrata*. Não conseguia comer nada agora; sentiu-se como se nunca mais conseguisse comer. Mas também não podia avançar pela fila do *buffet* com um prato vazio. Box estava logo atrás de si, e ela conhecia *toda a gente* naquela festa. Serviu-se de uma colher de puré de batata, uma cauda de lagosta, alguns espargos grelhados, e um tomate solitário; em seguida, olhou em redor para descobrir um lugar onde se sentar. Havia dois lugares vazios na mesa dos Levinson, mas, no seu atual estado de espírito, Dabney não queria comer com os anfitriões.

Alguém lhe tocou nas costas. Dabney virou-se. Clen e Elizabeth.

– Ora viva, Dabney! – disse Elizabeth. Parecia o gato que comeu o canário.

– Ora viva – respondeu Dabney. Doeu obrigar-se a sorrir, mas foi isso que fez. – Vejam só vocês os dois.

Clen vestia uma camisa azul e branca de guingão com o punho elegantemente virado para trás no pulso direito, e tinha feito a barba. A sua expressão, no entanto, era de pura infelicidade. Tinha o ar que Dabney teria se não estivesse a esforçar-se por esconder o que sentia.

– Dabney – disse Clen. Inclinou-se para a beijar no canto da boca. Foi como se um desconhecido a beijassem.

– Onde está o maroto do seu marido? Eu ainda estou zangada por ele ter saído da minha festa sem se despedir – disse Elizabeth.

Dabney olhou ao redor à procura de Box; estava mesmo atrás dela na fila do *buffet*. Não se afastara mais de três metros a noite toda. Mas agora, viu Dabney, estava sentado com os Levinson. Devia ter reparado em Clen e retirara-se. Do outro lado da tenda, Box acenou a Dabney.

Dabney retribuiu o aceno.

– Ali está ele – disse ela a Elizabeth. – Vá cumprimentá-lo.

– Vou sim – respondeu Elizabeth. A Clen, disse: – Volto já.

Dabney esperou até que Elizabeth estivesse a uma distância segura ao lado de Box antes de erguer os olhos para Clen.

– Vamos sair daqui – disse ele.

– O quê? – perguntou ela.

Ele tirou-lhe o prato de comida das mãos e colocou-o na bandeja vazia de um empregado de mesa.

– Vem comigo até à relva para eu poder falar contigo.

– Estás doido? – perguntou Dabney. – Está toda a gente a olhar para nós.

– Não me importo – respondeu Clen.

– Bem, importo-me eu – disse Dabney. Ouviu o riso trinado de Elizabeth, mas sabia que não importava que Box estivesse a ser muito espirituoso, porque também ele tinha um olho colado na sua mulher.

– Vem para a relva – disse Clen. – Para eu poder falar contigo.

Abriu caminho por entre duas mesas e dirigiu-se para a abertura lateral da tenda e para a noite púrpura lá fora.

Aquele era, compreendeu Dabney, um momento decisivo. *Todos nós fazemos escolhas.*

Dabney seguiu-o.

Tens andado a mentir-me. Andas com a Elizabeth Jennings.

Nós não viemos juntos. Encontrámo-nos na entrada e ela colou-se a mim. Foi uma coincidência terrível.

Esperas que eu acredite nisso.

Vim de bicicleta. Ela veio no velho *Mercedes* do Mingus, calculo eu.

Não planearam encontrar-se aqui?

Não planeei nada.

Quem é a jovem bonita de quem a Elizabeth me falou?

Dabney.

Diz-me! Isto, alto o suficiente para silenciar a tenda, mas, não, era apenas a imaginação de Dabney. Na realidade, da tenda chegava o rumor de vozes e risos e a banda a afinar os instrumentos.

A minha nova empregada de limpeza, disse Clen. Dediquei algum tempo a conhecê-la melhor.

Dabney franziu o sobrolho. Semanas antes, havia enviado a Clen uma nova empregada de limpeza brasileira, chamada Opaline.

Estás a falar da Opaline?

Da Opaline, sim.

Aquilo não batia certo. Opaline devia andar na casa dos trinta e muitos, e tinha cinco filhos no Rio de Janeiro; não era alguém que Dabney pudesse considerar jovem ou bonita. Tinha o cabelo pintado de cor de laranja e uma boca dura.

A Elizabeth anda atrás de ti. Disseste que ela te tentou beijar.

Tentou, sim. No entanto, um beijo requer duas partes interessadas.

Porque não te manténs longe dela? Diz-lhe para se ir embora. O que estás a fazer? A tentar torturar-me?

Não, Cupe, não estou a tentar torturar-te.

Bem, estás sim! Ela começou a chorar.

Como achas que me sinto, sabendo que ainda vives com o economista? Que partilhas a cama com ele? Tens andado a dizer que o vais deixar, mas sabes uma coisa, Dabney?

Ter usado o seu nome assustava-a.

O quê?

Tu nunca vais deixá-lo. Eu quero que sejas realmente apenas minha, mas nunca serás. Nunca.

Dabney lançou-se nos braços de Clendenin.

Seu idiota. Estúpido, teimoso, homem difícil. Eu sempre fui realmente apenas tua.

Ele abraçou-a com tanta força que as suas entranhas gritaram de dor, e depois beijou-a até que a sua visão escureceu e ela viu estrelas. Ia desmaiar de amor, morrer ali mesmo.

– Dabney!

Dabney não se deu ao trabalho de se virar para olhar para Box, nem de se afastar de Clendenin. Naquele momento, não viu razão para o fazer.

AGNES

Ligou a CJ três vezes, mas não obteve resposta. Supôs que devia sentir-se aliviada. Não tinha nada a dizer a CJ de qualquer maneira. Estava apenas contente que ele estivesse vivo. Se ele não queria aparecer ao seu cliente, paciência. Não era problema dela.

Desejou que Riley atendesse o telefone ou ouvisse as mensagens e lhe ligasse. Ou Celerie. Desejou que os pais voltassem para casa. Nunca antes tinha sentido medo ou desconforto naquela casa, mas agora sentia. Ligou o televisor para ouvir as vozes, e serviu-se da salada de frango da mãe e um *scone* de *cheddar*, que aqueceu e barrou com manteiga, mas estava demasiado agitada para comer. Podia sair sozinha, supunha – ir a Straight Wharf ou ao Cru, beber um copo de champanhe e comer ostras. Tinha a carteira cheia de dinheiro – Box enfiava-lhe notas de vinte, cinquenta e de cem na mão, de cada vez que ela saía de casa. Talvez conhecesse alguém simpático, alguém novo – homem ou mulher. O seu número de amigos era pateticamente baixo.

Pensou ter ouvido um barulho lá fora; houve um barulho como se alguém passasse entre os canteiros de hortênsias da mãe. Agnes teve medo de espreitar pelas janelas, pelo que se repreendeu. Nantucket era um dos lugares mais seguros do mundo. Metade dos vizinhos nem sequer trancava as portas de casa; Dabney e Box só faziam isso por causa das peças de arte.

A porta do apartamento de Agnes em Nova Iorque tinha quatro fechaduras.

Pegou nas chaves do carro. Não conseguia ficar sozinha em casa.

Deu por si involuntariamente a percorrer Polpis Road, em direção à casa de Clendenin. Ele estaria em casa; era um autoproclamado eremita, e Dabney estava na festa dos Levinson com Box, por isso não haveria perigo de interromper um encontro. Agnes achava fácil falar com Clen. Ele ouvia de uma forma que poucos homens ouviam, incluindo Box. Box ouvia cada terceira palavra que lhe diziam – só quando se falava de economia é que ele estava presente. Agnes compreendeu como era sedutor

para Dabney saber que as suas palavras eram valorizadas e apreciadas.

Iria falar com Clendenin.

Parou no caminho de acesso, mas a casa estava às escuras, e o coração de Agnes esmoreceu. Onde estava toda a gente esta noite? Parecia que o mundo inteiro a tinha abandonado. A mansão estava iluminada com as luzes habituais, controladas por temporizadores. Clendenin havia dito a Agnes que os proprietários da casa, os Jones, não iriam para Nantucket naquele verão, tendo escolhido ir para o Sul de França.

Agnes ficou sentada no caminho de acesso junto à casa de Clen e descansou a testa no volante do *Prius*.

Um feixe de luz dos faróis de um carro varreu a entrada da garagem, o que significava que Clen regressara a casa, graças a Deus. Ele usava o *Volvo* dos Jones apenas quando ia às compras ou para outras coisas em que não podia utilizar a bicicleta.

Os faróis apontavam diretamente para o para-brisa de Agnes, cegando-a, e ela percebeu que não era Clen no *Volvo*. Em pânico, pensou que estava tudo muito sossegado em Polpis Road, não havia vizinhos por perto para a ouvirem gritar por socorro, mas, a seguir, presumiu que o carro pertencia a alguém que estava perdido e tinha virado para a garagem errada. Saiu do *Prius*, pensando em ajudar essa alma perdida. Depois, deixaria uma nota a Clen e iria até à cidade para uma bebida.

Um homem saiu do outro carro e começou a andar em direção a ela.

Agnes pestanejou.

Era CJ.

DABNEY

Box não falou, e Dabney teve esperança de que ele julgasse que ela estava a resolver o que sentia por Clendenin Hughes, a tentar encontrar uma resolução e um apaziguamento, e de que o marido regressasse sensatamente para dentro da tenda.

O problema era que Elizabeth Jennings tinha seguido Box.

Dabney afastou-se descontraidamente dos braços de Clendenin, virou-se para Box e Elizabeth e disse:

– Está tudo bem, está tudo bem. Eu só me senti um pouco mal, é tudo.

Box fitou Clendenin, e Dabney pensou que pudesse haver outra briga. Queria desaparecer. A sua mente disparara, com o escândalo provocado pela situação. Amanhã, toda a gente estaria a falar de Dabney Kimball Beech; a cidadã mais estimada da ilha, a sua mais feroz defensora, seria denunciada como mentirosa e traidora.

E, no entanto, percebeu que *esta* era a sua oportunidade; todas as outras tinham constituído prática, um exercício. Ela não tinha a certeza se acreditava no destino, mas tinha a certeza de que Clendenin Hughes tinha perdido o braço e voltara para Nantucket por uma razão. Ele estava destinado a reconciliar-se com Dabney, antes que fosse tarde de mais. *Viva um momento de cada vez.*

Dabney pigarreou e dirigiu as suas palavras a um marido impossivelmente digno. Não se importava minimamente com Elizabeth.

– Disseste-me hoje que pensavas que eu poderia sentir alguma coisa pelo Clendenin, mas que não

sabias que sentimentos eram. A resposta é que... Estou apaixonada por ele. – Fez uma pausa, pensando se realmente acabara de proferir aquelas palavras. – Estive apaixonada por ele toda a minha vida. Desculpa.

Box assentiu, mas parecia que a lâmpada demorava a acender-se. Haveria forma de Dabney poder ter sido mais clara, ou amável? Finalmente, ele disse:

– Obrigado. Obrigado por me dizeres. Pensei que estava a ficar louco. É bom saber que os meus instintos estavam certos e que a minha sanidade mental, pelo menos, permanece intacta. – Com isto, Dabney viu-o ir embora, o seu brilhante e ilustre professor, o homem que a tinha salvado, o homem que a amava e permitira que ela fosse ela mesma, o homem que tinha criado Agnes como se fosse sua própria filha, um homem bom, íntegro. Dabney decidiu fazer-lhe o favor de não correr atrás dele e dar mostras de mais histrionismo.

Elizabeth fez um barulho, uma fungadela ou um pequeno grito, e depois disse: – Não fazia ideia.

– Francamente, Elizabeth, isto não é da tua conta – disse Clen.

– Eu também sabia que algo se passava – disse Elizabeth. – Soube-o no Quatro de Julho. – Abanou a cabeça como se para arrumar as ideias e, depois, lançou um sorriso vacilante a Dabney. – Têm aqui um belo triângulo amoroso.

Dabney pensou: *Havia alguma coisa de belo num triângulo amoroso?* Talvez houvesse. Talvez há anos, enquanto no «estrangeiro», a própria Elizabeth se tivesse envolvido num triângulo amoroso com Clen, ou desejasse envolver-se. O que sabia Dabney? O arrependimento oprimia-a naquele momento. Tinha armado uma grande confusão. Quando olhou para a tenda, as suas incandescentes paredes de pérola contendo luz e música, comida e conversa, percebeu que entre os seus arrependimentos contava-se o facto de que não iria dançar naquela noite.

– Vou voltar. Vejo-vos mais tarde, acho eu – disse Elizabeth.

– Tem uma boa noite – respondeu Clen.

Elizabeth caminhou de volta para a festa com determinação, e Dabney estremeceu. O seu bom nome estava prestes a ser destruído.

– Bem... – disse Clen.

– Bem, o quê? – perguntou Dabney.

– Vais ter de ir para casa no meu guiador.

AGNES

Havia uma garrafa de *Grey Goose* na mão esquerda de CJ, com dois terços consumidos. Agnes reparou nisso, e no fato amarrotado que, pelo aspeto, parecia que CJ tinha dormido com ele três dias seguidos. Tinha o cabelo em pé e mostrava os dentes cintilantes. Era absolutamente aterrorizador.

– Olá, querida – disse ele.

– Olá – respondeu Agnes. Sentiu-se muito tensa ao ouvir o som da voz dele e ao deparar com o seu aspeto físico não cuidado. Ele estava ali, tinha deixado o precioso Bantam Killjoy e fora a Nantucket para a ver. Havia algo de desesperado e romântico nesse gesto, e ela deu por si a repensar a sua decisão.

Ele entregou a garrafa de *vodka* a Agnes e disse:

– Queres?

Ela aceitou a garrafa; estava gelada. Levou-a aos lábios e bebeu um bom trago, grata pelo líquido frio a queimar-lhe a garganta e o peito. Respirou fundo. Pousou a garrafa sobre o capô do *Prius*.

O que dizer?

Não tinha a certeza. Esperou.

CJ tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a com força, os dentes puxando-lhe os lábios. Agarrou-a pelo cabelo, que tinha crescido para além da nuca durante o verão, e puxou-lhe a cabeça para trás como se ela fosse uma boneca que pretendesse decapitar.

– Devolveste-me o anel – disse ele.

– Eu... – Não conseguia falar; o seu pescoço estava tão esticado que a pele repuxava, ele estava a magoá-la, e ela não conseguia respirar. – Solta-me... – disse.

Ele avançou para ela com a boca, mordeu-lhe e chupou-lhe a clavícula, mastigando-a como um cão raivoso. Estava a *magoá-la*.

– Larga-me! – disse ela.

CJ segurou-a pela nuca e agarrou-lhe no pulso esquerdo, logo abaixo da pulseira *Cartier*. O seu punho era férreo, um tipo diferente de pulseira, uma pulseira de fúria. Empurrou-a contra a lateral do *Prius*. Sentiu-o ereto contra a perna, mas não achou excitante. Não ia ter relações sexuais com CJ ali no caminho de acesso de Clendenin.

Tentou afastá-lo, mas ele agarrou-a ainda com mais força.

Hematomas, pensou. *Ele vai deixar hematomas*.

– Larga-me – disse. Ele tinha um punhado do seu cabelo na mão. – Estás a magoar-me, CJ.

– A magoar-te – disse ele. – *A magoar-te?* – gritou. – Vamos falar sobre quem está a magoar quem aqui. Devolveste-me o anel! Depois de tudo o que fiz por ti!

– Sim – disse Agnes, tentando acalmá-lo. – Fizeste muito por mim...

– Não sabes nem da missa metade! – gritou ele. – Aqueles teus miúdos favoritos, aqueles com quem te preocupavas tanto? O Quincy e ...?

– A Dahlia – berrou Agnes.

– Comprei um apartamento para a mãe deles! – gritou CJ. – Um maldito apartamento, para que eles pudessem ter casa. Queria fazer-te uma surpresa.

– Oh, meu Deus – disse Agnes. CJ tinha comprado um apartamento para a mãe de Quincy e Dahlia? Agnes não podia acreditar. E, no entanto, era exatamente o tipo de coisa que CJ fazia. Ele era incrivelmente generoso com bens materiais, porque havia uma qualquer deficiência no seu coração.

– Obrigada – disse Agnes. – Isso foi muito amável...

– *Amável?* Achas que o fiz para ser *amável*? Fi-lo porque te amo!

– Larga-me o cabelo, CJ – disse ela. – E o braço. – Ouviu Manny Partida, claro como o dia: *Não ficaria de consciência tranquila se não te contasse*. – Devolvi o anel, porque... – disse Agnes. – Porque...

– Porque o quê? – perguntou ele.

– Porque não me quero casar contigo, CJ.

CJ puxou-lhe a cabeça para a frente, quase até ao seu peito, e bateu com ela no *Prius*. Agnes arquejou. De manhã, haveria um alto, pensou. Um galo.

– Para – pediu. – Por favor, CJ.

– Por favor, Charlie – disse ele. – Por favor, Charlie, por favor, Charlie, por favor, Charlie. – Bateu-lhe com a cabeça contra o carro outra vez, e outra vez. Agnes estava confusa sobre o que se passava; sentiu algo quente e húmido no cabelo. Estava a sangrar?

– Sua cabra! – gritou ele. – Depois de tudo que fiz por ti! Vens para cá e comes a comer outra pessoa!

– Não – gritou ela. – Não! Juro que não fiz isso!

Ele voltou a bater-lhe com a cabeça no carro e, desta vez, a dor fez os joelhos de Agnes cederem. CJ levantou-a por um braço; ia deslocar-lho. *Puxões de cabelo, torcer o braço, coisas muito desagradáveis.* Ela ia desmaiar. *O teu noivo é bom tipo?* Havia um fio pegajoso a correr pela parte de trás do seu pescoço, e Agnes vomitou sobre as conchas do pavimento do caminho de acesso.

– *Que raio se passa aqui?* – Outra voz, grave como a de um urso. E depois um grito estridente que Agnes reconheceu como a voz da mãe.

Querida!

CJ largou Agnes e ela caiu ao chão. Tocou na cabeça. Sangue. Não conseguia mexer o braço esquerdo.

Ouviu uma luta, respiração pesada, punhos contra carne. CJ estava a lutar com Clendenin. Clen, que tinha apenas um braço.

– Clen, para, vais magoar-te! – gritou Dabney.

Magoar, pensou Agnes. Magoarmagoarmagoarmagoarmagoarmagoar.

O sangue que lhe escorria pelo pescoço era metade do sangue de Clendenin.

Agnes abriu os olhos a tempo de ver Dabney subir as escadas do alpendre e pensou: *Chama a polícia, mãe! Vai lá dentro e chama a polícia!* Não conseguia articular as palavras. CJ desferia socos em Clen da mesma forma que ela costumava vê-lo atacar o saco de boxe no ginásio. Implacavelmente. E, ainda assim, Clen estava de pé, ainda atacava com o braço direito.

Agnes recordou o momento em que CJ Pippin lhe fora apresentado, no salão de festas do Waldorf, com uma orquestra completa a tocar em fundo e canapés a serem servidos em bandejas de prata. O seu baile de beneficência tinha sido o completo oposto da causa para a qual estavam a angariar dinheiro. Agnes lembrava-se do desconforto que isso lhe causara, mesmo sabendo que organizar festas esplendorosas era a única forma de manter as portas abertas. CJ tinha-a convidado para dançar e, depois, trouxera-lhe um copo de champanhe. Então, durante o leilão, ele levantou a mão e doou cem mil dólares. Agnes sentira-se arrebatada pela sua generosidade. Ele parecera-lhe um herói na altura.

– Deixa-o em paz, seu monstro! – disse Dabney. Estava no último degrau do alpendre com uma arma nas mãos.

Uma arma?, pensou Agnes. A minha mãe?

Percebeu então que era a espingarda de Clendenin. Mas, no escuro, a arma parecia formidável, ou pelo menos deve ter parecido a CJ, porque ele largou imediatamente Clendenin e ergueu as mãos no ar.

– Você é louca – disse CJ a Dabney. – Maluca, doida varrida. Sabia?

– Sim – disse Dabney, caminhando para CJ com a pressão de ar e apontando diretamente à cara dele. – Estou bem ciente disso.

Agnes fechou os olhos. De repente sentia-se muito, muito cansada. Pensou: *A minha mãe está a apontar uma arma ao CJ.* Pensou: *A minha mãe é louca. Mas eu adoro-a. Adoro-a tanto.*

Fez as malas, nada de anormal nisso; durante toda a sua vida com Dabney fizera as malas todas as segundas-feiras e desfizera-as às sextas-feiras; durante toda a sua vida com Dabney tivera duas vidas, a sua vida ali em Nantucket com ela e a vida em Cambridge – ou Washington, Nova Iorque, Londres – sem ela.

Teria sido esse o problema?

Qual delas fora a sua vida «real»? Nunca teve oportunidade de fazer a si mesmo a pergunta, embora nos primeiros tempos do casamento, Dabney costumasse atormentá-lo. Ele gostava mais de Harvard do que a amava a ela? Gostava mais da economia do que a amava a ela?

És a minha mulher, respondia sempre. *Amo-te de uma forma que não se pode gostar de uma universidade ou de uma matéria de estudo.*

Ela perguntara-lho – havia quinze ou vinte anos –, porque amava outra coisa mais do que ele: outra pessoa, o rapaz que a tinha deixado. Nunca lhe mentira acerca disso. No dia em que Box a pediu em casamento, ela disse: *Eu vou casar-me contigo, mas deves saber que nunca vou recuperar daquilo que sinto pelo Clendenin Hughes. Ele não me despedaçou o coração apenas, ele roubou-mo.*

Ela tinha-o avisado.

Outro homem poder-se-ia ter afastado. Afinal, quem queria ser o número dois? Mas a verdade era que o espectro de Clendenin Hughes nunca incomodara Box. Clendenin Hughes estava do outro lado do mundo. Nunca iria voltar, mas, se o fizesse, depararia com as ruínas do que tinha deixado para trás. Certamente não estaria em condições de recuperar Dabney nem Agnes.

Isso era o que Box pensara.

Talvez, se o professor tivesse sido um marido mais atento, Dabney tivesse sido capaz de resistir à tentação do regresso de Hughes. Box era culpado de ser ocupado e distante, de tomar Dabney por garantida, de deixar espaço suficiente no seu casamento para que Dabney andasse para trás e para a frente sem ser detetada. Ele sabia que, em casamentos melhores, mais íntimos, tais espaços não existiam. Ou talvez os sentimentos de Dabney por Hughes se tivessem tornado mais fortes e mais profundos só por ela o ter perdido. Box nunca tinha sido bom a compreender as complexidades das outras pessoas, nem mesmo, infelizmente, as suas próprias, mas percebeu que ser inatingível constituía um poderoso afrodisíaco, era quase impossível lutar contra isso. Tratava-se, pensou, com uma boa dose de ironia, da simples lei da oferta e da procura a funcionar. Nós queremos sempre o que não podemos ter.

Fez uma mala, duas malas, três malas. Levava tudo o que era importante, até coisas em duplicado que tinha em Cambridge. De uma forma infantil, talvez, queria que Dabney entrasse naquele quarto naquela noite e sentisse a sua ausência.

Estou apaixonada pelo Clendenin. Sempre estive apaixonada por ele toda a minha vida. Desculpa.

Desculpa, pensou Box. *Desculpa?*

Ele poderia argumentar tudo o que quisesse, mas a verdade era que estava em crise, o seu banco falira, a sua economia pessoal desmoronara. Iria sair daquela casa. Deixaria a melhor mulher que alguma vez conhecera, de facto, o melhor ser humano que já havia conhecido – e, sim, ele ainda acreditava nisso. Ele era John Boxmiller Beech, professor de Harvard, autor de livros didáticos, consultor económico do presidente dos Estados Unidos, mas nada disso importava, sem Dabney.

CLENDENIN

Foi até à esquadra da polícia com CJ e o agente que o prendeu, enquanto Dabney levou Agnes para o serviço de Urgência. Acabou por ser uma noite muito longa. CJ foi acusado de agressão agravada e Agnes recebeu trinta e cinco pontos no couro cabeludo e foi internada no hospital durante a noite, para observação.

Quando Clen e Dabney finalmente se encontraram novamente na casa de hóspedes, por volta das quatro horas da manhã, Clen serviu um copo de *Gentleman Jack* para si e um copo de vinho para Dabney e sentou-se à mesa de carvalho grande, no escuro. Bebeu o *bourbon* de um trago; não se estava a sentir grande coisa. CJ rebentara-lhe o lábio, fizera-lhe uma contusão na cara e pusera-lhe um olho negro. No caminho de regresso do hospital, Dabney tinha parado no supermercado para comprar um saco de ervilhas congeladas e um bife.

– Para a tua cara – dissera ela.

– E talvez para o jantar de amanhã à noite – dissera Clen.

Dabney tomou um gole de vinho.

– A jovem bonita com quem te tens encontrado é a Agnes?

Clen serviu-se de *bourbon*, mas deixou-o à sua frente. Rodou lentamente o copo.

– Sim – respondeu. – Ela veio cá à tua procura e encontrou-me.

Os olhos de Dabney brilhavam com lágrimas. Felizes, esperava ele, embora não tivesse a certeza.

– E como tem sido... entre ti e ela?

Clen sabia que a sua resposta era importante; aquela noite fora como um rolo compressor emocional. Não havia outro caminho a tomar a não ser o da verdade.

– As coisas entre nós foram fantásticas – disse ele. Bebeu o *bourbon*. – Criaste um ser humano inteligente, sensível e bondoso. Ela é tua filha, Dabney. Eu não tenho absolutamente nenhuma reivindicação sobre ela.

– O Box é um excelente pai – disse Dabney. – Eu não poderia ter pedido melhor. Mas há coisas na Agnes que são puramente tuas.

– Eu vi essas coisas – disse Clen. – Mesmo no pouco tempo em que a conheço.

– Bem, agora que a encontraste, não a percas.

Não havia palavras que ele pudesse oferecer em resposta, por isso Clen pegou na mão de Dabney e levou-a para a cama.

AGNES

Quando Agnes acordou no hospital, Dabney estava sentada numa cadeira ao lado da cama. Usava a fita no cabelo e as pérolas, mas parecia exausta.

– Estiveste aqui a noite toda? – perguntou Agnes.

– Não, estive em casa do Clendenin por pouco tempo, tomei duche e dormi um bocadinho, mas queria estar aqui quando acordasses.

Agnes reparou na frase *estive em casa do Clendenin*, mas não soube o que fazer com ela.

– Onde está o pai? – perguntou.

– Está em Cambridge. Apanhou o último *ferry* na noite passada. Ele... tinha de voltar.

– Será que ele sabe o que aconteceu?

– Eu liguei-lhe e deixei uma mensagem – disse Dabney. – Tenho a certeza de que te vai ligar, ou te vem ver. Ele gosta muito, muito de ti.

– Eu sei – disse Agnes. Recostou-se nas almofadas. Doía-lhe a cabeça e tinha sede. – Tinhas razão, mãe. O CJ não foi feito para mim.

Dabney apertou-lhe a mão.

– Vais encontrar alguém feito para ti um dia, querida – disse. – Isso posso prometer-te.

*

A prisão de CJ teve direito a uma notícia de cinco centímetros na secção de desporto do jornal *New York Post*, e Agnes recebeu uma chamada no telemóvel de um produtor da ESPN que queria fazer um segmento sobre «A Queda em Desgraça de Charlie Pippin». Annabelle Pippin já tinha concordado em falar, dissera o produtor.

Agnes não retribuiu a chamada. Annabelle que falasse com a imprensa sobre a queda em desgraça de Charlie Pippin. Agnes queria esquecer que ele alguma vez existira.

CJ fora acusado de agressão agravada, mas ia declarar-se culpado. Haveria pena de prisão, doze a dezoito meses; haveria aulas de controlo de raiva e horas de serviço comunitário. Fora demitido da empresa. Bantam Killjoy era agora representado por Tom Condon.

A culpa fora toda dele. Agnes tinha rompido o noivado e despedaçado o seu coração, mas havia outras maneiras de lidar com isso sem ser bater com a cabeça de Agnes num carro. CJ precisava de ajuda. Voltaria a fazer aquilo à próxima mulher se não se tratasse.

Nos dias que se seguiram, as mensagens de voz acumularam-se no telemóvel de Agnes: Wilder, do trabalho, telefonara, assim como Manny Partida; Dave Patterson, da Island Adventures; Jane Meyer, colega de quarto de Agnes em Dartmouth (tinha visto o *Post*); Rocky DeMotta ligara, dizendo como ele e o resto da empresa lamentavam; Celerie e Riley também telefonaram.

Na verdade, a única mensagem que importava a Agnes era a de Riley. «Olá, Agnes, soube do que aconteceu. Vou dar-te espaço, mas, quando estiveres pronta, estou aqui para falar. Podemos passear na praia e atirar a bola à *Sadie*», dissera ele.

Agnes iria perder uma semana de trabalho. Estava a tomar oxicodona; a cabeça tinha de sarar. Teria muito tempo para ficar deitada na cama e pensar.

*

A mãe levava-lhe bandejas de comida, medicamentos, água fresca com rodela fina de limão; levou-lhe DVD e livros. Agnes não tinha apetite e não conseguia concentrar-se no televisor, nem ler. A água fresca e os medicamentos eram tudo o que desejava, assim como o quarto escuro, as almofadas fofas e saber que Dabney estava lá. Tinha uma visão recorrente de si mesma e de Riley a caminhar ao longo de Ladies Beach com o céu rosado enquanto uma bola de ténis voava pelo ar. *Vai buscá-la, Sadie! Corre!*

A mãe entrou e sentou-se na cama. Deu uma palmadinha na perna de Agnes.

– Sentes-te melhor hoje? – perguntou Dabney.

– Sim – disse. – Na verdade, sinto. – A sua visão era clara, a cabeça estava mais leve e a dor a desaparecer. Agnes sentia-se pronta para se levantar, para seguir em frente. Mas a mãe tinha algo a dizer.

– Deves ter notado que o Box não está cá.

– Ele liga-me todos os dias – disse Agnes. – Queria vir, mas eu disse-lhe para não se preocupar. Sinto-me melhor.

Dabney respirou fundo.

– O Box foi-se embora, querida. Deixou-me, foi-se. Descobriu sobre o Clendenin... descobriu que o Clen e eu somos amigos de novo. Que estamos apaixonados.

– Oh – disse Agnes.

– Eu estraguei tudo – disse Dabney. – Estraguei mesmo tudo. – Começou a chorar, cobrindo o rosto com as mãos, e Agnes sentia-se bem o suficiente para se aproximar e abraçar a mãe. Não tinha sido abençoada com poderes sobrenaturais nem visão especial, mas era capaz de entender que a mãe amava dois homens ao mesmo tempo. Perdoá-la-ia por isso, porque sabia que Dabney não o conseguira evitar.

DABNEY

Na sexta-feira, Agnes estava suficientemente bem para ficar em casa sozinha, e Dabney pôde voltar para a Câmara. Recebera inúmeras mensagens de Nina Mobley, pedindo-lhe para lhe ligar para o escritório ou para casa, a qualquer hora do dia, mas Dabney concentrara-se em Agnes. Tinha telefonado a Box diariamente para o manter a par da situação e fora dar constantemente ao atendedor. Além de Clen, Dabney não tinha falado com ninguém.

Às nove menos dez, encontrou Nina Mobley sentada no banco à porta do escritório da Câmara de Comércio, com dois copos de café.

Os olhos de Nina encheram-se de lágrimas.

– Graças a Deus – disse ela. – Comprei dois cafés por dia, esta semana, esperando que aparecesses, e todos os dias tinha de os beber. A cafeína tem-me dado cabo dos nervos.

Dabney pegou num dos cafés. Fora feito na perfeição com natas e seis cubos de açúcar por Diana, da *drugstore* do outro lado da rua. Dabney sentou-se no banco ao lado de Nina e olhou para a fachada do edifício da Câmara que lhe era tão familiar como olhar para um espelho.

– Não sei como te hei de dizer isto.

– Diz-me – pediu Dabney.

– O Vaughan Oglethorpe está lá em cima à tua espera – disse Nina.

Dabney bebeu um gole de café. Não sabia por que se sentia surpreendida com esta notícia. Vaughan tinha vindo para a demitir. E porque não? Ela era uma vadia e uma galdéria e uma vergonha.

– Acho que é melhor eu ir lá para cima, então – disse Dabney. – Ele sabe de tudo?

– Gostava que me tivesses telefonado – disse Nina. – Quase fui a tua casa, mas achei que tu e a

Agnes mereciam privacidade.

– Obrigada – disse Dabney.

– O Vaughan tem o registo – avisou Nina. – Eu disse-te para não o assinares. Eu disse-te que te daria cobertura.

– Eu não queria que tivesses de mentir – respondeu Dabney. Mais café. O café era a única coisa que a impedia de gritar. – Tu és uma pessoa atenta. O que é que andam a dizer?

– Podia ser pior – disse Nina. – Mas sabes como são as pessoas nesta ilha.

Sim, Dabney sabia como as pessoas da ilha eram – coscuvilhavam sem piedade, rasgavam a reputação dos outros em pedaços, como tubarões perante uma foca a sangrar. Fechou os olhos enquanto recordou como as pessoas tinham sido brutais com Tammy Block quando a notícia sobre ela e Flynn Sheehan se espalhara. Dabney estremeceu. Ela fora *responsável* por isso, ou parcialmente. Tinha visto a aura rosada em torno deles.

– O que ouviste exatamente? – perguntou.

– Que tu admitiste estar apaixonada pelo Clendenin. Que te tens encontrado com ele em segredo desde que ele regressou à ilha. Que comunicaste em segredo com ele, nos últimos vinte e sete anos. Que lhe mandavas dinheiro para a Ásia.

– *Não* durante vinte e sete anos! – disse Dabney. – *Não* lhe enviei dinheiro para a Ásia! – Mas, ao dizer isto, percebeu que, no que dizia respeito à coscuvilhice, não era possível distinguir entre o que era verdade e o que não era.

– Também corre um boato de que tu e o Box têm um «arranjo», porque o Box é *gay* e tem uma relação sexual com o presidente da Reserva Federal.

– Estás a brincar! – exclamou Dabney. – Alguém proferiu realmente essas palavras? Uma relação sexual com o presidente da Reserva Federal?

– Sim – disse Nina. – Teatro do absurdo. Eu não sei onde é que as pessoas vão buscar estas coisas. – Olhou para o copo de café como se fosse um poço profundo. – Ainda mais estranho, alguém ouviu dizer que tu tens um cancro em fase terminal e que querias voltar para o Clen antes de morrer.

Oh, meu Deus, pensou Dabney. Sentiu-se tonta, tonta como se fosse desmaiar, e concentrou-se nos seus mocassins, alinhados um ao lado do outro, tão firmes quanto o horizonte.

– Gostava que me tivesses telefonado – disse Nina. – Teria sugerido que falasses com o Vaughan e intercetasses tudo isto. Ele adora-te, Dabney. É duro contigo, sim, mas como um professor com o aluno favorito. Podias ter explicado.

– O que há para explicar? – perguntou Dabney. – O homem conhece-me desde que nasci. Não pode ter ficado surpreendido.

– Eu teria queimado o livro de registo, tê-lo-ia deitado em Old North Wharf – disse Nina. – Até podia nem ser necessário fazer isso. O Vaughan ter-te-ia perdoado as horas de ausência. Afinal de contas, a Câmara funciona como um relógio, e os nossos cofres estão mais cheios do que nunca, graças a ti. – Nina levou a cruz de ouro à boca, depois largou-a e arrastou-a pelo fio. – Mas havia um membro do conselho, há sempre um, que queria a tua cabeça numa bandeja.

– A Elizabeth Jennings – disse Dabney.

Nina assentiu sombriamente.

– Bem, é melhor eu ir para cima – disse Dabney.

Vaughan Oglethorpe estava sentado na cadeira de Dabney, com os pés em cima da secretária, o que ela achou ofensivo. Era a velha secretária do seu pai, uma secretária que Dabney amava mais do que qualquer outra peça de mobiliário ou objeto de arte em sua casa. Vaughan tinha o livro de registo aberto sobre as pernas; folheava-o, fazendo anotações num bloco. Quando a viu, levantou-se.

Tinha setenta e oito anos, a mesma idade que a mãe de Dabney teria. Vaughan e Patty Benson tinham namorado durante um verão; era só *gins* tónicos, jantares dançantes no Sankaty Beach Club e passeios por Milestone Road no *MG* descapotável de Vaughan, que era o veículo que ele conduzia quando não estava ao volante do carro funerário do pai. Era a única pessoa com quem Dabney ainda tinha contacto que conhecera a sua mãe. Mas Patty tinha deixado Vaughan, e Dabney suspeitava que ele sempre a odiara um pouco por essa razão, apesar das suas exhibições de afeto paternal.

O escritório cheirava a formol.

Ela ia ser cremada, concluiu.

– Dabney – disse Vaughan. A sua voz era tão pesada e sombria como uma nuvem de tempestade. Ele nunca tinha sido substituído como presidente do Conselho, imaginava Dabney, porque as pessoas o receavam como receavam a morte.

– Vaughan – disse ela. Sorriso brilhante. Fresca com a sua fita no cabelo e as suas pérolas, apesar de ter dormido um total de dez horas durante toda a semana e ter perdido imenso peso. Talvez ele não a demitisse. Talvez fosse só um aviso.

– Chegou ao meu conhecimento que tiveste problemas pessoais que te impediram de fazer o teu trabalho. – Levantou o livro de registo. – Desde o Fim de Semana do Narciso, faltaste um total de catorze dias e, nos dias em que estiveste presente, ausentaste-te do escritório num total de cento e noventa e duas horas.

Aquilo estaria *certo*? Todos os almoços roubados, tardes inteiras na praia com Clen. Dias em que estivera legitimamente doente na cama. Os últimos quatro dias a cuidar de Agnes. O almoço estúpido no Yacht Club com Box. Clen, Clen, Clen. Faltara cento e noventa e duas horas. Ficou horrorizada. Ela própria se teria demitido.

– O Conselho não está satisfeito – disse Vaughan. – Um membro em particular. Ela pensa que a tua vida pessoal afetou o teu desempenho no trabalho.

Ela quer o Clen, pensou Dabney. *Não há nada mais perigoso do que uma mulher desprezada*. O que estava Elizabeth a fazer no conselho, afinal? Não possuía nem trabalhava para uma empresa de Nantucket. Mas tinha dinheiro e influência; era uma residente de verão que «se importava» com Nantucket. Tinha usado os seus encantos com Vaughan Oglethorpe, batera as pestanas, exibira a sua bela manicura e talvez lhe tivesse prometido algo em troca.

Ainda assim, Dabney não disse nada. Ele ia despedi-la?

– O Conselho votou e foi decidido que está na hora de te pedir para renunciare.

Naquele instante, Dabney percebeu que Riley e Celerie estavam nas suas secretárias, calados como ratos, olhando diretamente para o escritório da frente e ouvindo cada palavra.

– Renunciar? – disse Dabney.

– Estou a pedir que te demitas, Dabney – respondeu Vaughan.

A pedir-lhe a demissão? A pedir-lhe para se demitir? Ela, Dabney Kimball Beech, *era* a Câmara de Comércio de Nantucket. Com a ajuda de Nina, ela transformara Nantucket na comunidade de negócios próspera que agora era. Em 1992, a Câmara tinha 340 membros, um orçamento de 175 mil dólares, e havia 30 mil visitantes por ano. Vinte e dois anos mais tarde, sob a liderança de Dabney,

havia 620 membros, um orçamento de 1,2 milhões de dólares e 75 mil visitantes por ano.

Deveria citar estas estatísticas? Certamente que ele já as conhecia. Mas isso não importava, porque ela, Dabney Kimball Beech, tinha feito o que inúmeras pessoas fantásticas tinham feito antes. Provou ser humana.

– Tudo bem – disse Dabney. – Vou só arrumar as minhas coisas. – Olhou ao redor do escritório, interrogando-se por onde começar. As secretárias eram dela, os tapetes orientais, as fotografias originais de Abigail Pease, que todos os visitantes sem exceção comentavam, as velas com aroma de maçã verde. Como poderia arrumar esse cheiro?

– Vou pedir à Nina Mobley que assuma o cargo de diretora executiva – disse Vaughan. – Pressuponho que aproves essa escolha.

– Sim – disse Dabney. Não podia imaginar que Vaughan Oglethorpe ou qualquer outra pessoa no Conselho se importasse com o que ela pensava agora. Estava a ser descartada como um pedaço de lixo.

De repente, Nina apareceu.

– Se está a pedir à Dabney que se demita, então pode muito bem pedir-me a mim também, porque eu não vou trabalhar aqui sem ela.

– Nina – disse Dabney. Mas Nina já estava a arrumar as coisas da sua secretária. Tirou o calendário do Nantucket Auto Body, que ambas haviam consultado centenas de vezes por dia. Dabney percebeu que o que Nina tinha dito era verdade. A amiga nunca teria sido capaz de trabalhar naquele escritório sem ela.

Vaughan juntou as mãos; a falsa compaixão exigida a um agente funerário veio à superfície.

– Lamento muito ouvir isso, Nina. Deixe-me encorajá-la a reconsiderar.

– Eu também me demito – disse Celerie, parada à porta do escritório das traseiras. – A Dabney Beech é o meu ídolo! Ela é a minha heroína! Nunca conheci ninguém como ela! Inspirou o meu amor por esta ilha! Fez-me apreciar a sua singularidade e fez-me querer ser sua defensora! Fez-me pensar nesta ilha como a minha casa, e eu cresci muito, muito longe daqui! Sou dedicada a Nantucket, mas, mais do que isso, sou dedicada à Dabney Kimball Beech!

– Eu também me vou embora – disse Riley. Segurava a guitarra, um exemplar de *As Vinhas da Ira* e a fotografia emoldurada de *Sadie*, a labrador cor de chocolate, que tinha na sua secretária.

– Esperem – disse Vaughan. – Por favor, esperem um minuto. Não podem deixar tudo.

Nesse momento, o telefone tocou, e isso pareceu dar a Riley uma grande alegria. Sorriu abertamente, mostrando os dentes perfeitos.

– Com todo o respeito – disse ele a Vaughan –, é melhor o senhor atender o telefone.

BOX

A dorava Cambridge no outono, inverno e primavera, mas não gostava daquele lugar no verão. Não teria gostado na melhor das circunstâncias, mas agora achava-o insuportável – ar condicionado em vez das janelas abertas, o *campus* inundado de visitantes estrangeiros. Até o rio Charles era uma decepção; parecia leite com chocolate estragado e cheirava ainda pior.

Box comeu todas as refeições fora, a maioria das vezes aventurando-se do outro lado do rio, até

Boston, porque lhe prolongava a noite. Andava pela mesma razão. Agora, não havia nada mais deprimente do que o seu apartamento depois de escurecer. O que lhe apetecia era sentar-se numa cadeira de frente para a janela e beber uma garrafa inteira de vinho ouvindo o *Requiem* de Mozart.

O que tinha ele feito de errado?

Os seus pensamentos saltavam como um disco riscado: tinha posto o trabalho em primeiro lugar, tinha tomado Dabney por garantida, tornara-se complacente com o acordo entre ambos, nem sempre correspondera aos avanços apaixonados da mulher especialmente nos últimos anos, adotara uma atitude passiva e conformara-se, tinha presumido que ela criaria a sua própria felicidade e se ocuparia de coisas que a entusiasmassem, e adivinhem? Fora isso mesmo que ela fizera!

Não podia fingir que estava surpreendido.

Se vinte e cinco anos antes soubesse que tudo acabaria assim – Dabney voltaria para Clendenin –, ter-se-ia casado com ela, na mesma?

Sim. A resposta era sim.

Ao sair do Grill 23 uma noite, Box esbarrou com um indivíduo que lhe pareceu familiar. Era... não conseguia dizê-lo à primeira. Tinha bebido muito vinho. Era...

O homem estendeu a mão.

– Box? – perguntou. – Christian Bartelby.

– Oh! – disse Box. – Olá! – E, em seguida, quando o seu cérebro processou quem era exatamente *Christian Bartelby*, convocou algum entusiasmo. – Sim! Olá, Christian Bartelby! O bom médico! – Estava a balançar nos pés. Tinha comido no bar e a formosa empregada convencera-o a terminar a noite com um copo de vinho do Porto *vintage*. Box havia contemplado a empregada e perguntara-se por que razão nenhuma outra mulher no mundo lhe despertava o interesse, por muito bonita ou sedutora que fosse.

Christian prolongou o aperto de mão a Box um pouco mais.

– Já deve saber que a Miranda foi para Nova Iorque.

– Sim – disse Box. – Parece que nos deixou aos dois.

Christian Bartelby soltou a mão de Box e passou-a pelo cabelo. Vestia uma *T-shirt* azul-marinha sob um *blazer* azul-marinho, calças caqui e mocassins sem meias. Box perguntou-se se Christian Bartelby iria para o restaurante para um encontro. Toda a gente seguia em frente, menos ele?

– E a sua mulher? – perguntou Christian Bartelby. – Como está?

– Ah – confessou Box. – Ela também me deixou.

– Deixou-o? – disse o Dr. Bartelby.

– Parece que sim – respondeu Box, mas não conseguiu dizer mais nada, por isso despediu-se do bom médico e foi-se embora.

Todos os dias recebia um telefonema de Agnes, «só para saber como estava».

– Pai? – perguntou ela. – Estás a trabalhar?

– Sim.

– Tens comido?

– Sim.

– O quê?

– O quê?

– O que tens comido?

– Tenho comido fora, grande parte das vezes. Nos locais habituais. O Freddy da Russell House está cansado de mim. – Box pigarreou. – Como está a tua mãe?

– Ela... perdeu o emprego – disse Agnes.

– O quê? – exclamou Box.

– O Vaughan Oglethorpe e o Conselho pediram a demissão dela.

– Por que *razão*? – perguntou ele. – Não por causa do assunto com o Hughes. Isso não é legal. A vida pessoal dela é privada e independente.

Houve uma longa pausa.

– Ela faltou muito ao trabalho este verão, pai – disse Agnes. – Estava tudo documentado. A Elizabeth Jennings faz parte do Conselho, e a mãe achou que talvez tenha sido uma vingança pessoal.

Agora foi a vez de Box ficar calado. *Ela faltou muito ao trabalho este verão*. Porque estava com Clendenin, como Box estava por perto e Agnes estava em casa, Dabney tivera de realizar os encontros durante o horário de trabalho.

Oh, Dabney, o que fizeste? A tua vida está a desmoronar-se. Não tinha de ser desta maneira. Valeu a pena? Ele vale a pena?

E, ainda assim, Box sentiu indignação em nome de Dabney. Vaughan Oglethorpe era um idiota arrogante e pomposo, e Elizabeth Jennings era mesquinha e invejosa. Eles tinham feito uma coisa inconcebível ao pedir a Dabney para se demitir. Não importava quanto tempo Dabney havia faltado. Box e toda a gente sabiam que Dabney poderia gerir a Câmara de Comércio com uma perna às costas, ou a partir de um posto avançado na superfície de Marte.

Deixem a minha mulher em paz!, pensou.

– Ela está aí? – perguntou impulsivamente. Dabney ligara-lhe todos os dias com atualizações sobre o ferimento na cabeça de Agnes, mas ele não atendera uma única vez, porque até ouvir a voz dela numa mensagem o deixava muito perturbado. Mas parecia-lhe impossível que *tivesse sido demitida da Câmara* (até a frase era inconcebível), e não lhe tivesse ligado para o informar. Supunha que era aquilo que o seu novo estado significava. Separados.

– Hum... – disse Agnes. – Não, ela não está em casa.

Não está em casa, pensou ele. *Claro que não*.

DABNEY

Havia apenas mais um segredo que guardava, e estava na hora de o revelar.

Clen recebeu a notícia em silêncio, como Dabney sabia que aconteceria. Esperou até depois de terem feito amor, porque a sua vida amorosa era preciosa para ela e não tinha a certeza de quanto mais tempo desfrutaria dela. Seria uma das coisas de que mais sentiria falta – Clen dentro dela, a boca faminta nos seus seios, os seus gemidos animais de alegria e gratidão. Ele era tão terno que a levava sempre às lágrimas.

Deitou-se exausta e suada, com a cabeça no peito dele. Era surpreendente a maneira como a

rodeava com um braço, como a fazia sentir-se mais segura e mais protegida do que qualquer homem com dois braços. Dabney lembrou-se de quando tinha acreditado que os seus sintomas – a dor na barriga, o cansaço constante, a falta de ar, a perda de apetite – resultavam da posição impossível em que se tinha colocado. Amar dois homens ao mesmo tempo.

Abdicaria de tudo – da sua casa, do café da manhã, do nascer e pôr do sol, do campo de flores em Bartlett Farm, do céu azul, dos luares de outono, do som dos pneus do *Impala* sobre a estrada; desistiria de bons livros e champanhe, das sanduíches e da lagosta com manteiga derretida, de velejar em torno do farol de Brant e do seu péssimo serviço de ténis, das suas pérolas e mocassins e da oportunidade de abraçar os seus netos. Desistiria de tudo pela morte, *mas por favor*, pensou, *por favor, não me tires o Clendenin*.

– Estou doente – disse. Anoitecia, mas Dabney ainda ouvia os pássaros e as abelhas do outro lado das janelas da casa de Clendenin. – Tenho cancro do pâncreas, é terminal, uma questão de meses. Mais alguns meses bons.

Clen abraçou-a até ela pensar que se iria partir. Era doloroso; os seus órgãos, já tão comprometidos, estavam a ser esmagados como frutos maduros e moles. E ainda assim sabia-lhe bem. Sabia o que ele estava a fazer, o que estava a pensar; ele queria-a tão perto que ela se tornasse ele. *Vem viver dentro de mim, seremos um, vou manter-te segura, e não terás de morrer sozinha*.

Contar a Agnes, claro, foi ainda pior. Uma coisa era deixar um marido ou um amante para trás, e outra coisa completamente diferente era deixar uma filha.

Dabney disse a Agnes ao pequeno-almoço – fatias douradas com pêssegos frescos, *bacon* estaladiço e batatas fritas caseiras com ervas aromáticas do jardim. A bonita refeição não tinha importância; assim que Dabney abrisse a boca, nenhuma seria capaz de comer nada. E, no entanto, a natureza de Dabney era alimentar as pessoas. Não podia parar agora.

– Querida – disse. – Eu estou doente.

Agnes suspendeu uma fatia perfeita de pêssego rosa-dourado sobre o prato.

– O quê? Que tipo de doença? – perguntou a filha.

– Querida – disse Dabney.

Agnes desfez-se em lágrimas. Eram as lágrimas da pequena Agnes – quando feriu o joelho nas pedras afiadas do cais, quando tinha pesadelos – e o desgosto era quase de mais para Dabney suportar.

*

Alguns dias ainda eram bons. Alguns dias, conseguia sair para a sua caminhada e dizer olá às mesmas pessoas e fazer festas aos mesmos cães. Depois, conduzia até à casa de Clendenin, nadavam na piscina da mansão e Clendenin preparava sanduíches e Dabney comia-as lentamente, nunca querendo chegar à última dentada. Dormia à tarde, tinha de dormir, sentia-se tão cansada agora, e com dores a maior parte do tempo. Dormia na grande cama branca e luxuriante de Clendenin, enquanto ele lia os seus jornais na mesa de carvalho.

Em algumas noites, Dabney ficava em casa dele e cozinhava, e noutras ia a casa para ver Agnes. A filha passava muito tempo com Riley. Encontrava-se com ele na praia depois do trabalho, e saíam para irem comer ostras ao Cru, ou compravam *tacos* de peixe na Easy Street Cantina.

A aura rosada em torno de Agnes e Riley era tão brilhante que Dabney poderia vê-la no escuro. Queria perguntar o que estava a acontecer entre eles, mas aprendera, ao fim de quarenta e dois casais, quando pressionar e quando não tocar no assunto. Depois de tudo o que acontecera naquele verão, Agnes precisava de um amigo, não de um namorado.

Mas, ainda assim, Dabney tinha esperanças.

Telefonou a Nina e pediu para se encontrar com ela no banco em frente à Câmara de Comércio. Levou dois cafés da *drugstore*, com gelo para Nina, e um maço de guardanapos no caso de Nina entornar o café ao ouvir a notícia.

Mas, quando lhe contou, ela pousou o café perfeitamente entre os pés, cobriu o rosto com as mãos e chorou. Dabney deu-lhe os guardanapos, para que Nina pudesse limpar o rosto e assoar o nariz.

Dabney não sabia o que fazer, pensar ou sentir acerca de Box.

O marido tinha deixado uns óculos de leitura na casa de banho. Toda a gente que Dabney conhecia comprava os óculos de leitura na *drugstore*, mas a única vaidade de Box eram aqueles óculos feitos por encomenda; as armações pretas e quadradas definiam-no. Dabney não conseguia olhar para os óculos de Box sem pensar nos olhos dele, o azul surpreendente, o azul dos glaciares, como sempre pensara. Gelados, indiferentes, superiores, quando ela estava aborrecida com ele.

Os olhos dele tinham mostrado tanta mágoa naquela noite em casa de Elizabeth Jennings e depois de novo na dos Levinson. Ela nunca tinha visto Box *magoado* antes, percebeu. E fora ela quem o magoara.

Queria falar com ele, dizer-lhe que estava doente, mas ainda não tinha coragem. Ele podia pensar que ela estava a inventar uma história, a fim de conquistar a sua compaixão; podia pensar que ela usava a doença como uma espécie de desculpa para as suas ações. Podia pensar que era o cúmulo do histrionismo – e não era? *Eu estou a morrer, Box, por favor, perdoa-me!* Dabney não lhe telefonou porque não tinha o direito de lhe pedir misericórdia, fossem quais fossem as circunstâncias.

– O pai sabe que estás doente? – perguntou a filha.

– Não – disse Dabney.

– Queres que eu lhe diga? – ofereceu-se Agnes.

– Não. Por favor, não. Não é da tua responsabilidade, é da minha.

– Tens de lhe dizer, mãe. Eu posso descair-me.

– Sim – disse Dabney. – Eu sei. – Esconder coisas de Box não resultara bem.

Dabney ligou-lhe e, como sempre, foi parar à caixa de mensagens.

– Box – disse. – Por favor, *por favor*, liga-me. – Engoliu em seco. – Por favor.

*

Tinha saudades do emprego. Aproximava-se a época dos casamentos e a temporada dos festivais de outono. Quem iria avaliar o melhor *chutney* de amora, quem iria colar a fita na maior abóbora, a não ser Dabney? Pensava na Câmara o tempo todo, dia e noite. Preocupava-se com ela, como se

poderia ter preocupado com uma criança tirada do seu cuidado e colocada num lar de acolhimento.

Não podia acreditar que ninguém a tivesse chamado para ajudar ou aconselhar. A auditoria de outono depressa estaria a acontecer, e a proposta de financiamento a apresentar ao departamento turístico teria de ser entregue. Ninguém poderia lidar com essas coisas a não ser Dabney. O que estava a *acontecer* lá em cima?

Nina Mobley foi imediatamente contratada como diretora de Relações Públicas do Nantucket Cottage Hospital. Era um ótimo emprego, com melhores regalias e um grande salto no salário. Dabney sentia-se culpada. E se ela tivesse mantido Nina afastada de uma oportunidade assim todos aqueles anos?

– O meu trabalho na Câmara nunca foi pelo trabalho em si – disse Nina, quando Dabney a visitou no hospital. Nina tinha um gabinete de canto com vista para Old Mill. – Foi sempre apenas por trabalhar contigo. Tratava-se de ser o coração pulsante da ilha. Era pelos *frappés* de morango e tu a morderes as pérolas e a gozar com o Vaughan Oglethorpe, ver quem passava em Main Street e pelo café perfeito da Diana, pela cadência dos nossos dias, que se transformaram em semanas, que se transformaram em meses e depois em anos. Juntas. – Nina pestanejou e as lágrimas caíram. – Dezoito anos e meio, trabalhei com a minha melhor amiga. Eu sei que devia sentir-me abençoada.

– Nina, para por favor. Eu ainda estou aqui – disse Dabney.

– Eu sei – disse Nina. – Não consigo lidar com isto de outra forma, a não ser dizer a mim mesma que nós as duas vamos viver para sempre.

*

Riley conseguiu um emprego a tocar guitarra no Brotherhood of Thieves três noites por semana. Uma noite, Dabney, Clen e Agnes foram vê-lo. Dabney sentiu-se o alvo de todos os olhares – aparecia em público com o amante! Mas não havia anunciado os desejos do seu coração ao mundo apenas para que os dois permanecessem fechados em casa. E a sua coragem valera a pena: acabaram por passar uma noite maravilhosa. Pediram uma tábua de queijos para Agnes, uma das coisas favoritas da sua infância, e eles comeram sanduíches grossas, sopa de marisco e batatas fritas, beberam canecas de cerveja gelada e ouviram Riley tocar.

Cantou «Brown Eyed Girl», de Van Morrison. Dabney pedira-lhe secretamente e, quando Riley dedilhou o primeiro acorde, ela agarrou em Clen pela mão e os dois dançaram juntos no pequeno espaço em frente às mesas. Eram um casal com problemas – Clen apenas com um braço, Dabney com cancro –, mas ainda conseguiam rodopiar como no liceu e na faculdade, ou quase, e a multidão aplaudiu-os.

Making love in the green grass, behind the stadium with you...

Ela poderia não voltar a dançar, percebeu quando se sentou, sem fôlego, com o colar de pérolas desalinhado. Não se importava. Fora tão bom – selvagem, livre, precioso, sem lei, era assim que a dança nos devia fazer sentir.

O Brotherhood estava cheio de caras conhecidas – Julia da papelaria, Genevieve do consultório do Dr. Field, Diana do balcão de almoços da *drugstore* – e todas elas abordaram Dabney, dizendo que lamentavam que ela tivesse saído da Câmara e como a ilha de Nantucket nunca mais seria a mesma.

Foi Agnes quem informou Dabney de que Celerie não se estava a safar. A rapariga ficara desolada com a notícia da doença de Dabney, e estava convencida de que faria carreira na Câmara, o que agora não aconteceria. Agnes disse que Celerie se metera na cama e que ninguém a conseguia convencer a sair de casa.

– Meteu-se na cama? – disse Dabney. Tinha dificuldade em imaginar Celerie deitada; a rapariga estava sempre em movimento. – A sério?

– Ela é como a tua... fã... a tua discípula – disse Agnes. – Quero dizer, olha para ela, mãe. A fita no cabelo? As pérolas? Vá lá.

Celerie trabalhava ocasionalmente em *caterings*, mas não tinha um plano a longo prazo para além do voluntariado como treinadora de claques no Boys & Girls Club. Estava a pensar em voltar para o Minnesota.

Dabney decidiu ligar a Vaughan Oglethorpe. Clen estava na sala quando ela fez a chamada.

– Não posso acreditar que estás a ligar àquele *zombie* sacana e grotesco – comentou Clen.

– É o mais acertado – disse Dabney.

E, afinal, Vaughan ficou contente ao ouvir Dabney. Soou como sempre soara antes de aparecer no escritório para a despedir – como um tio a receber notícias da sua sobrinha favorita que não via há muito tempo.

– Dabney! – disse. – A tua voz é música para os meus ouvidos.

Dabney ouviu música verdadeira – os acordes pesados e sombrios da *Toccata e Fuga* de Bach – em plano de fundo. Música de agência funerária. A voz de qualquer pessoa seria melhor do que aquilo.

– Há um problema que gostaria de discutir consigo – disse Dabney.

– Espero que estejas a ligar para me dizer que queres o teu emprego de volta – disse Vaughan. – Porque, desde que pediste a demissão, tenho ansiado por retirar o que disse. A Câmara não é nada sem ti, Dabney. Assim que saíste de lá, começou a desmoronar-se. Tive de contratar um temporário, e a Elizabeth Jennings concordou em tratar dos telefones, mas apenas durante o horário que lhe fosse mais conveniente. Estou a perder dinheiro. Preciso que voltes. Até te posso oferecer um aumento de salário.

Dabney abafou o riso. O que Vaughan não entendia era que Dabney teria trabalhado todos aqueles anos por metade, ou um quarto, do salário. Que raio, teria trabalhado de graça.

– Eu não vou voltar, Vaughan – disse. – No entanto, tenho uma sugestão para uma nova diretora.

Era verdade, Celerie era jovem. Mas tinha energia, entusiasmo e uma perspetiva nova. Era inteligente e aprendia depressa. Tinha ânimo. E também tinha acesso direto a Dabney. Dabney ajudá-la-ia até...

– Bem – disse. – Até eu não ser capaz.

Vaughan fez um ruído estranho para aclarar a voz que Dabney sabia que se destinava a esconder o alívio.

– Está bem – concordou ele. – A Celerie que me envie o currículo por *e-mail*. *Imediatamente*.

Em seguida, Dabney dirigiu-se a casa de Celerie, um lugar arrendado um pouco triste, em Hooper Farm Road. Assim que parou no caminho de acesso, percebeu que era a casa que os seus amigos

Moe e Curly costumavam arrendar. Moe e Curly surfavam em Madequecham Beach quando Dabney e Clen frequentavam o liceu e a faculdade. Dabney tinha ido a festas naquela casa; vomitara no quintal depois de muitas *vodkas* com sumo de uva.

Riu-se ao caminhar até à porta da frente. Ela era Dabney agora e tinha sido Dabney então, mas eram duas pessoas diferentes.

Às vezes, a vida parecia muito longa.

E outras vezes, não.

Bateu à porta e Celerie abriu-a imediatamente. Tinha na mão um exemplar de *Emma*, de Jane Austen. Usava um robe azul de felpa. E pérolas. E uma fita azul-marinha com estrelas brancas no cabelo.

Dabney sabia que fizera bem em vir.

A boca de Celerie formou um pequeno «O» de surpresa, da mesma forma que outras jovens da sua idade poderiam reagir a uma visita de Justin Bieber, ou como a avó de Dabney, Agnes Bernadette, teria reagido a uma visita do Santo Padre, o papa João Paulo II.

– Esse é o meu livro favorito, sabe? – disse Dabney.

– Sim – disse Celerie, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. – Eu sei.

– Posso entrar e falar consigo por um minuto? – perguntou Dabney.

– Claro. – Celerie indicou a sala atrás de si, com um sofá cinzento de *tweed*, um grande tapete quadrado de remendos, um televisor quadrado com uma antena do tipo orelhas de coelho e um telefone de disco. – Chamamos a esta sala o museu, porque nada realmente funciona.

Dabney riu-se. Quase conseguia sentir o cheiro do fumo da erva de há trinta anos e ver as silhuetas nebulosas de Moe e Curly e uma rapariga chamada Meg, a *Galdéria Bêbeda*, reunidos à volta de um cachimbo de vidro vermelho.

Celerie enxugou os olhos.

– Acabei de fazer um jarro de sumo de melancia. Posso oferecer-lhe um copo?

– Sim – disse Dabney. – Adoraria um copo de sumo de melancia.

Celerie desapareceu na cozinha, que Dabney pôde verificar ainda ter o mesmo linóleo e fórmica de há três décadas. Aquele frigorífico costumava estar cheio de cerveja *Miller* e a horrível *vodka* e sumo de uva *Welch*. Moe e Curly costumavam gabar-se que gastavam dez dólares por semana em compras, deixando o resto do seu rendimento disponível para bebidas, erva e *Sex Wax*.

Ela era a única pessoa que conhecia que se lembrava de tais detalhes.

Sentou-se num canto do sofá; na outra extremidade havia uma almofada de penas com a marca leve da cabeça de Celerie.

Celerie voltou com um copo gelado cor de rosa.

Dabney provou a bebida.

– Deliciosamente perfeita! – disse, e Celerie sorriu, sentando-se ao lado dela. – Antes de mais, devo-lhe um pedido de desculpas.

– Não – disse Celerie. – Não deve nada. Eu compreendo.

– Bem – disse Dabney –, não devia. Devia estar muito zangada comigo. Faltei a muitas horas de trabalho este verão. Enganei, não só o meu marido, mas também Nantucket. Enganei-a a si e ao Riley e enganei a pobre da Nina, deixando-a a fazer tudo sozinha.

– A Dabney é que mantinha aquele lugar a funcionar – disse Celerie. – Porque era como se estivesse lá, mesmo quando não estava.

– Obrigada por dizer isso – respondeu Dabney. – Mas eu não vim cá para que me fizesse elogios. Vim para eu própria lhos fazer. A Celerie fez um trabalho incrível este verão, mais uma vez. Eu não poderia ter desejado uma assistente de informação melhor. Agora, que já o disse, tenho um pedido para lhe fazer.

– Um pedido? – disse Celerie. – Que pedido?

– Quer enviar o seu currículo ao Vaughan Oglethorpe, por favor? Ainda hoje, se possível? Quero que se candidate a ser a nova diretora executiva da Câmara de Comércio de Nantucket. Eu vou orientá-la e aconselhá-la enquanto for capaz.

Celerie ficou muito calada, e depois emitiu um grito de guerra e levantou as mãos sobre a cabeça em sinal de vitória.

– *Sim!* – disse.

BOX

Não havia nenhuma razão para continuar a adiar o inevitável, por isso marcou um jantar no Abe & Louie com Michael Ohner, o advogado de divórcios. Ohner conversou toda a noite sobre depoimentos, intimações de registos de cartões de crédito, declarações fiscais, demonstrações financeiras, bens partilhados e pensão alimentícia.

– Imagina-se a dar a casa de Nantucket à Dabney, em troca de um pagamento menor? Porque, por injusto que lhe possa parecer, neste caso, vai ter de pagar à Dabney.

Box acenou com a mão.

– Ela pode ficar com o que quiser.

– Não vou deixá-lo ceder a quinta – disse Ohner. – Vê esse Hughes ser nomeado como terceira parte?

Terceira parte?, pensou Box. Houve uma altura, décadas antes, quando Box se teria considerado uma terceira parte.

No dia seguinte, ligou a Dabney para a avisar da ação legal pendente. Tinha muitas mensagens no seu atendedor de chamadas, incluindo uma mensagem com cerca de uma semana que soava desesperada. Possivelmente Dabney tinha bebido alguns copos de vinho e estava a sentir-se culpada pela forma como o envergonhara em público. Ou tinha acordado e percebido que Clendenin Hughes não era digno dela em nenhum aspeto. O seu chamado amor por ele era pouco mais do que uma fantasia romântica que restara da adolescência.

Ela atendeu imediatamente.

– Estou? – disse. – Box? És tu?

Algo na voz de Dabney chamou a atenção de Box. Talvez pela primeira vez em vinte e quatro anos, teve um pressentimento no que à sua mulher dizia respeito.

– Dabney? Estás bem?

– Não, não estou – disse ela.

Quando desligou o telefone, Box estava a tremer. Mal começara a habituar-se à ideia de viver sem Dabney ao seu lado. Mas a notícia de que ela estava a morrer, que ele, numa questão de meses, estaria a viver num mundo sem Dabney, perfurou-lhe o coração como uma agulha longa e afiada e tirou-lhe todo o sangue que era bombeado através dele.

Enviou rapidamente um *e-mail* a Michael Ohner, dizendo-lhe que afinal não precisaria dos seus serviços.

[8](#) «Era uma vez um homem de Nantucket» (tradução literal de *There was once a man from Nantucket*). (N. do T.)

[9](#) Versos da canção «Brown Eyed Girl», de Van Morrison. (N. do T.)

[10](#) *Lovesick*, no original, e traduzível por «apaixonada»; à letra, doente de amor ou de paixão. (N. do T.)

[11](#) Locks of Love – organização sem fins lucrativos que fornece apliques de cabelo a crianças financeiramente desfavorecidas nos Estados Unidos e no Canadá que sofrem de perda de cabelo decorrente de doença. (N. do T.)

[12](#) À letra, espero que te divirtas muito. (N. do T.)

[13](#) À letra, grandes expectativas. (N. do T.)

PARTE 3

OUTONO

AGNES

Ficaria em Nantucket durante o outono e talvez o inverno.
Ficaria em Nantucket até...

Ligou a Manny Partida e pediu uma licença sem vencimento do Morningside Heights Boys & Girls Club. Foi decidido que Wilder ocuparia o seu lugar, enquanto ela estivesse ausente. Agnes poderia trabalhar vinte horas por semana no programa de ocupação de tempos livres da Island Adventures. Dave Patterson estava encantado por tê-la.

CJ e o advogado dele aceitaram um acordo, tal como Agnes sabia que aceitariam. Ele foi condenado a noventa dias de prisão e dezoito meses de liberdade condicional. Foi-lhe aplicada uma ordem de restrição. CJ não podia aproximar-se de Agnes mais de uma centena de metros durante os cinco anos seguintes.

Como seria a vida de Agnes daí a cinco anos?

Uma semana após o Labour Day, Riley teve de voltar para a Faculdade de Medicina Dentária, na Penn. Agnes levou-o a ele e a *Sadie* ao aeroporto. Não podia acreditar como se sentia triste. A noite que passara com Riley a comer *cheeseburgers* no *Jeep* dele e depois numa caça aos gambozinhos em busca de Dabney parecia ter acontecido há décadas e, ainda assim, gostaria de passar mais tempo com ele.

Estavam no terminal sobrelotado do aeroporto. Toda a gente se ia embora – de regresso a Manhattan ou Washington, DC, ou Los Angeles, voltando para o trabalho ou para a escola, para camisolas e sapatos reais, jogos de futebol e estreias na Broadway. O verão tinha acabado. Acontecia todos os anos, mas este ano atingira Agnes com mais força, porque a particularidade do verão em Nantucket era que ninguém queria que acabasse.

Receava desatar a chorar.

– Salvaste o meu verão – disse. – Obrigada por seres meu amigo. Obrigada por me ajudares a encontrar o Clen. Obrigada por gostares da minha mãe. Obrigada por seres assim.

– Ei – disse Riley. Pegou no queixo de Agnes e ela sentiu o coração bater com força no peito. – Não tens de quê. – Inclinou-se e beijou-a. Beijaram-se e beijaram-se e beijaram-se como um verão inteiro de beijos – até que anunciaram o voo de Riley e ele teve de deixar Agnes para embarcar, com *Sadie* a latir em protesto.

CLENDENIN

Assim que o ar da noite se tornou mais fresco, ela começou a afastar-se para longe dele.

Afastar-se para longe dele. A frase surgiu espontaneamente, tirada da sua história antiga em

conjunto, um dos seus primeiros encontros – andar de trenó, durante uma tempestade de neve inesperada em dezembro de 1980.

Clen e Dabney não tinham sequer dado as mãos em dezembro de 1980, mas isso não queria dizer que não tivessem uma relação. Dabney tinha andado atrás de Clen com um entusiasmo que ele suspeitava que se baseasse em piedade. Era o miúdo novo, muito mais inteligente do que qualquer outra pessoa para ter feito amigos. Dabney abordou-o um dia após a aula de Inglês e perguntou-lhe se ele já tinha lido Cheever.

Estaria a brincar com ele?

Claro, respondera. Tinha devorado o volume vermelho de contos no ano anterior, por recomendação de Eleanor, a bibliotecária jovem e alegre de Attleboro. Agora sabia tudo sobre comboios, *gin* tónicos e adultério.

Dabney costumava envolvê-lo em conversas sobre livros – ela gostava de Jane Austen, ele preferia Tchekhov e Kafka – e, a partir daí, sondou um pouco da sua história pessoal. Qual era a sua afinidade com os deprimentes russos? Ter-se-ia ele mudado para Nantucket vindo de um *gulag*? Clen hesitava em falar sobre si mesmo, mas deixou escapar alguns detalhes: morava com a mãe, disse. Era filho único. A mãe servia à mesa no Lobster Trap. Moravam numa pequena casa atrás do restaurante.

Isso deve ser divertido!, disse Dabney. *Alguma vez comes lagosta de graça?*

Clen assentiu. A mãe levava para casa lagosta para o jantar todas as noites, com bolos de caranguejo secos e batatinhas cobertas com manteiga endurecida que parecia cera de abelha. Estava farto de lagosta, embora não lho tivesse confessado.

Dabney passou a sentar-se ao lado dele na cantina e na sala de estudos, onde rabiscava nas margens do caderno de folhas soltas de Clen. Os desenhos transformaram-se em mensagens. As mensagens diziam coisas como *Eu também sou filha única* e *Eu não tenho mãe*.

Ele ergueu as sobrancelhas ao ler aquela mensagem. Escreveu em baixo: *Morreu?*

Não sei, escreveu Dabney por sua vez. *Provavelmente não*.

Clen escreveu: *O meu pai morreu por beber*.

Ao que ela desenhou um rosto triste, com duas lágrimas grossas.

Clen queria que ela soubesse que ele não chorou com a morte do pai. Não se sentira triste, só aliviado, porque o pai tinha sido um homem grande com um problema com a bebida ainda maior, e... enfim. Clen ficou surpreendido quando a mãe chorou, mas não quando ela disse que eles se iam mudar.

Precisamos do mar, dissera ela.

Clen escolhera a cidade, Boston; queria uma oportunidade de frequentar a Boston Latin School ou a Buckingham Browne & Nichols School, onde poderia realmente ter *educação*, mas não tinha voto na matéria. Era Nantucket.

Detestas isto aqui?, escreveu Dabney.

Ele olhou para ela. Naquela tarde em particular, estavam abrigados no silêncio da biblioteca do liceu e Dabney usava a sua fita no cabelo, e um colar de pérolas que ele presumiu serem falsas, ou talvez não, porque algo em Dabney indicava *dinheiro*, mesmo sabendo que o pai dela era polícia. Ela tinha um nariz sardento e aqueles grandes olhos castanhos, que pareciam emanar uma luz quente sobre Clen.

Não, escreveu ele.

Quando o nevão caiu de surpresa, eles não eram namorados, mas eram alguma coisa. A neve acumulava-se do lado de fora e Dabney escreveu na margem do caderno, *Dead Horse Valley, 16h00. Agasalha-te. Vou levar o meu trenó.*

Clen tinha feito a sua quota de desportos de inverno e andara de trenó em Attleboro, mas não tinha gostado. Era grande e pesado, desajeitado em cima de patins e esquis. Se estava a nevar, preferia ficar dentro de casa e ler.

OK, disse.

O cenário pós-escola em Dead Horse Valley durante a primeira queda de neve do ano era frenético, mas a maioria das crianças era mais jovem do que eles. Os outros miúdos do liceu, supôs Clen, estavam provavelmente escondidos algures na garagem de alguém, a beber cerveja e a fumar erva. Dabney esperava-o na estrada, vestindo calças de neve azul-marinhas, uma *parka* rosa brilhante e um gorro cor-de-rosa com um pompom branco na parte superior. Ergueu o mais belo trenó que Clen alguma vez tinha visto. Feito de madeira de nogueira polida e com um nariz gracioso à frente; fixada à base havia uma almofada verde acolchoada.

– Parece bom de mais para andar – disse.

– O meu pai e eu usamos este trenó desde que eu era pequena – disse ela. – Cuidamos bem dele.

Clen acenou com a cabeça, pensando novamente: *Dinheiro*. Não havia uma única peça de mobiliário na sua pequena casa arrendada tão boa quanto aquele trenó.

Dabney sentou-se na parte da frente e segurou as rédeas.

– Isto é ótimo – disse ela. – Podes empurrar. Nós vamos *voar*!

Clen não tinha medo da velocidade, embora a colina parecesse íngreme e acidentada e ele se tivesse perguntado como diabo poderia haver uma colina tão íngreme numa ilha onde a maior elevação atingia os trinta e dois metros. Os outros miúdos – de dez e doze anos – desciam a toda a velocidade com gritos agudos, alguns deles caindo a meio do caminho, outros levantando voo numa lombada e aterrando com um baque, e depois ganhando ainda mais velocidade. O que assustou Clen foi a proeza atlética que se esperava dele – empurrar o trenó enquanto corria atrás dele e, em seguida, lançar-se ordenadamente lá para dentro, colocando as pernas em cada lado das de Dabney. Ele não achava que fosse capaz.

Mas, por ela, iria tentar.

Inclinou-se, pousou as mãos enluvadas no trenó, e com a cabeça baixa, começou a correr, empurrando-o com toda a força. Dabney gritou. Clen sentiu a inclinação da colina puxá-lo para baixo. A inércia era real. Ele não conseguia impedir as suas pernas de correr. Nunca seria capaz de as alçar e colocar-se atrás dela. Nunca.

Não admira que o cavalo esteja morto, pensou [14](#).

Empurrou o trenó pela colina abaixo, tropeçando atrás dele durante alguns passos antes de cair espalhafatosamente de cara na neve. Levantou a cabeça para ver Dabney levantar voo; o elegante trenó podia ter sido um tapete voador. Ela desceu a colina, afastando-se dele, ficando mais pequena e mais distante, até desaparecer atrás de um maciço de abetos. Perdera-a.

Quando ela voltar ao topo da colina, vou beijá-la. Vou torná-la minha, pensou Clen.

Tinham passado mais de trinta anos, mas havia uma semelhança estranha entre o trenó de Dabney a

descer a colina em Dead Horse Valley e a velocidade com que a sua saúde se deteriorava, o que começara no fim de setembro. Clen sentia-se tão impotente, incompetente e incapaz como se tinha sentido então. Ela afastava-se para longe dele. Ele não podia ir com ela.

Dabney passava dias acamada. A dor, a dor! Agnes telefonara ao Dr. Rohatgi. Não havia nada que ele pudesse fazer; era assim que a doença progredia.

Ela estava a ser comida por dentro. Era assim que se sentia, dissera. Como milhares de dentes minúsculos e afiados. As suas células saudáveis estavam a ser atacadas e colonizadas pelas células cancerosas mutantes e malignas. Havia medicação para a dor, mas muitas vezes Dabney gritava a meio da noite. Gritava por ele, principalmente, mas também por Agnes e pela mãe.

Mãe!

Clen ficava tenso, acreditando que tinha ouvido mal. Mas depois ela repetia, com uma voz que era muito mais jovem do que a voz adulta de Dabney.

Mãe!

Houve momentos na adolescência – no liceu e na faculdade – em que conversaram sobre a mãe de Dabney, Patty Benson, e sobre o que ela tinha feito. Dabney falara, de forma consistente, com o que Clen teria chamado «indiferença resignada». *A Patty Benson não foi talhada para ser mãe. Sei lá. Muitas pessoas não são. Ela não me sufocou com uma almofada nem me afogou na banheira; foi-se embora. Deixou-me em boas mãos. Estou grata por isso. Tenho a certeza de que se sente arrependida, onde quer que esteja.*

Clen ficara intrigado com a atitude de Dabney. Sabia que ela passara anos em terapia com o Dr. Donegal, a fim de alcançar semelhante indiferença. Mas, a sério, não estava zangada? Se Clen estava furioso com o pai, as garrafas vazias de *Wild Turkey* na mesa de apoio, as longas horas no bar depois do trabalho e todos os fins de semana, quando ele lhe devia ter ensinado a fazer passes de bola em espiral, ou a correr habilidosamente atrás de um trenó e depois saltar lá para dentro. O pai só se preocupava com a bebida, beber, beber até que o álcool o matou.

A verdade nua e crua era como um soco no estômago: Clen não era melhor do que o seu pai ou a mãe de Dabney. Ele não era melhor.

Mãe!

Clen enxugou a testa de Dabney com um pano frio e observou a vibração das suas pálpebras fechadas.

Ainda havia dias bons, dias em que Dabney saía da cama a sorrir e ia fazer a sua caminhada, embora mais lenta, e depois ainda mais lenta. Um dia, Dabney chegou a casa e disse:

– Mr. Lawson perguntou se me podia trazer a casa. Eu disse que não, e ainda assim ele abrandou todo o caminho e veio atrás de mim nos últimos quatrocentos metros. Estou assim com tão mau aspeto?

Clen beijou-lhe a ponta do nariz.

– Não – disse ele. – Estás linda.

Conseguia sentir a areia que caía na ampolheta. Não havia tempo suficiente para lhe dizer como ela era bonita – quanto ele a amava e como estava muito, horrivelmente, terrivelmente *arrependido* de não ter voltado para casa diretamente de Banguetcoque. Devia ter vindo *direito para casa!*

Desperdiçara vinte e sete anos!

Vinte e sete anos, parecia impossível. Para onde tinham ido? Demorara sete anos a conhecer o Vietname, a aprender a viver com as pessoas que o olhavam com medo e desconfiança. O seu domínio da língua era fraco; safara-se falando inglês e francês. O país era tão quente como sopa; o único lugar de que realmente gostara tinha sido Dalat, nas colinas. O *Times* conseguira-lhe um quarto no Dalat Palace e todas as manhãs ele abria as portadas de madeira e contemplava o lago. Todas as noites bebia uma dúzia de garrafas geladas de cerveja 333 e jogava bilhar no bar que parecia uma gruta de pedra. A melhor mesa de bilhar do Sudeste Asiático, poderia atestar. As pessoas vinham e iam – franceses, australianos, soldados, médicos, empresários que afirmavam que o comunismo não iria durar para sempre. Era da natureza humana o homem querer ganhar o seu próprio dinheiro, não importava se morava em Dalat ou em Detroit.

Clen poderia ter estado com Dabney todo esse tempo. Tinha fumado tantos cigarros, e comido tantas tigelas de *pho* e tantos *banh mi* preparados à beira da estrada por uma mulher com um chapéu triangular, agachada junto ao grelhador, virando a carne, mergulhando-a numa baguete recém-aberta, com cenoura, hortelã, coentros, pepino e um molho dos deuses.

Ele poderia ter estado com Dabney.

Passou cinco anos com Mi Linh, mas ela não se quis mudar com ele para Banguécoque. Banguécoque era um buraco, dissera. Clen teve a sorte de ter saído de lá depois do seu primeiro ano. Porquê voltar? Ela tinha razão, era um buraco, muito pior da segunda vez. E, então, ele perdeu o braço.

Não lamentava a perda do braço da maneira como lamentava todos aqueles anos sem Dabney.

Enquanto Dabney dormia, ele estava a preparar-lhe uma surpresa. Levava-lhe horas e horas a entrevistar e transcrever – e ainda assim ficaria incompleta. Simplesmente não tinha recursos. Agnes ajudava-o como podia. Agnes garantiu-lhe que o que ele estava a fazer era espantoso, no verdadeiro sentido da palavra. *É a melhor coisa que podias fazer*, continuou ela a dizer. *É a melhor coisa que podias fazer*.

Dabney sentia-se bem o suficiente para ir ao Festival do Arando. Vestiu a sua camisola de tricô cor de arando e o *kilt* a condizer, e ela, Agnes e Clen conduziram até aos pântanos no *Impala* sem a capota. O tempo estava espetacular – um céu tão azul que magoava os olhos, e um sol suave, uma dádiva em meados de outubro.

– Não pode haver dias mais bonitos do que este – disse Dabney. Pela primeira vez, tinha permitido que Clen conduzisse o *Impala*. Não lhe ocorrera dizer-lho, mas estava demasiado fraca para conduzir, e inclinou a cabeça para trás, com o rosto virado para o sol.

Adormecera quando chegaram aos pântanos.

– O que fazemos? – perguntou Clen, depois de estacionar no espaço reservado para eles. JÚRI DO CONCURSO, indicava a tabuleta, porque Dabney ia avaliar os *chutneys* e os *muffins*.

– Acordamo-la – disse Agnes. Saiu do banco de trás. – Deixa que eu acordo-a. – Abanou o ombro de Dabney. – Mãe! Mãe, chegámos.

Os olhos de Dabney abriram-se e ela sentou-se direita, ajustando os óculos de sol.

– Está tudo bem! – disse. – Estou pronta!

Os pântanos estavam lotados de visitantes. Dabney ficou emocionada ao ver tantas pessoas – pais e filhos e residentes mais velhos que ali viviam todo o ano, que a tratavam pelo primeiro nome. Havia balões gratuitos e pinturas de rosto e uma meia dúzia de barraquinhas de comida – *chutney*, biscoitos, molho, sumos, *muffins* – todos feitos a partir do fruto colhido a algumas centenas de

metros de distância. Clen provou de tudo, ainda que não gostasse muito de arandos.

De repente, apareceu Celerie, o cabelo numa longa trança pelas costas, com as faces tão vermelhas como maçãs. Usava um vestido de lã cor de arando e *collants* pretos. Uma fita no cabelo e pérolas. Era uma versão mais jovem, e de cabelos louros, de Dabney. Clen tinha sido avisado, mas, ainda assim, riu-se quando a viu.

– A convidada de honra! – disse Celerie. Abraçou-a com tanta força que Clen viu Dabney estremecer. Dabney estava frágil, tudo lhe causava dores, lavar os dentes doía, dissera-lhe ela, e dobrar um guardanapo doía, e Clen esteve tentado a dizer a Celerie para ter cuidado, mas Dabney apenas sorriu de alívio quando a rapariga se afastou.

– Fez um trabalho brilhante! – disse-lhe.

Celerie sorriu radiante. Virou-se para Clen.

– É uma honra conhecê-lo, Mr. Hughes.

Clen inclinou-se e disse:

– A honra é minha, Miss Truman.

Ao mesmo tempo, ambos disseram:

– A Dabney falou-me muito sobre si.

Dabney sentou-se à mesa do júri, ao lado de Nina Mobley, do Dr. Ted Field e de Jordan Randolph, editor do *Nantucket Standard*. Amostras disto e daquilo iam sendo colocadas diante dos juízes, e Dabney tomava notas na sua prancheta. Clen deu alguns passos para trás para poder observá-la no seu elemento. Sabia que ela queria dar uma fita azul a cada um dos participantes.

Em determinado momento, Dabney levantou o rosto e examinou a multidão. Estava à procura dele, percebeu Clen. Levantou o braço e acenou.

Eu estou aqui, Cupe. Eu estou mesmo aqui.

Depois do festival, Clen, Dabney e Agnes foram ao aeroporto buscar Riley. Ele viera por duas noites para desfrutar de Nantucket no outono; quisera vir mais cedo, mas tivera um exame prático naquela manhã.

Agnes vibrava de emoção. Quando Clen parou em frente ao aeroporto, ela saltou do banco de trás e disse:

– Eu vou num instante lá dentro buscá-lo.

Dabney observou-a enquanto ela corria para a entrada.

– Ela está rosada – disse. – Rosada como eu nunca vi.

*

Naquela noite, Dabney preparou o jantar para os quatro na cozinha *gourmet* da mansão dos Jones. Clen acendeu a enorme lareira de pedra com toros de lenha e todos eles se acomodaram no sofá macio e nas cadeiras, enquanto Dabney levava bandeja após bandeja de iguarias – tâmaras recheadas com queijo azul envoltas em *bacon*, ceviche de vieiras da baía de Nantucket, caju com alecrim. Já era um banquete, e ainda só iam nas entradas. Riley encarregou-se das bebidas, servindo champanhe a Agnes, *whisky* a Clen, e preparando uma série de *Dark and Stormys* cada vez mais fortes e escuros para si, que todos eles provaram, até Dabney. Riley falou sobre os rigores da Faculdade de Medicina Dentária, Agnes contou histórias sobre as crianças no seu programa de ocupação de tempos livres, e

Dabney assegurou-se de que todos comiam e de que tudo estava delicioso.

Parou no seu caminho de volta para a cozinha e beijou Clen.

– És linda – sussurrou ele.

Não havia tempo suficiente.

Dabney decidiu que se estava tão bem junto à lareira que deviam simplesmente jantar ali, como um piquenique, e não na mesa. O jantar foi bife *Wellington* com cogumelos *duxelle*, *foie gras* verdadeiro, pastéis salgados caseiros, batatas gratinadas com queijo e espargos grelhados com pinhões torrados e molho de mostarda, uma salada de peras e arandos secos e *croutons* de pão de centeio.

– Mamã – disse Agnes. Era sempre «Mamã» agora, apercebeu-se Clen, ou talvez tivesse sido sempre assim. O que sabia ele? – Superaste-te.

– Mal me posso mexer – disse Riley. Recostou-se nas almofadas da poltrona. O seu prato estava limpo; repetira tudo, o que fizera com que Dabney ainda lhe desse mais comida, se isso fosse possível. – Estava tão bom, *chef*.

– A primeira vez que fiz bife *Wellington* foi na primavera de 1982 – disse Dabney. – Antes de o Clen e eu irmos ao baile do liceu.

– Este estava ainda melhor – disse Clen.

Dabney enfiou-se sob o braço direito de Clen, e ele sentiu o sorriso dela contra o peito. Ela não tinha comido quase nada, mas nem Clen nem Agnes a pressionaram, porque não adiantava. Dabney comia quando sentia fome, que era cerca de uma vez a cada três dias. Que se tivesse superado na cozinha fazia sentido. Clen sabia que esta era a última refeição que ela iria cozinhar.

Havia, sem dúvida, uma sobremesa elaborada e deliciosa esperando algures dentro do gigantesco frigorífico dos Jones, mas nenhum deles a comeria nessa noite. Dabney adormeceu apoiada no peito de Clen. Agnes e Riley levantaram-se silenciosamente e foram lavar a loiça, enquanto Clen ficou sentado a apreciar as brasas da fogueira antes de levar os quarenta e três quilos de Dabney Kimball de volta para a pequena casa de hóspedes, para a meter na cama.

Ó tempo para, pediu ele. *Agora. Para agora.*

DABNEY

Havia algo que ela queria, mas não tinha coragem de pedir.

AGNES

No final de outubro, a mãe estava numa cadeira de rodas. Dormia a maior parte do tempo e, a pedido dela, estava instalada na casa de Clen. Dabney não pesava quase nada. Estava tão magra, era como se uma parte dela tivesse sido apagada.

Agnes não sabia o que fazer. Conversava com Riley todas as noites pelo telefone. A sua mãe ia morrer. O Desfile de Natal não parecia uma meta realista. Agnes ia ter de ligar para uma clínica de cuidados paliativos em breve.

Dia 6 de novembro era o aniversário de Dabney. Fazia quarenta e nove anos.

Ele perguntou-lhe o que queria fazer para comemorar, e Dabney disse que queria pedir sanduíches cubanas do Foods for Here, e queria ver o filme *Love Story* com Clen e Agnes.

– Não queres bolo? – perguntou Clen. Dabney gostava da devida pompa e circunstância quando se tratava de aniversários: bolo, velas, cartões e presentes. Fora assim quando ela era adolescente e ele presumiu que ainda era.

Dabney negou com a cabeça. Apenas as sanduíches e o filme, disse.

– Não achas que o *Love Story* pode ser muito... piegas?

– É o meu filme favorito – disse ela. – Gostaria de o ver mais uma vez.

Agnes chegou à casa de hóspedes com um ar muito, muito triste. Ela e Clen tinham decidido nessa tarde que telefonariam para a clínica de cuidados paliativos. Deixariam Dabney desfrutar do seu aniversário, e depois o pessoal da clínica viria todos os dias durante o tempo que fosse necessário.

Dabney não viveria para além dos cinquenta.

*

Antes das sanduíches e do filme, Clen decidiu dar a Dabney a sua surpresa. Ela segurou-a no colo e virou-a, admirando o papel de embrulho em xadrez azul-marinho, vermelho-desvanecido e verde.

– Adoro este papel de embrulho – disse ela. – Gostaria que todos os presentes que recebi tivessem sido embrulhados neste papel.

Um bom começo, pensou ele. Agnes tinha escolhido o papel.

Dabney tocou um pouco mais no presente, passando os dedos nas arestas. Estava a levar o seu tempo com o último presente que provavelmente abriria.

– Acho que é um livro! – exclamou.

– Abre-o, mamã – disse Agnes.

Dabney abriu-o. A capa do livro era rosa, um rosa mate. E em letras pretas na capa dizia: A CASAMENTEIRA, DABNEY KIMBALL BEECH.

– Oh – disse Dabney.

Abriu a primeira página. Casal n.º 1: Ginger (nome de solteira O'Brien) e Phil Bruschelli, casado há vinte e nove anos. *Ginger: Seria presunçoso da minha parte dizer que sou a melhor amiga da Dabney, porque já em 1981, o primeiro ano do liceu, a Dabney era a rapariga mais popular da escola.*

E assim por diante – até Tammy Block e Flynn Sheehan, o Dr. Donegal, os Levinson, Genevieve e Brian Lefebvre, e a história falhada de Nina Mobley. Clen tinha conseguido recolher dezanove das quarenta e duas histórias. Fizera as entrevistas e editara cada história para as tornar legíveis.

Dabney folheou o livro, rindo e arrulhando, e dizendo: *Sim, sim, lembro-me disto!* Quando olhou para Clen, os seus olhos brilhavam com lágrimas.

– Não posso acreditar que fizeste isto – disse. – Esta é a coisa mais maravilhosa que alguém já me deu.

– Trouxeste tanto amor ao mundo, mamã – disse Agnes.

– Achei que era importante. A Agnes vai ficar com ele. Os filhos dela vão lê-lo. E os netos. Eles vão conhecer-te através destas histórias – disse Clen.

Dabney pestanejou. As lágrimas caíram sobre as páginas.

– Obrigada – sussurrou.

DABNEY

Havia algo que ela queria. Tinha medo de pedir. *Paciência*, pensou. Estava a ficar sem tempo. Foi a meio da noite, às três ou quatro da manhã, o seu aniversário oficialmente terminado. O presente do livro afligira-a. Era uma história verdadeira, a sua história de vida, na verdade, que os seus netos e bisnetos leriam. Eles podiam pensar nela da mesma forma que ela pensava em Dabney Margaret Wright e Winford Dabney Wright e todas as outras mulheres que a haviam precedido. Ela estava apenas a tomar o seu lugar na fila.

A sanduíche cubana fora deliciosa, e *Love Story* correria bem até à cena em que Oliver diz ao pai que Jenny morreu.

– Desliga isso – dissera Dabney.

– Tens a certeza? – perguntara Clen.

– Sim. – Dabney sabia o que estava por vir, e não podia lidar com a visão de Oliver sentado sozinho na neve.

Morrer não era triste, pensou. Deixar as pessoas para trás é que era.

Havia algo que ela queria. Eram exatamente 3h44 da manhã. Dabney dormira a maior parte do dia, mas já muito tarde, tão tarde que era cedo, o sono muitas vezes escapava-lhe. *Paciência*. A sua bisavó, Winford Dabney Wright, tinha ficado na esquina das ruas Main e Federal oito horas por dia durante seis semanas, lutando pelo direito de as mulheres poderem votar, falando e discutindo com quem quisesse ouvir. A adorada avó de Dabney, Agnes Bernadette, mudara lençóis e limpou casas de banho seis dias e meio por semana nos seus primeiros cinco anos na ilha. Tirava as manhãs de domingo para assistir à missa.

Dabney espetou o dedo nas costelas de Clen até que ele se mexeu.

– O que foi? – perguntou. Acordava sempre de forma convincente, mas Dabney sabia que ele podia não se lembrar daquela conversa de manhã. Tinha de se certificar que ele estava realmente acordado. Sentou-se e acendeu a luz. Isso exigiu-lhe algum esforço. As suas entranhas pareciam gelatina.

Clen sentou-se ao lado dela, pestanejando. Verificou o relógio e bebeu um pouco de água.

– Dabney? Precisas de um comprimido?

– Não – disse ela.

– Queres conversar? – perguntou ele. – Estás com medo?

Ela abanou a cabeça. Tinham tido algumas conversas francamente assustadoras sobre o que viria a seguir. O que aconteceria quando morresse? Qual seria a sensação? Dabney apreciava a franqueza de Clen – *Não sabemos, Cupe. Ninguém sabe*. E, assim, Dabney decidira concentrar-se apenas no

tempo que lhe restava por agora. A porta da morte estava fechada.

O tempo que lhe restava.

– Quero ver o Box.

Clen ficou em silêncio, como ela imaginou que poderia ficar. Ela estendeu a mão e tocou-lhe no coto do braço esquerdo.

– Quero que lhe liguês e lhe digas para vir.

– Eu? – disse Clen. – Porquê eu? Tu devias ligar-lhe. Ou a Agnes.

– Não – disse Dabney. – Pensei muito nisto. Quero que tu lhe liguês. – Pegou num copo de água gelada; a sua mão quase não conseguia erguer o copo. Tomou um comprimido. Clen seria a pessoa mais fácil para Box dizer não, e por isso, se ele viesse, Dabney saberia que era porque realmente queria. – Gostava que ligasses de manhã.

Clen suspirou, tal como ela imaginou. Mas também tinha equacionado que ele pudesse recusar.

– Está bem – disse ele.

BOX

Não havia um minuto livre nos seus dias. O semestre estava em pleno andamento, e ele lecionava três cadeiras – dois seminários e a aula de Macroeconomia. Normalmente, deixava que Miranda ou um dos assistentes do departamento lidassem com a maior parte da cadeira de Macro, mas este ano ele próprio faria isso. Ocupado, ocupado, ocupado. Os colegas mais corajosos, ou mais compassivos, por vezes perguntavam-lhe como é que ele «estava». Sabiam que Miranda fora embora e talvez tivessem ouvido dizer que Dabney estava doente, mas não sabiam o resto, ou pelo menos ele esperava que não.

Box não dava aulas às sextas-feiras, por isso foi nesse dia que apanhou o autocarro *Delta* para Washington.

Estava na Ala Oeste, quando o telefone tocou. O seu telemóvel estava em silêncio, mas ele sentiu as vibrações incessantes e verificou-o uma vez discretamente – um número desconhecido. Mais tarde veria o que se passava.

Porém, menos de uma hora depois, uma assistente entrou na sala com uma mensagem para Box.

– Desculpe – disse ela. – Parece que é urgente.

Box viu o nome *Clendenin Hughes* e a bÍlis subiu-lhe à garganta, não só porque desprezava o homem, mas porque presumiu que o telefonema só podia significar uma coisa.

Morreu?, pensou Box. No dia anterior tinha sido o aniversário de Dabney, e ele tinha enviado uma dúzia de rosas de haste longa para casa. Rosas cor-de-rosa, quando normalmente no aniversário dela e no aniversário de casamento e Dia dos Namorados, enviava rosas vermelhas. Mas não podia oferecer-lhe rosas vermelhas, as rosas que diziam *Amo-te*, embora ele a amasse, claro; amava-a o suficiente para mover montanhas. Enviou rosas cor-de-rosa para marcar uma posição. As coisas tinham mudado. Dabney notaria. Ela reparava em todos os detalhes.

Box enviara uma mensagem a Agnes para saber se as rosas tinham chegado e a filha respondera que sim, que tinham, e embora Dabney não estivesse em casa naquele momento, diria à mãe que as rosas tinham chegado.

A última mensagem de Agnes sobre o tema dizia: *Tu és um homem tão bom, pai.*

Box ficou a pensar no facto de *ela não estar em casa naquele momento*. Não estava em casa para receber as rosas e reparar na mudança de cor, fazendo com que ele desejasse não lhe ter sequer enviado as rosas!

Partira do princípio de que Dabney fora passar o aniversário com o sacana filisteu, mas agora, ao ler a mensagem, temia que Agnes não lhe tivesse contado que Dabney estava no hospital.

Quase derrubou a cadeira quando se levantou, pensando: *Ela morreu. A minha mulher morreu*. A atenção do secretário do Tesouro e dos seus adjuntos foi despertada.

– Professor? – perguntou o secretário. – Está tudo bem?

– Por favor, desculpe, mas tenho de sair – disse Box.

Uma assistente arranjou-lhe um pequeno gabinete calmo, de onde ele poderia fazer um telefonema. Hughes atendeu ao primeiro toque.

– Ela ainda está viva. Insistiu que lhe ligasse. Quer falar consigo – disse.

Box foi consumido por algo além da raiva, além da fúria. Mas, também, pelo alívio. Dabney estava viva. *Respira, respira*. Dabney estava viva.

– Como é que ela está? – perguntou Box. – Diga-me a verdade. Quanto tempo é que ela tem?

– Ninguém sabe ao certo – disse Hughes. – Algumas semanas, talvez um mês? Talvez mais, talvez não. A Agnes ligou para a clínica de cuidados paliativos. Eles vêm na segunda-feira. Nós queremos ter a certeza de que ela se sente confortável.

– Nós – repetiu Box, involuntariamente.

Hughes pigarreou.

– Ela quer falar consigo. Está a perguntar por si.

– Sim – disse Box. – Já o ouvi.

– Ela insistiu que eu lhe telefonasse – disse Hughes. – Acredite em mim, isto não saiu da minha cabeça.

– Não, imagino que não – disse Box.

Ela queria vê-lo. A fúria superava o alívio, e a mágoa apareceu do nada. Ela queria vê-lo *agora*, depois de lhe ter mentido, de o ter *traído*, uma palavra tão terrível, um conceito tão incompreensível. Dabney Kimball, mentirosa e traidora. O que tinha ele feito para merecer uma humilhação pública tão cruel? Ela mentira-lhe repetidamente! E queria vê-lo *agora*, mas houvera inúmeras vezes em que ela quisera ver apenas Hughes.

Sabia que Dabney não tinha ido ao salão de cabeleireiro! E ainda assim não fora digno da parte dele interrogá-la.

Ela fizera-o passar por idiota! Ela tinha feito John Boxmiller Beech passar por idiota.

E porque mandara Hughes telefonar-lhe? Porque não ligara ela mesma? Porquê obrigar Hughes? Agnes poderia ter ligado. Porquê Hughes?

Box não era bom com dramas interpessoais ou motivações do coração; desprezava as emoções obscuras, principalmente em si mesmo. Preferia manter-se acima delas. Mas, mesmo assim, uma parte dele entendeu o que Dabney estava a fazer. Estava a tentar reunir Hughes e Box. Era a

casamentice do tipo mais retorcido. Desta vez, não levaria a sua avante.

Box decidiu que não iria vê-la.

Cuidados paliativos, semanas, meses, uma vida sem Dabney. O sabor da tarte de morango, a salsaparrilha gelada, ela queria desejá-lo, mas o seu coração estava noutro lugar, ele percebera isso até no copo-d'água do seu próprio casamento, no quintal da casa da avó de Dabney, em North Liberty Street, mas ignorou a sombra nos seus olhos, porque estava tão feliz por ela ser Mrs. Dabney Kimball Beech.

Seria melhor se ela nunca mais o visse. Podia recordá-lo como ele tinha sido: digno até ao fim, pelo menos podia afirmar isso. Se voltassem a encontrar-se, quem sabe o que ele diria ou faria. Como poderia esconder a sua dor, a sua tristeza, a sua incredulidade, e essa outra emoção, para além da raiva e da fúria. Nunca seria capaz de esconder o seu coração despedaçado dela, isso era certo, e não queria que ela morresse a sentir-se responsável.

Ele não iria.

CLEN

Dabney disse-lhe que queria passar o tempo que lhe restava em casa e, por casa, referia-se a Charter Street.

Amo-te, dissera ela. *E valorizo e estimo o tempo que passei contigo neste lugar, mas esta não é a minha casa.* Engoliu em seco. *Quero ir para casa e se quiseres ficar comigo, e espero que queiras, então vou ter de te pedir humildemente para vires comigo para Charter Street.*

Clen irritara-se. Agora, no fim, ela pedia-lhe coisas difíceis. Esperava que ele passasse tempo na casa que ela tinha comprado e na qual vivera vinte e quatro anos com o economista. O que faria ele? Dormiria lá? No quarto de hóspedes?

E ainda assim entendeu que aquela casa não era o lar de Dabney, não era sequer o seu lar, e era demasiado pequena para que enfermeiras e profissionais de cuidados paliativos se movimentassem confortavelmente. Ela tinha de voltar.

– Não quero deixar-te ir – disse ele. Sentia-se perigosamente à beira das lágrimas, mas tinha prometido que não iria chorar, por isso serviu-se de outro *bourbon* e depois telefonou a Agnes, avisando-a de que estavam a caminho.

AGNES

Havia tanta gente que queria visitar Dabney, que Agnes teve de elaborar um cronograma: duas pessoas por dia, durante dez minutos cada. A mãe estava recostada na cama, com as suas pérolas e a fita do cabelo. Às vezes conseguia manter uma conversa, outras vezes não.

Morfina. Ela disse que a fazia sentir-se como uma libélula sobre a superfície de uma lagoa.

– Levei-te a Jewel Pond uma dúzia de vezes no verão em que tinhas três anos – recordou Dabney. – Era difícil lá chegar, e mais de uma vez cheguei a atascar o *Chevy Nova* na areia, mas tu gostavas de atirar pedras lá, e nós costumávamos procurar tartarugas. Ao sol, a lagoa parecia uma joia. Uma

esmeralda em alguns dias, uma safira noutros. Lembras-te disso?

Agnes disse que sim, mas não era verdade. Gostava da imagem que Dabney pintava: Agnes e Dabney sozinhas numa lagoa isolada, Agnes metendo-se na água pelos tornozelos para atirar pedras, enquanto a mãe assistia da toalha sob o guarda-sol de listas vermelhas e brancas. Agnes a dormir a sesta de barriga para baixo sobre a toalha, enquanto Dabney lhe acariciava as costas e lia um romance de Jane Austen.

Agnes e a mãe, suspensas sozinhas numa bolha feliz e de paz. Se Agnes tinha três anos, então Box faria parte daquele cenário. Ele tinha sido o seu «pai», adotara-a nos meses seguintes a ter-se casado com Dabney. Mas devia estar a trabalhar, a viajar, em conferências, a ensinar, a escrever.

Guardara apenas um ressentimento contra a mãe, um ressentimento com dez anos, que era realmente o rancor de uma vida: Dabney esperara dezasseis anos para lhe contar quem era o seu verdadeiro pai. Dezasseis anos. Sempre lhe parecera um flagrante passo em falso de Dabney. Agnes deveria ter sabido muito mais cedo; deveria ter *crescido a saber*. Lembrou-se de um comentário feito por Mrs. Annapale, a sua catequista, que era dona do *bed and breakfast* onde Box tinha ficado quando namorava Dabney. Mrs. Annapale tinha dito acerca de Box: «Ele ficava comigo todos os fins de semana, até que a tua mãe concordou em casar-se com ele. A tua mãe costumava levar-te às vezes também. Eras um bebé tão querido!»

E Agnes tinha pensado: *O quê?*

Quando contou essa conversa à mãe, ela pareceu *muito preocupada* por um instante e, em seguida, mencionou que Mrs. Annapale estava a ficar mais velha e não tardaria a confundir Maria Madalena com a Virgem Maria.

Aquilo tinha sido uma mentira, ou uma espécie de mentira. Não contar a Agnes sobre Clendenin tinha sido uma mentira por omissão, um engano intencional do pior tipo.

Ou assim acreditara até agora – hoje, neste verão, quando Agnes conhecera Clendenin. Os seus sentimentos tinham mudado. Entendia agora, de uma forma que não entendera antes, como Clendenin estava *longe* de Dabney. Ele tinha ido para o outro lado do mundo. A única maneira que Dabney arranjava para sobreviver fora fingir que ele não existia. Agnes também entendia quão profundamente Dabney amava o homem, e continuara a amá-lo durante todos aqueles anos. A combinação de amor e de dor era forte o suficiente para impedir Dabney de contar a verdade a Agnes. Além disso, Box estivera lá para o substituir, um verdadeiro pai em todos os aspetos, exceto de sangue. *Que importância é que isso tem?*, perguntara Dabney calmamente ante a histeria de Agnes, com dezasseis anos. Clendenin Hughes era apenas um nome; a sua paternidade era só uma questão de biologia. Ele nunca tinha sido pai de Agnes, dissera Dabney havia dez anos, e nunca seria.

Mas agora Clendenin era alguma coisa. Agnes não tinha a certeza exatamente o quê. No mínimo, era alguém que amava a sua mãe. Nisso, ele era um camarada, um companheiro de equipa, possivelmente, até mesmo um amigo.

Uma noite enquanto a luz esmorecia – anoitecia cedo no outono –, Agnes ficou a ver a mãe respirar enquanto dormia e disse:

– Eu perdoo-te, mamã.

Tammy Block veio fazer uma visita, e Marguerite Levinson veio com o seu *golden retriever*, *Uncle Frank*. Genevieve Lefebvre também veio, e Vaughan Oglethorpe, com o seu cheiro a formol. E a cada

três ou quatro dias, Celerie passava para discutir estratégias para o futuro da Câmara de Comércio.

Nina Mobley veio, anunciando o seu noivado com o Dr. Marcus Cobb! Dabney pediu a Agnes para abrir champanhe, embora não pudesse beber.

A mulher que Agnes tinha visto uma vez a entrar no caminho de acesso de Clen apareceu, identificando-se como Elizabeth Jennings, mas, quando Agnes subiu para anunciar esta visitante à mãe, Dabney gemeu e disse:

– Diz-lhe que estou a dormir.

Quando Agnes voltou junto de Elizabeth Jennings dizendo que Dabney estava a dormir, Elizabeth assentiu bruscamente e disse:

– Eu sabia que ela não me ia querer ver. Por favor, diga-lhe que eu lamento imenso e dê-lhe isto. – Pôs-lhe uma tarte *tatin* nas mãos. – Gostaria de dizer que eu mesma a fiz, mas na verdade foi o meu cozinheiro.

– Oh – disse Agnes. A tarte era deslumbrante, com as rodela de maçã douradas e glaceadas e açúcar caramelizado, mas Dabney não comia comida sólida havia mais de uma semana. – Está bem, muito obrigada.

O antigo terapeuta de Dabney, o Dr. Donegal, fez uma visita e ficou para além do limite dos dez minutos. Permaneceu no andar de cima com Dabney quase uma hora, e quando desceu estava a enxugar os olhos.

E, em seguida, o visitante mais surpreendente de todos. Ou talvez não. Afinal, Agnes tinha-se interrogado, alimentado esperanças, rezado, mas tivera medo de perguntar.

Quando ouviu passos no corredor, pensou que era Clen. Clen estava hospedado na casa de Charter Street a maioria das noites, ficando com Dabney até que ela adormecesse, e depois dormindo no terrível e minúsculo quarto no sótão. *Como uma criada*, brincara ele. Não queria ficar no quarto de hóspedes habitual, porque sentia que não pertencia àquele lugar. O sótão tinha apenas uma cama de solteiro. Agnes não sabia como Clen conseguia dormir, mas ele não trocava de quarto, por muito que ela implorasse.

Mas os passos no corredor não pertenciam a Clen. Quando Agnes olhou para cima, a pessoa que viu na porta da cozinha foi o seu pai.

Box.

E só então Agnes cedeu e chorou.

DABNEY

Ela tinha tudo o que precisava. Exceto...

As funcionárias da clínica de cuidados paliativos eram anjos brancos com asas e vozes suaves. Limpavam a testa de Dabney, alisavam-lhe o cabelo, massajavam-lhe os pés. Davam-lhe morfina. A morfina erradicava a necessidade de ser paciente. A paciência era, agora, deixada para aqueles que eram saudáveis, para os vivos. As funcionárias dos cuidados paliativos liam-lhe em voz alta as histórias do livro que Clen tinha feito para Dabney. Ou Agnes vinha e lia-lhas.

Ah, pensou Dabney. Ginger O'Brien e Phil Bruschelli, nono ano, o cheiro do ginásio quando jogavam basquetebol no inverno, os ténis a chiar e o ruído da bola no chão polido, o ruído dos incitamentos e as conversas dos miúdos nas bancadas. Dabney costumava parar no ginásio por alguns minutos, depois de terminar o anuário. Costumava montar páginas fictícias do anuário, utilizando cola, e ficavam-lhe colados às mãos pedaços gelatinosos. Usava as pérolas e uma camisa *Oxford*, e as *Levi's* perfeitamente desbotadas e gastas, que eram lavadas só aos domingos e passadas enquanto via o *Sessenta Minutos* na televisão. Os seus mocassins, perfeitamente arranhados, eram substituídos na Murray's Toggery, no primeiro dia de agosto, para que ela os pudesse usar em casa durante um mês antes do início das aulas, habituando-se a eles.

Podia voltar àqueles dias em que era feliz e segura?

– Tinhas os dois braços no nono ano – disse ela a Clen.

– Tinha, sim – respondeu ele.

Clen estava ao seu lado. Ele dissera às enfermeiras para fazerem uma pausa ou elas haviam dado privacidade aos dois, Dabney não tinha certeza de como funcionava. Clen dava-lhe cubos de gelo e aplicava-lhe bálsamo nos lábios com a ponta do dedo, e algumas lágrimas caíram-lhe no rosto porque a outra mão de Clen, a mão esquerda, tinha sido forte e bonita também, mas agora desaparecera. Virara pó, supunha Dabney, algures num continente distante.

– Vais saber quando chamar o padre? – perguntou-lhe ela.

Clen abanou a cabeça, os lábios apertados até ficarem brancos. Ele não queria chamar o padre, porque talvez não acreditasse no catolicismo. Ou não queria chamar o padre, porque isso significava o fim. O padre tinha um significado para Dabney: ela queria confessar os seus pecados, queria a extrema-unção, queria permissão para passar para o que vinha em seguida. A sua avó Agnes Bernadette tinha recebido os últimos sacramentos, e a sua expressão facial adquirira imediatamente paz e aceitação, como uma Madonna de mármore.

Clen prometeu chamar o padre.

Mas ainda não. Ainda não.

Cubos de gelo, os anjos, as mãos suaves nos seus pés doridos, a voz de Clen, a voz poderosa dele. Como vivera ela vinte e sete anos sem ele? Como tinha vivido sem a cor do vale verde e chá fraco dos seus olhos?

– Tens de encontrar alguém. Eu queria ajudar-te, mas... – disse ela.

– Chiu – disse ele.

– Eu não poderia suportar isso – disse Dabney. – Fui egoísta, queria-te só para mim. Mas, Clen, não podes ficar sozinho.

– Cupe – disse ele. – Por favor.

– Promete-me que vais tentar.

– Não – disse ele. – Não vou tentar.

Clen, Agnes, as enfermeiras – e então, finalmente, o padre. Não o padre Healey, que batizara Dabney e lhe dera a Primeira Comunhão e o Crisma, mas um padre novo, jovem, um homem demasiado bonito para a sotaina, se perguntassem a Dabney. O padre Carlos tinha sotaque espanhol e olhos castanhos. Sentou-se à cabeceira de Dabney, pegou-lhe na mão e disse:

– Reze comigo.

Ela tinha tudo o que precisava, exceto... E chegara a hora de parar de ansiar por isso. *Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, amém.* Havia confessado os seus pecados e dissera a sua penitência, mas a sua verdadeira penitência era que partiria sem a única coisa de que precisava.

A sua viagem estava a chegar ao fim. Quarenta e nove anos. Dabney tivera esperança de chegar aos noventa e nove, tal como toda a gente, mas não se podia queixar. Não se bronzeara nas praias douradas de Saint-Tropez, não tinha visitado o Taj Mahal, nunca tinha visto o letreiro de Hollywood, nem o monte Rushmore, nem as pirâmides. Não tinha feito compras nos *souks* marroquinos nem comido num café à beira da Route 66.

Mas Dabney sabia que tinha Nantucket. Nascera e crescera ali, tinha trabalhado vinte e dois anos ao serviço daquela ilha, e iria morrer ali. Tinha sido fiel a Nantucket. Oh, Nantucket, mais mãe do que a sua própria mãe.

Tudo o que ela precisava. Exceto...

E, então, ouviu a voz dele, ou pensou ter ouvido. A princípio soara demasiado baixa para ter a certeza.

– Querida?

Não podia acreditar. Estava a sonhar, ou num delírio de morfina. Não sabia agora discernir o que era real e o que eram reminiscências de outros tempos. Agnes com três anos, a atirar pedras para perturbar a superfície plácida, cor de esmeralda, de Jewel Pond, era uma imagem tão vívida como Agnes a ler a Dabney as últimas páginas de *Emma*, ontem.

Querida.

Dabney abriu os olhos e ali estava ele. Box. Se conseguisse, teria chorado ou gritado ou sorrido ou rido.

Tentou uma palavra. *Aqui!* Quis dizer *Estás aqui! Vieste! Não me abandonaste, ainda que eu te tenha abandonado de forma tão grave. Querida? Sou querida? Conseguiste voltar para nossa casa e chamar-me querida.*

Box achou que *Aqui* talvez significasse «*senta-te aqui*». Sentou-se ao lado dela. Segurou-lhe na mão.

– Oh, Dabney – disse.

Nunca tinha ouvido aquele tom de voz antes. Estava carregado de dor, tristeza, pesar, amor. Não podia suportar que ele dissesse mais nada. Que mais poderia ele dizer?

– Amo-te – disse Box. – Amar-te-ei sempre, sempre, amar-te-ei sempre, Dabney Kimball Beech.

Ela conseguiu pestanejar. Os seus olhos eram tudo o que tinha, mas não por muito tempo, pensou.

Tentou falar novamente.

– Por favor.

Ele acenou com a cabeça.

– Chiuu. Está tudo bem.

– Por favor – disse ela, ou tentou dizer. O esforço era demasiado. Estava tão cansada. Fechou os olhos.

Ouvia vozes e sentia coisas, não sabia o quê. Ouvia a voz de May, a empregada irlandesa, a cantar

«American Pie».

Onde está a minha mãe?

O teu pai está a caminho, querida.

Mamã!

Dabney tinha tirado um sábado inteiro da sua vida para aprender a fazer bife *Wellington*, para poder prepará-lo para Clendenin antes do baile. A chave da massa folhada – que tinha de ser feita à mão, a de compra não resultaria – estava na *manteiga muito fria*. O *chef* do Club Car, um homem velho quando Dabney andava na universidade, tinha repetido isso várias vezes: *manteiga muito fria*.

Albert Maku tinha encontrado Dabney a chorar na escadaria do Grays Hall. Toda a gente estava empolgada por começar as aulas em Harvard – todos, exceto Dabney e Albert. Ele tinha falado com ela em zulu e ela chorara, porque o mundo era tão desconhecido e estranho sem Clen ao seu lado. Clen estava a duzentos e vinte e cinco quilómetros de distância, em New Haven.

Uma tempestade de neve no Fim de Semana do Narciso – parecera uma farsa! Nina Mobley quase tinha comido a cruz da sua corrente, enquanto as duas olhavam pelas janelas do escritório para a neve que se acumulava em Main Street.

Ostras – *Island Creeks* e *Kumamotos*. Ela poderia ter comido dez vezes mais, e não teria sido suficiente.

A janela dividida do *Corvette Stingray* de 1963 em azul. Isso teria sido bom, também, mas onde poderia ela conduzi-lo? A irresistibilidade daquele carro residia no desejo de o ter.

La Danse de Matisse. Talvez isso fosse o céu. Os azuis e verdes, nus, dançando, dançando num círculo sem fim, cada um tão emocionante quanto o primeiro.

Ela sentira-se ambivalente acerca da gravidez. Durante os oito meses que se seguiram à partida de Clen, Dabney ficou em casa, a cozinhar e a limpar para o pai, a jogar paciências e a ler romances de vergonha – *Tess dos Urbervilles* e *A Feira de Vaidades*, com a barriga a ficar cada vez mais redonda, mais difícil e mais constrangedora a cada dia. Os amigos que tinha no liceu e na faculdade caíram num silêncio atordoado. Afastaram-se. Nunca estivera tão sozinha.

Na sala de partos estiveram apenas Dabney, uma enfermeira chamada Mary Beth e o Dr. Benton. O parto, na memória de Dabney, foi indolor, provavelmente porque não se importava se o bebé estava vivo ou morto, ou se ela própria vivia ou morria. Que importância tinha tudo sem Clendenin?

Mas, então, claro, colocaram o bebé nos braços de Dabney e a solidão dissipou-se. Acima de tudo mãe, mãe sempre.

Agnes!

Dabney saltara na cama enquanto a sua mãe aplicava rímel em frente à cómoda.

Olha que alto eu consigo saltar!, disse. Envergava o seu vestido de Natal vermelho e meias brancas. A mãe mandara-a tirar os sapatos.

Estou a ver, querida, disse a mãe. Os olhos dela brilharam no espelho. *Isso é realmente muito alto. Tem cuidado. Podes cair e magoar-te.*

– Mamã.

Os olhos de Dabney abriram-se – sim, ainda se abriam. Agnes estava ao pé da cama com Riley; de

mãos dadas e envoltos em nuvens cor-de-rosa, fofas como algodão-doce.

Agnes na feira popular, no calor pegajoso do verão, algodão-doce em todo o rosto e nos cabelos, implorando a Dabney para andar no carrossel rápido.

Tenho medo!, dissera Dabney.

Mas és adulta, disse Agnes. *Os adultos não deviam ter medo.*

Agnes e Riley, todo aquele rosa. Dabney sabia. Ela sabia!

Clendenin estava à sua esquerda, segurando-lhe na mão, e Box à sua direita, segurando-lhe na outra mão. Ambos estavam lá. Dabney sentia que não merecia isso, mas estava grata. Tinha tudo de que precisava. O seu coração era um papagaio de papel ligado à terra por dois cordéis, mas estava na altura de eles a deixarem ir para que ela pudesse voar.

Era uma libélula, a pairar. O Paraíso era um *Corvette Stingray* no céu, talvez.

O Paraíso era que todos eles estavam ali com ela.

Clen apertou-lhe a mão.

– Cupe – disse ele.

– Receio que ela esteja a partir – disse Box.

Estava tudo bem. O fim, depois de tudo, era doce, como a liberdade.

– Mamã! – disse Agnes.

Quando Dabney fechou os olhos, tudo era rosa. Tão rosa.

Casal n.º 43: Agnes Bernadette Beech e Riley Alsopp, juntos há seis meses

Agnes: Enterrámos as cinzas da minha mãe na sexta-feira do Fim de Semana do Narciso, no mesmo talhão da família onde o pai dela, a avó, os bisavós e os trisavós e os tetravós, a primeira Dabney, encontraram a sua última morada. A minha mãe costumava dizer que odiava deixar Nantucket porque tinha medo de morrer e nunca mais voltar, por isso foi um alívio para mim – e para o Box e o Clen também, acho – assim que ela ficou em segurança na campa. Fizemos um enterro privado, apenas nós os três, o Riley e a Nina Mobley, mas, no piquenique depois do Desfile de Carros Antigos, no dia seguinte, as pessoas cercaram o *Impala* para prestarem a sua homenagem – riram, choraram e partilharam histórias sobre a Dabney. A Celerie fez um enorme prato de sanduíches coloridas em honra da minha mãe, e este ano não sobrou nenhuma, e tudo que eu conseguia pensar era como a minha mãe teria ficado feliz.

Um ano antes, eu tinha aceitado casar-me com o CJ.

O Riley gosta de dizer que se apaixonou por mim antes mesmo de me conhecer, no dia em que viu a minha fotografia na secretária da minha mãe, no escritório da Câmara de Comércio. Diz que viu a fotografia, parou e pensou: *Esta é a mulher com quem eu me vou casar*. Disse que nunca lhe tinham destruído o coração antes, mas esteve bem próximo disso quando descobriu que eu estava noiva.

Os meus sentimentos pelo Riley desenvolveram-se de forma mais gradual, e ele entendeu. O meu lado emocional estava cheio, com o CJ, com a minha mãe, com o Clendenin. Sei que o amo, sei que ele é o homem mais bondoso, mais agradável, mais bonito, o dentista que faz *surf* mais talentoso à face da Terra e que seria louca em deixá-lo escapar, mas não estou pronta para falar em casamento. Especialmente neste fim de semana. Concordámos em ver o que o verão traz – estaremos juntos em Nantucket – e talvez, talvez, eu me mude para Filadélfia com ele, no outono.

A minha mãe ficaria extasiada com isso.

*

Depois de o piquenique ter terminado e todos os carros antigos voltarem para Milestone Road em direção à cidade, despedi-me do Box. Ele ia para a Boarding House com os Levison. Na manhã seguinte, tomaríamos café juntos e depois eu iria levá-lo ao aeroporto, tal como a minha mãe sempre fizera – para que ele pudesse voltar para Cambridge.

O Clen fora para as festividades do Narciso na sua bicicleta, e preparava-se para regressar a casa. Preocupava-me com o Clen de uma forma que não me preocupava com o Box. Deixei o Riley a arrumar o nosso piquenique e a ajudar a Celerie com as últimas tarefas, e fui falar com o Clen quando ele estava a montar na bicicleta.

«O que vais fazer esta noite?»

«*Bourbon*. Arroz frito, se me sentir ambicioso. Ouvir o jogo dos Sox na rádio, talvez.»

«O Riley e eu vamos fazer um churrasco», disse eu. «Costeletas. Queres juntar-te a nós?»

Ele abanou a cabeça.

«És muito simpática em convidar-me, mas eu fico bem.»

«Estás bem?», perguntei. Eu tinha ido a casa do Clen em algumas noites e nós os dois tínhamos bebido *bourbon* e desatado a chorar porque *sentíamos tanto a falta dela*. Para onde fora? Ela tinha estado aqui, tão viva, a pessoa mais viva que alguma vez tínhamos conhecido, e agora fora-se. Como um estalar de dedos: puf, assim.

Quando o Clen começou a chorar – soluços enormes e entrecortados que soavam como a chamada de um animal enorme, um alce, ou uma baleia –, pensei: *Este é o meu pai a chorar a minha mãe*. Era verdade, mas era tão estranho que tive de o dizer várias vezes para acreditar. Como teria sido a nossa vida se ele tivesse ficado em Nantucket e me tivesse criado? Ou se a minha mãe tivesse sido corajosa o suficiente para ir para a Tailândia?

«Agnes», disse o Clen. E eu sabia que vinha aí qualquer coisa.

«O que foi?»

«Ofereceram-me um emprego», disse ele. «Gerir a redação de Singapura do *Washington Post*. É um trabalho que desejei toda a minha carreira. Incluí um apartamento de dois quartos, perto de Orchard Road.» Ele deve ter notado a expressão no meu rosto, porque começou a falar mais depressa. «A Elizabeth Jennings mencionou o meu nome a alguém que devia ao marido, o Mingus, um ou dois favores. Sente-se culpada, acho, pela forma como tratou a tua mãe.»

«Vais aceitar favores da Elizabeth Jennings?», perguntei.

«É o emprego que eu sempre quis», disse Clen. «Vou envelhecer a beber Singapore Slings no Long Bar do Raffles Hotel.» Sorriu fracamente. «Agnes, eu não posso ficar aqui sem ela. Cada dia é penoso. Não posso ficar aqui sem ela, e não tenho outro lugar para onde ir.»

Deixando-me, pensei, quando acabámos de nos descobrir um ao outro. Aquela parte do mundo iria engolir o Clen por mais vinte e sete anos, e eu nunca mais o veria.

«Aceitei o emprego na condição de poder voltar a Nantucket no mês de agosto todos os anos», disse ele. «É a época das monções lá; a maior parte do país tem um período de férias. Portanto, vais ter-me trinta e um dias por ano, altura em que estarei à tua disposição, prometo.»

Senti o meu rosto suavizar-se. Passarmos agosto juntos parecia-me um bom compromisso.

«E tu e o Riley podem ir visitar-me. Podes ir a Singapura, na tua lua de mel!», sugeriu ele.

Naquele momento, o Riley apareceu atrás de mim e abraçou-me com tanto entusiasmo, que me levantou do chão.

«Alguém disse ‘lua de mel’?», perguntou ele.

Casal n.º 44: John Boxmiller Beech e Miranda Gilbert. Juntos.

Box: Houve sempre o trabalho. Harvard, o meu livro, o secretário do Tesouro, que agora acenava com o meu nome para presidente da Reserva Federal, pois o atual presidente fora apanhado num escândalo e provavelmente acabaria por se demitir. Daria o meu seminário na London School of Economics, em junho, e ia ser o orador principal da conferência anual sobre Macroeconomia, este ano realizada em Atlanta.

Foi por um capricho que dei por mim em Nova Iorque. Tinha um ex-aluno chamado Edward Jin que abandonara o curso de pós-graduação em Economia, a fim de obter o diploma de *chef*. Pelos vistos, era muito talentoso e bem-sucedido; garantira apoios suficientes para abrir o seu próprio restaurante, chamado The Dividend, na Bowery, e convidou-me para a pré-inauguração. Aconteceu então que eu não tinha nada programado no fim de semana desse convite, e adorava Manhattan na primavera. Liguei ao Edward Jin, disse-lhe que iria e reservei uma pequena suíte no St. Regis.

A pré-inauguração do The Dividend foi uma coisa íntima – cerca de trinta amigos, familiares e investidores de Edward Jin reuniram-se na área do bar, que contava com pavimentos de madeira recuperada de uma quinta *amish* em Lancaster, na Pensilvânia, um lustre feito a partir de uma velha roda de carroça, e muitas painéis de cobre, luz de velas e *cocktails* artesanais, confeccionados com ingredientes como couves e gengibre fresco. Era assim em muitos restaurantes agora – da quinta para a mesa, biológico, legumes, verduras e carnes assiduamente investigados e frescos. Foi bom, agradável e nobre, mas eu sentia falta dos cozinhados da Dabney.

Não conhecia ninguém, exceto o Edward Jin e ele estava, naturalmente, muito ocupado para outra coisa além de um «Olá» simpático e uma única apresentação – a sua irmã casada que era dona de casa, em Brooklyn. Mencionei que fora professor do Edward em Harvard; ela respondeu que toda a família ficara chocada quando o Edward fora admitido em Harvard, uma vez que ele tinha sido rejeitado pelas universidades de Brown, Duke e Dartmouth, e eu ri-me e disse que sim, as admissões à universidade eram arbitrárias e caprichosas.

Depois disso, tínhamos praticamente esgotado os temas de conversa. Entrei em pânico e desejei fervorosamente que a Dabney estivesse ali, ela costumava ser capaz de manter uma conversa com um boi ou com o batente de uma porta.

No entanto, fui salvo, porque naquele momento, a Miranda Gilbert entrou.

Se disser que o meu coração parou ou a minha respiração ficou suspensa, soaria como a heroína de um dos romances ingleses que a

Dabney tanto gostava de ler. Coração aos saltos, a respiração entrecortada, não tenho certeza de como o descrever, mas algo aconteceu quando vi a Miranda.

O que estaria ela ali a fazer?

Então é claro que percebi que ela tinha dado aulas ao Edward Jin em mais de uma das minhas cadeiras, e lembrei-me de que eles se davam muito bem e costumavam encontrar-se para umas cervejas no Rathskeller, coisa que eu não aprovava, uma vez que ela era, afinal, responsável por dar as notas ao Edward.

Inicialmente, senti-me consumido por ciúmes. A Miranda e o Edward agora namoravam?

A Miranda suspirou quando me viu e veio imediatamente ao meu encontro. A iluminação era fraca no restaurante, mas pareceu-me corada.

«Box», disse ela. «Meu Deus, não sabia que estaria cá.»

«Eu também não sabia que a Miranda vinha», disse-lhe.

Beijei-a no rosto, pegando-lhe nas mãos. Ela cheirava como sempre, como uma rosa-damasco, ou algo igualmente delicado e bonito.

«Fiquei tão triste ao saber da Dabney. Recebeu o meu cartão?», perguntou ela.

«Sim», respondi. «Obrigado.» Tinha recebido muitos, muitos cartões; a maioria deles, incluindo o de Miranda, tinha deixado fechados porque era-me muito difícil lê-los. Pu-los num envelope grande e mandei-os à Agnes.

«Ela era uma mulher especial», disse a Miranda. «Tinha um dom para o amor, da mesma forma que algumas pessoas têm olho para a cor.»

Aquelas palavras eram tão verdadeiras, que me fizeram arder os olhos, e eu pestanejei rapidamente.

«Tinha, sim», disse. «Ela acertava sempre em questões de amor. Era estranho.»

A Miranda e eu trocámos os cartões do lugar na mesa comprida, para que pudéssemos sentar-nos ao lado um do outro, e passámos a noite numa bolha de boa comida, melhor vinho e conversa esotérica que deixou todos os outros ocupantes da mesa de fora.

«Tem visto o Edward muitas vezes, desde que veio para Nova Iorque?», perguntei.

«O Edward?», disse ela, como se não soubesse de quem eu estava a falar.

«O nosso anfitrião», esclareci. «O *chef*.»

A Miranda riu-se.

«Não», disse. «Antes desta noite, ainda não o tinha visto. Nem sabia que ele estava cá. Ele segue-me no Facebook.»

Senti-me feliz ao ouvir aquilo. A Miranda e o Edward não eram namorados! Mas isso não significava que ela estivesse disponível.

«Anda... a sair com alguém?», perguntei. «Alguém já substituiu o bom médico?»

Ela bebeu um gole de vinho e empurrou os óculos no nariz de uma forma que achei encantadora.

«Não», disse.

A Dabney falara na Miranda Gilbert, mas eu não lhe dera ouvidos.

Não te dei ouvidos, Dabney, porque estava casado contigo. Contigo, contigo, contigo.

Mas ouvi as palavras da Dabney naquele momento: *Miranda Gilbert. Ela ama-te, Box.*

A Dabney nunca se enganava. Tinha um dom para o amor, da mesma forma que algumas pessoas têm olho para a cor.

No fim da noite, ajudei a Miranda a vestir o casaco.

«Outra bebida?», sugeri.

«Lamento dizer-lhe que estou muito cansada, Box. E tenho uma reunião amanhã cedo. Tenho de ir para casa.»

«Não!», protestei, mostrando terrivelmente o jogo, tinha consciência disso.

Ela sorriu de uma forma que me emocionou.

«Leve-me a jantar amanhã à noite, está bem? Só nós os dois, em algum lugar?

Eu disse que sim.

E assim fiz.

E algures na atmosfera, ou ousou dizer nos céus, o espírito de uma outra mulher suspirou de felicidade por ter razão, mais uma vez.

CLENDENIN

A noite de finais de primavera estava amena, por isso Clendenin postou-se no convés do *ferry*, de onde podia ver as luzes de Nantucket desaparecer.

Passaria a noite em Boston, viajaria para Londres no dia seguinte e, depois, para Singapura. Fizera um baú, que despachara à sua frente, e viajava agora com uma grande mala com rodinhas, facilmente manobrada com uma mão.

Singapura. Não podia acreditar. Esperara tanto tempo, em vão, estivera sempre fora do seu

alcance, e agora era como uma maçã dourada que lhe caíra na mão.

Telefonara a Elizabeth Jennings para lhe agradecer, e ela dissera: «Eu não tive nada a ver com isso. Só mencionei ao Jack que te conhecia. Ele pegou na bola e correu com ela. Dificilmente podes estar surpreso, Clen. Ganhaste um Pulitzer. Qualquer redação estrangeira no mundo teria sorte em contar contigo.»

Fora amável da parte dela ter dito aquilo. Clen duvidou que fosse verdade, mas não ia discutir.

Singapura era o seu par perfeito.

Recordou uma viagem de barco semelhante, há mais de um quarto de século. Um jovem, vinte e três anos de idade, com dois braços fortes, saudáveis, um gosto pela aventura e um grande sonho, partia para conquistar o mundo.

Acenara loucamente a Dabney e tinha gritado *Amo-te*.

Dabney tinha-lhe dito, repetidas vezes, *Nós fomos feitos um para o outro. Aconteça o que acontecer, vamos acabar juntos*.

Acabar juntos. Sim, concluiu que tinham acabado juntos.

A sirene de nevoeiro soou a sua nota solitária durante muito tempo. Dabney partira. Ele habitaria para sempre a prisão da sua ausência.

Mas tivera muita sorte. Fora-lhe concedida uma segunda oportunidade: seis meses de mais pura felicidade que alguma vez tinha conhecido. Imaginou Dabney a parar o *Impala* na sua garagem e a subir os três degraus até ao alpendre da casa de hóspedes. As mãos dela no seu rosto. O sorriso dela.

No bolso do casaco, Clen sentiu as pérolas de Dabney com os dedos. Ela dera-lhas nos seus últimos dias. Quando ele pegara nas pérolas, ainda emanavam o calor do pescoço dela.

Fica com isto, dissera ela. *E pensa em mim*.

Como se outra coisa fosse possível.

¹⁴ Referência ao nome do local, Dead Horse Valley, à letra, Vale do Cavalo Morto. (*N. do. T.*)

AGRADECIMENTOS

Reagan Arthur: Gostaria que houvesse palavras complexas e fabulosas o suficiente para descrever a minha gratidão por um intelecto e uma sensibilidade como a sua existirem neste mundo. Obrigada!

Michelle Aielli: Parafraseando Allison Pearson, *Não Sei como Consegue*. É minha agente, minha guardiã e minha amiga. Obrigada!

Michael Carlisle e David Forrer: A minha citação favorita de 2013 foi: «Isso é que é bom agenciamento!» Vocês os dois são indescritivelmente inestimáveis para mim. Obrigada!

A PJ Martin, a atual diretora da Câmara de Comércio de Nantucket, que NÃO é Dabney Kimball Beech, OBRIGADA por se encontrar comigo e OBRIGADA por manter Nantucket o lugar único e especial que é para aqueles que vivem aqui, e para aqueles que o visitam.

A Chand Rohtagi, oncologista em Lehigh Valley (Pensilvânia) e também a personagem oncologista neste romance: Obrigada pelos ensinamentos sobre os sintomas e manifestações físicas de cancro do pâncreas. O seu trabalho é nobre.

A Sarah Cutler: Enfrentou o circo que é a família Cunningham com uma combinação vencedora de excelente condução, ótimos dotes de salva-vidas, divertimento, serenidade e graciosidade. Obrigada!

In memoriam: Clarissa Porter. Foi no serviço fúnebre de Clarissa que eu ouvi (e depois tomei emprestada) a frase: «Ela tinha um dom para o amor, da mesma forma que algumas pessoas têm olho para a cor.» Clarissa tinha efetivamente um dom para o amor. Recordarei sempre com carinho a amizade especial que ela trouxe à minha vida e sentirei sempre e profundamente a sua perda.

Aos meus três filhos, Maxwell, Dawson e Shelby: Tenho sido acusada de vos dar tudo o que querem, mas, na verdade, o oposto é verdadeiro. Vocês deram-me tudo o que eu quero, são fortes, inteligentes, independentes, aventureiros e puros de coração. Vocês são o meu sol, a lua e as estrelas, e cada palavra que escrevo, escrevo-a para vocês. Beijinhos e abraços.